meg cabot

avalon high

Uma nova versão da lenda de Arthur
– da autora de *O Diário da princesa*

Obras da autora publicadas pela Editora Record:

Avalon High
Avalon High – A coroação: a profecia de Merlin
Cabeça de vento
Sendo Nikki
Como ser popular
Ela foi até o fim
A garota americana
Quase pronta
O garoto da casa ao lado
Garoto encontra garota
Todo garoto tem
Ídolo teen
Pegando fogo!
A rainha da fofoca
A rainha da fofoca em Nova York
A rainha da fofoca: fisgada
Sorte ou azar?
Tamanho 42 não é gorda
Tamanho 44 também não é gorda
Tamanho não importa
Liberte meu coração
Insaciável
Mordida

***Série* O Diário da Princesa**

O diário da princesa
Princesa sob os refletores
Princesa apaixonada
Princesa à espera
Princesa de rosa-shocking
Princesa em treinamento
Princesa na balada
Princesa no limite
Princesa Mia
Princesa para sempre

Lições de princesa
O presente da princesa

***Série* A Mediadora**

A terra das sombras
O arcano nove
Reunião
A hora mais sombria
Assombrado

Crepúsculo

***Série* As leis de Allie Finkle para meninas**

Dia da mudança

A garota nova

Melhores amigas para sempre?

Medo de palco

***Série* Desaparecidos**

Quando cai o raio

Codinome Cassandra

Esconderijo perfeito

megcabot

Tradução de
ANA BAN

6ª edição

Rio de Janeiro | 2014

Para as duas Barbaras Cabot,
mamãe Bad e tia Babs

Muito obrigada a Beth Ader,
Jennifer Brown, Barbara M. Cabot,
Michele Jaffe, Laura Langlie,
Abigail McAden e, principalmente,
a Benjamin Egnatz.

AVALON HIGH

She knows not what the curse may be,
And so she weaveth steadily,
And little other care has she,
The Lady of Shalott.

— Alfred Lord Tennyson

(Ela não sabe que maldição pode ser,
E assim ela tece continuamente,
E poucas outras preocupações ela tem,
A Senhora de Shalott.)

(tradução livre)

CAPÍTULO UM

And by the moon the reaper weary,
Piling sheaves in uplands airy,
Listening, whispers
“’Tis the fairy Lady of Shalott.”

(E ao luar, o ceifador cansado,
Empilhando feixes em terras altas arejadas,
Presta atenção e sussurra
“Esta é a fada Senhora de Shalott”.)

— Você tem a maior sorte.

Só mesmo a minha melhor amiga, Nancy, para enxergar as coisas assim. Nancy é aquilo que a gente chama de otimista.

Não que eu seja pessimista nem nada. Só sou... prática. Pelo menos, de acordo com Nancy.

Parece que também tenho sorte.

— Sorte? — repeti ao telefone. — De que ponto de vista eu tenho sorte?

— Ah, você sabe — Nancy respondeu. — Você tem a chance de recomeçar tudo do zero. Em uma escola totalmente nova. Onde ninguém conhece você. Assim, vai poder ser quem quiser. Você vai poder fazer uma mudança completa de personalidade e não vai ter ninguém por perto para dizer coisas do tipo: “Quem você acha que está enganando, Ellie Harrison? Eu me lembro de quando você comeu cola na primeira série.”

— Nunca olhei para isso deste ponto de vista — respondi. Porque eu não tinha olhado mesmo. — Bom, mas quem comeu cola foi você.

— Você sabe do que eu estou falando — Nancy suspirou. — Muito bem. Boa sorte. Com a escola e tudo o mais.

— É — respondi, sentindo, apesar da distância de mais de mil e quinhentos quilômetros entre nós, que estava na hora de desligar. — Tchau.

— Tchau — Nancy respondeu. E então completou: — Você tem a maior sorte.

Falando sério, até Nancy fazer esse comentário, eu não achava que a minha situação pudesse ter alguma coisa relacionada a sorte. Talvez com a exceção do fato de que tem uma piscina no quintal dos fundos da nossa casa nova. Nunca tivemos uma piscina só nossa. Antes, quando eu e Nancy queríamos ir à piscina, precisávamos pegar nossas bicicletas e pedalar oito quilômetros — na maior parte ladeira acima — até o parque Como.

Preciso dizer que, quando os meus pais deram a notícia de que iriam tirar uma licença sabática, a única coisa que impediu que eu vomitasse tudo o que começou a se juntar na minha garganta foi o fato de eles completarem, bem rapidinho: “E vamos alugar uma casa com piscina!”. Quando se é filha de professores universitários, *licença sabática* é provavelmente a expressão mais feia do seu vocabulário pessoal. A cada sete anos, a maior parte dos professores recebe oferta para tirar uma dessas. Basicamente, é um ano de férias que os professores usam para recarregar as baterias e tentar escrever e publicar um livro.

Os professores universitários adoram licenças sabáticas.

Os filhos deles detestam.

Afinal, como é que alguém pode ter vontade de deixar tudo para trás, largar todos os amigos, fazer um

monte de amizades novas em uma escola totalmente nova e, bem quando começa a pensar: “Tudo bem, isto aqui até que não é tão mau”, já tem que deixar tudo para trás de novo depois de um ano e voltar para o lugar de onde saiu?

Não tem como. Pelo menos se você for uma pessoa com a cabeça no lugar.

Pelo menos esta licença sabática não é tão ruim quanto a última, que foi na Alemanha. Não que a Alemanha tenha algum problema. Eu ainda troco e-mails com Anne-Katrin, a menina com quem eu dividia a carteira na escola alemã esquisita que frequentei lá.

Mas vamos falar sério. Eu tive que aprender uma língua totalmente nova!

Pelo menos, desta vez não vamos sair dos Estados Unidos. Tudo bem, estamos perto de Washington, que é a capital e não tem lá muito a ver com o resto do país. Mas pelo menos aqui todo mundo fala inglês. Por enquanto.

E tem piscina.

Acontece que ter piscina em casa é a maior responsabilidade. Quer dizer, todo dia de manhã é preciso checar os filtros para ver se não estão entupidos com folhas ou toupeiras mortas. Quase sempre tem um ou dois sapos no nosso. Normalmente, se eu chegar bem cedo, eles ainda estão vivos. E daí eu sou obrigada a fazer uma expedição de resgate de sapos.

A única maneira de salvar os sapos é colocar a mão na água e puxar a cestinha do filtro para fora, então eu acabo encostando em um monte de coisas nojentas que boiam ali dentro, tipo abelhas e lagartixas mortas e, de vez em quando, ratos mortos. Uma vez, tinha uma cobra. Ainda estava viva. Tenho certas restrições em encostar em uma coisa que pode injetar veneno paralisante nas minhas veias, então gritei para os meus pais que tinha uma cobra na cestinha do filtro.

Foi meu pai que respondeu com outro grito:

— E daí, o que você quer que eu faça?

— Quero que tire a cobra daqui — respondi.

— De jeito nenhum — disse meu pai. — Eu é que não vou encostar em cobra nenhuma.

Meus pais não são como os pais dos outros. Para começar, os pais dos outros realmente saem de casa para trabalhar. Já ouvi dizer que alguns chegam a trabalhar até quarenta e cinco horas por semana.

Os meus, não. Os meus ficam em casa *o tempo todo*. Nunca saem! Estão sempre em casa, no escritório, escrevendo ou lendo. Praticamente a única hora que saem do escritório é para assistir a *Jeopardy!*, um programa de teste em conhecimentos gerais que passa na TV, e daí ficam gritando as respostas um para o outro.

Eu não conheço outros pais que sabem a resposta para todas as perguntas de *Jeopardy!*, nem que ficam gritando quando sabem. Já estive na casa de Nancy e comprovei pessoalmente. Os pais dela assistem a *Entertainment Tonight*, um programa de variedades, depois do jantar, como qualquer pessoa normal.

Eu não sei *nenhuma* resposta às perguntas de *Jeopardy!* É por isso que eu odeio esse programa.

O meu pai cresceu no Bronx, que é um bairro de Nova York, e lá não tem cobra nenhuma. Ele odeia a natureza, totalmente. Ele ignora completamente a nossa gata, Tig. E isso obviamente significa que a Tig é louca por ele.

E quando o meu pai vê uma aranha, ele grita igual a uma menina. Daí a minha mãe, que foi criada em uma fazenda no estado de Montana e não tem paciência *nem* para aranhas *nem* para os berros do meu pai, vem e acaba com ela, apesar de eu já ter dito um milhão de vezes que as aranhas são muito benéficas para o ambiente.

Claro que eu sabia que era melhor não falar para a minha mãe sobre a cobra no filtro da piscina, porque ela provavelmente sairia na mesma hora e arrancaria a cabeça da cobra bem na minha frente. No final, achei um galho com uma forquilha na ponta e a tirei lá de dentro com isso. Soltei a cobra no mato que tem atrás da casa que estamos alugando. Apesar de a cobra não ter parecido assim tão assustadora quando eu consegui juntar a coragem para salvá-la, eu meio que torço para que ela não volte mais.

Há outras coisas a fazer quando se tem uma piscina em casa, além de limpar as cestinhas dos filtros. É preciso passar aspirador no fundo da piscina — isso até que é divertido — e é preciso ficar testando a água o tempo todo, para ver o nível do cloro e do pH. Eu gosto de testar a água. Faço isso algumas vezes por dia. A gente coloca a água em uns tubinhos de ensaio, pinga algumas gotas de um produto e aí, se a água ficar da cor errada, é preciso colocar alguns pós nas cestinhas dos filtros. É bem parecido com química, só que muito melhor porque, quando a gente termina, em vez da bagunça completa do tipo que sempre sobrava no fim da aula de laboratório do ano passado, o resultado é a água azul bem limpinha.

Passei a maior parte do verão em que nos mudamos para Annapolis me distraindo com a piscina. Eu digo “me distraindo”. O meu irmão Geoff, que saiu de casa para começar a faculdade na segunda semana de agosto, colocou a coisa de um jeito diferente. Ele disse que eu estava “obcecada com aquilo”.

— Ellie — ele me disse tantas vezes que eu perdi a conta. — Relaxe. Você não precisa ficar fazendo tudo isso. A gente tem um contrato com uma firma de manutenção. Eles vêm aqui toda semana. Deixe que eles façam isso.

Mas o cara que cuida da piscina não *cuida* direito dela. Quer dizer, ele só faz isso por dinheiro, tenho certeza que não enxerga a beleza da coisa.

Mas acho que eu entendo por que Geoff fica falando essas coisas. Quer dizer, a piscina começou mesmo a ocupar uma boa parte do meu tempo. Quando eu não a estava limpando, ficava lá flutuando na água, em um dos colchões infláveis que eu fiz meus pais comprarem para nós no Wawa. Este é o nome dos postos de gasolina aqui no estado de Maryland. Posto Wawa. Lá em Minnesota, onde eu moro, não tem nenhum posto Wawa. Só tens uns normais chamados Mobil ou Exxon ou qualquer coisa assim.

Mas, bom, nós também enchemos no Wawa — os colchões — com a mangueira de ar que as pessoas usam para calibrar os pneus, apesar de não ser adequado usar uma mangueira dessas para encher o colchão. Está escrito no próprio colchão.

Mas, quando Geoff fez essa observação para o meu pai, ele só falou assim:

— E daí? — e encheu tudo mesmo assim.

E nada de ruim aconteceu.

Eu tentei seguir a mesma rotina durante todo o verão. Todo dia eu acordava e vestia o meu biquíni. Então, pegava uma barrinha de cereal e ia até a piscina para checar as cestinhas dos filtros para ver se tinha um sapo ou outra coisa qualquer ali. Daí, quando a piscina estava bem limpa, eu subia em cima de um colchão inflável com um livro e ficava lá flutuando.

Quando Geoff foi embora para a faculdade, eu já estava tão boa em flutuar que fazia isso sem nem molhar o cabelo nem nada. Eu era capaz de ficar lá a manhã inteira, sem fazer nenhum intervalo, até que a minha mãe ou o meu pai aparecia no deque e gritava:

— Almoço!

Daí eu entrava, e a minha mãe, o meu pai e eu comíamos sanduíches de pasta de amendoim com geleia, se fosse eu a responsável por cozinhar naquele dia, ou costeletas do restaurante Red Hot and Blue, no fim da rua, se fosse a vez dos meus pais, porque os dois estão ocupados demais escrevendo livros para terem tempo de cozinhar.

Daí eu voltava para a piscina até a minha mãe ou o meu pai sair e gritar:

— Jantar!

Achei que este não era um jeito ruim de passar as últimas semanas de verão.

Mas a minha mãe achou.

Não sei por que ela tem que ficar achando que é da conta dela cuidar da minha vida. Quer dizer, para começo de conversa, foi ela quem deixou o meu pai arrastar a gente para cá, por causa do livro que ele está pesquisando. Ela poderia ter escrito o livro dela — sobre aquela de quem o meu nome foi tirado (Elaine de Astolat, a Senhora de Shalott) em casa mesmo, lá em St. Paul.

Ah, sim. Esta é uma outra coisa que acontece quando os seus pais são professores universitários: eles

escolhem o nome dos filhos por causa de escritores completamente aleatórios (igual ao coitado do Geoff, por causa de Geoffrey Chaucer, que escreveu *Os contos da Cantuária*) ou de personagens da literatura, como a Senhora de Shalott, mais conhecida como Lady Elaine, que se matou porque Sir Lancelot gostava mais da rainha Guinevere (sabe qual é, aquela que a Keira Knightley interpretou naquele filme sobre o rei Arthur) do que dela.

Para mim, não faz a menor diferença se o poema sobre ela é belíssimo ou não. Não é exatamente legal ter o nome de uma pessoa que se matou por causa de um cara. Eu já comentei isso com os meus pais várias vezes, mas parece que eles continuam sem entender.

Mas o negócio do nome não é a única coisa que eles não entendem.

— Você não quer ir ao shopping? — minha mãe começou a perguntar todo santo dia, antes de eu conseguir fugir para a piscina. — Não quer ir ao cinema?

Mas agora que Geoff tinha ido para a faculdade, eu não tinha ninguém para ir comigo ao shopping ou ao cinema; ninguém além dos meus pais. E eu não iria com eles, de jeito nenhum. Já fui e não gostei. Não tem nada pior do que ir ao cinema com duas pessoas que precisam dissecar cada mínimo detalhe de um filme. Quer dizer, é o Vin Diesel, certo? O que eles estavam *esperando*?

— As aulas logo vão começar — eu dizia para a minha mãe. — Por que eu não posso só ficar flutuando até lá?

— Porque não é normal — minha mãe respondeu quando eu fiz esta pergunta.

E daí eu retrucava:

— Ah, e você sabe muito bem o que é normal — porque, vamos falar sério, ela e o meu pai são os maiores esquisitões.

Mas ela nem ficava brava. Só sacudia a cabeça e dizia:

— Eu sei o que é um comportamento normal para adolescentes. E ficar o dia inteiro flutuando sozinha nessa piscina não é.

Achei que ela foi um tanto ríspida, sem necessidade. Não há nada de errado em ficar flutuando. Aliás, é bem divertido. Dá para ficar lá deitada lendo ou, se o livro ficar chato ou se você terminar de ler e ficar com preguiça de entrar para pegar outro ou qualquer coisa assim, pode ficar observando a maneira como o sol reflete na água e bate na parte de baixo das folhas das árvores lá em cima. E dá para ouvir os passarinhos e as cigarras e, a distância, o ra-ta-ta-tá dos tiros de treinamento da Academia Naval.

Às vezes, a gente os via. Os grumetes, quer dizer, os alunos da Academia. Eles andam pelo centro aos pares, com seus uniformes impecavelmente brancos, e estão sempre lá quando vou com os meus pais até a cidade para comprar um livro novo para mim e café para eles na livraria e cafeteria Hard Bean. O meu pai apontava para eles e dizia:

— Olhe, Ellie, marinheiros.

O que não é assim tão estranho, de verdade. Acho que ele estava tentando ter uma conversa de mulher comigo. Sabe como é, porque eu não consigo isso com a minha mãe, a assassina de aranhas.

Parece que eu devia achar que os grumetes são bonitinhos ou alguma coisa assim. Mas eu não ia falar sobre caras fofos com o meu *pai*. Quer dizer, agradeço o esforço dele e tudo o mais, mas, de certo modo, é tão ruim quanto a história de "que tal eu levar você até o shopping?" da minha mãe.

E até parece que o meu pai passa o tempo *dele* fazendo alguma coisa interessante. O livro que ele está escrevendo consegue ser pior do que o da minha mãe na escala da chatice. Porque o dele é a respeito de uma espada. Uma espada! E nem é uma espada bonita, cravejada de joias ou de ouro ou qualquer coisa assim. Ela é toda velha e tem um monte de pontos de ferrugem e não vale nem dez centavos. Eu sei disso porque a Galeria Nacional, de Washington, deixou o meu pai levá-la para casa para poder estudá-la mais de perto. Foi por isso que nós nos mudamos para cá... para ele poder olhar para essa espada de pertinho. Ela está lá no escritório dele (bom, no escritório do professor cuja casa nós estamos alugando enquanto ele está na Inglaterra na licença sabática dele, provavelmente estudando alguma coisa ainda mais inútil

do que a espada do meu pai).

Os museus só deixam alguém pegar coisas emprestadas e levar para casa se o objeto for de interesse acadêmico (ou, em outras palavras, se não valer nada) e se a pessoa for professor universitário.

Não sei por que os meus pais tiveram que escolher o período medieval para estudar. É a era mais chata de todas, tirando talvez a era pré-histórica. Eu sei que estou entre a minoria que pensa assim, mas isso é porque a maior parte das pessoas tem uma ideia bem errada a respeito de como as coisas eram na Idade Média. A maior parte das pessoas acha que é igual ao que aparece nos filmes e na TV. Sabe como é, mulheres passeando despreocupadas com chapéus pontudos e vestidos bonitos e falando de um jeito engraçado, e cavaleiros vindo a galope cada vez que alguém precisa deles.

Mas quando os seus pais são medievalistas, você aprende desde pequena que as coisas não eram nem um pouco assim. A verdade é que todo mundo na Idade Média fedia pra caramba e era desdentado e morria de velhice, tipo, aos vinte anos, e as mulheres eram totalmente oprimidas e tinham que se casar com pessoas de quem não gostavam nem um pouco e todo mundo as culpava por cada coisinha que dava errado.

Quer dizer, olhe só para Guinevere. Todo mundo acha que a culpa é dela por Camelot não existir mais. Tenho certeza.

Só que eu descobri, desde pequena, que compartilhar esse tipo de informação pode fazer com que todo mundo fique com raiva de você em festas com tema de Bela Adormecida. Ou quando se vai àquele restaurante Medieval Times, em que tudo tem tema da Idade Média. Ou quando se joga aquele RPG, Dungeons & Dragons.

Mas o que eu posso fazer? Só ficar lá quieta? Simplesmente não consigo me segurar. Até parece que eu vou ficar lá falando assim: “Ah, é, as coisas eram mesmo maravilhosas naquela época, eu queria encontrar um portal do tempo e voltar, tipo, para o ano 900 e visitar aquela época e pegar piolho e deixar o meu cabelo todo crespo porque não existia condicionador e, ah, aliás, se você ficasse com a garganta inflamada ou com bronquite, você morreria porque não existiam antibióticos.”

Hum, fala sério. Por isso, eu não estou no topo da lista de ninguém para ser convidada para feiras renascentistas.

Mas, sei lá. Eu acabei cedendo aos apelos da minha mãe no fim. Não para ir ao shopping. Mas para ir correr com o meu pai.

Eu não queria ir nem nada.

Mas aquilo era diferente de ir ao cinema ou ao shopping. Quer dizer, dizem que exercício faz muito bem para homens de meia-idade, e fazia muito tempo que o meu pai não fazia nenhum. Em maio deste ano, eu ganhei a corrida feminina de duzentos metros na minha cidade, mas o meu pai não fazia nenhum exercício desde o exame físico anual dele, que foi no ano passado, quando o médico disse que ele precisava emagrecer cinco quilos. Então ele foi à academia com a minha mãe duas vezes e daí desistiu, dizendo que a quantidade de testosterona naquele lugar estava lhe fazendo mal.

Foi a minha mãe que ficou falando assim:

— Se você levar o seu pai para correr, Ellie, eu paro de reclamar do seu negócio de ficar flutuando.

O que, para mim, foi tudo. Bom, isso e o fato de que, assim, o meu pai ia ter a oportunidade de elevar a taxa de batimentos cardíacos dele (algo que eu sei que as pessoas mais velhas precisam, de tanto ver gente falando disso na televisão).

Como uma boa acadêmica, minha mãe fez a pesquisa dela. Ela nos mandou para um parque a uns três quilômetros da casa que estávamos alugando. Era um parque muito chique que tinha tudo: quadras de tênis, campo de beisebol, campo de lacrosse, banheiros públicos limpos e bem equipados, duas pistas de passear com cachorros (uma para os grandes e outra para os pequenos) e, é claro, um circuito de corrida. Não tinha piscina, como no parque Como, na minha cidade, mas acho que as pessoas do nosso bairro fino não precisam de piscina comunitária. Cada casa tem a sua no próprio quintal.

Saí do carro e fiz um pouco de alongamento e fiquei observando com o canto do olho o meu pai se preparando para começar a correr. Ele tinha tirado os óculos de armação fina de metal (ele é cego igual a um morcego sem eles. Aliás, na Idade Média, ele provavelmente teria morrido aos três ou quatro anos por cair em um poço ou algo assim; eu herdei a visão perfeita da minha mãe, então provavelmente teria vivido um pouco mais), e tinha colocado uns óculos de plástico com um elástico atrás para ficarem bem presos à cabeça e não escorregarem enquanto ele corre. A minha mãe chama aquilo de óculos de nerd.

— Este circuito de corrida é bem legal — meu pai ia dizendo enquanto ajeitava seus óculos de nerd. Diferentemente de mim, que tinha passado horas e horas na piscina, meu pai não estava nem um pouquinho bronzeado. As pernas dele eram da cor de uma folha de caderno. Só que com pelos. — Dá exatamente um quilômetro e meio por volta. Atravessa um bosquezinho, um tipo de mata, ali. Está vendo? Então, a gente não fica o tempo todo embaixo do sol quente. Tem um pouco de sombra.

Eu coloquei meus fones de ouvido. Não consigo correr sem música, a não ser nas competições, quando é proibido. Acho que rap é ideal para correr. Quanto mais nervoso é o rap, melhor. O Eminem é o ideal para ouvir enquanto se corre, porque ele está bravo com todo mundo. Menos com a filha dele.

— Duas voltas? — eu perguntei ao meu pai.

— Claro — ele respondeu.

Então eu liguei o meu iPod mini (que eu prendo com uma faixa no braço quando corro, e isso não é coisa de nerd) e comecei a correr.

No começo, foi difícil. Em Maryland é mais úmido do que em Minnesota, acho que é por causa da proximidade do mar. O ar parece pesado de verdade. É como correr através de uma sopa.

Mas, depois de um tempo, parece que as minhas articulações se soltaram. Comecei a me lembrar de como eu gostava de correr na minha cidade. É difícil e tudo o mais. Não me entenda mal. Mas eu gosto de sentir as minhas pernas fortes e poderosas embaixo de mim enquanto eu corro... fico com a sensação de que posso fazer qualquer coisa. Qualquer coisa mesmo.

Não tinha mais quase ninguém no circuito; só algumas senhoras caminhando com os cães, mas eu passei voando por elas, fazendo com que ficassem lá comendo poeira. Eu não sorria enquanto corria. Na minha cidade, todo mundo sorri para os desconhecidos. Aqui, as pessoas só sorriem se você sorrir primeiro. Não demorou muito tempo para os meus pais perceberem isso. Agora eles me obrigam a sorrir (e até a acenar) para todo mundo com quem cruzamos. Principalmente os nossos vizinhos, quando estão aparando a grama na frente de casa ou algo assim. A minha mãe diz que é por causa da imagem. É importante manter uma boa imagem, ela diz. Para as pessoas não acharem que nós somos esnobes.

Só que eu não tenho certeza se ligo ou não para o que as pessoas daqui realmente pensam sobre mim.

O circuito de corrida começava como uma trilha normal, com grama bem aparada dos dois lados, atravessando o espaço entre os campos de beisebol e de lacrosse, depois fazendo uma curva na direção das pistas de passear com cachorro e dando a volta no estacionamento.

Daí o circuito deixava a grama para trás e desaparecia dentro de uma floresta surpreendentemente fechada. Isso mesmo, uma floresta de verdade, bem no meio do nada, com uma plaquinha marrom bem discreta que dizia BEM-VINDO AO BOSQUE MUNICIPAL ANNE ARUNDEL ao lado da trilha.

Fiquei um pouco chocada, quando passei pela plaquinha, de ver como tinham deixado a vegetação rasteira crescer nas laterais da trilha. Ao mergulhar nas sombras profundas do bosque, reparei como a folhagem da copa das árvores era espessa, mal entrava um pouquinho de sol ali.

Mesmo assim, a vegetação dos dois lados era luxuriante e parecia espinhenta. Eu tinha certeza que ali havia uma tonelada de urtigas também... Na Idade Média, se alguém encostasse nessa planta e tivesse uma reação alérgica, também ia morrer, porque não existia cortisona.

Mal dava para enxergar meio metro além da trilha, de tanto que os galhos e as árvores se fechavam. Mas, no bosque, a temperatura era pelo menos uns cinco graus mais baixa do que no resto do parque. As sombras resfriaram o suor que escorria pelo meu rosto e pelo meu peito. Correndo no meio daquela mata,

era difícil acreditar que eu ainda estava perto da civilização. Mas, quando tirei os fones de ouvido, ainda dava para escutar os carros passando na estrada além das árvores cerradas.

O que foi meio um alívio. Sabe como é, por eu não ter entrado sem querer no Jurassic Park ou algo assim.

Coloquei meus fones de volta e prossegui. Agora eu estava respirando com bastante dificuldade, mas me sentia muito bem. Eu não escutava os meus pés batendo no solo (só ouvia a música nos meus ouvidos), mas por um instante pareceu que eu era a única pessoa naquela mata... talvez a única pessoa no mundo todo.

O que era ridículo, porque eu sabia que o meu pai não estava muito atrás de mim: provavelmente não corria muito mais rápido do que as senhoras com seus cães, mas estava atrás de mim de todo modo.

Mesmo assim, eu tinha assistido a filmes demais em que a heroína está correndo toda inocente em algum parque quando um psicopata qualquer sai do meio do mato fechado, igual ao que me ladeava, e a ataca. Eu é que não ia me arriscar. Que tipo de maluco será que tinha ali? Quer dizer, estávamos em Annapolis, lar da Academia Naval dos Estados Unidos e a capital do estado de Maryland, e tudo o mais... não exatamente uma região conhecida por seus crimes violentos.

Mas nunca se sabe.

O bom é que as minhas pernas são muito fortes. Se alguém pulasse do mato para me atacar, eu tenho certeza que seria capaz de dar uns bons chutes na cabeça dele. E ficaria pulando em cima dele até alguém chegar para me ajudar.

Foi bem quando eu estava pensando isso que eu o vi.

CAPÍTULO DOIS

Willows whiten, aspens quiver,
Little breezes dusk and shiver
Thro' the wave that runs for ever
By the island in the river
Flowing down to Camelot.

(Salgueiros embranquecem, álamos estremecem,
Pequenas brisas escurecem e arrepiam
Através das ondas que correm para sempre
Próximas à ilha no rio
Desaguando em Camelot.)

Ou talvez eu só tivesse pensado que vi.

Mesmo assim. Eu tinha certeza de que tinha visto alguma coisa que não era nem verde nem marrom nem de qualquer outra cor que se encontra na natureza através das árvores.

E, quando espiei por entre as folhas fechadas que me rodeavam, vi que tinha alguém parado no fundo de um barranco lindo e profundo que ficava de um dos lados da trilha, perto de um grande amontoado de pedras. Não faço a menor ideia de como ele conseguiu atravessar toda aquela vegetação sem um facão. Talvez houvesse alguma passagem que eu não vi.

Mas lá estava ele, com toda a certeza. Fazendo o quê, eu não tenho a mínima ideia, porque passei rápido demais para ver.

Então, saí do bosque e voltei para o sol ardente e passei a toda pelo estacionamento. Algumas mulheres estavam saindo de uma minivan e se dirigindo para a pista de cães com os *border collies* delas. Tinha um playground lá perto, no qual algumas criancinhas se balançavam e escorregavam enquanto os pais as observavam com atenção para evitar acidentes.

E eu pensei comigo mesma: será que eu tinha mesmo visto o que achei que vi? Um cara parado lá no meio daquele barranco?

Ou será que só tinha imaginado?

Tinha um funcionário do parque tirando as ervas daninhas perto da terceira base do campo de beisebol. Eu não o cumprimentei. Também não sorri.

E nem mencionei o homem no fundo do barranco. Acho que deveria ter mencionado. E aquelas crianças no playground? E se ele quisesse molestá-las?

Mas eu não disse nada para o cara que estava arrancando as ervas daninhas. Passei correndo por ele sem nem olhar nos olhos.

Eu não pensei muito na imagem.

Enxerguei o meu pai, com a camiseta amarelo berrante dele, lá do outro lado da trilha. Ele estava três quartos de volta atrás de mim. Tudo bem. Ele é lerdo, mas mantém o ritmo constante. A minha mãe sempre diz que o meu pai não chega rápido a lugar nenhum, mas pelo menos sempre chega, no fim.

A minha mãe só fala. Ela nem aguenta correr. Ela gosta de fazer aeróbica na academia.

E isso, levando em conta o tremendo susto que eu levei com aquele cara no mato, estava começando a parecer uma ideia até boa.

Desta vez, quando eu entrei no meio das árvores, fiquei prestando atenção para ver se enxergava alguma trilha saindo da lateral do caminho principal, alguma coisa que aquele homem pudesse ter usado

para chegar até o fundo daquele barranco sem se arranhar todo na folhagem. Mas não vi nada.

E quando passei pelo lugar onde o tinha visto da outra vez, ele não estava mais lá. Não havia nada, aliás, para indicar que ele jamais tivesse estado ali. Talvez eu o tivesse imaginado mesmo. Talvez minha mãe tivesse razão, e eu devia mesmo ter passado menos tempo na piscina e mais no shopping neste verão. Talvez, comecei a me preocupar, eu estivesse ficando louca pela falta de contato com pessoas da minha idade.

E foi quando eu fiz uma curva e quase dei um encontrão nele.

E percebi que eu não o tinha imaginado coisa nenhuma.

Ele estava com duas outras pessoas. A primeira coisa que reparei nelas (as duas pessoas que estavam com ele, quer dizer), foi que as duas eram loiras e muito bonitas, um cara e uma menina, mais ou menos da minha idade. Estavam um de cada lado do homem do barranco... que, eu reparei ao vê-lo de perto, não era homem coisa nenhuma, mas sim um garoto da minha idade, talvez um pouco mais velho. Ele era alto e tinha cabelo escuro, como eu.

Mas, diferentemente de mim, ele não estava coberto de suor nem ofegava.

Ah, e ele também era superfofo.

Os três ergueram os olhos, assustados, quando eu passei correndo. Vi o menino loiro dizer alguma coisa, e a menina loira pareceu preocupada... talvez porque eu quase atropelei os três, apesar de ter desviado a tempo de evitar uma colisão.

Só o menino de cabelo escuro sorriu para mim. Ele olhou bem no meu rosto e disse alguma coisa.

Só que eu não sei o que foi, porque estava com os meus fones e não ouvi.

Só sei que, por alguma razão, não sei qual, eu retribuí o sorriso. Não por causa de Imagem nem nada disso. Foi estranho. Foi como se ele tivesse sorrido para mim e os meus lábios automaticamente retribuíram o sorriso: o meu cérebro não teve nada a ver com aquilo. Não houve decisão consciente da minha parte em retribuir o sorriso.

Eu simplesmente retribuí. Como se fosse um hábito ou algo assim. Como se fosse um sorriso que eu sempre retribuía.

Só que eu nunca tinha visto aquele cara na vida. Então, como é que a minha boca podia saber?

E foi por isso que foi meio um alívio passar correndo por eles. Sabe como é, para fugir daquele sorriso que eu fui obrigada a retribuir, mesmo sem querer. Não exatamente.

Mas o meu alívio teve vida curta. Porque eu os vi de novo quando me apoiei no capô do nosso carro, arfando muito e virando uma das garrafinhas de água que a minha mãe tinha mandado que o meu pai e eu levássemos. Eles saíram do bosque (os dois meninos e a menina) e foram para o carro deles. A menina e o menino loiro falavam rápido com o menino moreno. Eu não estava perto o bastante para ouvir o que estavam dizendo, mas, a julgar pela expressão deles, parecia que não estavam muito contentes com ele. De uma coisa eu tinha certeza: ele não estava mais sorrindo.

Finalmente, ele disse alguma coisa que pareceu acalmar o casal loiro, já que eles pararam de parecer tão preocupados.

Daí o menino loiro entrou em um Jeep, enquanto o moreno deslizou para trás do volante de um Land Cruiser branco... e a menina loira se acomodou no assento ao lado dele. O que me surpreendeu, porque tinha parecido que ela e o menino loiro bonito, e não o moreno, formavam o casal do trio.

Mas, como tenho pouquíssima experiência no departamento de namoro, não sou exatamente uma especialista.

Eu estava sentada no capô do nosso carro, refletindo a respeito do que eu acabara de presenciar (uma briga de namorados? algum tipo de tráfico de drogas?) quando o meu pai finalmente apareceu, aos tropeções.

— Água — disse ele com uma voz rouca e eu entreguei a ele a outra garrafinha.

Só depois de entrarmos no carro e ligar o ar-condicionado no máximo foi que o meu pai perguntou:

— E aí, correu bem?

— Corri sim — respondi, meio surpresa com a resposta.

— Quer vir amanhã de novo? — meu pai perguntou.

— Claro — respondi, olhando para o lugar onde as três pessoas que eu tinha visto (os dois loiros e o menino moreno) tinham ficado parados. Agora já fazia um bom tempo que eles tinham ido embora.

— Ótimo — disse meu pai, com uma voz sem nenhum tipo de entusiasmo.

Dava para ver que ele estava torcendo para eu dizer não. Mas eu não tinha como fazer isso. Não porque eu finalmente tinha me lembrado de como eu gostava de correr, ou porque eu tinha me divertido com o meu pai.

Mas porque (tudo bem, eu confesso) estava torcendo para ver aquele cara fofo (e o sorriso dele) de novo.

CAPÍTULO TRÊS

Four gray walls, and four gray towers,
Overlook a space of flowers,
And the silent isle imbowers
The Lady of Shalott.

(Quatro muros cinzentos, e quatro torres cinzentas,
Dão vista para um espaço de flores,
E a ilha silenciosa abriga
A Senhora de Shalott.)

Não vi. Pelo menos, não no parque. Não naquela semana seguinte, de qualquer jeito. Meu pai e eu fomos correr todos os dias (mais ou menos no mesmo horário da primeira vez), mas não voltei a ver ninguém no barranco.

E eu procurei. Pode acreditar. Procurei muito.

Pensei muito neles (naqueles três que eu tinha visto). Porque foram as primeiras pessoas da minha idade que eu vi em Annapolis (tirando as que trabalham no Graul's, o supermercado local onde a gente comprava sacos de lixo e pão, e os atendentes do Red Hot and Blue).

Será que aquele barranco, eu fiquei imaginando, seria um lugar aonde as pessoas iam para namorar?

Mas o cara de cabelo escuro não estava ficando com ninguém que eu tivesse visto.

Será que o pessoal ia lá para usar drogas?

Mas o cara não parecia doidão. E ele e os amigos dele não tinham cara de metaleiros. Estavam usando roupas normais, shorts de sarja e camiseta. Eu não tinha visto nenhum piercing ou tatuagem em nenhum deles.

Parecia que eu não ia ter a resposta para nenhuma dessas perguntas logo. Nossos dias de corrida no parque Anne Arundel (e o tempo que eu passava flutuando na piscina) logo iriam terminar mesmo: as aulas estavam para começar.

Sempre sonhei, é claro, começar o segundo ano do ensino médio como a aluna nova de uma escola em um estado distante onde eu não conhecia ninguém.

Fala sério.

O primeiro dia na Avalon High School não foi na verdade o primeiro dia de aula. Foi uma orientação. Basicamente, a gente só foi lá para saber que matérias teria e para pegar um armário e tal. Não se exigiu nenhuma atividade cerebral, acho que fizeram isso para a gente ir se integrando aos poucos na rotina acadêmica.

A AHS era menor do que a minha antiga escola, mas tinha instalações melhores e mais dinheiro, então eu não estava exatamente reclamando. Até tinham um guia de alunos, que distribuíram no primeiro dia oficial de aulas (não o de orientação), com uma fotinha e os dados de cada aluno. Eu tive que posar para a minha foto durante a orientação (eu e os outros duzentos alunos que estavam entrando no segundo ano e que não paravam de rir) e depois preencher um formulário com os meus dados básicos: nome, endereço de e-mail (se eu quisesse divulgar) e interesses, para poderem colocar no guia. Isso era para a gente conhecer uns aos outros... uma preocupação com a Imagem da população estudantil.

Os meus pais ficaram superanimados no meu primeiro dia de aulas *de verdade*. Acordaram cedo e prepararam um café da manhã enorme e um saquinho com o meu almoço. O café da manhã estava bom

(waffles que só estavam um pouquinho congelados), mas o almoço era uma tristeza total: um sanduíche de manteiga de amendoim com geleia e um pouco de salada de batata do Red Hot and Blue. Eu não tive coragem de dizer para eles que a salada de batata ia ficar toda quente no meu armário antes que eu pudesse comer. Os meus pais, por serem medievalistas, não pensam com muita frequência a respeito de refrigeração.

Peguei o saquinho que me entregaram toda orgulhosa e só falei assim:

— Obrigada, mãe e pai.

Eles me levaram de carro para a escola no primeiro dia porque eu disse que estava emocionalmente muito frágil para pegar o ônibus. Todos nós sabíamos que não era verdade, mas eu realmente não queria lidar com o estresse de não ter ninguém com quem sentar e as pessoas provavelmente não quererem dividir o banco com uma desconhecida completa e tudo o mais.

Parece que os meus pais não se importaram. Eles me deixaram no caminho da BWI, que é a estação de trem local, porque tinham resolvido aproveitar e ir à cidade para consultar outros medievalistas a respeito dos livros deles (o da minha mãe, sobre Elaine de Astolat, e o do meu pai sobre a espada dele).

Eu disse a eles que fossem simpáticos com os outros professores, e eles me disseram que eu fosse simpática com os outros alunos da escola.

Daí, eu entrei na escola.

Foi um primeiro dia de aulas normal; pelo menos a primeira metade foi. Ninguém falou comigo, e eu não falei com ninguém. Alguns professores fizeram o maior estardalhaço por eu ser nova, e por ter vindo daquele lugar exótico chamado Minnesota, e fizeram com que eu falasse para a classe um pouco sobre mim e o meu estado.

Foi o que eu fiz.

Ninguém ouviu. Ou, se ouviu, parece que ninguém deu a menor importância.

Mas não faz mal mesmo porque, para falar a verdade, eu também não estava dando lá muita importância para aquilo.

O almoço é sempre a parte mais assustadora do primeiro dia de aulas de qualquer aluno novo. Mas eu até que já estou acostumada, por causa das licenças sabáticas anteriores dos meus pais. Tipo, eu já sabia, por causa da minha experiência na Alemanha, que se eu pegasse o meu saquinho de almoço e fosse comer sozinha na biblioteca, eu ficaria marcada como a maior fracassada por todo o resto do ano.

Então, em vez disso, eu respirei fundo e olhei ao redor em busca de uma mesa em que meninas altas com cara de nerd como eu estavam sentadas. Depois de achar um grupo assim, eu fui lá e me apresentei. Porque, basicamente, é o que se deve fazer. Eu me senti a maior e mais completa babaca, mas disse a elas que era nova e perguntei se podia sentar ali. Graças a Deus elas abriram um lugar para mim. Este é, afinal, o código de conduta estabelecido para todas as garotas altas com cara de nerd, em qualquer lugar.

Claro que elas também poderiam ter me dito para cair fora. Mas não disseram. Comecei a pensar que a Avalon High talvez não fosse tão ruim assim.

Fiquei convencida disso principalmente depois do almoço, que foi quando eu finalmente o vi. O cara do barranco, quer dizer.

Eu estava examinando o meu horário, tentando me lembrar de onde ficava a sala 209, que tinha sido mostrada no dia da orientação, quando ele veio apressado por uma curva no corredor e praticamente me acertou em cheio. Eu o reconheci na hora — não só porque ele era bem alto, e não existem muitos caras mais altos do que eu, mas também porque o rosto dele era inconfundível. Não era bonito, para falar a verdade. Mas era charmoso. E simpático. E com cara de ser forte.

A parte mais estranha é que ele pareceu me reconhecer também, apesar de só ter me visto por, no máximo, tipo cinco segundos naquele dia no parque.

— Oi — disse ele, sorrindo não só com os lábios, mas com os olhos azuis também.

Só *Oi*. Só isso. *Oi*.

Mas foi um *Oi* que fez o meu coração dar uma cambalhota dentro do peito.

E, tudo bem, sei lá. Talvez tenham sido os olhos, e não tanto o *Oi*. Ou talvez tenha sido só, sabe como é, um rosto familiar naquele mar de gente que eu nunca tinha visto.

Só que... bom, eu já tinha visto a garota parada ao lado dele (era a loira, a mesma que tinha entrado no carro dele), e o meu coração não tinha dado nenhuma cambalhota por causa dela.

Mas talvez isso tenha sido porque ela ficava puxando a manga dele, falando:

— Mas eu disse a Lance que a gente ia encontrar com ele no DQ depois do treino.

Ao que ele respondeu dando um abraço nela e falando assim:

— Claro, acho ótimo.

Daí os dois passaram por mim e foram engolidos pela multidão no corredor.

A coisa toda durou uns dois segundos. Tudo bem, talvez uns três.

Mas eu fiquei com a sensação de que alguém tinha me dado um chute no peito. O que, bom... simplesmente não tem nada a ver comigo. Eu *não* sou assim. Sabe como é, daquele tipo de *Ai meu Deus, ele olhou para mim, eu mal consigo respirar.* Nancy é que é a romântica otimista. Eu sou uma pessoa prática.

E foi por isso que não fez o menor sentido quando, no minuto em que eu entrei na aula seguinte, já estava folheando o guia dos alunos que nem uma louca para encontrá-lo ali, sem prestar a mínima atenção ao texto que meu professor novo de literatura mundial estava tentando passar com a gente.

Ele estava um ano na minha frente, no último ano. O nome dele era A. William Wagner, mas todo mundo o conhecia só por Will.

Achei que combinava com ele. Ele tinha cara de Will.

Não que eu saiba exatamente o que é uma cara de Will. Mas sei lá.

De acordo com o guia, A. William Wagner era uma estrela e tanto. Ele estava no time de futebol americano da escola, era Finalista Nacional por Mérito e presidente do último ano. Entre os interesses dele estavam ler e velejar.

Ali não dizia nada a respeito de Will estar ou não saindo com alguém, mas eu já o tinha visto duas vezes, ambas com a mesma loira estonteante de linda. E, na segunda vez, ele a tinha abraçado, e ela tinha falado com ele a respeito de encontrar alguém no fast-food Dairy Queen depois do treino. Ela tinha que ser namorada dele.

Caras como A. William Wagner sempre têm namorada. Não é preciso ser uma pessoa prática, como eu sou, para saber disso.

Como eu não tinha nada melhor para fazer (o Sr. Morton, meu professor de literatura mundial, estava tentando fazer com que nós nos interessássemos por uma lenda galesa, que eu provavelmente teria achado interessante se eu não comesse, bebesse e respirasse lendas galesas sempre que estava perto dos meus pais), eu procurei a namorada no guia também. Encontrei a fotografia dela (no meu ano) e vi que o nome dela era Jennifer Gold, e que os interesses dela incluíam fazer compras e, que surpresa, A. William Wagner.

A atividade extracurricular dela era animação de torcida.

Era a cara dela.

Folheei o guia de alunos à procura do cara loiro que eu tinha visto com Will e Jennifer naquele dia no parque e acabei encontrando. Lance Reynolds. Ele estava no ano de Will, o último. Estava listado como guarda (sei lá o que é isso) do time de futebol americano e também se interessava por velejar.

Em relação a primeiros dias de aula, até que aquele não tinha sido assim tão ruim. Eu até tinha feito algumas amigas novas. Algumas das meninas da mesa em que eu tinha sentado faziam parte da equipe de corrida. Uma delas (Liz) morava na mesma rua que eu. Ela disse que tinha me visto no ônibus de manhã.

Quando eu saí no fim das aulas e vi a minha mãe e o meu pai no carro, esperando por mim, não me derreti toda de alívio nem nada. Só entrei e disse:

— Para casa, Jarbas — de brincadeira.

No caminho até em casa, eles perguntaram como tinha sido o meu dia e eu disse a eles que tinha sido bom. Daí perguntei como tinha sido o deles. A minha mãe comentou sobre algum texto novo que ela tinha encontrado e que de fato cita Elaine (não eu, a Elaine *dela*) em uma lenda arturiana, sem conexão com o famoso poema de Tennyson a seu respeito. O que, sabe como é, realmente é algo muito emocionante. Fala sério.

E o meu pai ficou falando da espada dele até os meus olhos começarem a ficar vesgos.

Mas eu fiquei escutando toda educada, porque é o que se deve fazer.

Daí, quando chegamos em casa, eu fui para o meu quarto, vesti meu biquíni, desci e montei em cima do meu colchão.

A minha mãe saiu para o deque um pouco depois e ficou olhando para mim enquanto eu flutuava.

— Você está de brincadeira, não está? — disse ela. — Achei que este negócio tinha acabado, agora que as aulas começaram.

— Dá um tempo, mãe — eu respondi. — O verão logo vai acabar, e a gente vai ter que cobrir a piscina. Será que eu não posso aproveitar o tempinho que me resta?

Minha mãe voltou para dentro de casa sacudindo a cabeça.

Eu me recostei no meu colchão e fechei os olhos. O sol ainda estava quente, apesar de já passar das três. Eu tinha dever de casa: dever de casa no primeiro dia! Eu tinha razão a respeito do Sr. Morton, o professor de literatura mundial... ele era ruim de dar aula *e*, ainda mais, um tirano no que diz respeito a redações; mas isso poderia esperar até depois do jantar. Eu também precisava responder aos e-mails que tinha recebido dos amigos na minha cidade. Nancy estava implorando para me fazer uma visita. Ela nunca tinha ido à costa leste, muito menos tinha ficado em uma casa com piscina. Mas ela tinha que vir logo, se não ia ficar frio demais para nadar.

Eu tinha estabelecido um regime de flutuar muito rígido. Eu ficava flutuando de costas, no meio da piscina. Se o colchão de ar chegasse muito perto de qualquer uma das laterais em forma de feijão da piscina, eu dava um impulso com o pé. O dono da casa tinha colocado um monte de pedras grandes em volta da piscina, para que ficasse parecendo um lago natural ou algo assim (só que a gente não vê por aí muitos lagos com cloro e filtros. Mas sei lá).

Bom, mas era preciso tomar cuidado ao dar impulso nas pedras, porque tinha uma bem grande com uma aranha imensa (do tamanho do meu punho fechado) que morava nela. Algumas vezes, quando eu não estava olhando onde colocava o pé, quase esmaguei a aranha. Eu não queria perturbar o ecossistema delicado da piscina, então, do mesmo jeito que eu fiz com a cobra, eu estava me esforçando muito para não matar a aranha. Além do mais, é claro, eu não queria levar uma picada e ir direto para o pronto-socorro.

Então, eu sempre abria os olhos quando o meu colchão chegava à beira da piscina, para ter certeza de que eu não iria pisar na aranha ao dar impulso.

Naquela tarde (do primeiro dia oficial de aulas), quando o meu colchão bateu na lateral da piscina, e eu abri os olhos antes de dar impulso, tive o maior susto da minha vida.

Porque A. William Wagner estava parado em cima da Pedra da Aranha, olhando direto para mim.

CAPÍTULO Q UATRO

His broad clear brow in sunlight glow'd;
On burnish'd hooves his war-horse trode;
From underneath his helmet flow'd
His coal-black curls as on he rode,
As he rode down to Camelot.

(Seu cenho amplo e largo ao sol brilhava;
Sobre cascos lustrosos seu cavalo de guerra avançava;
Por baixo de seu capacete escapavam
Seus cachos pretos como carvão enquanto cavalgava,
Enquanto cavalgava na direção de Camelot.)

Eu dei um grito e quase caí do colchão.

— Ah, desculpe — disse Will. Ele estava sorrindo. Depois que eu gritei, parou. — Eu não queria assustar você.

— O-o que você está fazendo aqui? — gaguejei, olhando fixamente para ele. Não dava para acreditar que ele estava... bom, simplesmente parado ali. Do lado da minha piscina. No meu quintal. Na Pedra da Aranha.

— Hã — disse Will, e pareceu que ele começou a ficar um pouco envergonhado. — Eu bati na porta. O seu pai disse que você estava aqui e me deixou entrar. Você está ocupada? Posso voltar mais tarde, se estiver.

Fiquei olhando para ele, completamente estupefata. Não dava para acreditar que aquilo estava acontecendo. Eu tinha vivido 16 anos sem que absolutamente nenhum menino tivesse me dado a menor atenção e daí um belo dia, sem nenhum aviso prévio, o cara mais fofo que eu já vi (e estou falando sério) simplesmente aparece na minha casa. E foi até lá, parece, para falar comigo.

Quer dizer, por que outra razão ele estaria ali?

— Como... como você sabe onde eu moro? — perguntei a ele. — Como é que você pode saber quem eu sou?

— Pelo guia dos alunos — ele respondeu. Daí, parece que ele percebeu que eu estava mais do que um pouco assustada e completou: — Olhe, peço desculpa por ter assustado você. Não era a minha intenção. Eu só achei que... bom, não faz mal. Sabe o quê? Eu estava errado.

— Estava errado a respeito de quê? — perguntei. Meu coração continuava batendo bem forte dentro do biquíni. Ele tinha me assustado muito mais do que a aranha que morava na Pedra da Aranha jamais tinha me assustado.

Mas não era só o fato de ele ter me assustado a causa de meu coração ter acelerado. Preciso confessar que uma boa parte disso era porque ele estava mesmo muito lindo ali em cima daquela pedra, com o sol da tarde refletindo no cabelo escuro dele.

— Nada — ele respondeu. — É só que... quer dizer, naquele dia no parque, você sorriu para mim como se...

— Como se o quê? — eu tentei parecer despreocupada, mas, por dentro, eu estava tendo vários ataques: um, pelo fato de ele se lembrar de mim (ele se lembrava mesmo de mim!) daquele dia no parque; e dois, que não tinha sido só por causa de mim. A coisa do sorriso, quer dizer. Ele também tinha sentido!

Ou talvez não.

— Olhe, não faz mal — disse Will. — É bobagem. Quando eu vi você, naquela primeira vez, no parque, e depois de novo, hoje, só pareceu que... não sei. Que a gente já se conhecia, ou algo assim. Mas é óbvio que a gente não se conhece. Quer dizer, agora deu para perceber. Aliás, meu nome é Will. Will Wagner.

Não deixei transparecer que eu já sabia daquilo, por tê-lo procurado no guia do mesmo jeito que ele me procurou. Porque eu não queria que ele soubesse que eu estava a fim dele nem nada assim. Porque, como é que eu podia estar a fim dele? Eu só o tinha visto duas vezes antes desta. Assim, eram três vezes no total. Não dá para ficar a fim de alguém que você só viu três vezes. Quer dizer, se você for Nancy, pode. Mas não se você for uma pessoa prática como eu.

— Meu nome é Ellie — respondi. — Ellie Harrison. Mas bom... acho que você já sabia disso.

O olhar azulado estava de volta ao meu mas, desta vez, não parecia mais tão intenso. E o sorriso dele já não era tão espontâneo.

— Mais ou menos — ele respondeu.

Ele era mesmo muito bonito. Não era sempre que caras bonitos como ele olhavam na minha direção, quanto mais apareciam na minha casa para falar comigo. Eu não sou feia nem nada, mas também não sou nenhuma Jennifer Gold. Quer dizer, ela é daquele tipo de menina *Ai, eu sou tão frágil, por favor me salve, você aí, seu homem forte*. Sabe qual, aquele tipo por quem todos os meninos fofos da escola se apaixonam? Eu sou mais daquele tipo de menina de quem as senhoras se aproximam no supermercado e pedem: "*Você pode pegar aquela lata de comida de gato daquela prateleira lá no alto para mim, querida?*".

O que, basicamente, traduz-se em Invisível para os Garotos.

— Eu acabei de me mudar para cá — eu disse. — De St. Paul. Eu nunca tinha visitado a costa leste. Então, não sei como a gente pode se conhecer... A menos — olhei para ele sem muita certeza — que você tenha ido a St. Paul?

O que era uma loucura porque, se tivesse, eu iria me lembrar.

Pode acreditar que eu me lembraria, sim.

— Não — disse ele, com aquele sorriso esquisito. — Nunca fui lá. Olhe, mesmo, esqueça o que eu disse. As coisas andam esquisitas ultimamente, e acho que eu só...

A expressão dele ficou perturbada, apenas por uma fração de segundo, quase como se uma nuvem negra tivesse passado pelo rosto dele.

Só que isso era impossível, porque não havia nada entre ele e o sol.

Daí, parece que ele afastou qualquer ideia ruim que tivesse passado pela cabeça dele e disse, animado:

— Falando sério, não se preocupe. A gente se vê na escola.

Ele se virou como se fosse pular da Pedra da Aranha e ir embora. Quase dava para ouvir a voz da minha melhor amiga, Nancy, gritando na minha cabeça: *Não deixe que ele vá embora, sua idiota! Ele é gostoso! Faça com que fique!*

— Espere — eu disse.

Daí, quando ele se virou, cheio de expectativa, eu me vi loucamente tentando pensar em alguma coisa esperta e brilhante para dizer... algo que o fizesse querer ficar.

Mas, antes que eu pudesse pensar em alguma coisa, ouvi as portas de vidro de correr se abrindo. Um segundo depois, minha mãe chamou do deque:

— Ellie, será que o seu amigo quer um calção emprestado para nadar com você? Tenho certeza de que o do Geoff serve nele.

Ai meu Deus. *Meu amigo*. Eu tinha certeza de que ia morrer. Além do mais, *vir nadar? Comigo*. Ela não fazia ideia de que estava falando com um dos caras mais populares da Avalon High, nem que ele era namorado de uma das meninas mais bonitas de lá.

Mas, mesmo assim. Isso não é desculpa.

— Hã, não, mãe — eu gritei para ela e revirei os olhos para o Will, como que para me desculpar, e ele deu um sorriso torto. — Estamos bem aqui.

— Na verdade — disse Will, olhando para a minha mãe. — *Agora eu preciso ir embora.*

Foi o que eu pensei que ele iria dizer. *Agora eu preciso ir embora* ou *Eu cometi um erro enorme* ou até mesmo *Sinto muito, errei de casa.*

Porque caras como Will não nadam com meninas como eu. Simplesmente não rola. Obviamente, Will tinha pensado que eu era alguma outra menina (talvez alguém que ele tinha conhecido no acampamento de férias quando tinha oito anos e de quem tinha gostado, ou algo assim) e, agora que tinha percebido seu erro, iria embora.

Porque é assim que as coisas devem acontecer em um universo ordenado.

Mas acho que o universo tinha saído um pouco do eixo sem que ninguém tivesse comentado comigo, ou algo assim, porque Will prosseguiu e disse:

— Seria legal nadar um pouco.

E, menos de três minutos depois, contra todas as leis da probabilidade, Will saía da minha casa com um calção folgado de Geoff, com uma toalha em volta do pescoço. Ele também trazia copos de limonada que minha mãe tinha desencavado de algum lugar e se ajoelhou ao lado da piscina para me entregar um.

— Entrega grátis e rápida — disse ele e deu uma piscadinha quando eu peguei o copo de plástico da mão dele. Ele não deixou transparecer se sentiu, como eu senti, uma corrente de eletricidade subir pelo braço quando os nossos dedos se tocaram sem querer.

— Ai, meu Deus — eu disse, segurando o copo já coberto de condensação e olhando para ele. O corpo dele era fantástico, mas isso não me surpreendeu muito. A pele dele era toda bronzeada (de velejar, sem dúvida) e ele era todo musculoso (mas de um jeito bonito, não como se usasse esteroides).

E ele estava na minha piscina.

Ele estava na minha piscina.

— Por acaso ela... — eu estava chocada demais para pensar em qualquer outra coisa. — Ela *conversou* com você?

— Quem? — Will perguntou, ajeitando-se em cima do colchão de ar de Geoff. — A sua mãe? Conversou sim. Ela é legal. O que ela faz? É escritora ou algo assim?

— É professora universitária — eu respondi, através de lábios que tinham ficado adormecidos. Mas não por causa das pedras de gelo na minha bebida. Por causa da ideia de Will Wagner, sozinho na minha casa, com os meus pais, enquanto eu, transfixada demais de terror para sair do meu colchão de ar, tinha ficado na piscina sem fazer nada para salvá-lo. — Os dois são.

— Ah, então isso explica tudo — disse Will, relaxado.

O meu sangue ficou tão gelado quanto o gelo da minha bebida. O que eles tinham feito? O que tinham dito a ele? Era cedo demais para estar passando *Jeopardy!*, então não pode ter sido isso.

— Explica o quê?

— A sua mãe citou um poema depois que eu me apresentei — Will respondeu, inclinando a cabeça para trás e olhando para o céu através dos óculos escuros Ray-Ban dele. Estava bem claro que ele não tinha se incomodado com o que a minha mãe tinha dito a ele. — Alguma coisa sobre um cenho amplo e largo.

O meu estômago revirou.

— Seu cenho amplo e largo ao sol brilhava? — perguntei toda nervosa.

— É — Will respondeu. — Foi isso mesmo. O que é?

— Nada — eu respondi, jurando em silêncio que ia matar a minha mãe mais tarde. — É um verso de um poema de que ela gosta, *A Senhora de Shalott*. De Tennyson. Ela tirou um ano de folga das aulas para escrever um livro sobre Elaine de Astolat. E por isso anda um pouco mais louca do que o normal.

— Deve ser legal — disse Will enquanto o colchão dele se aproximava perigosamente da Pedra da Aranha, apesar de, é claro, ele não estar ciente do perigo que corria. — Ter pais que ficam falando de poesia e de livros e tal.

— Ah, você nem faz ideia — eu disse, com a voz mais inflexível que consegui.

— Como é o resto? — Will quis saber.

— O resto do quê?

— Do poema.

Ela está morta, mesmo.

— "Seu cenho amplo e largo ao sol brilhava" — citei de memória. Até parece que eu já não ouvi isto setenta vezes, só nesta semana. — "Sobre cascos lustrosos seu cavalo de guerra avançava; / Por baixo de seu capacete escapavam / Seus cachos pretos como carvão enquanto cavalgava, / Enquanto cavalgava na direção de Camelot." É um poema muito cafona. Ela morre no fim, flutuando em um barco. Você não ia encontrar um pessoal no Dairy Queen depois do treino hoje?

Will deu uma olhadela para mim, porque a pergunta o surpreendera. Não era culpa dele. Eu mesma me surpreendi. Não faço a menor ideia de onde saiu aquilo.

Mesmo assim. Era algo que precisava ser perguntado.

— Acho que sim — Will respondeu. — Como é que você sabe?

— Porque eu ouvi quando a Jennifer falou para você quando eu vi vocês dois hoje, no corredor da escola — respondi. Nancy, eu sei, teria um ataque se me ouvisse falando isso. Ela ficaria toda assim: *Ai meu Deus! Não deixe que ele saiba que você sabe da Jennifer! Porque daí ele vai saber que você se deu ao trabalho de procurá-la no guia, e daí ele vai achar que você gosta dele!*

Mas não mencionar Jennifer não pareceu muito prático para mim.

Nancy também não ia gostar nada das palavras que saíram da minha boca na sequência.

— Ela é sua namorada, não é? — perguntei, olhando para ele enquanto passava boiando por mim.

Ele não olhou para mim. Ergueu a cabeça para dar um gole na limonada e depois se deitou de novo no colchão de ar, apoiando a cabeça na almofadinha.

— É — ele respondeu. — Estamos juntos há dois anos.

Abri a boca para fazer a próxima pergunta que me parecia natural (a que Nancy *com toda a certeza* teria me proibido de fazer). Mas, antes que eu conseguisse proferir uma única palavra, Will ergueu a cabeça, olhou bem nos meus olhos e disse:

— Não faça isso.

Fiquei olhando para ele por trás das lentes dos meus óculos, sem entender nada.

— Não faça o quê? — perguntei, porque como eu podia saber (naquele momento) que ele era capaz de ler a minha mente?

— Não me pergunte o que eu estou fazendo na sua piscina em vez de estar na dela — disse ele. — Porque eu sinceramente não sei. Vamos falar de outra coisa, tá?

Eu mal conseguia acreditar no que estava acontecendo. O que este cara absolutamente lindo estava fazendo na minha piscina? Isso sem contar que estava lendo a minha mente?

Não fazia o menor sentido.

Mas, bom, também não sei se fazia algum sentido para ele.

Então, em vez de fazer perguntas sobre esse assunto, perguntei outra coisa que estava me incomodando: o que, exatamente, ele estava fazendo naquele barranco, no primeiro dia em que eu o vi?

— Ah — Will respondeu, parecendo surpreso por eu ter perguntado. — Não sei. Às vezes eu simplesmente vou parar lá.

O que também serviu para responder à minha pergunta relativa ao que ele estava fazendo na minha piscina em vez de estar na da namorada: obviamente, ele tinha instabilidade mental.

Só que (tirando o negócio de estar na minha piscina em vez de na da Jennifer), ele parecia totalmente

normal. Era capaz de travar uma conversa perfeitamente lúcida. Ele perguntou por que tínhamos nos mudado de St. Paul e, quando eu falei da licença sabática, ele disse que sabia como era esse negócio (de ficar se mudando o tempo todo, quer dizer). Ele disse que o pai dele era da Marinha e que já tinha sido mandado para muitos lugares diferentes (forçando Will a mudar de escola a cada dois anos mais ou menos quando era menor), antes de finalmente assumir um posto de professor na Academia Naval.

Ele falou sobre Avalon High, e dos professores de que gostava, e daqueles de quem eu devia tentar manter distância (o Sr. Morton, ele declarou, para a minha grande surpresa, era um cara legal). Ele falou de Lance (contou como foi o mês que ele e Lance passaram velejando pela costa, de norte a sul, só os dois).

A única coisa que Will não voltou a mencionar foi Jennifer. Nenhuma vez.

Não que eu estivesse contando com isso.

Não tive nenhum problema para imaginar o que Nancy acharia de tudo aquilo. Com toda a certeza, *aquela* relação não era só alegria e contentamento. Por que então ele estaria flutuando na minha piscina, e não na dela?

Não, é claro, que eu estivesse achando que o interesse dele tinha alguma coisa de romântico. Afinal, quem vai querer um hambúrguer se pode comer filé mignon o tempo todo? E isso não é me depreciar (como Nancy diria). Estou simplesmente sendo realista. Caras com Will preferem meninas como Jennifer: loirinhas espevitadas que parecem saber por instinto qual sombra fica melhor nelas, e não meninas morenas e desengonçadas como eu que não têm medo de tirar cobras do filtro da piscina.

O sol estava começando a deslizar para trás de casa, e tinha mais sombra do que luz na superfície da água quando a minha mãe voltou para o deque, avisou que tinha pedido comida tailandesa e perguntou se Will queria jantar.

Ao que Will respondeu que adoraria.

Will foi a visita perfeita, me ajudou a colocar a mesa e a limpar tudo depois. Comeu tudo que tinha no prato. E, quando os meus pais e eu declaramos que estávamos satisfeitos, ele comeu tudo que tinha sobrado nas caixinhas (para a admiração muito óbvia do meu pai).

Ele foi legal com a Tig também quando ela apareceu e começou a cheirar a parte de trás do sapato dele. Ele se abaixou e esticou o dedo para ela poder cheirá-lo antes de decidir se ia ou não deixar que ele fizesse carinho nela. Só pessoas que já passaram um certo tempo perto de gatos sabem que esta é a maneira correta de agir.

Ele também não riu quando eu lhe contei sobre o nome de Tig. É meio vergonhoso ter um bicho de estimação cujo nome você deu quando tinha oito anos. Naquele tempo, eu achava que Tigger era o nome mais original e criativo que se podia dar a um gato.

Mas quando eu comentei isso com Will, ele deu um sorriso e disse que Tigger não era um nome tão ruim quanto o que ele tinha dado à *border collie* dele quando tinha doze anos: Cavalier. O que é um nome esquisito para uma cadela, pensando bem. Principalmente uma cadela de uma família da Marinha.

Durante o jantar, Will contou histórias engraçadas a respeito de Cavalier e das brincadeirinhas que os grumetes da Academia às vezes faziam uns com os outros e também com os instrutores. Ele não pareceu entediado quando o meu pai contou tudo para ele a respeito da espada, nem quando a minha mãe citou mais alguns versos de *A Senhora de Shalott*, coisa que ela me mata de vergonha por sempre fazer depois de ter tomado algumas taças de vinho no jantar.

Ele até riu das minhas imitações dos meninos que fazem pacote no Graul's, e também da minha representação da Grande Operação de Salvamento da Cobra.

Nancy sempre fazia cara feia porque eu gostava de fazer piadas quando estava com meninos. Ela diz que os garotos não desenvolvem sentimentos românticos por meninas que ficam falando coisas engraçadas como se fossem comediantes. Como é que ele vai poder se apaixonar por você, Nancy sempre queria saber, se estiver ocupado demais dando risada?

E ao mesmo tempo que ela pode ter certa razão (com certeza nenhum menino se apaixonou por mim, à exceção de Tommy Meadows, na quinta série, mas a família dele se mudou para Milwaukee logo depois de ele declarar sua devoção eterna... fato que, pensando melhor agora, pode ter sido o que impulsionou a declaração em primeiro lugar), o meu pai disse que se apaixonou pela minha mãe à primeira vista porque na festa de professores em que se conheceram ela tinha escrito *Demoiselle d'Astolat* na etiqueta de identificação dela.

E os dois tinham dado muita risada com aquilo. Na verdade, é uma piada totalmente babaca, mas o que é que os medievalistas sabem?

Não que eu estivesse tentando fazer com que A. William Wagner se apaixonasse por mim, claro. Porque tenho plena noção de que ele já tem dona. É só que, ao me lembrar daquela sombra que pareceu passar pelo rosto dele na piscina, achei que talvez rir um pouco fosse bom para ele. Só isso.

Will foi embora depois do jantar. Ele agradeceu aos meus pais, chamou minha mãe de senhora e o meu pai de senhor (o que me fez cair na gargalhada) e daí disse para mim:

— A gente se vê amanhã, Elle.

Daí ele foi embora e desapareceu dentro do crepúsculo, exatamente da mesma maneira como tinha aparecido ao lado da minha piscina. Como se tivesse surgido do nada.

Mas eu de fato fiquei esperando na frente de casa até ouvir a porta do carro dele bater e ver as lanternas de trás se afastarem enquanto ele saía da nossa garagem comprida, para provar que ele não era um espectro ou, o que mesmo o Sr. Morton tinha dito hoje em literatura mundial? Ah, sim: um *bocan*, a palavra em galês para "fantasma". Sabe, eu prestei atenção à aula. Mais ou menos.

Elle. Ele tinha me chamado de Elle. Como em... El. Um apelido de Ellie.

Ninguém nunca tinha me chamado de Elle. Ninguém. Só Ellie (que, se você quiser saber a minha opinião, é um nome meio infantil). Ou de Elaine, que é um nome de senhora.

Mas não Elle. Nunca Elle. Eu não tenho absolutamente nada a ver com Elle.

Mas parece que não é isso que A. William Wagner acha.

— Bom — disse o meu pai quando eu voltei para casa, depois de observar Will indo embora —, ele parece ser um cara legal.

— Will Wagner — a minha mãe disse, ligando a TV para assistir a *Jeopardy!* — Gostei desse nome. É um tipo de nome que soa como se fosse da realeza.

Ai, meu Deus. Dava para ver total aonde tudo isto ia acabar. Eles achavam que Will gostava de mim. Achavam que Will ia ser meu novo namorado ou algo assim. Não faziam ideia (nem a mínima ideia) do que estava acontecendo de verdade.

Mas, bom, eu também não sabia, na verdade. Quer dizer, o negócio é que se alguém me pedisse para explicar tudo que tinha acontecido (ele aparecer ao lado da minha piscina e depois ficar para jantar), eu não saberia *o que* dizer. Nunca tinha visto nenhum menino fazer algo assim... muito menos rir das minhas piadas.

Mas eu estava tentando não dar muita bola para a coisa toda. Will era legal, mas tinha namorada. Uma namorada bonita que era líder de torcida.

Sobre quem ele aparentemente não queria falar.

O que, pensando bem, é um tanto esquisito. Mas a parte mais esquisita de todas foi que, enquanto a coisa estava acontecendo (quer dizer, depois de eu me acostumar com a ideia daquele cara gostoso ali matando tempo comigo), não tinha parecido nem um pouco esquisita. Foi como aquele sorriso que Will tinha dado para mim naquele dia no parque, aquele que eu não consegui deixar de retribuir. Simplesmente pareceu natural, até mesmo correto, retribuir o sorriso, da mesma forma como tinha parecido natural (natural e, sim, correto) estar com Will em casa, fazendo piada com os talheres enquanto arrumávamos a mesa, rindo da minha imitação dos meninos do Graul's.

Isso é que era estranho. O fato de tudo não ter de fato *sido* estranho.

Mesmo assim, quando Nancy ligou, mais tarde naquela noite, meu pai atendeu e disse:
— Ah, Nancy, ela tem muita coisa para contar.
Eu não tentei amenizar as coisas tanto quanto deveria ter tentado. Porque eu sabia que Nancy iria contar para todo mundo na cidade. Sobre um menino ter ido jantar na minha casa logo no primeiro dia de aula na escola nova. Fiz questão de mencionar que ele estava no time de futebol americano, velejava e também era presidente do último ano.
Ah, e que ele ficava muito bem, mas muito bem mesmo, de calção de banho.
Nancy praticamente deu um escândalo ali mesmo no telefone.
— Ai meu Deus, ele é mais alto do que você? — ela quis saber. Isso sempre tinha sido um problema, porque, durante a maior parte da minha vida, eu sempre fui mais alta do que a maioria dos meninos na nossa escola, à exceção de Tommy Meadows.
— Ele tem quase um metro e noventa — respondi.
Nancy fez um barulhinho de apreciação. Com quase um metro e oitenta, eu ainda ia poder usar salto se a gente saísse, ela disse.
— Espere só até eu contar para Shelley — disse Nancy. — Ai, meu Deus, Ellie. Você conseguiu. Você foi capaz de começar tudo de novo em uma escola nova e fazer uma mudança total na sua personalidade. Tudo vai ser diferente para você agora. Tudo! E você só precisou ir para um estado completamente diferente e começar a frequentar uma escola completamente nova.
É, as perspectivas com certeza pareciam boas.
Foi isso mesmo que eu pensei.
Naquela época.

CAPÍTULO CINCO

A bow-shot from her bower-eaves,
He rode between the barley-sheaves,
The sun came dazzling thro' the leaves,
And flamed upon the brazen greaves
Of bold Sir Lancelot.

(À distância de uma flechada dos aposentos dela,
Ele cavalgava por entre os feixes de cevada,
O sol aparecia ofuscante por entre as folhas,
E ardia por sobre as armaduras de bronze
Do ousado Sir Lancelot.)

Peguei o ônibus para a escola no dia seguinte. Não foi tão ruim quanto eu achei que seria. Liz, a menina da equipe de corrida que morava perto da minha casa, estava esperando na parada, então começamos a conversar e acabamos sentando juntas.

Liz faz salto em altura. Ela me falou logo que não tem namorado nem carteira de motorista ainda.

Só com base nesses dois fatos, eu já vi que tínhamos a base para uma amizade sólida.

Eu não comentei com Liz que A. William Wagner tinha me visitado depois das aulas no dia anterior e que tinha ficado para jantar. Para começar, eu não queria ficar me exibindo. E, depois, bom, parecia que Liz gostava muito mesmo de falar sobre as pessoas da escola, e eu não estava muito convencida de que seria bom espalhar aquilo. Que Will tinha ido à minha casa, quer dizer.

Aliás, eu fiquei com uma forte impressão de que era uma coisa bem ruim quando fechei o meu armário algumas aulas depois e encontrei Jennifer Gold parada ali na frente, com cara de quem não estava muito feliz.

— Ouvi dizer que o Will foi jantar na sua casa ontem à noite — Jennifer disse, com uma voz nada simpática.

Como eu não tinha contado a ninguém que Will estivera lá, eu sabia que a divulgação do fato era obra dele. A menos que Jennifer tivesse espiões no meu bairro ou algo assim, o que me pareceu improvável.

Então eu só disse, imaginando por que meninas pequenininhas como a Jennifer sempre ficam com os namorados mais altos e deixam todos os tampinhas para girafas como eu.

— É. Ele foi, sim.

Mas Jennifer não disse o que eu achava que diria. Ela não falou nada como: “Bom, ele é meu namorado, então pode ir tirando a mão” ou “Se você olhar para ele de novo, é uma mulher morta”.

Em vez disso, ela me fez uma pergunta:

— Ele disse alguma coisa sobre mim?

Abaixei os olhos para Jennifer imaginando se ela, assim como o namorado, também sofria de alguma forma branda de psicose; só que, no caso dela, não tinha nada a ver com gostar de mim.

Ela parecia bem sã com o *twin-set* rosa-bebê e as calças capri dela. Mas é difícil saber se alguém é louco só pela maneira como se veste. As líderes de torcida da minha antiga escola se vestiam de maneira absolutamente normal, mas algumas delas eram loucas de pedra.

— Hã — eu respondi. — Não.

— E sobre Lance? — Os olhos perfeitamente maquiados de Jennifer se apertaram. — Ele disse alguma coisa sobre Lance?

— Só — eu disse — que os dois saíram para velejar pelo litoral no verão. Por quê?

Mas Jennifer não respondeu à minha pergunta. Ela só falou assim:

— Que bom — com uma cara de alívio. Daí, saiu andando.

Mas Jennifer Gold não foi a única pessoa que me fez perguntas a respeito de Will naquele dia.

O Sr. Morton, meu professor de literatura mundial, anunciou que, para o nosso primeiro projeto com duração de nove semanas, ele daria um poema para cada aluno estudar e depois fazer um trabalho oral sobre ele. Na frente da classe inteira. O trabalho teria peso de vinte por cento na nossa nota do semestre, e precisava conter fontes críticas, secundárias e do original.

Como se isso já não fosse bem ruim, ele estava designando parceiros para que todo mundo trabalhasse em dupla.

Caramba, valeu, Sr. Morton.

Primeiro, ele entregou o nome do parceiro de cada um. Quando vi o meu, ergui as sobrancelhas.

Porque o nome do meu parceiro era Lance Reynolds.

O que não parecia possível, já que no dia anterior eu sabia que não estava em nenhuma aula com aquele cara. Quer dizer, afinal de contas, ele era um ano mais velho do que eu, como Will.

Mas é claro que, quando eu me virei, lá estava ele no fundo da classe. Estava olhando para o pedaço de papel que o Sr. Morton tinha entregado para ele, com a testa bronzeada toda franzida, enquanto tentava descobrir quem era Elaine Harrison. Quando ergueu os olhos e me viu olhando para ele, eu ergui o meu pedaço de papel e disse bem baixinho:

— Que sorte a sua.

Ele não reagiu da maneira como eu esperava que um atleta que tinha recebido como parceira uma menina alta demais e nova na escola reagiria. Em vez de fazer uma cara de desdém ou de até assentir com a cabeça, o rosto dele ficou de um tom profundo de púrpura. Para falar a verdade, até que foi interessante assistir àquilo.

Daí o Sr Morton distribuiu o poema de cada dupla. O nosso era *Beowulf*.

O meu coração apertou no peito quando eu vi isso. Eu detesto *Beowulf* quase tanto quanto detesto *Joepardy!*

— Certo, pessoal — disse o Sr. Morton com o sotaque britânico entrecortado dele. — Reúnam-se com seus parceiros e discutam como vão abordar o seu tema. Gostaria de receber os esboços do trabalho na minha mesa na sexta.

Eu me levantei e fui até onde Lance estava sentado, já que ele não estava com cara de quem ia vir para perto de mim. Ele ficou fingindo que não viu quando eu me aproximei, ficou mexendo nos livros dele e em tudo o mais, quando eu me acomodei na carteira à frente da dele.

— Oi — eu disse com uma voz falsa, como a de um comercial. — Meu nome é Ellie, e vou ser a sua parceira para o projeto deste semestre.

Mas ele estragou tudo. Ele estava tentando fingir que não sabia quem eu era. Mas, de algum modo, as palavras “eu sei” transbordaram dos lábios dele e o rosto dele ficou de um tom ainda mais forte de vermelho.

Aquilo foi bem interessante. Eu não conseguia me lembrar de nenhuma ocasião em que tivesse feito um menino ficar vermelho. Fiquei imaginando o que Lance sabia sobre mim para reagir daquela maneira.

— Eu... eu vi você naquele dia — ele gaguejou, para dar uma explicação. Ele não parecia o tipo de cara que gaguejava com frequência. — Naquele dia no parque.

— Ah, sim — eu disse, como se tivesse acabado de me lembrar do acontecido. — Certo.

— Will jantou na sua casa ontem à noite — disse Lance, com cuidado. Com cuidado excessivo, eu achei. Como se estivesse jogando verde.

— É — eu respondi. Imaginei se ele, como Jennifer, iria perguntar se Will tinha falado dele.

Mas não perguntou.

— Então — disse Lance. — *Beowulf*, hein?
— É — eu respondi. — Eu odeio *Beowulf*.
Lance pareceu meio surpreso.
— Você já leu?
Percebi como eu devo ter parecido a maior trapalhona. Quer dizer, já era bem ruim estar na aula de literatura mundial. É uma matéria optativa, aberta a qualquer pessoa de qualquer ano que esteja interessada (ou que precisa de crédito extra em humanas, como Lance obviamente precisava). Era ainda pior o fato de eu já ter lido quase todos os livros da lista. Por conta própria. Porque são os mesmos livros que sempre estiveram nas estantes dos meus pais, e como eu nunca tive muita vida social, então...
Mas, como eu não queria confessar isso, eu só disse, apressada:
— Bom, li. Os meus pais são professores universitários. De estudos medievais. *Beowulf* é o tipo de coisa com que eles trabalham.
Quando eu estava dizendo isso, reparei um garoto de pescoço fino e óculos, sentado a uma carteira de distância, olhando com muita atenção para nós. Quando ele viu que eu tinha olhado para ele, falou assim:
— Desculpe, mas... Será que eu ouvi vocês dizendo que ficaram com *Beowulf*?
— Ficamos — eu respondi, olhando para Lance, que olhava para o garoto com olhos apertados. Eu reconheci aquele olhar. É o tipo de olhar que os populares lançam para os não populares: como se Lance não conseguisse acreditar que o Pescoço Fino tinha tido coragem de falar com ele. — E daí?
Pescoço Fino olhou todo nervoso para o parceiro dele, outro garoto que tinha a mesma cara de nerd.
— A gente adora *Beowulf* — disse ele, e a voz dele subiu algumas oitavas na última sílaba.
— É — o parceiro dele concordou. — Grendel é tudo.
Acho que Grendel *seria* mesmo tudo para dois garotos que, lá na Idade Média, provavelmente não teriam passado dos cinco anos porque os inaladores ainda não tinham sido inventados ou por algum outro motivo qualquer.
— O que vocês pegaram? — eu perguntei para Pescoço Fino, referindo-me ao poema que o professor tinha passado.
— Tennyson — Pescoço Fino respondeu, sem fazer esforço nenhum para esconder sua decepção.
Eu me encolhi.
— Não é *A Senhora de Shalott*? — perguntei, horrorizada.
— É sim — Pescoço Fino respondeu. Ao ver a minha expressão, ele prosseguiu: — É mais curto do que *Beowulf*.
— Sinto muito — eu disse, vendo muito claramente onde tudo isso ia dar. — Não vai ter jeito.
— Espera aí — Lance se intrometeu. — Qual é o problema da moça? Se é curto...
— A minha mãe está escrevendo um livro sobre ela — eu interrompi, sem mencionar a parte de que eu me chamo Elaine por causa da personagem principal do poema.
— Então vai ser baba fazer o trabalho — disse Lance, todo animado. — É só perguntar para a sua mãe o que a gente tem que escrever!
Não dava para acreditar que isso estava acontecendo. E, ainda assim, ao mesmo tempo, meio que dava. Era assim que a minha vida estava se desenrolando em Avalon High. Esquisita e ao mesmo tempo, estranhamente, nada esquisita.
— Contrariamente à maneira como você deve fazer o seu dever de casa — eu disse, em um esforço desesperado para me livrar daquilo que eu via correndo ao meu encontro, sabendo muito bem que não havia escapatória —, eu faço o meu dever de casa sozinha, sem a ajuda dos meus pais.
— Este aqui é mais curto — disse Lance, tirando o pedaço de papel da mão de Pescoço Fino. — A gente vai ficar com ele.
Era óbvio que não haveria nenhuma discussão, muito menos argumentação, a respeito da questão. Lance tinha dado sua palavra. E o que Lance diz prevalece (algo que era bem claro, até mesmo para a

aluna nova, especificamente eu).

Reconheço. Eu fiquei passada. Estou cansada da Senhora de Shalott. Ela e suas vestes idiotas brancas como a neve, esvoaçando soltas para lá e para cá.

— Certo — eu disse, arrancando o papel com o tema das mãos dele. — Eu escrevo. Mas você vai ter que se levantar na frente da classe e ler.

A expressão convencida sumiu do rosto de Lance.

— Mas...

— Você vai ler — eu disse, exatamente no mesmo tom que ele tinha usado para falar comigo. — Ou a gente pode simplesmente ser reprovado, para mim não faz a menor diferença.

Ele pareceu arrasado.

— Não posso tirar zero. O técnico não vai me deixar mais jogar.

— Então você vai ter que ler o trabalho — eu disse.

Lance afundou um pouco mais para baixo da carteira dele e disse:

— Sei lá — que eu entendi como um positivo (e os nerds também, que se viraram na cadeira para dar um "toca aqui" de vitória por terem conseguido ficar com Grendel).

Quando o sinal tocou, eu esperei até que Lance tivesse saído da sala antes de eu fazer o mesmo, para que não precisássemos conversar, os dois sem graça, no corredor. Acabei saindo da classe logo atrás dos nerds...

De modo que eu ganhei um assento na primeira fileira para ver o que aconteceu na sequência.

E o negócio foi que alguns dos amigos de Lance do time de futebol o encontraram na porta da sala. Daí, um deles (ou porque estava de saco cheio, ou porque era maldoso, ou possivelmente devido a uma combinação dos dois) esticou a mão e, quando um dos nerds na minha frente passou pela porta, pegou o caderno dele.

— Rick — disse Pescoço Fino, com voz cheia de nojo. — Devolva.

— *Rick* — um dos amigos de Lance ecoou, em falsete. — *Devolva*.

— Vá arrumar alguma coisa para fazer — disse Pescoço Fino, tentando pegar o caderno.

Mas Rick o segurava bem alto, longe do alcance de seu dono, bem mais baixo.

— *Vá arrumar alguma coisa para fazer* — um dos outros integrantes do grupo disse, com o mesmo falsete. — Caramba, olhe só quem está falando.

O garoto nerd parecia prestes a chorar. Até que a mão de alguém mais alto do que todos os outros atletas se esticou e tirou o caderno dos dedos de Rick.

— Pronto, Ted — disse Will para Pescoço Fino, devolvendo o caderno dele. Ted o pegou com dedos trêmulos e o olhar voltado para Will em franca adoração.

— Obrigado, Will — ele disse.

— Tudo bem — disse Will para o CDF. Ele não tinha sorrido nenhuma vez, e não estava sorrindo agora. Para Rick, disse: — Peça desculpa.

— Fala sério, Will — disse Lance, com aquele tom de a-gente-só-estava-brincando. — O Rick só estava zoando com o cara. Ele...

A voz de Will era fria.

— Já conversamos sobre isso — ele disse. — Peça desculpa ao Ted, Rick.

Não fiquei nem um pouco surpresa quando Rick virou-se para Pescoço Fino e disse, com um tom profundamente arrependido:

— Desculpe.

Porque na voz de Will havia uma nota cortante que deixava bem claro que ninguém (nem mesmo um meio-campo de cem quilos) podia tentar zoar com ele. Ou ousar desobedecer a uma de suas ordens.

Talvez fosse uma coisa de zagueiro.

Ou talvez fosse alguma outra coisa.

— Tudo bem — Ted respondeu. Daí, ele e o amigo saíram em disparada e desapareceram no meio da multidão que lotava o corredor.

Eu fui atrás deles, mais devagar. Will não tinha reparado em mim no meio de todo mundo, e eu achei bom. Eu provavelmente não saberia o que dizer para ele se tivesse dado um oi ou alguma coisa assim. A cena de ele dizendo para aquele atleta enorme o que fazer (e o atleta de fato *obedecer*) meio que tinha me apavorado.

Se é que dá para chamar o fato de você perceber que está totalmente de quatro de tão apaixonada por alguém de pavor.

Aquilo era ruim. Ruim *de verdade*. Quer dizer, eu não precisava me apaixonar por um cara qualquer (até mesmo um cara que apareceu na minha casa do nada para jantar e era defensor dos CDFs) que já era propriedade de uma das meninas mais bonitas da escola. Essa história não ia acabar bem para mim, de jeito nenhum. Nem mesmo Nancy, a otimista romântica, seria capaz de ver qualquer ponto positivo no fato de eu me apaixonar por A. William Wagner.

Então eu passei o resto do dia determinada a tentar não pensar nele. Em Will, quer dizer.

Até parece que eu não tinha outras coisas com que me preocupar. Tinha o trabalho para a aula do Sr. Morton, é claro. E Liz tinha me dito, na hora do almoço, que havia mais do que algumas meninas do primeiro ano correndo nos duzentos metros (a minha prova) nas equipes representantes da escola. A menos que eu pudesse ganhar delas, era possível que eu não conseguisse entrar para a equipe de corrida da Avalon High, se estivesse considerando esta possibilidade.

Eu não queria me dar ao trabalho de participar da prova para entrar na equipe de corrida da escola e ser vencida por uma menina remelenta do primeiro ano que tinha passado o verão inteiro treinando, e não flutuando na piscina, como eu.

Então, quando cheguei em casa da escola naquele dia, vesti minhas roupas de correr. Achei que correr teria utilidade dupla: iria me ajudar a entrar em forma para as provas de corrida na escola e também faria com que a minha mente se desviasse de um certo zagueiro.

Mas, quando voltei para procurar a minha mãe para me dar uma carona até o parque, ela não estava no escritório dela. Bati na porta do escritório do meu pai. Ele gemeu, então eu entrei.

— Ah, Ellie — disse ele. — Oi. Não ouvi quando você chegou em casa. — Daí ele reparou no que eu estava vestindo e ficou de cara no chão.

— Ah — disse ele, com uma voz diferente. — Hoje não, Ellie. Estou atolado de verdade aqui. Acho que fiz uma descoberta reveladora. Está vendo esta filigrana aqui? Ela é...

— Você não precisa ir comigo — interrompi, porque não queria mais uma aula a respeito da espada maluca do meu pai. — Só preciso de uma carona até o parque. Cadê a mamãe?

— Eu a deixei na estação de trem. Ela precisava fazer umas pesquisas na cidade hoje.

— Beleza — eu disse. — É só me entregar as chaves que eu vou sozinha.

Ele ficou passado.

— Não, Ellie — disse ele. — Você só tem permissão de aluna de autoescola. Você precisa de alguém com carteira válida com você.

— Pai — eu disse. — Só vou até o parque. São só três quilômetros. Tem uma placa de pare em um cruzamento e um sinal até chegar lá. Não vai ter problema.

Meu pai não entrou na minha. Ele me deixou dirigir, sim. Mas com ele sentado no banco do passageiro.

Quando chegamos lá, havia um jogo de beisebol infantil e outro de lacrosse. O estacionamento estava lotado de minivans e Volvos. O meu pai disse que é porque a maior parte das pessoas em Annapolis é de ex-militares, e todos querem ter o carro mais seguro que possam encontrar.

Fiquei imaginando se o pai de Will tinha um Volvo. Sabe como é, já que Will tinha dito que ele era da Marinha.

Oops, a minha intenção era não pensar em Will.

Meu pai disse para ligar para ele do telefone público perto do banheiro quando eu terminasse a minha corrida (Deus me livre os meus pais me darem um celular) para ele voltar e me pegar. Eu disse que ligaria, então peguei meu iPod e a minha água e saí do carro. Só havia umas poucas pessoas na trilha de corrida, a maior parte delas passeando com seus cães *Jack Russell terriers* ou *border collies* (na minha cidade, o cachorro que mais tem é o labrador preto. Aqui, é o *border collie*. O meu pai diz que é porque os ex-militares querem o bicho de estimação mais inteligente que possam encontrar, e este é o *border collie*).

A cadela de Will, Cavalier, é uma *border collie*. Só estou comentando.

Já estava no fim da tarde, e ainda fazia muito calor. Quando comecei a correr, na mesma hora fiquei coberta com uma camada fina e brilhante de suor.

Mas me senti bem por trabalhar os músculos depois de um longo dia de ficar encolhida atrás de carteiras diversas. Passei pelo pessoal com cachorro, tomando cuidado para não olhar nos olhos de ninguém (meu pai teria ficado horrorizado), seguindo bem o ritmo da música que eu estava ouvindo. Dei a volta no circuito de corrida uma vez (precisei desviar de uma bola de beisebol e quase atropelei uma criança em um triciclo). Foi só na segunda e última volta que me lembrei de dar uma olhada no barranco (por costume, na verdade, mais do que por achar que eu veria alguém ali) e praticamente tropecei nos meus próprios pés e caí de cara no chão.

Porque Will estava lá.

Pelo menos, achei que era Will. O vislumbre que tive dele, enquanto corria rápido, foi fugidio.

Mesmo assim, depois de terminar a segunda volta, voltei até aquele lugar, só para ter certeza. Não que eu quisesse ir até lá falar com ele nem nada. Quer dizer, o cara obviamente já tem dona. Eu não vou atrás do namorado das outras. Não que, sabe como é, se eu tentasse, ele entraria na minha nem nada. A verdade é que eu não vou atrás de menino nenhum. De que adianta? Não sou o tipo de menina que eles algum dia pensam em ser a fim, de todo modo.

Mas, e se ele estivesse com problemas ou algo assim? E se a razão para ele estar no fundo daquele barranco fosse porque ele tinha tropeçado e caído? Ei, isso pode acontecer. E talvez ele estivesse lá estirado, sangrando e inconsciente, precisando de uma respiração boca a boca? Administrada por mim?

Certo, sei lá. Então, eu queria conversar mais um pouco com ele. O que há de mau nisso?

Eu me vi na parte da pista de corrida que dá vista para o barranco e lá, bem lá embaixo, tinha alguém que se parecia muito com Will. Como ele tinha descido até lá sem se ralar todo nos espinhos ou sair rolando ribanceira abaixo, eu não sei.

Mas achei que eu podia tentar por conta própria. Para me assegurar de que estava tudo bem com ele, foi o que eu disse a mim mesma.

É. Isso mesmo. Para me assegurar de que estava tudo bem com ele.

Sei lá.

CAPÍTULO SEIS

All in the blue unclouded weather
Thick-jewell'd shone the saddle-leather,
The helmet and the helmet-feather
Burn'd like one burning flame together,
As he rode down to Camelot.

(Tudo naquele clima azul e sem nuvens
O couro da sela brilhava como se fosse incrustado,
O capacete e a pena do capacete
Ardendo como uma única chama que queima junta,
Enquanto ele cavalgava na direção de Camelot.)

Depois de passar pelo primeiro paredão de vegetação cerrada, até que não era assim tão mau. Mais para dentro do bosque, a temperatura era ainda mais baixa do que na pista de corrida.

E depois de entrar no meio das árvores e de tomar o rumo do barranco, já não dava mais para enxergar nem um pedacinho da pista de corrida, menos ainda escutar os carros na estrada. Aquilo parecia uma floresta primitiva, em que as árvores cresciam bem perto umas das outras e praticamente nenhum raio de sol chegava ao solo, fazendo com que se pisasse em cima de uma confusão úmida e molenga.

Era o tipo de lugar em que seria possível encontrar um monstro como Grendel.

Ou quem sabe o Unabomber.

Era *mesmo* Will, percebi quando as árvores ficaram menos cerradas e pude enxergar o fundo do barranco. Mas ele não estava inconsciente. Estava sentado em cima de uma pedra grande que se projetava do leito do riacho abaixo. Parecia que não estava fazendo nada. Só estava lá sentado, olhando fixamente para a água gorgolejante do riacho.

Provavelmente alguém que escolhia um lugar tão fora de mão e tão difícil de alcançar (eu estava com as canelas todas raladas por causa dos galhos) para ficar sem fazer nada, pensando, estivesse a fim de ficar sozinho.

Acho que eu devia simplesmente tê-lo deixado lá, sem incomodar.

Eu devia ter dado meia-volta para retornar pelo mesmo caminho por onde tinha vindo.

Mas não fiz isso. Porque sou uma masoquista completa.

Precisei encontrar um caminho entre as pedras que se projetavam para fora do riachinho gorgolejante para chegar até a pedra em que ele estava sentado. A água não era funda, mas eu não queria molhar meus tênis de corrida. Chamei o nome dele quando estava a alguns passos de distância e, mesmo assim, parecia que ele não tinha reparado em mim.

Daí eu percebi por quê. Estava usando fones. Foi só quando eu coloquei a mão em um dos pés dele, pendurado acima da minha cabeça, que ele tomou um susto e olhou direto para mim.

Mas, quando viu que era eu, sorriu e desligou o iPod.

— Ah — disse ele. — Oi, Elle. Como foi a sua corrida?

Elle. Ele me chamou de Elle. De novo.

Será que foi errado o meu coração dar mais algumas cambalhotas dentro do peito?

Examinei a pedra em cima da qual ele estava sentado, vi como ele tinha feito para subir e me juntei a ele. Não perguntei primeiro se estava tudo bem. Eu já sabia que estava tudo bem por causa do sorriso dele.

O sorriso que estava fazendo o meu coração doer. Mas de um jeito bom.

— A minha corrida foi boa — eu respondi e me sentei ao lado dele. Mas não perto demais, sabe como é, porque achei que não estava com um cheiro muito agradável por causa da corrida. Isso sem mencionar o fato de que eu tinha passado meio frasco de repelente no meu corpo antes de sair de casa, já que os mosquitos da costa leste parecem me adorar. E repelente não é exatamente *eau d'amour*, se é que você me entende.

Mas parece que Will nem notou.

— Ouça — disse ele, esticando uma mão como sinal para que eu não falasse.

Fiquei escutando. Durante um minuto, achei que ele queria que eu ficasse quieta para dizer alguma coisa. Tipo, sabe como é, quanto ele me amava. Apesar de só ter me visto algumas vezes. E de ter jantado comigo uma vez.

Ei, coisas mais estranhas já aconteceram. A única coisa que Tommy Meadows e eu tínhamos em comum era a apreciação profunda pelos gibis do *Homem-Aranha*.

Mas acontece que Will não queria que eu ficasse quieta para declarar seu amor por mim. Queria mesmo que eu escutasse.

Então, eu escutei. Além do gorgulhar da água, a única coisa que eu conseguia ouvir eram passarinhos cantando e cigarras chiando nas árvores. Nenhum carro. Nenhum avião. Não dava para ouvir nem os gritos de incentivo que os pais dos jogadores de lacrosse e de beisebol infantil com certeza estavam dando. Era como se estivéssemos em um mundo diferente, um oásis banhado pelo sol, alheio a tudo. Apesar de, na verdade, estarmos só a duzentos ou trezentos metros de distância do Dairy Queen na beira da estrada.

Depois de um minuto disto, comecei a me sentir uma boba e disse:

— Hum, Will? Não estou ouvindo nada.

Ele olhou na minha direção com o mais diminuto dos sorrisos.

— Eu sei — ele respondeu. — Não é uma maravilha? Este é um dos únicos lugares por aqui que as pessoas deixaram em paz. Sabe? Não tem fios de alta tensão. Não tem loja da Gap. Não tem café Starbucks.

Reparei que os olhos dele eram do mesmo tom de azul da minha piscina quando eu consigo deixar o cloro e a acidez do pH certinhos. Só que a minha piscina só tem dois metros e meio na parte mais funda, e os olhos de Will pareciam incomensuráveis... como se, se eu mergulhasse neles, nunca seria capaz de chegar ao fundo.

— Aqui é bonito — eu disse, falando do barranco, desviando os olhos dele. Porque não é uma boa ideia ficar pensando em como os olhos de um cara são azuis, se ele já tem dona, como Will tem.

— Você acha? — disse Will, olhando ao redor de si. Estava claro que ele nunca tinha pensado sobre isso. De o lugar ser bonito, quer dizer. — Acho que sim. Mas, principalmente... é silencioso.

Só que... ele não estava lá saboreando o silêncio.

— Então, o que você está ouvindo? — perguntei, pegando o iPod que ele tinha desligado e colocado de lado quando eu me juntei a ele em cima da pedra.

— Hum — disse ele, com uma expressão um tanto preocupada quando me viu ligar o aparelho. — Para falar a verdade, nada.

— Fala sério — eu disse para provocar. — Estou ouvindo Eminem no meu. O seu não pode ser assim tão ruim.

Só que era. Porque o que ele estava ouvindo revelou-se ser uma coleção de baladas de amor de trovador. Da era medieval.

— Ai meu Deus — eu não consegui me segurar e disse, horrorizada, enquanto via as palavras que desfilavam na tela.

Daí, imediatamente, fiquei com vontade de morrer.

Mas, em vez de ficar ofendido, Will só riu. Riu de verdade. Do tipo de jogar a cabeça para trás e dar risada.

— Sinto muito — eu disse, morrendo de vergonha. — Eu não tinha a intenção... não faz mal. Quer dizer, muita gente gosta de coisas... clássicas.

Mas quando ele finalmente recuperou o fôlego, em vez de me falar um monte de coisas por eu ter ficado tão horrorizada com o gosto musical dele, só disse, sacudindo a cabeça:

— Ai meu Deus. Você precisava ter visto a sua cara. Aposto que foi exatamente como você ficou quando abriu a cestinha do filtro e encontrou aquela cobra...

Comecei a me sentir um pouco irritada (principalmente porque a risada dele me lembrou da advertência de Nancy, a respeito de ser muito engraçada perto de garotos) e disse:

— Desculpe. É que você não me pareceu o tipo de cara que fica sentado sozinho no meio do mato ouvindo — abaixei os olhos para a tela do iPod — "*Cortesãos, Reis e Trovadores*".

— Bom, é — disse Will, repentinamente ficando sério e esticando a mão para tirar o iPod dele com delicadeza da minha mão. — Eu também nunca achei que fosse.

Quando ele disse isso, eu vi aquela sombra em que tinha reparado no outro dia na minha piscina passando pelo rosto dele de novo. E percebi que tinha dito exatamente a coisa errada.

Mas como eu não tinha certeza sobre qual era a coisa certa a dizer (só estava bem certa de que ele não iria apreciar o meu discurso a respeito de como todo mundo na Idade Média tinha piolho e era desdentado), só fiquei lá parada.

Além do mais, eu fazia uma boa ideia de que qualquer tipo de sermão que precisasse ser dado por ele ficar lá no mato ouvindo música medieval já tinha sido feito por Lance e Jennifer naquele dia que eu os vi no bosque com ele.

Mesmo assim, fiquei com a impressão de que a expressão sombria de Will não tinha muito a ver com ter sido pego ouvindo música cafona. Quer dizer, eu mesma já peguei umas coisas na coleção dos Bee Gees do meu pai quando estava me sentindo completamente niilista ou algo assim. Mas nem toda a gozação do meu irmão Geoff jamais fez com que eu parecesse... bom, tão desesperada quanto Will parecia naquele momento.

O que me fez perceber: Will ter se fechado daquela maneira não tinha nada a ver com o fato de eu o ter pego ouvindo música cafona. Tinha a ver com algo muito, muito pior.

Imaginando o que poderia ser (e torcendo que não fosse nada que dificultasse o fato de ele me levar à formatura, se ele e Jennifer terminassem ou algo assim), respirei fundo e falei logo:

— Olha. Isso não é da minha conta. Mas está tudo bem com você? — perguntei.

A essa altura, a sombra já tinha desaparecido do rosto dele. Ele pareceu surpreso com a pergunta.

— Está — respondeu. — Por quê?

— Hã. Deixe ver. — Estalei a ponta dos dedos. — Presidente do último ano. Zagueiro do time de futebol americano. Orador da turma?

— Provavelmente. — Ele deu um sorriso. Meu coração pulou de novo.

— Orador da turma — adicionei à minha lista. — Sai com a menina mais bonita e mais popular da escola. Gosta de ficar sozinho no mato ouvindo baladas de amor medievais. Percebe que tem uma coisa que não combina com as outras?

O sorriso dele ficou ainda maior.

— Você não é de muitos rodeios, não é mesmo? — ele perguntou, os olhos azuis dele brilhando de um jeito que, eu não podia deixar de pensar, fazia muito mal para o meu bem-estar. — Isso é porque você é de Minnesota ou é algo típico de Elle Harrison?

Não sei como eu respondi. Eu sei que devo ter dito alguma coisa, mas não faço a menor ideia do que pode ter sido. Aliás, que diferença fazia? Ele tinha dito de novo. Elle. *Elle*.

Eu me senti mais segura com a resposta bem-humorada dele à minha pergunta. Não, na verdade ele não

tinha respondido. Mas se estava fazendo piada, obviamente não estava pensando em acabar com tudo, ou qualquer coisa assim. Talvez aquela expressão dele não significasse nada. Talvez ele só fosse um cara que gosta de ficar sozinho ouvindo música medieval. Talvez ele não tivesse piscina, então era isso que ele precisava fazer para flutuar... sabe como é, mentalmente.

E lá estava eu, totalmente entrona em um lugar para onde eu não tinha sido chamada. Onde não me queriam.

Eu me senti a maior boba e tentei fugir da situação o mais rápido possível.

— Certo — eu disse e comecei a me levantar. — A gente se vê por aí.

Mas fui detida por dedos fortes que seguraram o meu pulso.

— Espere um segundo. — Will ergueu os olhos para mim com expressão curiosa. — Aonde é que você vai?

— Hã — eu disse, tentando ficar fria com o fato de que ele estava pegando em mim. Ele estava pegando em mim. Nenhum menino (tirando o meu irmão e Tony Meadows, que tinha me convidado para patinar em dupla durante um passeio da escola ao rinque de patinação Western Skateland) nunca tinha pegado em mim. — Para casa.

— Por que tanta pressa? — ele quis saber.

— Hã — eu disse. Vai ver que não tinha escutado direito. Será que ele queria mesmo que eu ficasse mais um pouco? — Não estou com pressa. Só achei que você queria ficar sozinho. E o meu pai está esperando eu ligar. Para vir me buscar.

— Eu levo você para casa — Will disse, ficou em pé e me puxou com ele... de um jeito tão inesperado que eu comecei a perder o equilíbrio e tremi um pouco em cima da pedra...

Até que Will esticou a outra mão e me segurou pela cintura para me firmar.

Ficamos naquela posição por um piscar de olhos ou dois, uma mão dele em volta da minha cintura, a outra segurando o meu pulso, os rostos a centímetros de distância.

Se alguém tivesse nos visto, provavelmente ia pensar que estávamos dançando. Dois adolescentes loucos dançando em cima de uma pedra.

Imagino se alguém teria pensado que um dos adolescentes (especificamente eu) tinha vontade de ficar naquela posição para sempre, memorizar cada traço daquele rosto tão próximo do meu, esticar a mão e acariciar aquele cabelo escuro macio, beijar aqueles lábios que pairavam apenas a centímetros dos meus. Será que Will estava pensando as mesmas coisas? Não dava para saber, e eu estava olhando bem dentro daqueles olhos azuis infinitos dele. Achei que senti alguma coisa (algo indescritível) passar entre nós.

Mas eu devo ter me enganado porque, um segundo depois, Will ia dizendo:

— Tudo certo aí agora? — e soltou a minha cintura e o meu pulso.

— Claro — eu respondi, rindo nervosa. — Sinto muito.

Só que eu não sentia coisa nenhuma. Principalmente porque os dois lugares onde ele tinha me tocado estavam ardendo, como se tivessem sido arranhados... só que de um jeito bom.

Começamos a subir o barranco, Will na frente, segurando galhos de um jeito educado e me dando a mão nas partes mais íngremes, que eram difíceis de escalar com os meus tênis de corrida. Se ele reparou que, a cada toque que dava no meu braço, faíscas pareciam percorrer a minha pele, não deixou transparecer. Em vez disso, ele falou dos meus pais.

É isso aí. Dos meus pais.

— Vocês três são engraçados juntos — foi o que Will disse.

— Somos?

Isso era novidade para mim. Quer dizer, eu sei que o meu pai tem uma *cara* engraçada, com os óculos de nerd dele e tudo o mais. Mas ele não estava usando aquilo quando Will esteve lá em casa. E a aparência da minha mãe não é exatamente divertida. Na verdade, ela é bem charmosa. Até abrir a boca e começar a falar de cenhos amplos e tudo o mais.

— É — disse Will. — O jeito como eles tiraram sarro de você por manter os filtros da piscina tão limpos. E a maneira como você gozou deles por causa da cobra. Aquilo foi engraçado. Eu nunca poderia ficar fazendo piada com o meu pai daquele jeito. A única coisa que ele quer falar comigo é em que faculdade eu vou estudar no ano que vem.

— Ah — eu disse, aliviada por termos deixado o assunto dos meus pais para trás. — É mesmo. Você vai se formar na primavera.

— É. E o meu pai quer que eu vá para a Academia.

O que era a maneira abreviada local de dizer Academia Naval, eu logo aprendi. Ninguém por aqui nunca fala o nome completo. É sempre “a Academia”.

Fiquei imaginando como seria ter um pai que era militar e, sabe como é, que fosse organizado. Aposto que o pai de Will nunca faria um almoço para ele levar à escola que incluísse salada de batata.

Por outro lado, duvido que o pai de Will não teria simplesmente ignorado o aviso sobre as mangueiras de ar nos colchões infláveis.

— Bom — eu disse, imaginando como Will ficaria em um daqueles uniformes brancos que eu vi os grumetes vestindo pela cidade. Muito bem, concluí. — É uma faculdade excelente. Uma das mais difíceis de se entrar no país e tudo o mais.

— Eu sei — Will disse e deu de ombros, segurando um galho dos mais espinhentos para que eu pudesse passar por baixo. — E eu tenho as notas e os resultados das provas para entrar e tudo o mais. Mas não tenho certeza se quero ser militar, sabe como é? Visitar lugares novos. Conhecer pessoas novas. E ter que matá-las.

— Bom — eu disse mais uma vez. — É. Dá para ver que isto seria um saco. Você, hã, disse isso? Para o seu pai?

— Disse sim.

— E aí? — perguntei, porque Will não falou mais nada. — O que ele achou?

Will deu de ombros mais uma vez.

— Ele quase teve um ataque.

— Ah — eu disse. Pensei sobre o meu próprio pai. Ele e a minha mãe sempre diziam para mim e para o Geoff nos tornarmos professores universitários porque assim teríamos férias de verão e só precisaríamos dar um ou dois cursos por semestre.

Mas eu preferiria comer vidro a ter que escrever teses acadêmicas o tempo todo, como a minha mãe e o meu pai fazem. E é o que eu vivo dizendo para eles.

Mas eles não têm ataque nenhum quando eu digo isso.

— Bom — eu perguntei —, o que você quer fazer em vez disso?

— Não sei — Will respondeu. — O meu pai disse que os homens da família Wagner sempre foram militares — ele ergueu as mãos e desenhou aspas no ar e concluiu, todo sarcástico — para fazer diferença no mundo. — Daí, deixou as mãos caírem. — E eu quero, sim, fazer diferença no mundo. Quero mesmo. Mas não quero que isso aconteça jogando bombas nos outros.

Pensei na cena que eu tinha presenciado naquele dia no corredor da escola, e na maneira como Will tinha lidado com Rick. Para mim, parecia que ele já estava fazendo diferença no mundo.

— Dá para entender — eu disse.

— Desculpe — disse Will com uma risada repentina, passando uma das mãos pelo cabelo escuro. — Eu não devia reclamar. O meu pai quer que eu vá para uma das melhores faculdades do país, está disposto a pagar tudo e eu não devo ter nenhuma dificuldade para entrar lá. Todo mundo devia ter os meus problemas, certo?

— Bom — eu respondi. — É meio um problema, sim, se a única escola para a qual o seu pai quer que você vá é aquela para onde você não quer ir... Principalmente, sabe como é, se você não quer ser militar. Porque dar tiros e tudo o mais parece representar uma boa parte de estar na Academia. Pelo menos a

julgar por todo o barulho que escuto todos os dias da artilharia.

— É — Will disse. A essa altura, já tínhamos chegado à trilha. Uma senhora passeando com um *Jack Russell terrier* passou apressada por nós, obviamente aterrorizada pelo fato de termos saído de dentro do bosque, já que se recusou a olhar para nós quando nos ultrapassou com o conjunto de moletom cor-de-rosa dela.

Dei uma olhada para Will para ver se ele tinha reparado e ele estava sorrindo.

— Deve achar que a gente estava lá fazendo um sacrifício para Satã — ele disse quando a senhora já tinha alcançado uma boa distância com seus passos rápidos.

— E o cachorro dela é a nossa próxima vítima — concordei.

Will deu uma risada. Saímos do bosque e fomos para o estacionamento, para o carro de Will. Depois da escuridão da floresta, os últimos raios do sol poente pareciam especialmente fortes. Parecia que estavam botando fogo no campo de beisebol. Havia um leve cheiro de fumaça no ar, do churrasco de alguém. Grilos cantavam, dando início a sua serenata noturna.

— Olhe só — disse Will, interrompendo o silêncio de companheirismo em que tínhamos caído. — O que você vai fazer no sábado à noite?

— No sábado? — Fiquei olhando para ele sem entender nada. É verdade que aqueles grilos faziam muito barulho. Mas não tanto barulho assim a ponto de eu ter confundido a pergunta dele.

Porque parecia... bom, com certeza parecia que Will estava prestes a me convidar para sair.

— Eu vou dar uma festa — ele prosseguiu.

Ou talvez não.

— Uma festa? — perguntei, feito uma idiota.

— É — ele respondeu. — Sábado à noite. Depois do jogo. — Eu devo ter ficado com cara de tacho, porque ele sorriu e completou: — O jogo de futebol americano? Avalon contra Broadneck? Você vai, não é mesmo?

— Ah — eu disse. Nunca tinha ido a nenhum jogo de futebol americano na vida. Sabe aquele negócio de comer vidro? Bom, eu preferia isso a ir a um jogo de futebol americano.

A menos, é claro, que por acaso A. William Wagner estivesse jogando.

— Claro que eu vou — respondi, tentando imaginar feito louca o que se deve vestir para um jogo de futebol americano.

— Ótimo. Bom, mas o negócio é que vou dar uma festa depois — ele disse. — Na minha casa. Para comemorar a volta às aulas. Você vai?

Fiquei olhando para ele. Nunca tinha sido convidada para uma festa antes. Bom, pelo menos não por um menino. Nancy costumava dar festas, mas ninguém além das nossas amigas ia, só tinha menina. Às vezes, na minha antiga escola, um cara da equipe masculina de corrida dava uma festa e convidava todas as meninas da equipe feminina. Mas nós só ficávamos lá sem fazer nada enquanto os meninos nos ignoravam e ficavam dando em cima das líderes de torcida que por acaso estivessem lá.

Fiquei imaginando se a festa de Will seria esse tipo de festa e, se fosse, por que ele tinha se dado ao trabalho de me convidar.

— Hã — eu disse, tentando pensar em uma desculpa para não ir. Por um lado, eu estava louca para ver a casa de Will. Eu queria saber tudo sobre ele.

Por outro lado, eu tinha bastante certeza de que Jennifer Gold estaria lá. E será que eu queria mesmo ver Will com outra menina? Não muito.

Will deve ter sentido a minha hesitação (sentido e não entendido), porque falou assim:

— Não se preocupe, não vai ter nenhuma loucura nem nada. Os meus pais vão estar lá. Vamos, você vai gostar. Vai ser uma festa na piscina. Você pode levar o seu colchão inflável.

Não pude deixar de sorrir depois dessa.

Nem depois da maneira simpática com que Will me deu uma cotovelada na cintura quando disse isso.

Ah, sim. Eu já estava perdida: até o cotovelo daquele cara era uma delícia.

— Certo — eu me ouvi dizer. — Eu vou. Hã, mas sem o meu colchão inflável. Ele tem hora para voltar para casa. Tem que estar guardado às nove.

Ele sorriu. Então, olhou para além de onde eu estava e disse:

— Ei, que tal uma limonada?

Olhei na direção para onde ele apontava e vi que uns garotos (que moravam em uma casa pequena e um tanto feiosa nos limites do parque) tinham colocado uma mesa dobrável com um cartaz enorme escrito à mão pendurado que dizia: LIMONADA: 25 CENTAVOS.

— Vamos lá — disse Will. — Eu pago uma limonada para você.

— Uau — eu disse de brincadeira. — É muito caro.

Ele sorria quando nos aproximamos da mesa, que alguém tinha se dado ao enorme trabalho de decorar com uma toalha xadrez e uma rosa de jardim meio aberta em um vaso, ao lado da inevitável jarra de plástico e da coleção de copos descartáveis. As três crianças atrás da mesa, sendo que a mais velha não podia ter mais de nove anos, se aprumaram ao sinal de clientes.

— Querem comprar limonada? — disseram em uníssono.

— Está boa? — Will brincou com as crianças. — Não vou gastar uma moeda inteira se não for a melhor limonada da cidade.

— É sim! — as crianças berraram. — É a melhor de todas! Nós mesmos que fizemos!

— Não sei, não — disse Will, fingindo desconfiança. Olhou para mim. — O que você acha?

Dei de ombros.

— Bom, a gente pode experimentar.

— Experimenta, experimenta — as crianças gritaram. A mais velha disse, assumindo autoridade sobre a situação:

— Olhem, vocês podem experimentar um pouquinho e, se gostarem, compram um copo.

Will fez de conta que estava refletindo sobre o assunto. Daí, disse:

— Certo, está combinado.

A criança mais velha serviu um pouquinho de limonada em um copo e entregou para Will, que fez a maior encenação: primeiro cheirou e depois bochechou, como os degustadores de vinho fazem.

As crianças ficaram interessadíssimas. Deram risadinhas, aproveitando cada minuto do show.

Preciso confessar que eu também aproveitei. Bom, e como não aproveitar?

— Belo buquê — Will disse depois de finalmente engolir. — Ácido e não muito doce. Obviamente, um dos melhores anos para limonada. Vamos levar dois copos.

— Dois copos! — as crianças gritaram, apressando-se para enchê-los. — Eles querem dois copos!

Quando os copos estavam cheios, Will pegou um e me entregou com um floreio.

— Ah, muitíssimo obrigada — eu disse, retribuindo a cortesia.

— O prazer é todo meu — disse ele. Colocou a mão no bolso de trás da calça, tirou uma carteira de couro preto e pegou uma nota de cinco dólares.

— E vocês três — disse ele para os meninos, colocando a nota em cima da mesa — podem ficar com o troco, se me derem aquela rosa ali.

As três crianças ficaram olhando para a nota de cinco com olhos arregalados. A mais velha foi a que se recuperou com mais rapidez, tirou a rosa do vaso e deu para ele bem rápido.

— Pronto — disse ela. — Fique com ela.

Foi o que Will fez, com um “obrigado” educado. Então pegou o copo de limonada dele e se virou para ir embora enquanto, atrás deles, as crianças tentavam abafar as risadinhas de alegria e os gritinhos de:

— Cinco dólares! É mais do que ganhamos *o dia inteiro*!

Eu sorri e acompanhei Will na direção do carro dele.

— Você sabe que elas vão gastar aquele dinheiro para comprar doces e vão ficar cheias de cáries nos

dentes — informei a ele.

— Eu sei — ele respondeu, olhando diretamente para a frente, mesmo quando fez o que fez a seguir, que foi me entregar a rosa. — Para você.

Olhei para a rosa (tão pequena e cor-de-rosa e perfeita) abobalhada.

— Ah — eu disse, repentinamente tomada pelo acanhamento. — Não posso aceitar. Quer dizer...

Então ele virou a cabeça para olhar para mim e vi a boca dele rindo.

Mas foi estranho: os olhos dele não faziam o mesmo. O olhar dele estava forte e fixo no meu, do mesmo jeito que a voz dele estivera antes, naquele mesmo dia, quando falou com Rick. Na hora ficou claro que as piadas tinham terminado.

— Elle — disse ele. — Aceite.

Eu aceitei.

Foi a primeira flor que algum garoto me deu na vida.

E foi por isso que demorou horas, depois de ele me deixar em casa e ir embora, até que o meu coração voltasse a bater de maneira normal.

CAPÍTULO SETE

She left the web, she left the loom,
She made three paces thro' the room,
She saw the water-lily bloom,
She saw the helmet and the plume,
She look'd down to Camelot.

(Ela deixou a teia, deixou o tear,
Deu três passos através do quarto,
Viu o lírio d'água florescer,
Viu o capacete e a pena,
Olhou ao longe para Camelot.)

Enquanto eu estudava o antigo Arthur para o meu projeto de literatura mundial naquela noite (o que não foi fácil, levando em conta que eu tinha colocado a rosa de Will ao lado da cama e o meu olhar se desviava para ela mais ou menos a cada dois minutos), descobri algumas coisas surpreendentes. Como por exemplo as coisas do musical *Camelot* (que a minha mãe adora e me fez escutar umas dez mil vezes), tipo como o rei Arthur fez vários atos heroicos, basicamente tirou seu povo da Idade das Trevas ao defendê-lo contra os saxões e tal? E como ele teve um casamento arranjado com uma princesa chamada Guinevere, e como ela acabou largando-o pelo cavaleiro preferido dele, Lancelot (que, por sua vez, largou Elaine de Astolat, a Senhora de Shalott, por Guinevere, fazendo com que Elaine se transformasse no tema do livro novo da minha mãe)?

Essas coisas provavelmente aconteceram de verdade.

Tirando o fato de que Lancelot não matou Arthur no fim por causa de Guinevere: o meio-irmão de Arthur (ou filho, de acordo com algumas traduções), Mordred, deu conta disso. Mordred tinha muita inveja das conquistas de Arthur e de ele ser um rei tão adorado e tudo o mais, então conspirou para matá-lo e tomar o trono — a certa altura, até chegou a se casar com a rainha Guinevere, de acordo com algumas fontes...

Os Pendragon eram uma família das mais complicadas que eu já vi. Aqueles programas de briga na TV, tipo *Jerry Springer*, iam *adorar* contar com a participação deles.

Nem a pau eu iria reconhecer isso na frente dos meus pais, mas a história toda do rei Arthur até que era *mesmo* meio legal. A razão por que fizeram tantos filmes e livros e poemas e musicais sobre o rei Arthur (isso sem mencionar escolas batizadas de Avalon por causa da ilha mítica para onde ele foi no fim, para morrer) é que a vida dele serve como uma boa ilustração da teoria heroica da história: de que um indivíduo (não um exército; não um deus; não um super-herói; só um Zé Mané qualquer) pode alterar permanentemente o curso dos acontecimentos mundiais.

E é por isso que, de acordo com outro livro da minha mãe, existe toda uma sociedade (não estou inventando) de pessoas que acredita que Arthur, cujo corpo foi enviado para a ilha inexistente de Avalon pela Senhora do Lago, na verdade está dormindo, e não morto, e está destinado a acordar novamente apenas quando precisarmos demais dele.

Falando sério. Esse bando de fracassados se chama a Ordem do Urso; porque Urso era o apelido do rei Arthur. Eles acham que Arthur vai acordar um dia e conduzir o mundo atual para fora da Idade das Trevas e para uma nova era de iluminação, da mesma maneira como fez há mil e quinhentos anos. A única coisa que o impede de acordar, de acordo com os membros da Ordem do Urso, são as forças da

escuridão.

Hã. Sei.

Mas tentei fazer com que o meu ceticismo relativo à existência de forças obscuras não transparecesse no resumo da nossa apresentação que escrevi para a aula do Sr. Morton.

E com toda a certeza não comentei com os meus pais que estava fazendo um projeto a respeito do rei Arthur. Porque eu sabia que, com o entusiasmo deles pela questão, iam começar a jogar materiais de pesquisa em cima de mim até que eu saísse de casa correndo, aos berros. Existem algumas coisas que, simplesmente, é melhor que os pais não saibam.

Tipo a coisa da equipe de corrida. Eu nem comentei com eles que estava preocupada em não ser aceita na equipe de corrida feminina da Avalon High School. Fiquei feliz por não ter comentado, também, quando descobri que os boatos a respeito da velocidade de algumas meninas do primeiro ano revelaram-se muito exagerados. Fui aceita com facilidade na equipe depois dos testes no dia seguinte.

Liz ficou animadíssima e fez um “toca aqui” comigo quando o técnico leu o meu nome. Mas depois, enquanto estávamos esperando Stacy, outra menina da equipe que também morava perto da gente e prometeu nos dar uma carona para voltar para casa, Liz me alertou a respeito da iniciação.

— É só uma coisa idiota em que a Cathy pensou — ela disse. Cathy aparentemente era a líder da equipe, e eu só a vira por um instante. — Elas vão à sua casa no meio da noite, bom, lá pelas dez, e vão raptar você e levá-la até o Storm Brothers e fazer você comer um sorvete Moose Tracks.

Como este parecia ser o tipo de iniciação de que eu podia gostar (sem comida de gato nem partes de animais cruas envolvidas), eu não fiquei muito preocupada.

Mas daí Liz disse que provavelmente fariam isso no sábado.

— Isso é um problema — eu disse. — Eu vou à festa na piscina de Will Wagner depois do jogo contra o Broadneck.

Liz só ficou olhando para mim.

— VOCÊ foi convidada para a festa na piscina de Will Wagner? — Ela parecia completamente atordoada. Tão atordoada que eu imediatamente comecei a me sentir incomodada com a coisa toda.

— Bom — eu respondi. — É sim. Quer dizer, ele me convidou.

— Quando? — Liz perguntou, ainda parecendo atordoada.

— Ontem — respondi. — Eu cruzei com ele quando estava correndo no parque Anne Arundel. Bom, eu estava correndo. Ele estava sentado...

— ... Naquela pedra? — Liz sacudiu a cabeça. — Ai meu Deus. É claro que eu já ouvi os boatos. Mas eu não achei que fossem verdade.

Olhei para ela.

— Que boatos?

— Você sabe — disse Liz. — De que ele é louco.

— Will? — perguntei, surpresa. — Por que as pessoas acham que ele é louco?

— Porque ele passou o verão inteiro indo até aquele parque para ficar sentado naquela pedra naquele barranco idiota — Liz respondeu. — Ele até faltou no treino de futebol americano duas vezes nesta semana para ir lá. Ouvi dizer que ele gosta de ir lá para pensar. Para pensar! Quem é que faz isso?

Naquele momento eu percebi que Liz não iria compreender nunca o negócio de ficar flutuando.

— Mas, de todo modo — ela prosseguiu —, algumas pessoas estão dizendo...

— O quê? — perguntei com mais rispidez do que pretendia.

— Bom, algumas pessoas dizem que ele vai lá para fugir do pai.

— Do pai? — fingi ignorância, porque não queria que ela soubesse que Will já tinha comentado isso comigo.

— É. Por causa do que ele fez.

Fiquei olhando para Liz, completamente confusa.

— O que foi que o pai dele fez? — Do que é que ela estava falando? O pai de Will não tinha feito nada. Nada além de forçar Will a estudar na Academia Naval. Mas ele não tinha conseguido. Por enquanto. — O que foi que o pai dele fez?

— Matou o melhor amigo — disse Liz, muito fria. — Um cara que o pai de Will conhecia desde o treinamento básico ou qualquer coisa assim. O almirante Wagner o transferiu para um posto de combate no estrangeiro há mais ou menos um ano, e o cara morreu em um acidente de helicóptero.

— Mas... — eu fiquei piscando, sem entender nada. A verdade é que eu não sabia se acreditava em Liz ou não. Ela gostava de fofocar. Muito.

Mas não me parecia ser mentirosa.

— Isso não quer dizer que o pai de Will o matou — eu disse. — Ele não fez de propósito. Obviamente, foi um acidente.

— Ah, sei — Liz desdenhou. — E suponho que tenha sido acidente, seis meses depois, o almirante Wagner ter se casado com a mulher do amigo morto.

Uau.

Parece que eu disse isso em voz alta, apesar de eu não me lembrar, porque Liz assentiu com a cabeça e continuou:

— Total. Mas, bom, agora estão dizendo que o pai de Will transferiu o amigo dele para um posto perigoso de propósito, porque estava apaixonado pela mulher do cara fazia anos e só estava esperando para se livrar do marido antes de atacar.

— Caramba — eu disse, chocada. Will não tinha comentado nada disso comigo. Não que, depois de um único jantar e umas limonadas, eu já nos considerasse almas gêmeas nem nada.

Mas... ele me contou tantas outras coisas. Tipo não querer ir para a Academia.

E a rosa. Qual era a daquela rosa?

— Então — Liz prosseguiu — dá para ver por que Will não gosta de ficar muito tempo em casa sem fazer nada. Com uma madrasta nova e um pai que tem coragem de fazer algo assim. Isso sem falar do Marco.

— Quem é Marco? — perguntei, agora totalmente confusa.

Stacy, a menina que ia nos dar carona, finalmente chegou, dando pulinhos atrás de nós como se tivesse todo o tempo do mundo. Bom, ela fazia salto em altura. Esse pessoal às vezes é assim. Com eles, o negócio não é velocidade, mas sim dar um impulso para desafiar a gravidade.

— Ai meu Deus — disse ela, depois de escutar sem querer a minha pergunta. — Ela olhou para Liz e riu. — Ela ainda não ouviu falar de Marco?

— Imagine só — disse Liz, revirando os olhos. — Bom, ela *é* nova.

— O que foi? — olhei de uma menina para a outra. — Quem é Marco?

— Marco Campbell — disse Liz. — O novo irmão postiço de Will. Filho do cara que morreu.

— O psicopata da cidade — disse Stacy. Apontou o dedo indicador para a têmpora e fez um sinal de apertar parafuso. — Totalmente desequilibrado mental.

Eu sabia que estava olhando para as duas com a boca totalmente aberta, mas não podia fazer nada.

— Marco mora com Will e o pai dele e a madrasta dele?

— Mora — disse Stacy. — Mas tenho certeza de que todo mundo gostaria de se livrar dele.

— Por quê? Qual é o problema dele?

— Stacy já disse — Liz afirmou. — Ele é completamente maluco. Foi expulso da Avalon High no ano passado, um mês antes da formatura porque, olhe só isso, tentou matar um professor.

Eu estava sentada no meio-fio do estacionamento, ao lado de Liz. Então eu me levantei e fiquei de frente para as duas meninas.

— Isso não é verdade — disse com firmeza. — Isto é parte da minha... como foi que você chamou? Ah, já sei. A minha iniciação. Vocês estão tirando uma com a cara da menina nova ou algo assim.

— Hã — disse Stacy, apertando os olhos, já que o sol do fim da tarde estava nas minhas costas. — Até parece. É verdade. Tentaram abafar a coisa toda... e não sei se encontraram provas suficientes para fazer uma acusação formal. Mas o cara foi expulso. A escola inteira comentou.

— É verdade, mesmo, Ellie — Liz disse e se levantou do meio-fio também. — Mas Marco andou dizendo que foi em legítima defesa, que o professor, seja lá quem fosse, estava tentando matá-lo, e que ele só queria se salvar. Até parece que alguém ia acreditar nisso. Ele deve estar começando a faculdade neste ano. Quer dizer, se é que conseguiu ser aceito em algum lugar. O que eu duvido muito, porque as notas dele eram péssimas. E também não era porque ele não era inteligente. Era o comportamento dele.

Não dava para acreditar que Will não tinha me contado nada disso. Quer dizer, a coisa de o pai dele querer que ele fosse para a Academia Naval, claro. Isso ele tinha mencionado. Mas que o pai dele tinha mandado o melhor amigo de propósito para uma zona de guerra, depois roubou a mulher para si quando o cara morreu? E que ele tinha um irmão postiço que tinha sido expulso da escola por tentar matar um professor?

Bom, talvez esse não seja o tipo de coisa que se conta para uma pessoa praticamente desconhecida quando se cruza com ela no mato. Mesmo que ela tenha permitido que você comesse um pouco do *pad thai* dela.

Provavelmente Will não queria falar sobre aquilo. Quer dizer, talvez esse fosse o tipo de coisa que a gente quer que os outros esqueçam.

Mesmo assim. Tudo isso com certeza servia para explicar aquela sombra que eu vi encobrir o rosto dele algumas vezes.

Os meus pais vão estar em casa. Foi o que Will tinha dito a respeito de sua festa. Que os pais dele estariam em casa. Não o pai e a madrasta. Os pais.

— O que aconteceu com a mãe dele? — perguntei a Liz, quando começamos a seguir Stacy até o Miata dela. — A verdadeira mãe de Will, quer dizer?

Liz deu de ombros.

— Ela morreu ou algo assim, acho. Há muito tempo, parece. Quer dizer, nunca ouvi falar dela, de qualquer modo.

Então, a mãe de Will já morrera. Reparei que ele também não tinha mencionado isso.

Talvez fosse por isso que ele gostava tanto de ficar sentado sozinho no mato, ouvindo música medieval. Talvez, se o seu pai matasse o melhor amigo dele, depois catasse a mulher do cara para se casar, isso insistindo o tempo todo para que você fosse para a escola militar para fazer diferença no mundo, você também achasse que precisava de muito tempo para pensar.

Naquele momento, fiquei bem feliz de ter nascido Elaine Harrison e não A. William Wagner.

— Mas por que é que estamos falando de Will Wagner? — Stacy quis saber enquanto nos apertávamos no carro dela.

— A Harrison aqui descolou um convite para a festa na piscina dele depois do jogo contra Broadneck no sábado à noite — Liz cacarejou.

— Uau — disse Stacy. — Parece que a menina nova está se virando bem. Já está andando com a turma dos populares.

— Eu não sou popular — eu disse, porque do jeito que ela tinha falado, parecia que não era algo bom. — E não é nada disso...

— É, você é sim — Liz me garantiu. — Se Will Wagner convida você para festas na casa dele, você já faz parte da turminha, sem dúvida.

— E ouvi dizer que Lance Reynolds é o seu parceiro no trabalho oral do Morton — disse Stacy.

— Até parece que eu tive escolha — respondi. — O Sr. Morton foi que nos colocou juntos.

— Olha só o que ela diz — disse Stacy, dando risadinhas. — Tão revoltada! Você não sabe quantas meninas morreriam para estar no seu lugar, Ellie? Lance Reynolds é o gostoso da hora da escola. E ele

não tem namorada...

— Você deve estar de brincadeira. Aquele cara é um tapado.

— Tapado — repetiu Stacy. — Caramba, isso é um tanto indelicado.

— É mesmo — concordou Liz. — Para alguém que vai à festa do melhor amigo dele no sábado.

— Não dá para acreditar que as pessoas acham Lance gostoso — eu disse. E não conseguia acreditar mesmo. Comparando com Will, Lance era... bom, como waffles meio congelados.

— Ah, Lance é OK — disse Liz. — É meio bobão, mas legal. Igual a um ursinho de pelúcia. O problema é que ele sofre de solteirice crônica. Ele só precisa do amor de uma boa mulher para moldá-lo de acordo com o homem que ele tem o potencial para ser.

— Acho que essa descrição se encaixa perfeitamente na Ellie, você não acha, Liz? — brincou Stacy.

— Total — declarou Liz.

Então as duas deram boas risadas com a minha expressão de choque.

Eu sabia que elas só estavam brincando. E, mesmo que não estivessem, era melhor desconfiarem que eu estava a fim de Lance do que a verdade... de que os meus olhos estavam mesmo em cima de Will. Eu tinha passado o dia inteiro torcendo para vê-lo no corredor entre as aulas. Tinha ensaiado o que eu iria dizer para ele. *Ouvi dizer que as apostas no Broadneck estão em 2 a 0. Acho que é melhor vocês jogarem a sério.*

É isso mesmo: nerd que eu sou, tinha consultado Broadneck na internet na noite anterior, depois tinha treinado a fala na frente do espelho algumas vezes, pela manhã. Então ia parecer que eu sabia alguma coisa de futebol, apesar de eu não saber nada.

Mas eu não o vi nenhuma vez. E agora percebi que não era só de futebol que eu não sabia nada. Eu também não sabia nada a respeito de A. William Wagner (o cara por quem eu aparentemente estava de quatro de tão apaixonada).

Mas de uma coisa eu sabia: eu teria em boa conta, para sempre, qualquer pessoa capaz de brincar com um monte de crianças, como Will tinha feito naquela barraquinha de limonada, ou de defender um nerd da maneira como ele tinha defendido na frente da sala do Sr. Morton; independentemente do que o pai ou o irmão postiço dele supostamente tivessem feito.

E sabia de mais uma coisa: que qualquer pessoa que morasse em uma casa tão complicada quanto a de Will precisava dar uma ou duas risadas de vez em quando. Não era de surpreender que ele gostasse de andar comigo, a rainha das piadas.

E independentemente do que Nancy possa pensar a respeito dos garotos que não vão se apaixonar por meninas que os fazem rir, eu não ia mudar nada. Porque se era isso que Will queria, era isso que eu ia lhe dar.

Mesmo que meu coração se partisse em mil pedaços por causa disso.

CAPÍTULO OITO

There she weaves by night and day
A magic web with colours gay.
She has heard a whisper say,
A curse is on her if she stay
To look down to Camelot.

(Lá ela tece noite e dia
Uma teia mágica com cores alegres.
Ela ouviu um sussurro dizer,
Uma maldição recairá sobre ela se continuar
A olhar ao longe para Camelot.)

Eu nunca fui uma menina de muita frescura. Quer dizer, nunca colecionei bichos de pelúcia nem me importei muito com roupas. Nunca fiz as unhas e meu cabelo é cortado em fio reto porque eu sou preguiçosa demais para ir ao cabeleireiro regularmente e cuidar de um corte que exige manutenção. Na maior parte dos dias, eu simplesmente faço um rabo de cavalo.

Mas, na noite do jogo e da festa de Will, eu realmente me esforcei para ficar o mais bonita possível.

Não sei por quê. Quer dizer, até parece que Will estava disponível. E, mesmo que estivesse, não tenho motivo nenhum para achar que ele poderia gostar de mim. Quer dizer, claro que eu era a menina que o fazia rir e que ficava com ele na pedra do bosque para ouvir o que ele contou a respeito dos problemas que tinha com o pai.

Mas ele não tinha me dado exatamente *todos* os detalhes a respeito do pai dele. Eu não era uma grande confidente dele nem nada assim. Eu só era uma garota engraçada que ele tinha conhecido. Era óbvio que ele gostava de mim: no dia seguinte a ele me dar a rosa (o dia em que entrei para a equipe de corrida), cheguei em casa e encontrei um e-mail dele:

CAVALIER: Oi! Espero que tudo tenha dado certo hoje e que você tenha corrido como o vento. Você entrou com certeza, não se preocupe.

Ele se lembrava. Eu só tinha comentado com ele por alto, quando ele estava me deixando em casa no dia anterior, que eu estava querendo entrar na equipe de corrida.

E ele se lembrou.

Porque é isso que os amigos fazem. Eles se lembram de coisas a respeito uns dos outros. Isso não *significava* nada, eu disse a mim mesma, bem firme. Nada além de que éramos amigos, quer dizer.

Respondi na hora, é claro. Bom, pareceu adequado compartilhar a boa notícia.

TIGERTOO: Oi! Tudo bem aí? Entrei na equipe. Valeu pelo pensamento positivo.

CAVALIER: Viu só? Eu disse a você. Parabéns. Com você na equipe, agora temos uma chance de verdade de competir em nível estadual.

O que é o tipo de coisa que um amigo diria. Porque os amigos dão apoio uns aos outros. Da mesma maneira que os amigos se cumprimentam quando se cruzam no corredor (como Will sempre fazia). E acenam quando se veem no estacionamento (idem). Essas são coisas que os amigos fazem.

E Will tem muitos amigos. Parecia que todo mundo da Avalon o adorava. Ele era imensamente popular, não só entre os colegas esportistas dele, mas também entre garotos com menos inclinações esportivas. Na sexta-feira, quando fomos todos convocados ao ginásio para uma sessão de animação geral antes do jogo contra o Broadneck, e o nome de Will foi lido e ele foi correndo até a quadra, os aplausos para ele foram estrondosos. Todo mundo na escola inteira (até mesmo os alunos que pareciam deprimidos por ter que estar ali, para começo de conversa, os skatistas e os *punk rockers*) ficou em pé para ovacioná-lo.

Will, de sua parte, ficou acanhado e então, como os aplausos não cessaram, ele teve que pegar o

microfone da mão do Sr. Morton, que era o anfitrião do evento (e fazia com que nós nos animássemos para o jogo com o grito de guerra de Avalon High, "Excalibur!", que possivelmente é o grito de guerra mais cafona de toda a história do Ensino Médio), e disse:

— Obrigado, pessoal. A gente vai lá para fazer o melhor possível, e esperamos ver todos vocês lá para torcer por nós.

Os urros provocados por essa afirmação foram muito mais altos do que qualquer um dos *Excalibur!* que o Sr. Morton tinha conseguido arrancar de nós.

E quando Will devolveu o microfone ao Sr. Morton e o olhar dele por acaso recaiu sobre mim (eu, entre todo mundo que estava nas arquibancadas) e ele me deu uma piscadinha e um sorriso, eu disse a mim mesma que não passava de uma coisa de amigo. Apesar de tanto Liz quanto Stacy, do meu lado na arquibancada, terem olhado para mim de um jeito bem cortante e terem dito:

— Por acaso ele acabou de...

— Somos só amigos — respondi apressada.

— Claro — Liz respondeu, com a mesma rapidez. — Porque, você sabe, ele e a Jennifer...

— Eles são tipo O Casal da escola — Stacy terminou a frase para ela.

— Certo — eu disse. — Will e eu somos... só amigos.

— Eu bem que queria ter um amigo gostoso desse jeito — disse Stacy. — E legal. E inteligente. E engraçado.

Liz deu um tapa no braço dela.

— E eu? Eu sou gostosa, inteligente e legal.

— É, mas eu não tenho vontade de enfiar a língua na sua boca — Stacy ressaltou.

Liz deu um suspiro e olhou para Will, que estava indo se sentar com o resto do time.

— É verdade — disse ela. — Se Will Wagner e eu fôssemos *só amigos*, eu ia me esforçar para que não continuássemos *só amigos* por muito tempo.

— Ah, sei — disse Stacy, toda sarcástica. — Boa sorte para rivalizar com *aquilo*.

Olhamos para onde ela estava apontando. Jennifer Gold estava fazendo uma série de saltos mortais para trás no ginásio, acompanhando o ritmo de "What I Like About You", que a banda estava tocando. As pernas bem bronzeadas dela brilhavam como lâminas de tesoura. Cada vez que ela voltava ao chão, o cabelo louro brilhante se ajeitava sozinho em cachos perfeitos.

— Eu odeio essa menina — disse Liz, sem nenhum rancor verdadeiro, resumindo exatamente o que eu estava sentindo naquele momento.

Mas eu sabia que esse tipo de coisa era injusto.

Jennifer não era uma pessoa ruim. Todo mundo gostava dela. Eu não tinha direito de odiá-la. Claro que Will tinha feito confidências para mim, e até tinha me dado uma rosa, e tinha me convidado para a festa dele.

Mas nós éramos *só amigos*.

Mas ficar repetindo isso para mim mesma sem parar não impediu que eu vestisse minha saia mais curta e passasse delineador e musse no cabelo na noite do jogo contra o Broadneck. Tanto que, quando o meu pai me viu, falou assim:

— Só peço que você fique longe do centro da cidade... — por causa dos grumetes.

Daí, quando eu saí correndo de casa para entrar no carro de Stacy (ela iria levar Liz e eu ao jogo), as duas meninas soltaram exclamações de admiração, e Liz perguntou se eu ia mesmo me sentar ao lado delas, porque parecia uma rainha glamourosa e tudo o mais.

Eu não liguei para a gozação delas, porque eu sabia que aquilo significava que eu tinha sido aceita. E isso fazia com que eu me sentisse muito melhor do que se simplesmente tivessem disto: "Você está bonita, Ellie."

Eu nunca tinha ido a um jogo de futebol americano. Meu irmão Geoff estava no time de beisebol da

minha antiga escola, então eu tinha ido a algumas partidas para torcer por ele... não devido ao meu sentimento fraternal, mas porque Nancy sempre teve uma queda enorme por Geoff e insistia para que a gente fosse assistir aos jogos dele.

Nancy nunca teve queda nenhuma por nenhum dos jogadores de futebol americano, então ela nunca me fez ir a nenhum desses jogos.

Eu sinceramente não posso dizer que perdi muita coisa... pelo menos se o jogo entre Avalon e Broadneck servisse de exemplo geral para esse tipo de coisa. Ah, mas foi legal ficar lá na arquibancada, sob o imenso céu estrelado, comendo pipoca.

Mas o jogo em si foi uma chatice e praticamente incompreensível. E os jogadores usavam tanta proteção que só dava para ver quem era quem pelo nome escrito atrás da camisa.

Mesmo assim, parecia que eu era a única pessoa que tinha essa opinião. Todas as outras pessoas (inclusive Stacy e Liz) estavam totalmente envolvidas no jogo, juntando-se a Jennifer Gold e às outras líderes de torcida em seus gritos de guerra e berrando com histeria toda vez que o nosso time fazia um ponto ou um “down”, não sei bem como chamava.

Liz tentou me explicar os detalhes do jogo. A posição de Will, zagueiro, era tipo o cérebro da operação. O amigo dele, Lance, era um guarda, cujo trabalho era impedir que Will fosse derrubado cada vez que pegava a bola (o que acontecia com boa frequência).

Parece que o time da Avalon High era bastante bom: tão bom que tinham participado do campeonato estadual no ano anterior. Quase todo mundo acreditava que eles se classificariam novamente neste ano, se jogassem tão bem quanto tinham jogado no ano anterior.

Mas não estavam se dando tão bem contra os Broadneck Burns como todo mundo esperava. No intervalo, estávamos catorze pontos atrás, e muita gente nas arquibancadas ficou resmungando por causa disso.

Preciso confessar que eu não me importava muito se ganhássemos ou perdêssemos. Eu não tinha passado muito tempo assistindo ao jogo. Na maior parte do tempo, eu só observava Will. Era difícil não reparar que ele ficava muito fofo com aquelas calças brancas coladinhas enquanto criava jogadas e dizia aos outros o que fazer. Existe algo de inebriante, acho, a respeito de um cara com uma posição de poder... pelo menos se o cara é tão bonito quanto Will.

Não comentei que eu estava a fim de Will nem com Liz nem Stacy, é claro. Quer dizer, para começo de conversa, eu tinha me esforçado muito para convencer as duas de que Will e eu éramos *só amigos* (o que, no caso dele, pelo menos, é verdade).

Mas eu sabia que, se confessasse para elas que no meu próprio caso eu estava interessada em algo mais do que *só amizade* com ele, elas iam olhar para mim com um olhar de pena por ser idiota a ponto de me apaixonar por um cara assim tão popular (principalmente um cara que namorava Jennifer Gold).

Além do mais, elas continuavam achando que tinha alguma coisa rolando entre mim e Lance (de jeito nenhum), se é que a maneira como elas me davam cotoveladas cada vez que o Sr. Morton (que além de ser o anfitrião da torcida, também era o responsável pelos anúncios durante o jogo) falava o nome dele pelo alto-falante serve como indicação disso.

Eu não falei para elas pararem, nem que eu não gostava de Lance, nem nada. Pareceu mais fácil deixá-las acreditar nisso do que fazer com que ficassem a par da verdade.

Bom, mas eu estava tão entediada que, no intervalo, me ofereci para pegar cachorros-quentes para todas nós e estava indo para a barraquinha de comida quando ouvi alguém chamando o meu nome.

Eu me virei sem fazer a menor ideia de quem podia estar falando comigo, já que eu mal conhecia alguém na AHS inteira. Fiquei mais do que um pouco surpresa quando vi o Sr. Morton surgir da cabine de narração, tentando me alcançar.

— Oi, Sr. Morton — eu disse, imaginando o que ele podia querer. Quer dizer, havia montes de outros alunos dele circulando por ali. Por que ele ia querer falar exatamente comigo?

— Elaine — disse ele, com uma voz toda séria. Como ele era britânico e tudo o mais, o meu nome soava ainda mais antiquado do que se ele tivesse dito com um sotaque norte-americano normal. Era mais ou menos como quando ele dizia a palavra “Excalibur” e ela ficava parecendo toda importante.

Percebi, pelo tom da voz dele, que eu estava encrencada. Por quê, eu não fazia ideia. Quer dizer, caramba, eu só estava tentando comprar uns cachorros-quentes.

— Li a sua apresentação — o Sr. Morton prosseguiu.

— Ah — eu respondi. Tomei consciência que talvez não estivesse encrencada coisa nenhuma. Eu não herdei a visão ruim do meu pai nem a mania dele de correr devagar, mas tinha herdado as excelentes habilidades de pesquisa dele, assim como o talento de minha mãe para a megaorganização. Ninguém escreve um trabalho semestral melhor e mais detalhado do que eu. Nunca tirei menos do que A em nenhum. Nunca. O Sr. Morton provavelmente queria me elogiar pelo trabalho excepcionalmente excelente que eu tinha entregado como apresentação sobre *A Senhora de Shalott*.

Só que não tinha sido por causa disso que ele me parou. Ele não estava nem um pouco satisfeito com o que eu tinha entregado. Nem um pouquinho.

— Aquele não foi — disse ele, com o mesmo tom ríspido — o tema que eu passei para vocês.

Durante um segundo, eu não consegui entender do que ele estava falando. Daí, percebi ao que ele se referia.

— Ah — respondi. — Claro! Sinto muito. Foi minha culpa, Sr. Morton. Eu já tinha lido *Beowulf* — achei que era mais seguro dizer isso do que a verdade, que é que eu odeio *Beowulf*. Nunca se sabe com os professores... às vezes eles ficam todos sensíveis com esse tipo de coisa —, então nós trocamos de tema com outra pessoa. Não é permitido? Não me lembro de ter ouvido o senhor dizer isso.

O Sr. Morton fez uma careta. Obviamente, eu o surpreendera. Porque ele não mencionou nada a respeito da proibição de trocar de tema.

Mesmo assim, não era só por isso que ele estava bravo.

— Você trabalhou pelo menos um *pouco* com o seu parceiro na apresentação? — ele quis saber.

Meu parceiro?

Então eu lembrei. Lance. É claro.

— Claro — respondi, mentindo por entre os dentes. — Ele ajudou a reunir algumas fontes de pesquisa...

— Duvido muito — disse o Sr. Morton. Ele estava completamente insultado. Dava para ver pelas sobrancelhas dele, que estavam bem baixas. Como o Sr. Morton era mais velho (já tinha passado muito da idade de aposentadoria, se quer saber a minha opinião), as sobrancelhas dele eram grisalhas, assim como a barba bem aparada.

— Eu determinei que você trabalhasse com um parceiro por uma razão, Elaine — disse ele, severo.

— Sinto muito — respondi, chocada de verdade. Professores nunca me dão bronca. Sou basicamente uma aluna-modelo. Eu me porto na escola do mesmo jeito que faço quando dirijo: tenho medo de desrespeitar as leis. Na maior parte do tempo. — Eu... hã... nós... hã, dividimos o trabalho. Eu escrevi a proposta, e ele vai fazer a leitura.

Mas o Sr. Morton não estava caindo na minha nem um pouco. Disse:

— Quando eu determino um parceiro para trabalhar com você, você tem que TRABALHAR COM O SEU PARCEIRO. Você e Lance devem se reunir. Não vou aceitar a sua proposta.

Isso fez com que eu emitisse um barulho de choque, porque nunca nenhum professor tinha rejeitado qualquer coisa que eu tivesse escrito.

Mas parece que o Sr. Morton nem reparou que eu fiquei chocada, já que prosseguiu:

— E, na segunda-feira de manhã, quero ter uma palavrinha com vocês dois. Aguardarei você e o Sr. Reynolds na minha sala, logo cedo. Pode dizer a ele quando o vir.

Fiquei atordoada. Que papo era aquele?

— Tudo bem — respondi.

Eu disse "tudo bem", mas não estava me sentindo nada bem. Estava com toda a certeza apavorada. Como é que ele sabia? Como é que ele sabia que Lance e eu não tínhamos trabalhado juntos na apresentação?

Quando voltei para o meu lugar na arquibancada, já tinha me acalmado um pouco... mas não muito.

— Cadê os cachorros-quentes? — Liz quis saber quando eu me joguei no assento ao lado dela. E foi quando percebi que tinha ficado tão perturbada com a minha conversa com o Sr. Morton que tinha me esquecido de pegar os cachorros-quentes.

— Desculpe — respondi. — Escutem só o que aconteceu. — E contei a ela o que o Sr. Morton tinha dito. — Dá para acreditar? — perguntei, quando terminei de descrever o que tinha acontecido. — Por acaso ele tem fama de ser o maior velho implicante? O Sr. Morton, quer dizer? Ou será que sou só eu?

A pergunta tinha sido retórica. Eu achava totalmente que elas iam dizer: "Ah, é, ele é o velho mais implicante que existe."

Mas não foi o que aconteceu. Stacy disse:

— Não sei. Parece que todo mundo sempre adorou o Sr. Morton.

— É — Liz completou. — Desde que começou a dar aulas na Avalon, ele foi eleito o melhor professor praticamente todos os anos. E todo mundo adora a maneira como ele diz "Excalibur".

— É mesmo? — achei tudo isso extremamente difícil de acreditar.

— Não sei por que você está tão brava — Stacy observou. — Ele praticamente está mandando você passar mais tempo com o seu gostosão. Cadê a tragédia nisso?

Liz, rindo, concordou:

— Sério — disse ela. — Eu pagaria para passar mais tempo com Lance Reynolds.

Larguei o corpo no assento. Não adiantaria nada dizer a elas que minha falta de entusiasmo relativa a ter Lance como parceiro de trabalho advinha do fato de eu estar completamente apaixonada pelo melhor amigo dele.

Então eu simplesmente fechei a boca e não falei mais nada até o fim do jogo...

Até que, em algum momento do quarto período, quando os dois times estavam empatados em vinte e um, uma coisa estranha aconteceu. Pelo menos eu achei estranho. Como eu nunca tinha estado em um jogo de futebol americano antes, pode ser que aquilo acontecesse o tempo todo. Vai saber.

Mas eu vi exatamente como aconteceu, porque envolveu Will, então eu estava prestando muita atenção. Will tinha gritado alguns números e alguém passara a bola para ele. Ele tinha corrido com ela por alguns metros, à procura de alguém para quem lançar.

Daí aconteceu uma coisa que ainda não tinha acontecido no jogo todo: Lance não estava lá para impedir que Will fosse derrubado. Por isso, um integrante do outro time acertou Will com toda a força.

Ao ver a cena, engoli em seco e me levantei, então olhei ao redor com tom acusatório, à procura de Lance. Ele veio correndo do lugar onde Jennifer Gold estava parada, na lateral do campo.

Jennifer Gold? Por que Lance tinha que ficar lá conversando com Jennifer Gold enquanto Will levava uma porrada daquelas?

Eu não fui a única que ficou chocada. O técnico do Avalon deu um tapão na parte de trás do capacete de Lance quando ele foi correndo para o lado de Will. Ouviram-se muitos apitos, e o cara que tinha atacado Will saiu de cima dele. Lance se ajoelhou ao lado de Will, todo encolhido no chão (ai meu Deus! Ele não pode estar morto!), arrancou o próprio capacete e então se inclinou para puxar a parte da frente da camisa do amigo, chamando o nome dele.

Fiquei observando com o coração na garganta, sem perceber que estava sem respirar até um segundo depois, quando Will começou a se erguer de modo lento e dolorido.

Daí, soltei a respiração com ruído e, com os joelhos moles demais para continuar em pé, sentei...

E vi Stacy e Liz olhando para mim com as sobrancelhas erguidas.

Senti que meu rosto ficou todo vermelho e torci para que elas não reparassem, já que estava escuro.

— Eu não fazia ideia de que futebol era tão emocionante — eu disse, bem ridícula.

Um segundo depois, quando Will pareceu aceitar as desculpas de Lance com uma risada bem-humorada, o jogo recomeçou.

Só que, desta vez, ninguém nem chegou perto de atacar Will. E o cara do outro time que o tinha derrubado? Bom, na primeira chance que teve, Lance o atacou com tanta força que o jogo precisou ser paralisado mais uma vez, e o cara teve que sair do campo de maca.

Uma coisa era certa: ninguém iria ferir A. William Wagner e sair impune se o melhor amigo dele, Lance, pudesse dar sua palavra.

Avalon venceu por sete pontos. A torcida enlouqueceu.

E, então, tinha chegado a hora da festa de Will.

CAPÍTULO NOVE

She knows not what the curse may be,
And so she weaveth steadily,
And little other care hath she,
The Lady of Shalott.

(Ela não sabe o que a maldição pode ser,
E assim ela tece continuamente,
E poucas outras preocupações ela tem,
A Senhora de Shalott.)

Fiz Stacy e Liz irem comigo. Não ia ter como eu ir a uma festa sozinha, sem conhecer ninguém além do dono da festa, que com toda a certeza estaria ocupado demais para conversar comigo.

Além do mais, eu tinha perguntado a Will, no outro dia em que trocamos e-mails, se tudo bem eu levar algumas amigas, e ele tinha dito que tudo bem.

Stacy tinha feito pouco caso do convite, mas Liz ficou toda animada com a ideia de ir. Ela me confessou que nunca tinha ido a uma festa na casa de alguém que era popular (muito menos do presidente do último ano) e estava louca para ver como era.

Logo descobriu. E basta uma palavra para descrever: lotada. Will morava em uma das casas mais bacanas perto da ponte Svern (em uma colina com vista para a baía, aliás) e tivemos que estacionar embaixo da ladeira, porque já tinha tanto carro na frente da casa que era impossível se aproximar da entrada.

— Cara... — foi o que Liz começou a dizer quando finalmente conseguimos subir a ladeira e entrar na casa dos Wagner. Porque a casa de Will era legal de verdade, toda com chão de mármore e espelhos gigantescos com molduras douradas. Não dava para não ficar imaginando como o pai dele podia ter dinheiro para tudo aquilo com o salário da Marinha dele.

Parece que Liz pensou a mesma coisa, já que cochichou para Stacy e eu:

— Dinheiro de família — com voz de quem sabe tudo.

Vi o almirante Wagner quase assim que entramos pela porta. Ele estava parado na sala, cumprimentando as pessoas que iam chegando, com uma bebida em uma mão e uma loura bonita na outra. Aquela, concluí, era a viúva do amigo morto, e a nova madrasta de Will.

— O jogo foi ótimo, não é mesmo? — o pai de Will dizia para quem quisesse ouvir. — Sirvam-se de bebidas. O jogo foi ótimo, vocês não acharam?

O pai de Will certamente não se parecia com um ogro que faria com que o melhor amigo fosse morto para se casar com a viúva dele e, ah sim, e que obrigaria o filho a seguir uma carreira que não queria. Ele era alto, como Will, com cabelo grisalho. Não estava usando o uniforme nem nada, apesar de os vincos da calça cáqui dele parecerem um tanto acentuados para roupas à paisana. Mas isso pode ser só porque não estou acostumada a ver um homem vestindo calças passadas. O meu pai nunca usou nenhuma roupa passada na vida.

Fui direto até ele e me apresentei, e a Liz e a Stacy, porque me pareceu a coisa mais educada a fazer. Reconheço que estava curiosa em ver como era o almirante Wagner, depois de tudo que tinha ouvido falar sobre ele.

Mas ele foi absolutamente encantador, apertou a minha mão com energia, parecendo feliz da vida pelo

fato de o filho ter tantos amigos. Ele falou assim:

— Prazer em conhecê-las, garotas. Sirvam-se de uma bebida. Tem refrigerante ao lado da piscina — com uma voz trovejante e alegre.

Examinei a nova mulher do almirante de perto, para tentar avaliar o quanto ela estava envolvida no que Will descreveu como "as coisas andam esquisitas ultimamente".

Mas ela não parecia má nem nada. Era muito bonita, mignon e loura... mais ou menos como Jennifer Gold, aliás.

Mas ela também parecia meio triste. Talvez como se estivesse com saudade do marido morto ou algo assim.

Ou talvez ela simplesmente não estivesse com vontade de estar em uma festa boba de escola. Era difícil saber.

Stacy e Liz e eu fizemos o que o almirante tinha dito e fomos na direção da piscina. Tivemos um certo problema para encontrar a casa, de modo que Will e Lance e o restante dos companheiros de equipe deles (isso sem falar da equipe de líderes de torcida da Avalon High) já estavam lá, trocando cumprimentos e pulando dentro da piscina aquecida sob o brilho de cerca de um milhão de lanternas de papel.

Stacy, Liz e eu pegamos refrigerantes e então ficamos paradas ao lado do guacamole (que é onde as meninas altas sempre acabam ficando nas festas) observando todo mundo. Ninguém deu a menor atenção para nós. Ninguém, quer dizer, tirando a *border collie* que se aproximou e enfiou o focinho na minha mão.

— Oi para você — eu disse à cadela. Ela era linda, com o pelo branco e comprido com apenas alguns pedaços pretos. Ela também era bem-comportada. Não pulava e só me lambeu uma vez.

Eu logo percebi que só podia ser a cadela de Will, Cavalier. Descobri que estava certa quando Will conseguiu se desvencilhar da multidão que o adorava e veio apressado na minha direção, dizendo:

— Você veio!

Enquanto Liz e Stacy olhavam para trás para tentar descobrir com quem Will estava falando, senti meu rosto começar a corar.

Porque eu sabia que ele estava falando comigo.

— Vim — respondi quando ele parou na minha frente. Ele tinha colocado calção de banho e uma camisa havaiana aberta até a cintura. Era difícil não olhar para a barriga de tanquinho dele. Tentei ignorá-las quando disse: — Obrigada pelo convite. Estas são as minhas amigas, Stacy e Liz.

Enquanto as duas meninas ficavam olhando para a cena totalmente estupefatas, Will as cumprimentou. Daí, disse para mim:

— Estou vendo que a Cavalier achou você. Acho que ela gostou de você.

Era verdade. A cadela estava encostada em mim enquanto eu acariciava suas orelhas macias. Pelo menos até Will se aproximar. Daí, toda a atenção dela se voltou para ele.

— Ela é bem-educada — eu disse, acanhada, porque foi a única coisa que eu consegui pensar em dizer. Tirando *Eu te amo! Eu te amo!*

O que não seria, sabe como é, socialmente aceitável.

Will apenas sorriu, então perguntou se íamos nadar.

— Não trouxemos maiô — Liz mentiu, dando uma olhadela para Jennifer Gold, que andava para lá e para cá, perfeitamente angelical com um tanquíni branco como a neve.

— Ah, temos vários de reserva — disse Will. — Ali na casa da piscina. Podem se servir.

Stacy e Liz só ficaram olhando para ele, com chips cobertos de guacamole esquecidos nas mãos. Havia mais ou menos a mesma chance de nós três desfilarmos com roupa de banho na frente da equipe de líderes de torcida do que a de um meteorito gigante cair do céu para incinerá-las.

Não que eu estivesse torcendo para que isso acontecesse. Muito.

— Divirtam-se — Will disse para mim, com um sorriso, completamente alheio ao nosso desconforto,

como qualquer menino estaria. — Preciso ir, sabem como é. Tenho que receber as pessoas.

— Claro — eu disse e fiquei olhando quando ele (com Cavalier seguindo-o de perto) foi falar com um menino alto e bonito que eu nunca tinha visto. De cabelo escuro, como Will, ele parecia levemente conhecido. Mas eu sabia que ele não estudava na Avalon. Liz ficou bem contente de esclarecer o mistério a respeito da identidade dele.

— Aquele é o Marco — disse ela com a boca cheia de guacamole. — O irmão postiço de Will.

Fiquei olhando. Marco conversava de um jeito simpático com Will e alguns outros integrantes do time. Ele não parecia muito preocupado com a maneira como as coisas tinham acontecido (sabe como é, por morar com o homem que tinha enviado o pai dele para morrer e que depois tinha casado com a mãe dele. Quer dizer, esse tipo de coisa pode acabar com qualquer pessoa).

Ele também não parecia ser o monstro que eu fui levada a acreditar que ele era. Com certeza não parecia alguém que poderia tentar matar um professor. Era verdade que ele usava uma argola em cada orelha. E tinha uma daquelas tatuagens tribais em volta de um dos bíceps.

Mas isso é bem normal, sabe como é, hoje em dia.

Fiquei olhando enquanto Marco circulava ao redor da piscina, cumprimentando todo mundo da maneira que um político faz, com um aperto de mão e um tapinha nas costas se fosse um homem, um beijo na bochecha se fosse uma mulher. Fiquei imaginando como eu me sentiria vivendo sob o mesmo teto que o homem responsável (ainda que de maneira indireta) pela morte do meu pai.

As coisas em Annapolis eram muito mais interessantes do que eu achei que seriam quando os meus pais anunciaram que era para lá que nos mudaríamos por um ano.

Não demorou muito até Liz perceber que não estava perdendo muita coisa por nunca ter sido convidada para as festas do pessoal popular. Stacy também logo ficou entediada. Quando finalmente avisaram que queriam ir embora (tínhamos conseguido acabar com o guacamole todo e parecia que não iam servir mais), eu assenti com a cabeça porque, àquela altura, eu também já queria ir embora. Eu tinha visto o que queria ver (o pai de Will que, ao contrário do que eu tinha sido levada a acreditar, parecia bem legal; a madrasta dele, que parecia um amor; e a maneira como Will interagia com Jennifer, que era exatamente a maneira como se espera que um casal de namorados interaja... sem muito grude nem nada, mas eles passavam bastante tempo de mãos dadas e eu o vi se inclinar para beijá-la uma vez).

Será que a visão causou pontadas de inveja no meu coração? Causou. Será que eu achei que poderia ser uma namorada melhor para ele do que ela? Basicamente, achei.

Mas o negócio é que eu queria que ele fosse feliz. Parece estranho, mas eu queria mesmo. E se Jennifer o fazia feliz, então que fosse.

Exceto...

E aquela rosa? Aquela que estava totalmente aberta agora na minha mesinha de cabeceira, onde era a primeira coisa que eu via todo dia quando acordava, e a última coisa que eu via toda noite antes de apagar a luz?

Foi só quando já estávamos de saída que eu me lembrei de que precisava avisar Lance a respeito da nossa reunião com o Sr. Morton na segunda-feira de manhã. Disse a Liz e Stacy que as encontraria no carro e voltei para achar Lance.

Mas ele não estava perto da piscina, como da última vez que eu o vira. E também não estava em lugar nenhum do piso térreo da casa. Finalmente, alguém que estava na fila do banheiro do segundo andar disse que tinha visto quando ele entrou no quarto de hóspedes. Agradeci, fui até a porta e bati.

Mas a música que vinha lá de baixo estava alta demais para poder ouvir se Lance tinha me dito para entrar. Bati mais forte. Ainda nada.

Como achei que eu não estava ouvindo por causa da música, ele provavelmente também não conseguia ouvir as minhas batidas, então eu abri a porta (só uma fresta) para ver se Lance estava ali dentro mesmo.

Estava sim.

Agarrando Jennifer em cima da cama. Jennifer, a namorada do melhor amigo dele.

Estavam tão agarrados um no outro que nem repararam quando a porta se abriu. Fechei rapidinho, então corri para me apoiar na parede à frente da porta com o coração parecendo que ia pular para fora do peito.

Mas, antes mesmo que eu tivesse tempo de registrar o que tinha visto (muito menos imaginar o que eu tinha visto), vi uma coisa ainda mais apavorante.

E foi Will subindo a escada e se dirigindo exatamente para a porta que eu acabara de fechar.

CAPÍTULO DEZ

As often thro' the purple night,
Below the starry clusters bright,
Some bearded meteor, trailing light,
Moves over still Shalott.

(Como sempre acontece na noite púrpura,
Sob os aglomerados de estrelas brilhantes.
Algum meteoro barbado, com um rastro de luz,
Movimenta-se acima da pacata Shalott.)

— Ah, oi, Elle — disse Will ao me ver.

Um sinal de como eu realmente estava apavorada foi o fato de o meu coração não se abalar nem um pouco quando ele me chamou de Elle.

— Oi — eu respondi bem baixinho.

— Você viu Jen? — Will quis saber. — Alguém me disse que ela tinha subido para cá.

— Jen? — repeti. O meu olhar, apesar de eu ter tentado evitar, desviou-se para a porta fechada do quarto de hóspedes. — Hã...

O que eu devia dizer? Quer dizer, falando sério? Será que eu devia falar assim: "Claro, vi sim, ela está aí dentro", e deixar que ele atravessasse aquela porta para encontrar Jennifer e Lance lá dentro, mandando ver?

Ou será que eu devia mentir e falar assim: "Jen? Não. Não vi, não", e permitir que ele continuasse a viver ignorando completamente o fato de que a namorada e o melhor amigo formavam uma dupla de canalhas mentirosos?

Quem seria capaz de tomar uma decisão dessas? Por que tive que ser *eu* a presenciar aquela cena? Quer dizer, eu queria que Will terminasse com Jennifer e ficasse livre para ficar comigo (sabe como é, se o inferno por acaso congelasse, ou algo assim, e ele me convidasse para sair).

Mas eu não queria ser a pessoa, ainda que de forma muito indireta, que ia causar o fim do namoro ao revelar a verdadeira natureza da namorada para ele! Porque, sempre que esse tipo de coisa acontece nos seriados de TV, a pessoa que fez isso nunca termina com o cara...

Mas, antes que eu pudesse resolver o que fazer, Will olhou com mais atenção para mim e falou:

— Tudo bem com você, Elle? Você está meio... pálida.

Eu me *sentia* pálida. Na verdade, parecia que eu ia vomitar todo o guacamole que tinha engolido antes.

— Está tudo bem — eu disse, apesar de aquilo parecer mentira até mesmo para os meus próprios ouvidos.

— Você *não* está bem — disse Will com firmeza. — Vamos. Está na hora de tomar um pouco de ar.

Daí uma coisa espetacular aconteceu. Ele pegou a minha mão (agarrou-a como se fosse a coisa mais natural do mundo) e me conduziu por uma porta na qual eu ainda não tinha reparado. Daí ele me puxou por uma escadinha estreita e íngreme que se abria para uma espécie de deque que acompanhava todo o telhado da casa.

Apesar da festa lá embaixo, que estava a toda, no dequezinho estreito estava a maior calmaria. O lugar era silencioso e escuro, com uma vista fantástica para as estrelas do céu e a baía que se estendia embaixo de nós, a lua refletida como uma fita de luz que a atravessava. Uma brisa fresca tirou o cabelo do meu

rosto e, imediatamente, comecei a me sentir um pouco melhor.

Recostei-me na grade enfeitada que acompanhava a extensão do deque e olhei para a baía, para a ponte que arqueava por cima dela e para o brilho ocasional dos faróis de algum carro quando alguém passava por ali.

— Melhorou? — Will perguntou.

Assenti com a cabeça, sentindo-me um pouco envergonhada e tentando fazer com que ele não olhasse para mim com tanta atenção assim (acho que eu ainda estava um tanto sem cor), perguntei, toda animada:

— Então, que coisa *é* esta aqui? — falei, referindo-me ao parapeito estreito em que Will e eu estávamos.

— Você não é mesmo daqui, certo? — Will perguntou, com um sorriso. Então ele se juntou a mim perto do parapeito e disse: — Chamam isto de passeio da viúva. Todas as casas antigas por aqui têm um. As pessoas gostam de dizer que foram feitos para as mulheres dos marinheiros poderem sair para ver se o navio do marido estava voltando.

— Legal — eu disse em um tom bem sarcástico. Porque, é claro, se o navio não voltasse, significava que tinha afundado e que a mulher passava a ser viúva, transformando o belo posto de observação dela em um passeio da viúva.

— Bom — disse Will, com uma risada. — É. Mas não era exatamente para isso que serviam. Foram construídos para que as pessoas pudessem subir aqui para apagar as chamas se o telhado pegasse fogo, quando tinham que usar as lareiras para se aquecer e cozinhar e tudo o mais.

— Que legal! — eu disse de novo, dessa vez com mais sarcasmo ainda.

Will sorriu.

— É, acho que deviam mudar o nome. — Ele deu de ombros. — A vista continua sendo a mesma, independentemente do nome.

Eu assenti, admirando a listra faiscante de luz que a lua lançava sobre a água.

— É bonito — eu disse. — Tem efeito calmante. — Efeito calmante o suficiente para fazer uma menina se esquecer de por que tinha ido até ali para começo de conversa. Aliás, o que eu devia fazer a respeito de Lance e Jennifer?

— É — disse Will, totalmente alheio ao meu turbilhão interno. — Eu nunca me canso disso. É a única coisa que parece continuar sempre igual. A água, quer dizer. A cor muda. Às vezes fica lisa. Outras vezes, agitada. Mas está sempre lá. A gente sempre pode confiar nela.

Diferentemente da namorada e do melhor amigo dele.

Mas eu não disse isso em voz alta, é claro.

Não pude deixar de imaginar se a nova Sra. Wagner ia muito ali, talvez com a xícara de café da manhã dela. Será que a ironia do passeio da viúva desta casa tinha ocorrido a Will? Sabe como é, por ela ser viúva e tudo o mais?

— Você tem saudade dela? — perguntei a Will de repente. De repente demais, percebi, quando ele olhou para mim sem fazer a mínima ideia do que eu estava falando.

— De quem? — ele perguntou.

— Da sua mãe, quer dizer — eu disse. — Da sua mãe, a de verdade. — Achei que não havia motivo para fingir que eu não sabia a história do que tinha acontecido com o pai dele.

— Da minha mãe? — ele apertou os olhos na direção da água. — Não, nem um pouco. Eu nem a conheci. Ela morreu quando eu nasci.

— Ah — eu disse, porque não sabia mais o que dizer.

— Tudo bem — disse Will com um sorriso, acho que captando a tristeza que eu senti por ele e querendo me deixar à vontade. — Não dá para sentir saudade de alguém que a gente nunca teve.

— Acho que não — eu disse. — Você gosta... — fiz uma pausa, sem muita certeza de como me referir à madrasta dele — ... da mãe de Marco? — foi o que eu me decidi por dizer.

— Jean? — Will assentiu com a cabeça. — Gosto sim. Gosto muito dela.
— Bom — eu disse. — Isso é bom. E de Marco?
— Gosto — Will respondeu. O sorriso dele se abriu ainda mais. — Como é que você sabe sobre Marco e Jean? Você andou por aí tirando informações sobre mim ou algo assim?
— Quem sabe — eu respondi, já sentindo meu rosto corar e torcendo para que ele não notasse naquela escuridão relativa.
Se notou, ele não deixou transparecer.
— Marco é legal — disse Will dando de ombros. — Ele... — ele fez uma pausa, parecia que estava tentando encontrar a melhor maneira de dizer o que veio a seguir. — Quando era pequeno, ele não tinha muita coisa. Ele se meteu em confusão. Mas acho que está começando a se acalmar um pouco.
— Ele e o seu pai se dão bem? — perguntei como quem não quer nada, mas estava morrendo de curiosidade. Será que eu me daria bem com o homem que mandou o meu pai para a morte e depois se casou com a minha mãe? Eu estava pensando que provavelmente não.
Will parecia pensativo. Não triste nem nada. Só como se estivesse pensando profundamente no que eu tinha perguntado.
— Sabe, acho que se dão bem sim — ele terminou por dizer. — Mas para Marco é diferente. Quer dizer, ele não é parente do meu pai. Então não existe a mesma... pressão entre ele e Marco como existe entre ele e mim.
— Então acho que era disso que você estava falando quando disse que as coisas estavam esquisitas — eu disse. — Sobre Marco e o seu pai e a sua madrasta e... o que aconteceu com eles e tudo o mais?
Acho que eu estava sendo otimista. Sabe como é, que a coisa com os pais de Will fosse realmente o que o estava incomodando, então... bom, a coisa com a namorada dele. Quer dizer, será que Will desconfiava? Sobre Lance e Jennifer? Tinha que desconfiar. O que tinha sido aquilo no jogo desta noite, quando Lance não estava lá para ajudá-lo porque estava na lateral do campo falando com Jen... e agora os dois tinham sumido juntos.
Ele tinha que estar se referindo a isso quando disse que as coisas andavam esquisitas ultimamente. Tinha que ser essa a explicação para a sombra escura que eu às vezes via cair sobre o rosto dele. Não tinha? Quer dizer... não tinha?
— Acho que isso é parte do problema — ele disse, olhando longe, para a água. — Mas não explica tudo. Não explica... — Ele afastou o olhar da baía e, em vez disso, olhou para mim.
E eu entendi, simplesmente entendi, o que viria a seguir. Até fechei os olhos para me preparar para o golpe.
Ele vai me perguntar, pensei. *Ele vai me perguntar sobre Lance e Jennifer. O que devo fazer? Não posso ser eu a contar para ele. Simplesmente não posso. Eles é que têm de contar. Lance e Jennifer! A culpa é deles, não minha. Eles é que deviam dar a notícia. Não é justo que seja eu!*
Mas então, para a minha surpresa completa, o que Will terminou por dizer em vez disso foi:
— Isso não explica o que está acontecendo entre eu e você.
Se aquele meteorito que eu estava imaginando antes de repente tivesse caído do céu e destruído toda a equipe de líderes de torcida da Avalon High, duvido que eu tivesse ficado tão surpresa quanto fiquei com o que Will me perguntou. Fiquei tão atordoada, aliás, que me faltaram as palavras, e meus olhos se arregalaram e eu só conseguia olhar para ele, com aquelas palavras se repetindo lentamente dentro da minha cabeça, uma vez atrás da outra... *Eu e você. Eu e você. Eu e você.*
Só que... não existia nenhum *eu e você*. Para mim, talvez. Mas não para Will.
Será que existia?
Mas antes mesmo que eu pudesse começar a formular uma resposta à afirmação extraordinária dele, ele afastou o olhar do meu, voltou-o para a água mais uma vez, e perguntou:
— Você às vezes fica com a sensação de que não pode ser só isso?

O meu cérebro rodava de um lado para o outro, tentando compreender o que estava acontecendo. Acho que aquilo tudo era um pouco demais para mim, tanto que eu só acabei dizendo:

— Hã... o quê? — porque foi a única coisa que me ocorreu.

— Sabe — disse Will, com um tom de urgência em sua voz profunda e me olhou no olho de novo. — Você às vezes não fica imaginando que há... algo mais? Que a gente devia estar fazendo?

— Hã. — Certo. *Certo. Parece que isto vai levar a algum lugar, e espero que seja ao que ele disse antes, a respeito de* eu e você. *Enquanto isso não acontece, vou tratar de alegrá-lo.* — Claro. Não é assim que a gente deve se sentir? Se não, nunca iríamos sair de casa. Simplesmente iríamos morar com os pais até morrer.

Ele riu um pouco com isso. Adorei o som da risada dele. Quase me fez esquecer... bom, do que eu tinha visto antes.

— Não foi exatamente isso que eu quis dizer — ele explicou. — Você às vezes não pensa — os olhos azuis dele brilhavam muito sob o luar — que esta não é a primeira vez que você está vivendo? Tipo, que talvez você já tenha feito tudo isto, só que na pele de outra pessoa, antes?

— Hã — eu olhei bem no rosto dele, imaginando o que ele faria se eu esticasse a mão e o puxasse para perto de mim e desse um beijo nele. — Não exatamente.

— Nunca? — Ele passou a mão pelo cabelo escuro e cheio, um gesto que, eu começava a perceber, era hábito dele quando se sentia decepcionado. — Você nunca teve a sensação de que já esteve em um lugar antes... um lugar onde você sabe que nunca esteve? Ou leu alguma coisa que nunca tinha visto antes daquele momento, mas que mesmo assim parece conhecido? Ouviu alguma música que pode jurar já ter ouvido no passado, mas que sabe que não tem como?

— Bom — eu disse. Seria errado beijá-lo. Ele podia se apavorar. Os caras não gostam quando as meninas dão o primeiro passo. Pelo menos, de acordo com Nancy. Mas como ela pode saber? Até parece que ela já teve namorado. — Claro. Mas isso tem nome. Chama-se *déjà vu*. É totalmente comum...

— Não estou falando de *déjà vu* — ele interrompeu. — Estou falando de saber que você já conhece alguém, como parece que eu já conheço você, apesar de não ter como a gente já ter se encontrado antes. Esse tipo de coisa. Você não sente? Que existe... que existe... alguma coisa entre nós?

Ah, eu sentia que existia alguma coisa entre nós, sim. Só que não era, eu tinha bastante certeza, o que Will sentia. Quer dizer, eu não achava que parecia que a gente já se conhecia. Porque, se a gente se conhecesse, eu iria me lembrar *com certeza*.

Mas tinha *sim* uma coisa... os meus sentimentos por ele, e a força deles. A maneira como eu queria que ele fosse meu, mas ao mesmo tempo eu também queria protegê-lo da mágoa que ele com certeza sentiria quando descobrisse (e ele *iria* descobrir) sobre Lance e Jennifer. Esse tipo de sentimento não deriva apenas de um cara ser legal com você e comprar um copo de limonada para você e ainda dar uma rosa de presente.

Era muito, muito mais do que isso.

Será que tinha algum fundo de verdade naquilo que Will dizia? Será que já tínhamos nos conhecido antes? Se não nesta vida, então... em outra?

Mas antes que eu fosse capaz de admitir que sabia do que ele estava falando, Will largou o corpo um pouco em cima da grade do passeio da viúva e sacudiu a cabeça.

— Olhe só o que eu estou dizendo. Talvez Lance e Jen estejam certos — ele disse, com uma voz que tirava sarro dele mesmo — e eu esteja mesmo enlouquecendo.

Só de ouvir dizer que Lance e Jennifer tinham dito algo assim me fez pular para assumir a posição oposta. Talvez Lance se importasse com o que acontecia com Will (apesar do fato de ele estar envolvido em um caso de amor ilícito com a namorada dele, pelas costas dele), quer dizer, ele meio que já tinha provado quando fez aquele cara que tinha atacado Will sair de campo. Isso mostrava que ele pelo menos se sentia um pouco mal com o que estava acontecendo.

Mas eu não tinha visto nenhum sinal de arrependimento parecido da parte de Jennifer. Aliás, era bem o oposto, levando em conta a maneira como ela veio me pedir explicações na frente do meu armário sobre Will ter jantado na minha casa. Estava claro que ela só ficou me interrogando para ver se Will suspeitava de alguma coisa entre ela e Lance.

— Você não está enlouquecendo — eu disse com muita ênfase. — As coisas... as coisas também andam esquisitas para mim ultimamente. Mas eu só pensei... quer dizer, só fiquei achando que era uma parte normal de ser adolescente ou qualquer coisa assim.

— Não sei. — Will parecia relutante. — Achei que os adolescentes deviam pensar que sabem tudo. E nunca tive tanta certeza na vida de que não sei absolutamente nada.

— Ah — eu disse. — Bom, isso provavelmente é só um sintoma do enorme tumor cerebral que está crescendo dentro da sua cabeça, só que ninguém avisou para você ainda.

Daí eu quis dar chutes em mim mesma. *Qual é o meu problema? Por que eu preciso ficar fazendo piada sempre que as coisas estão com cara de que vão ficar sérias? Nancy tem razão. Deste jeito, nunca vou arrumar namorado.*

Mas Will em vez de dizer (como provavelmente deveria ter dito) “Você é que está dizendo, sua aberração”, só ficou olhando para mim durante um minuto. Então jogou a cabeça para trás e riu.

E riu mais um pouco.

E, sinceramente, que outra escolha eu tinha além de rir junto com ele? Pelo menos até que uma brisa repentina mandou uma mecha do meu cabelo cheio de musse direto para cima dos meus olhos. Daí, para a minha surpresa, antes que eu tivesse a oportunidade de colocar para o lado, Will esticou a mão e usou os dedos para colocar o cabelo no lugar.

E eu fiquei paralisada. Porque ele estava encostando em mim. Ele estava encostando em mim. *Ele estava encostando em mim.*

— Você é legal, Ellie Harrison — ele disse baixinho, com o olhar preso ao meu, a voz trêmula. — E, sabe, mesmo que eu não tivesse certeza de que conheço você de alguma vida passada, quando gostei de você, mesmo assim eu iria gostar de voc*ê*.

Não dá para saber o que poderia ter acontecido na sequência. Não que eu imaginasse que ele fosse me tomar nos braços e me beijar, da maneira como eu tinha visto Lance beijar Jennifer no quarto de hóspedes embaixo de nós.

Mas vai saber. Quem sabe poderia ter acontecido...

Se não fosse por duas coisas.

CAPÍTULO ONZE

But in her web she still delights
To weave the mirror's magic sights,
For often thro' the silent nights
A funeral, with plumes and lights
And music, went to Camelot:

(Mas ela ainda regozija em sua teia
Tecendo as visões mágicas do espelho,
Porque com frequência em noites silenciosas
Um enterro, com plumas e luzes,
E música, ia até Camelot:)

A primeira coisa que aconteceu foi que uma nuvem deslizou para a frente da lua e bloqueou a única iluminação que tínhamos para enxergar.

A segunda foi que a porta do passeio da viúva de repente se abriu de supetão e Cavalier entrou à toda e veio na nossa direção, seguida de perto por alguém da espécie humana. Eu não saberia quem era se não fosse pela luz da escada que o iluminava por trás, da porta aberta.

— Ah, você está aqui — disse Marco ao ver Will. Não há como ele ter deixado passar a maneira abrupta com que Will tirou a mão do meu cabelo e começou a acariciar a cachorra. — Estava procurando você em todo lugar. Se não fosse por essa cadela idiota, eu nunca teria encontrado. Você não escutou os latidos dela?

Will fez um último carinho em Cavalier e então endireitou o corpo.

— Não — respondeu. A voz, que estivera trêmula de emoção alguns segundos antes, agora parecia totalmente normal. Era impossível saber se ele, assim como eu, estava chateado com a intromissão do irmão postiço. — Por quê? O que aconteceu?

— Preciso encontrar Jen — Marco disse. — O carro dela está bloqueando a entrada da garagem de um dos vizinhos.

Will sacudiu a cabeça como alguém que tinha acabado de emergir de um mergulho muito profundo. Tentei não pensar no que aquilo significava tendo em vista... bom, eu.

— O quê? — Will ficou olhando como quem não está entendendo nada. — Jen?

— É — Marco olhou para mim. Não com um ar acusatório. Só especulativo, como se estivesse se perguntando quem eu era e o que eu tinha feito para o irmão postiço dele agir de uma maneira tão abobada de repente.

Eu poderia ter dito a ele em duas palavras. Ninguém e nada.

Ou será que são três palavras?

— Achei que Jen estaria com você — Marco disse. *Agora* estava assumindo um tom acusatório.

— Não vejo a Jen desde que ela subiu para passar batom, há meia hora — Will disse. Mas não de um jeito como se estivesse incomodado.

— Bom, ela precisa tirar o carro dela — disse Marco. — A Sra. Hewlitt não pode sair de casa e está ameaçando chamar a polícia.

Will disse alguma coisa por entre os dentes que parecia um palavrão. Daí, para mim, disse:

— Desculpe, Elle. Preciso ir procurá-la.

— Tudo bem — respondi apressada, torcendo para que a minha decepção por causa da interrupção

não transparecesse. Afinal de contas, ele tinha me chamado de Elle de novo. — De todo modo, preciso ir embora. Liz e Stacy devem estar se perguntando onde eu me meti.

Por um segundo, pareceu que Will não sabia do que eu estava falando. Então ele assentiu com a cabeça e disse:

— Ah, claro. Bom, vamos lá. Eu acompanho você até a porta.

Ele saiu pela porta e desceu a escada, com Cavalier em seu encalço. Fui atrás, e Marco me seguiu de perto. Enquanto descíamos para o primeiro andar, Marco perguntou:

— Você não vai me apresentar para a sua amiga? — em uma voz de que eu não gostei muito... apesar de não saber por quê.

— Ah, desculpe — disse Will. — Elaine Harrison, este é o meu irmão postiço, Marco Campbell. Marco, esta aqui é a Ellie.

— Oi — eu disse a Marco, por cima do ombro, quando chegamos ao corredor.

Marco sorriu (um daqueles sorrisos que eu já vi descritos como sorriso de lobo em livros).

— Prazer em conhecê-la, Elaine — ele disse. Então, para Will, falou assim: — Acho que alguém viu a Jen entrar ali. — Fez um sinal com a cabeça na direção da porta atrás da qual eu tinha visto Jennifer e Lance se agarrando.

— Ah, ótimo — disse Will.

E começou a colocar a mão na maçaneta...

— Não, espere! — eu gritei, antes de me dar conta do que estava dizendo.

Will olhou para mim sem entender nada. Aliás, a cachorra fez a mesma coisa. O olhar de Marco era o único que não parecia questionador, mas sim surpreso.

E foi aí que eu percebi.

De repente, fiquei de novo com aquela vontade enorme de vomitar. Só que eu não tinha tempo para passar mal.

— N-não era ela ali? — gaguejei.

A mão de Will continuava pairando por cima da maçaneta.

— Onde? — ele perguntou.

— Não era ela que estava chamando você agora mesmo? — Eu praticamente caí em cima dos meus dois próprios pés e corri até o patamar da escada que levava para o térreo. — Ele já desce — gritei lá para baixo. Algumas pessoas que estavam no pé da escada olharam para cima, para mim, como se eu fosse louca.

Mas não fez mal nenhum, porque Will não podia vê-las.

— Ela está lá embaixo — ouvi eu mesma dizer para Will.

E a mão dele, para meu imenso alívio, afastou-se da maçaneta.

— Ah — disse ele. — Beleza. A gente se vê por aí.

E começou a descer a escada.

Foi aí que aconteceu. Uma coisa que, depois, eu nunca soube descrever direito, nem para mim mesma.

Eu só sei que Will começou a descer a escada e eu fiquei olhando para Marco para ver se ele ia atrás...

Só que deparei com Marco me examinando com uma expressão de surpresa no rosto, como se eu fosse um gato que de repente tivesse começado a ler os classificados de emprego. Em voz alta.

— Will — disse ele, sem tirar os olhos (tão escuros quanto os do irmão postiço eram claros) de mim. — Por que você não convida Elaine para velejar conosco amanhã?

— Ah, é mesmo — disse Will, fazendo uma pausa no topo da escada e voltando os olhos para mim. — Que ótima ideia. Você gosta de velejar, Elle?

Elle. Eu não pude deixar de engolir em seco.

— Hã — respondi. O que estava acontecendo ali? Fiquei me perguntando. Por mais emocionada que

estivesse por ser incluída em qualquer plano de Will, não pude deixar de ficar imaginando por que Marco ia querer que eu fosse junto. Ele nem me *conhecia*.

E, pela maneira como estava olhando para mim, não tive nem muita certeza de que ele *ia com a minha cara*. Principalmente depois do que nós dois (Marco e eu) sabíamos que eu tinha feito.

— Não sei — respondi, insegura. — Nunca velejei. Isso não é uma coisa que se faça muito em Minnesota.

— Ah, você vai adorar — disse Marco. — Não vai, Will?

— É, vai sim — disse Will, todo entusiasmado. — Encontre a gente perto da estátua de Alex Haley nas docas da cidade amanhã ao meio-dia. Você sabe onde fica? — Quando assenti com a cabeça, ele disse: — Ótimo. A gente se vê, então.

E daí ele desceu a escada correndo para procurar Jennifer. E me deixou sozinha com Marco...

... com quem eu é que não ia ficar de papo furado.

— Bom, a gente se vê amanhã — eu disse e comecei a descer a escada. *Saia daqui*, meu coração parecia dizer a cada batida.

Mas eu não me mexi rápido o suficiente, porque a voz de Marco serpenteou pelo patamar como um braço e me arrastou de volta para ele de um jeito quase físico quando perguntou, com um tom cheio de insinuações:

— Você não ouviu a Jen chamar *de verdade* agora há pouco, não é mesmo, Elaine de Minnesota?

Fiquei paralisada, um pé na escada e outro ainda no patamar. Por alguma razão meu sangue tinha ficado... bom, gelado.

— Sinto muito — eu disse. — Eu... não sei do que você está falando.

— Ah, acho que sabe, sim — disse Marco com uma piscadinha. Então, enquanto eu estava lá parada, ele se aproximou da porta que Will quase tinha aberto e bateu com toda a força nela, com a mão fechada.

— Jen — gritou para o outro lado. — Você está aí?

Ouviu-se uma pausa. Daí, uma vozinha fina gritou de trás da porta:

— Hã, estou. Só um segundo! Já vou.

Marco voltou a olhar para mim e sacudiu a cabeça.

— Bela tentativa — disse. — Mas ele vai ficar sabendo sobre os dois uma hora dessas.

Então, eu tinha razão. Ele sabia. Ele sempre soube. Queria que Will abrisse aquela porta e encontrasse os dois lá dentro.

Que tipo de pessoa doentia faz uma coisa *dessas*?

O irmão postiço de Will, evidentemente.

— Hã — eu disse, tentando me fazer de boba. *Ele sabia*. Mas essa nem foi a parte mais esquisita. *Eu sabia* que ele sabia. — Preciso ir andando...

Mas Marco não estava se deixando enganar. Além de continuar a falar, ele atravessou o espaço que nos separava a passos largos e pegou o meu braço com dedos tão frios que chegavam a queimar. Ficou me segurando com um agarrão de ferro, de modo que eu nem podia disparar escada abaixo, como era a minha intenção.

— O que você estava tentando fazer, afinal? — Marco perguntou, com desdém. — Queria protegê-lo?

— Largue o meu braço — eu disse com a voz um pouco trêmula. Alguma coisa no toque dele realmente estava me deixando apavorada.

E não era só eu que estava incomodada com aquilo. Ouvi um som grave vindo de algum lugar perto dos meus pés, olhei para baixo e vi a cadela de Will, Cavalier (que não tinha seguido o dono escada abaixo, como eu tinha pensado), agachada em posição de ataque no carpete, rosnando para Marco.

Mesmo. Rosnando. Para Marco.

Ele também percebeu, e disse com um ar de nojo:

— Vê se me deixa em paz, sua vira-lata idiota — para a cadela.

Então Marco me empurrou para longe dele, com força suficiente para me fazer cair de joelhos e precisar segurar no corrimão para não cair.

Mas Cavalier parou de rosnar. Correu até mim e lambeu meu braço, no lugar em que ele tinha encostado.

— Ah, faça-me o favor — disse Marco, com muito sarcasmo, ao observar a cena. Daí, olhando para mim (respirando rápido, segurando no corrimão com tanta força que os nós dos meus dedos estavam brancos), sacudiu a cabeça mais uma vez e disse: — Você nem tinha que estar do lado dele. Você tinha que gostar do outro. Aliás, que tipo de donzela dos lírios você é?

Só fiquei olhando atônita para ele. Donzela dos lírios? Ah, certo. A Donzela dos Lírios de Astolat, que era outro nome para a Senhora de Shalott (aquela de quem meu nome tinha sido tirado). Que engraçado.

Fala sério.

E algo um tanto nada a ver para um cara todo tatuado.

— Não sei do que você está falando — eu disse, com a voz trêmula. Eu me sentia um pouco mais corajosa com Cavalier ao meu lado. — M-mas acho que você deve deixar Will em paz.

Parece que Marco achou isso hilário.

— Você acha que eu devia deixar *Will* em paz? — perguntou, com a voz respingando de uma risada desdenhosa. — É *assim* que as coisas são, então? Caramba, mas aquele Morton entendeu tudo errado mesmo.

Morton? O *Sr.* Morton? Do que é que ele estava falando?

— Você acha que o que Will está passando *agora* é ruim? — Marco sacudiu a cabeça, exibindo aquele sorriso de lobo de novo, mais arreganhado do que nunca. — Prepare-se para uma surpresa.

Então a porta do quarto de hóspedes se abriu e Jennifer saiu, ajeitando o cabelo que tinha escapado da fivela.

— Oi, pessoal — disse Jennifer, toda despreocupada (despreocupada demais). — Desculpem. Eu estava falando no telefone com a minha mãe. Alguém estava me procurando?

Só fiquei olhando para ela. Não dava para acreditar que alguém podia ser tão bonita e tão...

Bom, fria.

Daí, como Marco não disse nada, e Jennifer ficou olhando dele para mim com ar questionador, eu gaguejei:

— V-você precisa tirar o seu carro. — Eu ainda estava me sentindo enjoada, mas tentei não deixar que isso transparecesse. — Está bloqueando a garagem da vizinha.

Jennifer ficou com cara de quem não estava entendendo nada.

— Mas eu estacionei na garagem dos Wagner — disse ela.

Dei uma olhada para Marco. Ele piscou.

— O passeio de barco amanhã vai ser divertido — disse ele. — Você não acha, Elaine?

CAPÍTULO DOZE

And sometimes through the mirror blue
The knights come riding two and two:
She hath no loyal knight and true,
The Lady of Shalott.

(E às vezes pelo espelho azul
Os cavaleiros vêm cavalgando dois a dois:
Ela não tem nenhum cavaleiro leal e verdadeiro,
A Senhora de Shalott.)

Stacy e Liz não ficaram exatamente muito felizes por eu ter demorado tanto para me juntar a elas no carro.

— Meu Deus, o que você estava fazendo? — disse Stacy quando eu finalmente desci a colina cambaleando na direção delas. — Pegou o caminho mais longo?

— Desculpem — disse a elas. E era sério. Eu sentia muito *mesmo* por aquilo.

Só que não pela razão que elas achavam.

Fiquei em silêncio no caminho até em casa. Talvez meu silêncio tenha sido demais, porque Liz perguntou:

— Está tudo bem com você, Ellie?

Eu disse que estava. Mas eu sabia que era mentira. Como é que eu podia estar bem depois do que aconteceu?

E isso era parte do problema. O que exatamente *tinha* acontecido? Para falar a verdade, eu não sabia.

Então, eu tinha descoberto que Jennifer estava traindo Will. Com o melhor amigo dele. E daí? Isso não tinha nada a ver comigo.

E daí que eu tinha conhecido o irmão postiço de Will e tinha tido uma conversa bem estranha com ele? Grande coisa. Caras em geral são estranhos mesmo. E caras cujo pai foi morto pelo atual marido da mãe provavelmente são mais esquisitos do que qualquer outra pessoa. Quer dizer, o que eu podia esperar?

Mas o negócio com Marco simplesmente parecia... não sei, *mais esquisito* do que qualquer outra coisa que já tinha acontecido comigo. A maneira como a cadela tinha rosnado quando ele pegou no meu braço. E a maneira como ele falou comigo, como se estivéssemos dando prosseguimento a alguma conversa que tínhamos tido no passado... só que a gente tinha acabado de se conhecer! E o que tinha sido aquilo que ele tinha dito sobre a Senhora de Shalott? E a referência dele ao Sr. Morton. O que o Sr. Morton tinha a ver com qualquer coisa?

A menos que...

— Ei — eu disse, inclinando-me para a frente do banco de trás do carro de Stacy. — Quem foi o professor que Marco Campbell supostamente atacou?

Liz estava mexendo no CD player de Stacy, tentando encontrar uma faixa de que gostava.

— Ouvi dizer que foi o Sr. Morton.

— Caramba, Liz! — Stacy caiu na gargalhada. — Mas quanta fofoca!

— Bom — Liz respondeu, na defensiva —, a minha mãe ouviu da mãe da Chloe Hartwell que ouviu do primo que é escrivão da polícia de Annapolis.

— Ah — disse Stacy, sem parar de rir. — Então deve ser verdade.

— Por que ele fez isso? — perguntei. — Tentou matar o Sr. Morton, quer dizer?

Liz deu de ombros.

— Vá saber. Marco não bate muito bem da cabeça, se você entende o que eu estou dizendo.

E como entendo.

Stacy estacionou na frente da minha casa e disse:

— Não se esqueça: você precisa nos dizer quando quer fazer a sua iniciação.

— Não esqueço — respondi. — E obrigada, meninas, por irem à festa comigo hoje.

— Minha primeira festa com o pessoalzinho *in* — disse Liz, com um suspiro.

— E a minha última — Stacy retrucou, bem seca. Daí, acenou, e as duas foram embora.

Quando eu entrei, minha mãe e meu pai ainda estavam acordados, assistindo ao noticiário.

— Oi, querida — disse minha mãe. — Como foi tudo? Você se divertiu?

— Foi ótimo — respondi. — Eu me diverti. O time da Avalon ganhou. Amanhã, vou velejar com Will.

— Parece legal — disse minha mãe. — Will tem experiência com barcos?

— Claro — respondi, apesar de tecnicamente eu não fazer a menor ideia se isso era verdade... só sabia que ele e Lance tinham velejado pelo litoral durante o verão.

— Você não vai usar essa saia no barco, vai? — meu pai gritou para mim enquanto eu subia a escada correndo para o meu quarto.

— Não se preocupe, não vou — gritei de volta. — Boa-noite!

Porque, depois de tudo que tinha acontecido, a última coisa que eu queria era ficar conversando com minha mãe e meu pai. Eu precisava... eu precisava...

Eu não sabia do que eu precisava.

Tomei um banho, vesti meu pijama e deitei na cama. Daí, fiquei olhando para a rosa que Will tinha me dado. Agora estava completamente aberta, as pétalas reluzindo sob a luz do meu abajur de cabeceira.

Eu estava cansada, mas sabia que, se apagasse a luz, não conseguiria dormir. Eu estava acesa demais. Só ficava pensando em Marco. Como é que ele sabia que eu tinha o meu nome por causa de Elaine, a Donzela dos Lírios? Ela não é uma personagem literária que as pessoas da minha idade normalmente conheçam.

E o que tinha sido aquela piada a respeito de eu gostar do cara errado? Será que ele queria dizer que eu devia estar apaixonada por Lance, e não por Will? Porque Elaine gostava de Lancelot?

Caramba, que coisa brega. Não era nem engraçado. Eu amo os meus pais e tudo o mais, mas por que eles tinham que me dar o nome de uma pessoa tão ridícula? A única coisa que a minha xará e eu tínhamos remotamente em comum era o amor mútuo por ficar flutuando... só que eu preferia fazer isso em um colchão de ar na piscina, ao passo que Elaine de Astolat preferiu flutuar até a morte em um bote...

Suponho, de acordo com o raciocínio de Marco, que se eu fosse Elaine, e Lance fosse Lancelot, Jennifer seria Guinevere. O que era meio engraçado, aliás, já que o nome Jennifer é derivado do nome Guinevere... esta é uma coisa que não há como deixar de saber quando se é filha de dois catedráticos medievalistas.

E se a gente quiser pensar de acordo com esse raciocínio, sabe como é, de Lance ser Lancelot, eu ser Elaine, e de Jennifer ser Guinevere... então Will só pode ser o rei Arthur. O que significa que Marco tem de ser Mordred, o cara que acaba matando Arthur e leva Camelot à decadência depois da coisa toda com Guinevere.

Só que, de acordo com tudo que eu li, Mordred era meio-irmão de Arthur, não irmão postiço dele.

E se, ainda por cima, combinarmos tudo isso ao fato de que a escola em que todos estudamos ser a Avalon High, lar dos Excalibur?

Estranho.

Talvez Marco não estivesse fazendo piada. Vai ver que estava falando *literalmente*.

É. E talvez amanhã o meu pai me deixe ir de carro sem um motorista responsável no banco do carona.

Bom, mas e daí que o irmão postiço de Will quer me comparar com alguma mulher que se matou por

causa de um cavaleiro mítico de Camelot? Se isso foi um insulto, até que não foi dos mais cortantes. Claro que ele não tinha como saber que eu não gosto de nada relacionado à Idade Média.

E isso só fazia com que a coisa toda parecesse ainda mais ridícula.

Só que...

Só que nada disso explicava a frieza dos dedos dele. Nem a maneira como Cavalier tinha reagido quando Marco pegou em mim. Ou aquilo que ele tinha falado sobre o Sr. Morton. Ou por que Marco queria que Will descobrisse a respeito de Lance e Jennifer daquela maneira horrível...

Ainda me sentindo um pouco enjoada, virei para o lado e apaguei o abajur. Deitada ali na semiescuridão, ouvi um barulho. Um segundo depois, Tig se juntou a mim para dormirmos juntinhas.

Só que, nessa noite, por algum motivo, ela parecia não conseguir ficar quieta. Ficava cheirando o lugar onde Cavalier tinha me lambido (e Marco tinha pegado em mim), apesar de eu ter lavado bem aquelas partes quando tomei banho. Quando olhei para Tig iluminada pelo luar que penetrava pela minha persiana, vi que ela estava com aquela expressão que Geoff chamava de Cara de Gato: a boca parcialmente aberta, como se estivesse sentindo algum cheiro ruim.

Daí, ela deu uma última cheirada no meu braço, lançou um olhar que queria dizer que eu a havia traído de alguma maneira, desceu da cama e foi embora para dormir em algum outro lugar.

E isso significava que ela estava brava *de verdade*.

Fiquei lá deitada pensando comigo mesma que as coisas realmente estavam ótimas se nem a minha gata não gostava mais de mim. Aliás, o que tinha *acontecido* naquela festa? E o que eu iria fazer a esse respeito?

O que eu *podia* fazer, aliás? Quer dizer, supostamente eu podia falar com Lance (eu ia ter que falar com ele, de qualquer jeito, por causa do negócio de literatura mundial). E daí eu poderia aproveitar para convencê-lo a abrir o jogo com o amigo dele. Era melhor se Will descobrisse assim do que da maneira como Marco tinha planejado que ele descobrisse...

Desejei que eu não tivesse aceitado o convite para velejar com Will e o resto do pessoal amanhã. Eu não estava com a menor vontade de ver Will e Jennifer de mãos dadas, por mais fofo que fosse, sabendo que a coisa toda (bom, pelo menos no que diz respeito a Jennifer) era uma farsa completa.

E estava bem claro que Marco faria alguma coisa para aborrecer todo mundo (ou Will, pelo menos) porque não tinha conseguido fazer isso hoje à noite.

Mas... parte de mim queria velejar com Will. A parte de mim que queria fazer qualquer coisa com Will, só para ficar perto dele. A parte de mim que estava apaixonada por ele, apesar de ele já ter namorada. A parte de mim que, toda vez que eu via aquela rosa, começava a pensar em Will...

Caramba, o negócio estava feio.

Infelizmente, aquela parte de mim parecia ser mais forte do que o resto porque, quando acordei no dia seguinte, tive a certeza absoluta de que iria sair para velejar com A. William Wagner e Companhia.

E também não era só para poder ficar perto de Will. Acordei sentindo que eu tinha a obrigação de ir. Porque (pelo menos foi o que eu disse a mim mesma) assim eu poderia ficar de olho em Marco pessoalmente. Ele com toda a certeza estava a fim de causar confusão para o irmão postiço.

Mas... por quê? Por que ele iria querer magoar Will desta maneira? Eu não conseguia imaginar que Will pudesse ter feito alguma coisa que o tivesse magoado tanto assim. Será que era só por causa do que tinha acontecido entre os pais deles? Será que Marco se ressentia tanto assim do fato de o pai de Will ter se casado com a mãe dele? Até que dava para ver por que ele se sentia assim, se aquela parte sobre o almirante Wagner ter mandado o pai de Marco para um posto onde ele com certeza seria morto ou sei lá o que fosse verdade. Mas por que descontar em Will? Na minha opinião, ele devia se preocupar em castigar o almirante Wagner.

Bem como disse, Will estava esperando por mim perto da estátua de Alex Haley que fica no fim do que

o pessoal da cidade chama de Alameda do Ego, no píer, no fim da rua principal do centro de Annapolis. Quando os meus pais estacionaram, eu vi por que chamam o lugar de Alameda do Ego... o lugar é cheio de iates. E para chegar até o mar, é preciso passar por vários cafés e bares ao ar livre onde as pessoas ficam sentadas à beira-mar o dia inteiro, observando os barcos. É como um desfile de moda no shopping center ou algo assim, só que com barcos.

Alex Haley, que escreveu o livro *Raízes*, deve ter morado em Annapolis, porque todo o píer era dedicado a ele. Havia uma estátua enorme dele, com estátuas menores de crianças deitadas no chão, embaixo dele, como se estivesse lendo uma história. Will estava recostado em uma dessas estátuas de criança, à minha espera.

No minuto em que eu o vi, meu coração deu aquela cambalhota dentro do peito. Isso porque, por um segundo, fiquei achando que ele estava lá sozinho... que, por algum milagre, seríamos só nós dois no barco dele. Mas daí vi a cabeça dourada de Jennifer aparecer. Ela, Lance e Marco estavam esperando em um bote de borracha logo abaixo do embarcadouro; era o bote que nos levaria até o barco de Will, ancorado a uma curta distância, afastado da costa. O meu coração, em vez de fazer mais ginástica, apertou-se.

E apertou-se ainda mais quando os meus pais resolveram descer do carro e ir bater um papinho com Will, que, imagino, agora consideravam um grande amigo, já que tinham permitido que ele comesse o *pad thai* deles e usasse o calção de banho do meu irmão e tudo o mais.

— Oi — disse o meu pai, apoiando um braço no ombro de Alex Haley. — Belo dia para um passeio de barco.

— Está mesmo — Will respondeu, endireitando o corpo e sorrindo para nós. Estava usando um par de óculos escuros Ray-Ban para se proteger do sol. A brisa quente remexia o cabelo dele, escuro e encaracolado, e a gola aberta da camisa azul dele. Para mim, ele disse: — Que bom que você pôde vir.

Mas, antes que eu tivesse chance de responder, minha mãe começou a fazer várias perguntas cheias de preocupação para Will, tipo há quanto tempo ele velejava e se tinha coletes salva-vidas para todo mundo ou não... esse tipo de coisa. Sabe, o tipo de coisa que você torce para a sua mãe ficar perguntando para o cara de quem você está super a fim quando ele convida você para velejar com ele.

Fala sério.

As respostas de Will devem ter deixado minha mãe satisfeita, porque ela finalmente sorriu para mim e disse:

— Bom, divirta-se, Ellie.

E o meu pai falou:

— A gente se vê mais tarde, garota.

Daí os dois voltaram para o carro e foram tomar um *brunch* na Chick & Ruth’s Delly.

Olhei para Will e disse:

— Desculpe.

— Não faz mal — Will respondeu, com um sorriso. — Eles se preocupam com você. É legal.

— Por favor, me mate agora mesmo — implorei para ele, e ele riu.

— Podemos ir? — Jennifer gritou do bote. — Estamos perdendo a melhor hora para se bronzear.

— E Deus me livre se a rainha do baile de volta às aulas não estiver toda queimadinha — disse Marco, fazendo com que Jennifer desse um tapa de brincadeira nele.

Lance, que estava segurando o leme, só ficou lá sorrindo para os dois, parecendo um deus com uma camisa esportiva que destacava os enormes bíceps dele.

— Estou com a Jen — disse ele (péssima escolha de palavras para aqueles entre nós que sabíamos de tudo). — Estou cansado desses turistas que ficam olhando para nós.

Era verdade que algumas pessoas que usavam camisetas que berravam NÃO ME IRRITE, EU MORO AQUI tinham se aproximado e perguntado a Will se ele sabia onde ficava a fila para o *Woodwind*, o barco turístico que

dava a volta na baía. Will mostrou a eles onde deviam ir e então me entregou algo que pegou do piso do bote. Era um colete salva-vidas (não, ainda bem, um daqueles enormes e cor de laranja que fazem a gente ficar parecendo um boneco inflável, mas sim um fininho, azul-marinho, bem chique).

Eu estava ocupada com os fechos do colete quando um grupo de garotos mais ou menos da nossa idade apareceu perto da estátua de Haley e começou a entrar em uma lancha pequena a alguns embarcadouros de distância do nosso. Carregavam uma câmara de ar enorme e, quando a colocaram dentro da lancha, ela bateu no barco ao lado, que era bem mais bacana que o nosso, com um casal mais velho dentro, preparando-se para zarpar rumo ao iate deles.

— Sinto muito — ouvi um dos garotos dizer e puxar a câmara de ar para dentro da lancha.

— Sente muito? — O senhor parecia enojado. E bravo. — Sinto muito. Sinto muito por terem começado a deixar que pessoas como vocês mandem neste lugar.

Parei de fechar o colete salva-vidas e só fiquei lá parada, totalmente chocada. Ninguém nunca dizia coisas assim lá em Minnesota.

— Ei, cara — disse um dos garotos da lancha. — Ele não fez por mal...

— Por que vocês não voltam para o lugar de onde vieram? — o senhor queria saber, enquanto a mulher dele só olhava, com os lábios apertados, os joelhos pressionados um contra o outro.

— Por que *vocês* não voltam para o lugar de onde vieram?

Mas isso não veio de nenhum dos garotos da lancha. Veio, fiquei surpresa em descobrir, de Will.

O senhor pareceu tão surpreso quanto eu. Lançou um olhar indagador para Will por sob seu chapeuzinho de capitão e então disse, com voz desgostosa:

— Peço licença, rapazinho, mas eu nasci neste país... assim como os meus pais.

— Ah é, e os pais *deles*? — Will perguntou. — Porque, a não ser que seja um índio nativo americano, acho que você não pode andar por aí mandando os outros voltarem para o país deles.

A mulher ficou de queixo caído ao ouvir isso. Então deu uma cotovelada no marido e ele deu a partida no motor, cheio de fúria.

— Este aqui costumava ser um lugar *bom* para se viver — disse o homem de modo bem ríspido enquanto se afastava.

Observamos enquanto ele e a mulher percorriam a Alameda do Ego... e então trocamos olhares.

— Algumas pessoas — disse-me Will, com suavidade — têm mais dinheiro do que noção.

Suspirei.

— Pode até repetir.

Daí Will me ajudou a entrar no bote...

CAPÍTULO TREZE

There the river eddy whirls,
And there the surly village-churls,
And the red cloaks of market girls,
Pass onward from Shalott.

(Ali o rio faz um redemoinho,
E ali os aldeões mal-humorados,
E as capas vermelhas das moças da feira,
Passam vindos de Shalott.)

O que não foi nada fácil, tendo em vista que não havia muito espaço ali. Sentei e me vi esmagada entre Marco e Lance, enquanto Jennifer se viu na posição desconfortável (ou invejável, de acordo com a maneira de se encarar o fato) de estar amassada entre Lance e Will.

Não que isso parecesse incomodá-la.

— Que história foi aquela? — ele quis saber.

— Ah, foi só o Will — disse Marco, com voz entediada. — Brincando de Cavaleiro Andante de novo.

— Estão prontos? — disse Will, ignorando a provocação do irmão postiço. — Se precisarem de alguma coisa em terra firme, esta é a última chance. Vamos ficar um tempinho na água.

Como ninguém se manifestou, Will deu a partida no motor e o bote começou a se dirigir ao local onde o veleiro de Will, o *Pride Winn*, estava ancorado no porto.

Na mesma hora eu soube que, apesar da cena desagradável na Alameda do Ego, eu tinha tomado a decisão certa ao resolver ir. Ah, não que fosse assim tão agradável ver Will e Jennifer sentados tão juntinhos que seus ombros se tocavam (e o ombro de Lance encostava do outro lado dela). Ou que fosse muito divertido ver Marco fazendo gestos grosseiros para as pessoas sentadas em espreguiçadeiras na frente dos bares, olhando para nós ao passarmos (estava bem claro que ninguém nunca tinha falado com Marco a respeito de Imagem).

Só que era legal sentir a água salgada batendo no meu cabelo e a brisa fresca da baía no meu rosto. Era gostoso sentir a água passando por baixo de nós e ver os patos, com suas fileiras de patinhos, saindo apressados do caminho do bote.

E então, quando finalmente chegamos ao barco de Will, só de vê-lo ali parado, todo reluzente e comprido, branquinho com acabamento de madeira e seu mastro alto e delgado, fez com que até a cena desagradável que tomara lugar no píer tivesse valido a pena.

Acontece que há muito a fazer em um barco a vela, antes de poder sair velejando. Então, ficamos correndo de um lado para o outro, fazendo o que Will, e às vezes Lance, nos diziam para fazer. Pelo menos, Jennifer e eu ficamos. Marco parecia fazer o que bem entendia, apesar de algumas dessas coisas realmente parecerem contribuir para que o *Pride Winn* pudesse zarpar.

Mas, na maior parte do tempo, ele só ficava sorrindo para mim sempre que Jennifer, atarantada no convés, via Lance na frente dela e precisava pedir licença com educação, com um tom que eu duvido muito que ela usasse quando só estavam os dois juntos.

Quando finalmente partimos, eu já estava cansada dos sorrisinhos secretos de Marco para mim. Eu estava torcendo para poder falar um pouco em particular com Lance antes de zarparmos, contar a ele sobre o Sr. Morton e aproveitar para mencionar, como quem não quer nada, que eu estava sabendo dele e

de Jennifer... mas que o pior é que Marco também sabia. E queria perguntar a ele se estava disposto a fazer algo a esse respeito. Como abrir o jogo com Will.

Mas não é fácil encontrar privacidade, nem mesmo em um barco de bom tamanho como o *Pride Winn*, e não houve nenhum momento em que pude falar com Lance sem ter medo que alguém escutasse.

E então, quando a vela de repente ganhou volume e começamos a nos movimentar, deslizando com rapidez por sobre a água, sem nem sentir o sol quente por causa da brisa fresca do mar, ficou difícil preocupar-se com as coisas que tinham acontecido em terra firme. Todo mundo parecia sentir o efeito de tudo aquilo, até mesmo o sempre sarcástico Marco, que olhou bem para mim e disse:

— Isto é que é vida, hein?

— É mesmo — eu disse, de coração, pensando que talvez eu estivesse enganada a respeito dele. Talvez ele não fosse assim tão mau. — Você tem a maior sorte.

— Sorte? — Ele ficou olhando para mim, curioso. — Por quê?

— Bom, porque você tem um barco — respondi. — Nós só temos uma perua.

Ele me deu um sorriso que realmente pareceu sincero e disse:

— O sortudo não sou eu. É Will. O barco é dele. Antes de a minha mãe se casar com o pai dele... Bom, a gente não tinha nem uma perua, vamos colocar assim.

E então o momento de ternura entre nós dois desapareceu como um borrifo de água do mar quando Marco de repente lançou para Will um olhar que só pode ser descrito como... bom, nada simpático. Não, realmente, foi um olhar com zero de simpatia.

Mas então Will, que não tinha reparado no olhar, perguntou:

— O que você acha, Elle? Vamos conseguir transformar você em marinheira?

E eu me esqueci do que Marco tinha dito, porque Will estava tão lindo ali parado ao timão, com o vento jogando o cabelo dele para trás, me chamando de Elle.

— Com certeza — respondi, falando sério. Eu ia ter que convencer os meus pais a comprar um barco. Ia ser difícil, já que eles entendem tanto de mar quanto de piscina. Mas isto era bom demais para não se fazer sempre. Batia até ficar flutuando, por ampla vantagem. Porque não dá para fazer um piquenique enquanto se está flutuando. Bom, dá sim, mas fica a maior bagunça.

A mãe de Marco tinha colocado um monte de coisas deliciosas em uma cesta, incluindo bolinhos de caranguejo e salada de batata feita em casa que era ainda melhor do que a do Red Hot and Blue. Quando a gente está rodeado pela água azul, sente um tipo de felicidade completa. Enquanto comíamos, todo mundo ficou falando da festa da noite anterior e de quem tinha ficado com quem (reparei que Jennifer era a que mais falava sobre o assunto, talvez na tentativa de evitar qualquer conversa a respeito de por que ela tinha sumido durante a maior parte da festa) e quem estava vestindo o quê.

Fiz uma anotação mental para dizer a Liz que era sobre isso que o pessoal *in* (as meninas, pelo menos) conversa depois das festas.... ficam falando de todo mundo que foi pelas costas.

Foi só quando o almoço já estava terminando que eu tive a oportunidade de perguntar a Will algo que vinha me incomodando. E era o motivo do nome do barco dele.

Marco, ao ouvir a pergunta, riu alto.

— É isso aí, cara — disse ele a Will. — Conte a ela o que *Pride Winn* significa.

Will lançou um olhar atravessado de brincadeira para Marco e disse, todo envergonhado:

— Na verdade, não significa nada. Foi um nome que surgiu na minha cabeça quando meu pai e eu começamos a falar sobre comprar um barco. E acabou ficando.

— Parece nome de supermercado — disse Lance com a boca cheia de bolinho de caranguejo.

Jennifer deu um chute de brincadeira no pé dele.

— O supermercado é o Winn-Dixie — explicou.

— Mesmo assim, é um nome ridículo para um barco.

Foi só quando a conversa acabou se desviando dos nossos colegas de Avalon High para os professores

que eu me lembrei do Sr. Morton e, abandonando toda esperança de poder falar em particular com Lance sobre isso (e outras coisas), eu disse:

— Ah, Lance, quase esqueci. O Sr. Morton me parou no jogo e disse que quer fazer uma reunião com nós dois amanhã bem cedo.

Lance ergueu os olhos do saquinho de batatas fritas com molho *barbecue* que estava terminando de comer.

— Está falando sério? — perguntou, com cara de quem estava sentindo dor. — Para quê?

— Hã — eu disse, repentinamente ciente de que todo mundo estava ouvindo e me sentindo acanhada. — Acho que tem alguma coisa a ver com a apresentação do nosso trabalho de pesquisa.

— Você não entregou? — Lance perguntou, com cara de desespero.

— Claro que entreguei — respondi. — Mas é que... não sei. Parece que ele descobriu, de algum jeito, que você não participou da elaboração do texto.

— Porque não estava lotado de erros de gramática e frases sem fim como tudo que Lance entrega? — disse Will de brincadeira.

— Você sabe que eu não sou bom com esse tipo de coisa — disse Lance, com um resmungo. — Ah, cara. Que saco.

— Sinto muito — eu disse. — Ele está todo preocupado com o negócio que a gente tem que trabalhar em dupla.

— Nem imagino por quê — disse Marco em um tom que dava a entender, por alguma razão qualquer, que ele sabia exatamente por quê.

Mas quando eu olhei para o lado dele para perguntar o que ele queria dizer (não que eu estivesse muito certa que queria saber), vi que Marco nem estava mais prestando atenção. Em vez disso, estava olhando para a água, para uma lancha antiga e muito pequena que se aproximava aos trancos e lentamente. Depois de um ou dois segundos eu também a reconheci. Era a que pertencia ao mesmo grupo de garotos que tínhamos visto no píer (os que tinham uma câmara de ar). A lancha estava tão lotada que dois meninos mais cheinhos (e nenhum deles era assim tão magro) estavam sentados tão na beirada que estavam se molhando com os respingos.

— Ah, ei — disse Marco, observando aquilo com o maior prazer. — Olha só esses bundões.

Ninguém riu. Aliás, Will disse, com uma voz cansada, como se tivesse a obrigação de falar aquilo:

— Marco. Dá um tempo.

Mas Marco o ignorou.

— Olha só para isso — disse ele.

E esticou a mão para pegar o timão que Will tinha largado para almoçar.

— Marco — disse Will quando ele começou a virar o barco. — Deixe os garotos em paz.

Mas Marco só deu risada e virou o *Pride Winn* para o que parecia (pelo menos para mim) uma rota de colisão com a lanchinha.

— Aquela embarcação não parece ser apropriada para o mar, Will — disse Marco. — Só quero que eles percebam como estão se arriscando.

Mas para mim parecia que ele ia fazer muito mais do que isso... principalmente quando o piloto da lancha, ao perceber que Marco não tinha intenção de desviar, de repente jogou a direção para direita, o que fez com que o barco se inclinasse de maneira abrupta para um lado...

... e fez com que um dos caras na beirada (o mais gordinho) caísse no mar.

— Vocês viram só aquilo? — Marco gritou, rindo. — Caramba, foi hilário.

— Muito engraçado, Marco — disse Will enquanto observávamos o garoto se debatendo no meio da espuma branca da água.

— Ei — disse Jennifer. — Ele não está usando colete salva-vidas.

E então, com o resto do pessoal na lancha aglomerado na lateral do barco para tentar puxar o garoto

gordinho de volta, vimos o cabelo espetado dele aparecer por cima da água uma vez... depois duas... até que finalmente desapareceu por completo sob as ondas.

— Maravilha — disse Will e tirou os *docksiders*. — Valeu mesmo, Marco.

E então, antes que qualquer um de nós pudesse dizer algo, Will já tinha mergulhado da lateral do *Pride Winn* e seu corpo comprido e magro desaparecia embaixo da água escura.

CAPÍTULO CATORZE

And moving thro' a mirror clear
That hangs before her all the year,
Shadows of the world appear.
There she sees the highway near
Winding down to Camelot:

(E movendo-se por um espelho claro
Que pende diante dela todo o ano,
Sombras do mundo aparecem.
Ali ela vê a estrada próxima
Serpenteando até Camelot:)

Aquela água não era límpida e parada como a da minha piscina.

A água do mar era funda, opaca e remexida por causa das ondas. Provavelmente havia tubarões por ali. E correnteza. Quando a cabeça de Will desapareceu sob a superfície escura, prendi a respiração, imaginando se ele voltaria à tona.

Parece que eu não era a única com essa preocupação. Lance, examinando as ondas com cuidado, à procura de algum sinal de Will, rosnou para Marco, da mesma maneira ameaçadora que Cavalier fizera na noite anterior.

— Se alguma coisa acontecer com ele — Lance falou, agressivo —, você está morto.

— Se alguma coisa acontecer com ele, a sua vida vai ficar bem mais fácil — disse Marco no mesmo tom. — Não vai?

Vi o rosto de Lance ficar vermelho e sombrio, então reparei que trocava olhares com Jennifer. No rosto bonito dela havia uma expressão de medo explícito... mas será que era medo por causa de Will? Ou será que era por causa dela mesma, com o que Marco tinha dito?

Um segundo depois, a cabeça escura de Will apareceu no meio das ondas. Então ele começou a nadar com braçadas compridas e fortes, na direção do lugar onde o garoto de cabelo arrepiado tinha desaparecido.

— Vire o barco para lá — Jennifer ordenou a Marco, com uma voz incisiva que eu não pude deixar de admirar. Ela, pelo menos, não ia deixar esse cara intimidá-la.

— Certo — disse Marco com os dentes cerrados, rodando o timão do *Pride Winn*. Então, ao notar que eu olhava fixamente para ele, sorriu. — Não sei por que tanto alvoroço. São só turistas.

Então, bem quando eu arregalei os olhos para ele, ele disse:

— Brincadeira! Estou brincando. Caramba, ninguém por aqui sabe brincar. Lembre-se disso, menina nova.

— Talvez seja brincadeira para *você* — eu disse. — Mas não é nem um pouco engraçado.

O piloto da lancha tinha desligado o motor e agora ele, assim com a maior parte de seus passageiros, estava examinando a água em busca de algum sinal do garoto desaparecido. Will, ao alcançar o lugar onde o garoto de cabelo arrepiado tinha afundado, sumiu mais uma vez sob as ondas.

— Onde eles estão? — Jennifer, em pé ao meu lado, esticou a mão, pegou no meu braço e apertou, olhando toda tensa para a água. — Onde ele *está*?

E eu senti uma onda de culpa por tanto pensamento maldoso que eu tinha tido por ela. Porque a preocupação dela era verdadeira. Ninguém é tão boa atriz assim. É, ela estava apaixonada por Lance,

sim. Mas tive a sensação de que uma parte dela (uma parte grande) ainda amava Will também... e provavelmente sempre amaria Will, independentemente do que acontecesse entre os dois...

... ou do que acontecesse agora.

Eu fiquei olhando para Jennifer, para seu rosto bonito contorcido de preocupação, seu olhar azul examinando a água. De repente, vi a expressão dela mudar. Ela sorriu e corou de alívio.

Olhei de novo para a água e vi que Will puxava o garoto de cabelo arrepiado (que ia cuspindo água) na direção da lancha.

— Graças a Deus — disse Jennifer e pareceu largar-se em cima de mim.

Lance tinha ficado visivelmente pálido por baixo do bronzeado escuro. Marco, por sua vez, bocejou e abriu mais uma lata de Coca para si.

Ficamos sentados em silêncio até Will voltar. Pelo menos, foi o que Jennifer e eu fizemos. Lance ficou narrando o que acontecia no outro barco:

— Certo, colocaram o garoto de novo no barco. Ele está cuspindo muita água, mas provavelmente vai ficar bem. Parece que Will vai voltar nadando. Pronto, lá vem ele...

Marco só comeu mais um bolinho de caranguejo e ficou mexendo no rádio, tentando encontrar uma estação que não estivesse tocando música antiga. Quando Jennifer olhou para ele, aborrecida, ele falou:

— O que foi? — todo inocente, como se não fizesse ideia de qual era o problema dela.

Quando Will finalmente retornou ao *Pride Winn*, o rosto dele estava todo tenso e retraído.

— Não vão chamar a polícia portuária — disse Will depois de Lance ajudá-lo a subir no convés.

Marco fez um som de desdém.

— Por que chamariam? — ele quis saber. — Os policiais iam ver na hora que eles estavam desrespeitando os regulamentos de segurança em navegação, apertando tanta gente em um barco tão pequeno. Além do mais, foi culpa daquele garoto idiota. Ele não devia estar sentado tão...

— Aquele garoto idiota quase morreu afogado — Will interrompeu, com os olhos azuis faiscando. — Sério, Marco, onde você estava com a cabeça?

— Caramba, sei lá. — Marco ergueu uma sobrancelha. — Acho que eu não estava mais suportando a tensão.

— Que tensão? — Will perguntou, exasperado.

— A tensão sexual — Marco respondeu.

E vi os olhos escuros dele se dirigirem para Jennifer, que estava perto da proa. Ela estava pegando uma toalha para Will, mas então ficou paralisada, com a toalha largada nas mãos, olhando para Marco com cautela.

— Ah, não venha me dizer que você não sentiu — disse Marco, olhando de Will para mim, para Lance e depois para Jennifer, e depois de novo. — Meu Deus, estava me deixando louco!

— Acho — eu disse bem alto, certa de que sabia o que viria a seguir, e desejando evitar a cena a todo custo — que deveríamos voltar agora. Você não acha, Jennifer?

Jennifer não tinha tirado os olhos de Marco. Era como se ela estivesse observando... bom, uma cobra, tentando descobrir se ela era boazinha, como a que eu tinha tirado da piscina, ou do tipo mortífero que a deixaria em coma.

— É — ela terminou por dizer. — Concordo com Ellie. Acho que devíamos voltar.

Lance começou a dizer alguma coisa, mas por acaso deu uma olhada para Jennifer. Ela deve ter mandado um olhar de aviso para ele (apesar de eu não ter visto) porque ficou em silêncio. Will, que tinha atravessado o barco para pegar a toalha de Jennifer e a tinha colocado em volta do pescoço, disse, ignorando de maneira sublime o que *realmente* estava acontecendo.

— As meninas querem voltar, vamos voltar. Lance, vamos recolher a vela. Acho que devemos usar o motor para voltar...

— Ah, certo — Marco explodiu, quando Lance começou a soltar os nós que seguravam a vela no lugar.

— É melhor descer a vela, Lance. É melhor não pensar por si mesmo, Lance.

Lance sugeriu a Marco que fizesse uma coisa que, do meu ponto de vista, não é anatomicamente possível.

Will ficou encarando Marco com olhos perigosamente apertados.

— Qual é o seu *problema*? — ele perguntou para o irmão postiço, com a mesma voz que eu o ouvira usando com aquele atleta na frente da sala do Sr. Morton. Era tão fria que parecia vir das profundezas de onde Will tinha resgatado aquele garoto. Fiquei um pouco assustada.

— Qual é o *meu* problema? — Marco soltou uma risada amarga. — Por que você não pergunta a Lance qual é o problema *dele*?

— Porque eu não *tenho* problema nenhum, Campbell — disse Lance. — Tirando o que eu tenho com você.

Mas Marco só riu mais um pouco com isso.

— Ah sei — ele disse. — Esqueci. Você gosta de ser o cachorrinho de estimação de Will, faz tudo que ele manda.

Lance estava começando a ficar vermelho.

— Eu não...

— Ah, sim, é sim, cara — disse Marco. A voz dele se transformou em uma imitação um tanto forçada da de Will: — *Abaixe a vela, Lance. Bata naquele atacante, Lance. Precisa proteger o zagueiro, Lance.* — Daí, com a própria voz, disse: — Caramba, não é para menos que você não aguentava mais. Acho que a culpa não é sua, cara. Não mesmo.

Meu coração começou a bater forte, olhei para Lance, implorando em silêncio para que ele não respondesse...

Mas já era tarde demais.

— Não sei do que você está falando — Lance começou, com os músculos do pescoço se retesando de maneira ameaçadora. — Mas...

— Apenas ignore, Lance — disse Jennifer, apressada. — Ele só está tentando criar confusão.

— *Eu* estou criando confusão? — Marco lançou um olhar descrente na direção de Jennifer. — Você acha que sou *eu* que estou causando confusão? E você? — ele quis saber. — Por que você não pergunta para o seu querido amigo, o Lance aqui, o que ele ficou fazendo durante a maior parte da sua festa ontem, Will? Hein? Vá em frente. Pergunte.

Jennifer ficou branca, ao passo que o vermelho do rosto de Lance aumentou. Mas ele conseguiu balbuciar:

— Você não sabe do que está falando, Campbell.

— É mesmo, Marco — disse Jennifer, com a voz toda esganiçada. — Só porque você não tem amigos próprios...

— É, bom, então eu estou bem melhor do que o nosso velho Will, não estou? — O sorriso de Marco era maligno. — Quer dizer, com amigos como vocês, quem é que precisa...

— Marco — eu disse, dando um passo na direção dele, com o coração na garganta. — Não faça isso.

— Você está mesmo mal, hein, Donzela dos Lírios? — O olhar de Marco sobre mim era quase de pena. — Mas parece que você ainda não percebeu que se apaixonou pelo cara errado... — Então ele ergueu as sobrancelhas. — Ou será que você está tentando proteger Lance, e não Will?

Foi então que Lance foi para cima dele. Duvido que ele fizesse ideia do que Marco estava falando. Mas, para Lance, obviamente não fazia diferença. O zagueiro estava sendo atacado, e era função de Lance protegê-lo (ainda que, neste caso, a culpa fosse dele mesmo). Lance jogou o corpo (todos aqueles cem quilos de músculo) bem em cima da barriga de Marco.

O que poderia ter acontecido se ele tivesse acertado? Com toda a certeza, com a velocidade com que Lance se movia, os dois teriam caído por cima da amurada para a água fria da baía.

Mas ele não acertou porque, no último instante possível, Will esticou o braço e agarrou Lance, segurando seus dois braços nas costas.

Nesse ínterim, uma sombra magra e bronzeada se colocou na frente de Marco e gritou:

— Parem! Todos vocês! Parem! — a voz de Jennifer falhou com um soluço.

— Foi Campbell que começou. — Lance berrou as palavras para o mundo como um todo, respirando com dificuldade enquanto Will se esforçava para detê-lo.

— Ah, acho que todo mundo sabe quem começou — disse Marco, todo insinuante.

— Vocês dois enlouqueceram? — Will quis saber.

— Não escute o que ele diz, Will — Jennifer gritou, implorando. — Ele só conta mentira, sempre contou.

— Ah, mas isso é mesmo um amor, vindo de você, Jen — Marco desdenhou. — Por que você não diz a ele onde estava ontem à noite quando ele procurou pela casa inteira mas não achou? Por que não diz?

Agora Will precisou soltar Lance. Não porque Lance tinha parado de se debater para se libertar. Mas porque parecia que de repente Will tinha se esquecido de segurar.

— Do que é que ele está falando? — Will perguntou, olhando de Jennifer para Lance com uma expressão atordoada no rosto. Então, como nenhum dos dois respondeu na hora, ele disse: — Esperem. Por que vocês estão com esta cara de...

— Porque estão apaixonados — disse Marco, com alegria óbvia. — Faz meses que eles ficam juntos pelas suas costas, enquanto você só...

CAPÍTULO Q UINZE

Or when the Moon was overhead,
Came two young lovers lately wed;
"I am half sick of shadows", said
The Lady of Shalott.

(Ou quando a Lua ia alta no céu,
Vinham dois jovens amantes recém-casados;
"Estou meio cansada de sombras", disse
A Senhora de Shalott.)

Marco não conseguiu terminar a frase. Porque Lance, sem Will para detê-lo, jogou-se em cima de Marco com toda a força. Os dois caíram com tudo no convés do *Pride Winn* com tanta força que o barco até balançou. Eu tive que me segurar no cordame para não cair no mar com o impacto do peso deles.

Quando eu me aprumei, Lance tinha conseguido dominar Marco. Parece que só foi necessário um único soco na cara. Marco estava deitado todo encolhido, gemendo.

Não posso dizer que tenha ficado com pena dele.

Mas, e Will? Will, por outro lado, meu coração foi direto para ele, na mesma hora. Porque ele tinha caído em cima de um dos bancos acolchoados do barco quando suas pernas simplesmente cederam com o peso do corpo, o rosto tão branco quanto a vela que tremulava acima de nós, apesar do bronzeado.

— Não é verdade — Jennifer dizia a ele. Ela estava segurando os ombros dele, chorando. Chorando de verdade. E não era de um jeito todo meigo, como as líderes de torcida da minha antiga escola choravam quando perdiam um jogo ou qualquer coisa assim. Ela estava até com o nariz escorrendo.

— Ele está mentindo — Jennifer dizia, com voz passional. — Nós nunca faríamos isso com você. Não é mesmo, Lance?

Como Lance não respondeu na hora, Jennifer lançou um olhar nervoso na direção dele.

— Não é mesmo, Lance? — ela repetiu. — Lance?

Mas Lance continuou sem responder. Isso porque ele estava parado no meio do convés do navio, com os punhos fechados na cintura, olhando para um ponto bem no meio dos pés de Will. Eu fiquei lá observando quando Lance ergueu a cabeça lentamente, como se estivesse se esforçando sob um peso enorme até que, finalmente, seu olhar encontrou o de Will.

E então Lance disse as palavras que mudariam tudo, para sempre:

— É verdade.

Jennifer levou a mão à boca. O olhar aterrorizado dela passou de Lance para Will (os dois estavam completamente imóveis) e de novo de Will para Lance.

Ninguém dizia nada. Ninguém respirava. A brisa do mar fazia a vela farfalhar por cima das nossas cabeças, mas esse era o único som no *Pride Winn*... tirando o barulhinho do rádio em que Marco estivera mexendo antes.

Finalmente, Jennifer tirou a mão da boca e disse com uma voz que eu nunca vou esquecer, de tão cheia de mágoa e remorso verdadeiros:

— Will. Will. Sinto muito.

Will nem olhou para o lado dela. Continuava com os olhos fixos em Lance.

— A gente não pôde evitar — disse Lance, com um dar dos ombros nus e pesados. — Nós tentamos

não fazer isso. É sério, Will.

Jennifer, com lágrimas incontroláveis escorrendo pelo rosto, disse:

— A gente tentou. Mesmo. A gente ia contar para você. Mas com tudo... bom, com o seu pai e... Bom, nunca parecia ser o momento adequado...

— E por acaso existe um momento adequado? — Marco quis saber com voz anasalada, do lugar em que estava estirado com as mãos no rosto. — Para contar para um cara que você está sacaneando com a namorada dele, quer dizer?

— Cala a boca, Marco — eu disse.

Marco tirou as mãos do rosto e olhou para mim com um sorriso torto. Um dos lados da boca dele inchava com rapidez.

Mas eu não estava nem um pouco interessada no que ele tinha a dizer. Só tinha olhos para a cena que se desenrolava à minha frente.

— Will. — Lance continuava parado no mesmo lugar, sem desviar o olhar nem por um segundo do rosto do amigo. — Diga alguma coisa, cara. Qualquer coisa. Ou bata em mim. Eu não ligo. Eu mereço. Só... faça alguma coisa.

Foi Will quem abaixou o olhar primeiro. Olhou para os pés descalços. Ainda não tinha tido oportunidade de calçar os sapatos que tirara para mergulhar no mar e salvar a vida do garoto de cabelo espetado.

Quando ele falou, sua voz estava desprovida de qualquer emoção. Continuava tão fria quanto o mar.

— Vamos voltar — disse.

E levantou-se para começar a baixar a vela principal.

A volta para o porto foi horrível. Horrível e silenciosa. Bom, com exceção de Marco, que não parou de reclamar do lábio aberto até que eu peguei um dos pacotes de gelo de dentro da geladeira e entreguei para ele, só para que calasse a boca.

Acontece que há muita coisa a fazer quando se retorna de um passeio de barco, da mesma maneira que acontece quando se começa um. Então embalamos e amarramos e limpamos e guardamos as coisas, tudo em silêncio completo (menos quando Will nos pedia para fazer alguma coisa... e Marco, é claro, que continuava resmungando a respeito da boca e ficava repetindo que ele era só o mensageiro e todo mundo estava contra ele) até que finalmente, quando o *Pride Winn* estava ancorado a salvo no porto, Will disse:

— Vamos para terra.

Então entramos todos no bote a motor e tomamos a direção da terra firme. Provavelmente fomos o grupo mais sério que já percorreu a Alameda do Ego. Com o avanço da tarde, cada vez mais gente se reunia nas cadeiras do deque que pertenciam aos bares ao redor do embarcadouro. Dava para sentir os olhares de inveja dos turistas em cima de nós durante o trajeto. Estavam todos lá sentados de calça branca e mocassim, segurando cervejas e refrigerantes light, sem fazer a menor ideia de que no nosso bote (o que passava na frente deles naquele exato momento, aquele de que tanto tinham inveja) três corações estavam partidos.

Eu não estava contando o meu próprio coração, apesar de parecer que ele doía um pouco mais toda vez que eu olhava para o rosto fechado de Will. Como Marco colocou, quando se virou para me ajudar a sair do bote quando chegamos ao embarcadouro:

— Não fique tão abalada, Donzela dos Lírios. Isto não tem nada a ver com você e eu.

— E é exatamente por isso — eu disse a ele — que você não deveria ter se metido.

— Ei, você teve a sua chance com Lancelot — disse ele. — Não é minha culpa se você colocou tudo a perder.

Como é que eu podia pensar em responder a uma coisa dessas?

Atrás de nós, Will amarrava o bote a um pilar próximo. Jennifer esticou a mão e tentou encostar no

ombro dele.

— Will — disse ela, com uma voz que (na minha opinião, pelo menos) poderia ter derretido o mais duro dos corações.

Mas Will só virou para o outro lado e foi caminhando até o carro.

Parece que ele e Marco tinham vindo juntos, no mesmo carro, já que o último fez uma mesura exagerada para mim e disse:

— Foi um prazer, Lady Elaine.

Depois, foi atrás da silhueta de Will que se afastava.

O que me deixou sozinha com Jennifer e Lance, sendo que nenhum dos dois parecia capaz de olhar para mim... ou um para o outro.

— Hã — eu disse, já que parecia que alguém precisava dizer algo. — Bom, é melhor eu ir andando. Então. Tchau.

Eles nem perceberam que eu estava falando com eles. Deixei-os ali juntos, perto da estátua de Alex Haley. Acho que não estaria exagerando se dissesse que parecia que o chão do mundo deles tinha desaparecido.

Liguei para os meus pais de um telefone público na esquina e pedi para virem me buscar. Parece que eles ficaram surpresos por eu estar ligando tão cedo... só fazia algumas horas que o barco tinha saído, e eu tinha dado a entender que só voltaria na hora do jantar.

Mas, quando me perguntaram o que tinha acontecido quando eu entrei no carro, só sacudi a cabeça. E não queria falar sobre aquilo. Eu não *conseguia* falar sobre aquilo.

Eles não me pressionaram... mesmo quando, cinco minutos depois de chegar em casa, eu saí do quarto, desci a escada e passei por eles de biquíni, indo em direção a meu colchão de ar.

Mas preciso dar um crédito a eles. Não disseram nada do tipo: “De novo, não”, nem “Achei que finalmente esse negócio de ficar flutuando tinha acabado.”

Em vez disso, minha mãe só disse assim:

— Pizza no jantar, tudo bem, Ellie?

E eu assenti com a cabeça para mostrar que concordava.

Então saí para o pátio.

O sol tinha desaparecido atrás de uma coluna alta de nuvens cinzentas, mas eu nem liguei. Subi no meu colchão de ar e fiquei lá olhando para as folhas acima da minha cabeça.

Não dava para acreditar no que eu tinha acabado de presenciar. Não dava mesmo.

O negócio é que esse tipo de coisa simplesmente não acontece comigo. Quer dizer, não que algo daquilo tudo tivesse a ver comigo; pelo menos nessa parte Marco tinha razão.

Mas o fato é que eu *tinha* presenciado aquilo... eu tinha visto tudo acontecer. Era nisso que eu não acreditava.

Eu sabia por que Marco tinha feito aquilo. E, na verdade, não posso dizer que o culpava.

Mas ter feito do jeito que fez, na frente de Lance e Jennifer... na minha frente. Bom, isso realmente não era necessário.

Mas, bom, Marco provavelmente se sentia assim a respeito da morte do pai.

Fiquei torcendo para que Will estivesse bem. Mas, realmente, o que eu podia fazer para ajudá-lo? Nada, acho. Apenas ser amiga dele. Apenas estar disponível para o caso de ele precisar. Apenas...

... ir até o barranco, para onde eu tinha certeza que ele tinha ido depois do que aconteceu, e perguntar se eu podia fazer alguma coisa.

É, era isso, eu precisava ir até o bosque. Agora. Neste instante...

Mas logo que essa ideia me ocorreu e eu abri os olhos, vi Will sentado em cima da Pedra da Aranha, olhando para mim.

CAPÍTULO DEZESSEIS

A red-cross knight for ever kneel'd
To a lady in his shield,
That sparkled on the yellow field,
Beside remote Shalott.

(Um cavaleiro de cruz-vermelha eternamente ajoelhado
Para uma senhora em seu escudo,
Que brilhava no campo amarelo,
Além da remota Shalott.)

Dessa vez eu não gritei. Nem posso dizer que fiquei assim tão surpresa de vê-lo ali. Parecia quase natural, de um modo que eu não tenho como explicar, o fato de ele estar ali.

Ele tinha tirado as roupas molhadas do barco. Agora estava de jeans e com outra camiseta.

Mas seu rosto trazia exatamente a mesma expressão da última vez que eu o vira... uma expressão completamente desprovida de qualquer emoção. Não dava para enxergar os olhos dele, porque ainda estava de óculos escuros, apesar de o sol estar escondido atrás das nuvens.

Mas eu desconfiei que, mesmo que eu pudesse ver os olhos dele, seriam tão ininteligíveis quanto o resto de seu rosto. Até mesmo a voz dele, quando finalmente falou, ao ver que eu estava de olhos abertos agora, pareceu totalmente neutra.

— Você sabia? — ele perguntou com voz inflexível.

Não deu "Oi". Nem "Tudo bem com você, Elle?"

Não que eu achasse que eu merecia nada disso, já que eu sabia e não tinha dito para ele. Mesmo assim, eu não mentiria para ele. Já tinham contado mentiras demais para ele. Então, respondi simplesmente:

— Sabia.

Nenhuma reação. Pelo menos, não que eu pudesse ver.

— É por isso que você estava tão esquisita ontem à noite? — ele perguntou para mim. — Na festa. Na frente do quarto de hóspedes. Você sabia que eles estavam lá dentro?

— Sabia — eu respondi, apesar de me sentir como se o mundo tivesse sido arrancado de mim.

Mas o que mais eu podia dizer? Era a verdade.

Eu me apoiei nos cotovelos e ergui um pouco o corpo, à espera de recriminações... estava até preparada para elas. Eu merecia. No mínimo, Will e eu éramos amigos, e um amigo não deixa que outro amigo... bom, não saiba que a namorada o está traindo com o melhor amigo dele.

Mas, para minha surpresa, ele não disse nenhuma das coisas que achava que diria. Não teve nada do tipo: *Como você não me contou? Que tipo de pessoa você é?*

Mas eu já devia saber que ele não diria nada assim, é claro. Will não era como todo mundo. Will era diferente de *todo mundo* que eu conhecia.

Em vez disso, ele disse, com a mesma voz neutra:

— É estranho. Parece que eu já sabia, de certo modo.

Fiquei olhando para ele sem entender nada. Não era isso que eu esperava ouvir.

— Espere — eu disse, perplexa. — O quê? Mesmo?

— Mesmo — ele respondeu. — Enquanto tudo acontecia, eu fiquei meio... *Ah, sei. Claro. É óbvio.* Para dizer a verdade... eu meio que fiquei... aliviado. — Então ele tirou os óculos escuros e olhou para

mim. Olhou *mesmo* para mim.

E deu para ver que ele não parecia magoado, nem acabado, nem mesmo triste. Só parecia meio... pensativo.

— Isso tudo parece uma loucura, não é mesmo? — perguntou. — O fato de eu me sentir aliviado. Por a minha namorada e o meu melhor amigo estarem ficando pelas minhas costas. Quem é que se sentiria aliviado ao descobrir uma coisa dessas?

Eu não sabia o que dizer. Porque eu sabia exatamente do que ele estava falando.

O que eu não sabia era... bom, *como* é que eu sabia isso.

— Talvez... — eu disse bem devagar, para sentir o clima. — Talvez você se sentiu assim porque sabe, lá no fundo, que eles foram feitos um para o outro. Que é o... certo? Lance e Jen, quer dizer. Não me leve a mal... ela gosta mesmo de você, Will. Lance também. Mais do que qualquer outra coisa. Dá para ver. Mas também pode ser... bom, que eles pertençam um ao outro.

Dei uma olhadela para ver se ele concordava ou não com isso... ou se ele pelo menos entendia, porque eu não tinha muita certeza se eu mesma entendia.

— Claro que você e Jen formavam um ótimo casal — emendei, porque ele continuava sem dizer nada. Eu provavelmente estava dizendo um monte de coisas sem sentido, mas o que mais eu podia fazer? Quer dizer, ele é que tinha vindo falar *comigo*. Entre todas as pessoas que ele conhecia no mundo, tinha vindo falar *comigo* na hora que mais necessitava. Eu tinha que dizer *alguma coisa*. — Quer dizer, Jen é superlegal e tudo. Mas...

— Eu nunca consegui conversar de verdade com ela — Will interrompeu. — Não sobre as coisas que interessavam. Parecia que ela não queria escutar. Fofoca e roupas e tal. Tudo bem. Mas quando chegava na hora de conversar a respeito de como eu me sentia em relação às coisas... coisas como... bom, as coisas sobre as quais eu e você conversamos, meu pai, e o bosque, e o passeio da viúva... coisas fora de futebol e da escola e do shopping, ou sei lá o quê... ela simplesmente... ela simplesmente não entendia.

Ele não completou: *Da maneira como você entende, Elle*.

Mas tudo bem. Ele tinha me procurado, não é mesmo? Ele estava aqui comigo. No meu quintal. Do lado da minha piscina. Na Pedra da Aranha.

E, tudo bem, talvez ele só estivesse aqui porque eu sou praticamente uma desconhecida, e às vezes é mais fácil falar sobre as coisas com quem não se conhece muito bem do que com alguém bem conhecido.

E é verdade, ele provavelmente só me considera como amiga (uma amiga que o faz rir) e não como eu o considero (como o homem ao lado de quem eu quero passar o resto da minha vida algum dia).

Mas tudo bem. Tudo bem de verdade. Porque, com Will, eu estava disposta a aceitar o que ele tivesse para oferecer. E se isso fosse só amizade, então já estava mais do que bom.

Então ele fez a pergunta seguinte, com uma voz totalmente desprovida de qualquer tipo de mágoa:

— O que você vai fazer hoje na hora do jantar?

Eu só respondi:

— Não sei. Acho que a minha mãe vai pedir pizza.

Minha voz estava um tanto perplexa.

E, a isso, ele respondeu:

— Você acha que os seus pais se incomodam se eu levar você para jantar? Conheço um lugar que faz um molho de caranguejo de arrasar.

— Hã — respondi. — Não, acho que eles não se incomodam. — Mas eu também não me importava se eles fossem se incomodar.

Não se incomodaram. E foi assim que eu me vi jantando com A. William Wagner mais uma vez. Como eu o fiz rir em cima do prato fumegante de molho de caranguejo que dividimos no Riordan, no centro, com uma imitação que eu considerei genial da Sra. Schuler, a técnica de atletismo. Como eu quase o fiz engasgar com o sorvete Mosse Tracks da Storm Brothers quando lhe contei a história de quando eu tinha

quatro anos e enfiei uma pimenta vermelha no nariz só para ouvi-lo rir de novo, e depois da vez que eu resolvi cortar meu próprio cabelo e acabei ficando a cara de Russell Crowe em *Gladiador*.

Então, como eu tinha dever de casa de trigonometria, e ele disse que tinha de física, voltamos para a minha casa e nos acomodamos na mesa da sala de jantar para estudar juntos. Já que ele não demonstrava nenhum sinal de estar pronto para ir para a casa dele.

Não que eu o culpasse, mesmo. Quer dizer, por que ele ia querer ir para casa? Com um pai que queria para ele uma coisa que Will não queria para si mesmo, e um irmão postiço que tinha ficado absolutamente exultante ao revelar uma coisa que, sim, talvez estivesse mesmo precisando ser revelada... mas não da maneira como ele fez.

Meu pai chegou para mim enquanto estávamos estudando e perguntou se eu podia tirar um grampo do polegar dele, porque a minha mãe estava tomando banho. Era só um grampinho daqueles pequenos, que criancinhas usam, porque na minha casa só temos esse tipo, já que todo mundo na minha família é muito dado a acidentes, então não saiu muito sangue. Puxei o grampo e o meu pai saiu de novo. Estava começando a voltar para o dever de casa quando reparei que Will tinha parado de escrever. Ergui os olhos e o peguei olhando para mim.

— O que foi? — perguntei, e levei a mão ao nariz. — Tem alguma coisa no meu rosto?

— Não — Will respondeu, com um sorriso. — É só... o jeito como você é com os seus pais. Nunca tive uma relação assim com ninguém, muito menos com o meu pai.

— Porque o seu pai provavelmente é capaz de grampear qualquer coisa sem colocar o dedão no meio — observei, seca.

— Não — disse Will. — Não é isso. É a maneira como vocês falam uns com os outros: parece que... não sei. Que vocês realmente se importam com o que acontece com o outro.

— O seu pai se importa com o que acontece com você — garanti para ele, sentindo em segredo a vontade de pegar o almirante Wagner e dar umas sacudidas. — Talvez não da maneira como você gostaria. Mas, quer dizer, é essa a razão por que ele quer que você seja militar. Porque ele se importa com você e quer o melhor para você.

— Mas ele não teria essa ideia — Will insistiu — se ele tivesse se dado ao trabalho de me conhecer. Se ele me conhecesse pelo menos um pouquinho, se ele algum dia tivesse se dado ao trabalho de parar para falar comigo quando estivesse saindo para uma entre as muitas reuniões dele, ele saberia que eu acho que... bom, que fazer um inimigo ceder pelo uso da força militar é absolutamente o *último* recurso que um país deve usar para resolver seus problemas.

Não pude deixar de sentir uma onda de admiração ainda mais forte do que o normal por Will naquele momento. Quer dizer, fazer o inimigo ceder pelo uso da força? O cara estava discutindo coisas sobre as quais eu nunca tinha ouvido alguém com a idade próxima à minha falar. Geoff e os amigos deles sempre conversavam quase que exclusivamente a respeito de Xbox e sobre qual menina da escola estava usando a saia mais curta no momento.

— Você já disse isso para o seu pai? — perguntei. — Quer dizer, que você se sente assim? Porque ele pode surpreender você, sabe como é.

Will apenas sacudiu a cabeça.

— Você não conhece o meu pai — disse, na lata.

— E a sua madrasta? — perguntei. — Vocês dois se dão bem?

— A Jean? — Will deu de ombros. — A gente se dá bem, sim.

— Bom, então por que você não fala para ela o que me disse? — sugeri. — Daí, quem sabe, se ela ficar do seu lado, ela pode amaciar o seu pai. Pode ser que ele não queira escutar o que você tem a dizer, mas provavelmente escutaria a mulher, certo?

Os olhos de Will pareceram brilhar ainda mais azuis do que nunca quando ele olhou para mim.

— Que boa ideia — ele disse... e não pense que eu não fiquei toda vermelha com o elogio dele, apesar

de eu ter abaixado a cabeça, na esperança de que meu cabelo escondesse as bochechas. — Não acredito que nunca pensei nisso antes.

— Bom, você não está acostumado a ter pai e mãe — eu disse. — Quando a gente cresce tendo os dois, a gente aprende a jogar com um e com outro. É praticamente uma arte.

— Nem posso imaginar — disse Will, com um sorriso — o seu pai proibindo você de fazer alguma coisa.

— É verdade, ele não proíbe — concordei. — Mas a minha mãe... ela é bem mais durona.

Então senti uma coisa quente e pesada em cima dos meus dedos. Quando olhei, fiquei surpresa ao ver que Will tinha colocado a mão por cima da minha.

— Igual a você — disse ele.

— Eu não sou durona — eu disse, pensando que, se ele soubesse como só aquele toque fez meu coração dar piruetas, ele perceberia que eu não sou nem um pouco durona.

Os dedos de Will não relaxaram a pressão.

— Isso não é ruim — ele disse. — Aliás, é uma das coisas que eu mais gosto em você. Mas eu não ia querer que você me desejasse mal.

E até parece que tem como isto acontecer, era o que eu queria dizer. Só que não tive como, porque estava atordoada demais. Não só porque ele tinha dito que gostava de mim (ele disse que gosta de mim!), mas pela maneira como eu me senti quando os dedos dele tocaram os meus, que foi exatamente o oposto da frieza que eu tinha sentido ao toque de Marco; uma descarga repentina de eletricidade quente que percorreu o meu braço para cima e para baixo...

Eu não sabia que tipo de conexão nós dois tínhamos, se é que tínhamos alguma (por que ele achava que me conhecia, já que nunca tínhamos nos visto antes, e por que ele achava que podia me dizer coisas que não tinha como contar para mais ninguém... ou por que como eu o amava com tanta força, estava pronta para protegê-lo de qualquer coisa, até de si mesmo).

Mas eu é que não ia questionar nada. Principalmente não agora, que ele estava livre e desimpedido. É verdade que eu não sou nenhuma líder de torcida. Não sou loira nem gostosa, e a única razão por que as pessoas olham para mim quando eu entro em uma sala é porque geralmente eu sou a menina mais alta em qualquer lugar.

Mas, entre todo mundo que conhecia, Will tinha vindo falar comigo. Independentemente de ele ter sentido ou não a mesma descarga elétrica quando tocou a minha mão (se ele me considerava apenas uma amiga ou talvez algo mais), nada jamais mudaria o fato de que ele tinha procurado a *mim* no momento em que mais precisava de alguém.

Depois disso ele soltou a minha mão e disse, segurando o lápis como se fosse um charuto, fazendo uma imitação muito, mas muito ruim mesmo de Humphrey Bogart em *Casablanca*:

— Elle, acho que este é o início de uma coisa linda.

— Amizade — eu o corrigi, tentando fazer com que ele não percebesse como as palavras dele tinham me atingido bem no fundo.

— Tanto faz — disse Will, com a mesma imitação ruim de Humphrey Bogart. — Vamos estudar — e bateu no meu dever de casa com o lápis/charuto.

Sorrindo, debrucei-me sobre meus logaritmos. Acho que eu nunca tinha me sentido tão feliz na vida.

Mas o que eu não sabia naquele momento era que o negócio de ele ter dito que aquilo era o começo de uma coisa linda não era verdade. Não mesmo.

Na verdade, era o *meio* de uma coisa que já estava acontecendo havia muito tempo... algo que com certeza absoluta não era lindo coisa nenhuma. Algo que era horroroso, horroroso de verdade.

E algo que estava prestes a se transformar em uma bola de neve que ninguém poderia controlar.

CAPÍTULO DEZESSETE

Out flew the web and floated wide;
The mirror crack'd from side to side;
"The curse is come upon me!" cried
The Lady of Shalott.

(A teia voou para fora e saiu flutuando;
O espelho rachou-se de lado a lado;
"A maldição recaiu sobre mim!", exclamou
A Senhora de Shalott.)

No dia seguinte, eu fui a primeira a entrar na sala para a aula do Sr. Morton. Nem mesmo o próprio Sr. Morton tinha chegado. Eu me sentei em uma carteira da primeira fila e fiquei olhando para o relógio na parede. Eram 7h40. A primeira aula começava dali a vinte minutos.

Então, por que Lance não estava ali?

Quando o Sr. Morton apareceu, às 7h45, Lance ainda não tinha chegado. O Sr. Morton, todo arrumado com sua gravata-borboleta e seu paletó esporte (quente demais para esta época do ano em Annapolis, pensei), colocou a caneca de café fumegante, o jornal e a pasta em cima da mesa e então puxou a cadeira atrás dela.

Sentou-se, mas não abriu o jornal nem bebeu o café. Em vez disso, assim como eu, ficou olhando para o relógio.

Mas duvido que o Sr. Morton estivesse pensando as mesmas coisas que eu. Eu estava bem feliz, lembrando momentos da noite anterior... da maneira como Will, depois de ter terminado o dever dele, inclinou-se para o meu lado, pegou o meu e começou a fazer logaritmos para mim. A maneira como ele sorrira quando o meu pai finalmente desceu as escadas e disse: "Crianças, são onze horas. Que tal ir para casa, hein?". A maneira como Will dissera: "A gente se vê amanhã, senhor", para o meu pai... o que só podia significar que ele pretendia ir lá de novo.

Sete e cinquenta.

— Você disse a ele, não disse? — o Sr. Morton quis saber. — Ao Sr. Reynolds?

— Claro que disse — respondi. — Ele vai chegar logo.

Só que eu estava começando a achar que talvez não chegasse. Talvez tivesse esquecido. Tanta coisa tinha acontecido desde o dia anterior... não só comigo, mas também com Lance. Afinal de contas, ele podia ter ganhado uma namorada, mas também tinha perdido o melhor amigo... ou, pelo menos, provavelmente era o que ele deveria estar pensando, já que eu parti do princípio de que Will não tinha ligado para ele para dizer: *Está tudo bem, amigão.*

Pelo menos, até as onze horas da noite ele não tinha feito isso.

Mas ele faria. Tinha falado sobre isso na noite anterior, entre logaritmos. Ele não achava que podia ficar magoado com Lance e Jennifer porque só sentira alívio quando ficou sabendo que os dois estavam envolvidos. Comentei que seria a maior decepção para os fofoqueiros da escola (principalmente Liz, apesar de eu não ter mencionado o nome dela), que estavam esperando ver muitas cenas de desprezo no refeitório.

Will só tinha rido e dito que jamais faria alguma coisa que pudesse privar a população estudantil da Avalon High de seu direito à diversão, então ia esperar um ou dois dias para perdoar o casal em público.

Mas Lance, é claro, não sabia disso. Eu sabia que ele se importava com Will, e que a culpa a respeito do que ele tinha feito com o amigo devia estar devorando-o por dentro.

Levando em conta o que devia estar acontecendo dentro da cabeça dele naquele momento, era bem improvável que Lance fosse se lembrar de uma reunião com um professor.

— Talvez eu devesse ter ligado para lembrá-lo — eu disse em tom de desculpa ao Sr. Morton. — Ele, hã, anda com a cabeça cheia.

— O que vai acontecer — disse o Sr. Morton, muito severo — é que ele vai repetir nesta matéria de novo, como aconteceu no ano passado.

— Ah, não faça isto — eu não pude deixar de exclamar. — Ele está passando por muitos problemas neste momento.

— Não estou nem um pouco interessado nas provações e nos sofrimentos do defensor do time de futebol americano da Avalon High — o Sr. Morton disse, com a voz cansada. — Tenho certeza de que ele está muito chateado com o que deixou acontecer ao Sr. Wagner no jogo de sábado à noite, mas isso não é da minha conta.

— Não estou falando disso — respondi. — Quer dizer, teve toda a confusão com o melhor amigo dele e a namorada, e...

— Imagino que um problema entre o melhor amigo do Sr. Reynolds e a namorada dele não seja nem um pouco da conta do Sr. Wagner. — O Sr. Morton ergueu uma sobrancelha grisalha. — E com certeza não serve para desculpar a ausência dele aqui.

— Mas é exatamente isso — eu me senti uma boba de ficar contando para um professor coisas que não tinham nada a ver com ele. Por outro lado, eu achava de verdade que Lance tinha uma razão genuína para ter se esquecido da nossa reunião. — Ele *causou* o problema. Foi Lance. Quer dizer, a culpa não é exatamente dele... bom, quer dizer, meio que é sim. Mas eu acho que ele não podia mesmo fazer nada, nem Jennifer. — Então, ao perceber que o Sr. Morton estava olhando para mim meio incrédulo, vi que estava dizendo coisas sem nexo e falei: — Olhe, a coisa toda está a maior confusão, e ele simplesmente deve ter esquecido. Será que a gente pode remarcar para amanhã? Prometo que eu...

Parei no meio da frase, porque juro que o rosto do Sr. Morton ficou tão cinzento quanto a barba dele.

Ele estava com cara de quem ia vomitar.

— Sr. Morton? — Eu me levantei da carteira um pouco assustada. — Tudo bem com o senhor? Quer que eu busque uma água ou alguma outra coisa?

O Sr. Morton tinha se levantado da cadeira. Estava em pé, agarrado à beirada da mesa como se aquilo fosse a única coisa que o impedisse de desabar, e balbuciava alguma coisa. Quando eu corri para o lado dele e me inclinei para escutar o que ele dizia (achei que talvez estivesse falando baixinho para eu ligar para a emergência), fiquei surpresa ao escutar o que dizia:

— Tarde demais... Começou... cedo demais. Eu não fazia ideia. Chegamos tarde demais. Completamente tarde demais.

Dei uma olhada no relógio da parede.

— Não é tarde ainda, Sr. Morton — eu disse, toda confusa. — Ainda faltam cinco minutos para o sinal...

Então ele ergueu os olhos.

E eu dei um passo para trás. Porque eu nunca tinha visto tanto desespero (combinado com uma alta dose de medo) nos olhos de alguém, como via nos olhos do Sr. Morton naquele momento.

— Já aconteceu, não é mesmo? — disse ele com voz rouca. — Ela está com ele, com o Reynolds?

Engoli em seco. Eu sabia que ia haver fofoca a respeito do que tinha acontecido com Will e Jennifer e Lance. Quando entrei no ônibus naquela manhã, ouvi algumas pessoas cochichando que o Casal Mais Bacana da Avalon High tinha se separado, mas ninguém parecia saber por quê (pelo menos foi o que eu pude apreender de todas as perguntas que Liz me fez).

Mas o fato de um professor se interessar tanto pela vida amorosa dos alunos parecia um tanto bizarro. O Sr. Morton parecia prestes a se suicidar, sério. Os olhos cinza-claros dele espiando por baixo de um cenho um pouco marcado, pareciam exaustos, como se tivessem visto alguma coisa trágica demais para suportar.

— Hã — eu disse. — O senhor está falando de Jennifer Gold? Porque ela e Lance estão... bom, eles estão juntos agora. — E então, como era o que eu tinha dito a Will que devia falar para todo mundo se quisesse provar que estava aliviado de verdade, como disse que estava, a respeito dos dois estarem juntos, completei: — E Will está muito feliz pelos dois.

Mas parece que isso não surtiu o efeito desejado, porque o Sr. Morton ficou ainda mais pálido.

— Então ele sabe? Sobre os dois?

— Bom — respondi. Eu não conseguia entender, por nada neste mundo, o que estava acontecendo ali. Desde quando um professor se importa tanto com o fato do Casal Mais Bacana de uma escola ter terminado? Mas, bom, esse era o Sr. Morton, o professor mais adorado da escola (para algumas pessoas, pelo menos. As que não tinham vontade de matá-lo, como Marco). — Hã — eu disse. — É. Quer dizer, sim. Will sabe. Ele descobriu ontem. Mas — completei, apressada, quando o rosto do Sr. Morton se contorceu — ele acha que tudo bem. Mesmo.

O Sr. Morton afundou-se lentamente na cadeira da mesa dele. Ficou lá largado, com um olhar de desolação desesperada no rosto.

— Estamos condenados — ele sussurrou, para a parede.

E daí eu me dei conta de que isto não era uma coisa normal, provavelmente. Nem mesmo para o Sr. Morton.

Eu não sabia o que fazer. O Sr. Morton parecia estar tendo algum tipo de ataque bem na minha frente.

Mas por quê? Por que o Sr. Morton se importava tanto com quem era o namorado de Jennifer Gold?

Daí eu me lembrei da última vez que tinha visto o Sr. Morton. No jogo.

E, de repente, tudo fez sentido. Bom, mais ou menos.

— Falando sério, Sr. Morton — eu disse. — Acho que o senhor está exagerando. Lance e Will são bons amigos. Provavelmente vão sair fortalecidos depois de tudo isso. E, sabe como é, o senhor realmente não devia se preocupar tanto com isso.

O Sr. Morton ergueu a cabeça para olhar para mim. Os lábios dele, percebi, estavam se mexendo, mas deles não saía nenhum som. Então, lentamente, pareceu que ele foi reencontrando a voz.

— Eu tentei — ele fungou, com o rosto tão branco quanto os traços de giz na lousa atrás dele. — Não podem dizer que eu não tentei. Fiz o que pude para aproximar aqueles dois. Mas nós chegamos tarde demais... tarde demais...

A expressão dele era uma das mais desalentadas que eu já tinha visto.

— Eles venceram — ele prosseguiu. — Eles venceram de novo.

— Sr. Morton — eu disse, com um tom de voz que eu esperava ser tranquilizador —, acho que o senhor está exagerando um pouco. A Avalon ainda tem uma boa chance de chegar às finais de futebol americano do distrito. Will e Lance vão resolver tudo. O senhor vai ver.

Abri um sorriso bem grande para ele...

... mas o meu sorriso se desfez quando vi que ele me olhava com frieza.

— Hã — eu disse. — O senhor *está* falando sobre futebol, não está, Sr. Morton?

— *Futebol*? — Parecia que o Sr. Morton estava prestes a sufocar. — *Futebol*? Não, não estou falando de futebol, sua menina idiota. Estou falando da batalha sem fim do bem contra o mal. Estou falando de um homem que nasceu com a capacidade para impedir que este planeta acabe se destruindo, e as forças da escuridão estão impedindo que ele o faça.

Eu não fazia a menor ideia do que responder a isso. O Sr. Morton tinha se inclinado para a frente. A intensidade de seus olhos cinzentos parecia me prender, transfixada. Eu não conseguia me mover. Não

conseguia falar. Não conseguia nem respirar.

— Estou falando de mergulharmos mais uma vez na Idade das Trevas — prosseguiu o Sr. Morton, com aquela mesma voz rouca —, e desta vez não teremos luz para nos conduzir para fora dela. Estou falando de sermos forçados a ficar aqui até que outro possa nascer, crescer e ascender para ocupar o lugar dele... se conseguirmos abordá-lo antes deles da próxima vez, quer dizer. Estou falando de *fracasso*, Srta. Harrison. Do *meu* fracasso. Devido ao qual todo mundo neste planeta vai sofrer pelo resto da vida. É disto que eu estou falando, Srta. Harrison. *Não de futebol*.

Fiquei olhando para ele, atordoada.

— Ah — disse eu.

Bom, o que mais eu *poderia* dizer depois de tudo isso?

O Sr. Morton largou-se de novo na cadeira e passou as mãos pelo rosto.

— Saia daqui, Srta. Harrison — disse ele por entre os dedos. — Por favor, vá embora.

Peguei minha mochila. Eu não sabia o que mais poderia fazer. Era óbvio que ele não me queria ali. A coisa por que ele estava passando (fosse lá o que ele estivesse falando) não tinha nada a ver comigo. Provavelmente não tinha a ver com ninguém... ninguém além do Sr. Morton e sei lá o que ele guardava em uma garrafa na última gaveta da mesa dele...

Porque ele estava obviamente acabado, coitado. Ninguém com a cabeça no lugar fala de forças da escuridão tomando conta do planeta. Ninguém.

Só que...

Bom, até aquele momento, ele tinha me parecido bem equilibrado.

Então, quando eu já ia esticando o braço na direção da maçaneta, uma coisa que ele disse me bateu... me fez lembrar, de uma maneira estranha, das palavras de outra pessoa...

Virei-me para falar com ele.

— Sr. Morton — eu disse.

Quando ele olhou para mim (o rosto dele ainda parecia uma máscara de desespero completo), eu prossegui:

— Isso tem alguma coisa a ver... com a Donzela dos Lírios de Astolat?

— Como... Como é que você sabe disso? — ele ofegou; a voz dele estava tão rouca que obviamente estava fazendo um esforço enorme para conseguir falar. — Quem disse a você?

— Hã — respondi. — Estou fazendo um trabalho sobre ela, está lembrado?

E o Sr. Morton pareceu visivelmente menos tenso. Pelo menos até eu completar:

— E, hã, o irmão postiço de Will, Marco, também disse alguma coisa...

E lá se foi a cor do rosto do Sr. Morton.

— O irmão postiço. — Ele sacudiu a cabeça, parecendo mais desconsolado do que nunca. — É claro. Se pelo menos... se pelo menos...

E então, posso jurar que ele disse:

— Se pelo menos eu o tivesse detido quando tive a oportunidade...

— Se tivesse detido quem, Sr. Morton? — Só que eu sabia. Ou achei que sabia, pelo menos. Marco. Ele só podia estar falando de Marco.

Só que eu achava que ele tinha detido Marco. Tinha impedido Marco de tentar matá-lo. Não era esse o boato? Que Marco tinha tentado matar o Sr. Morton, e o Sr. Morton o tinha detido?

— Sr. Morton — fiquei parada à porta, hesitante. O que estava acontecendo? O que estava se passando? Era verdade que eu tinha fantasiado naquela noite a respeito de Jennifer ser Guinevere e Lance ser Lancelot, e Will ser Arthur, e Marco ser Mordred...

Mas foi só porque... bom, por causa daquilo que Marco disse a respeito de eu ser Elaine de Astolat. Isso sem mencionar o fato de que todos estudamos em Avalon High, o lar dos Excalibur. Eu não tinha pensado (não tinha nem sonhado) que isso pudesse ser remotamente *real*.

Porque não podia ser. Tudo aquilo tinha acontecido (se é que tinha acontecido mesmo) há centenas de anos. Na posição de filha de dois historiadores, eu sei melhor do que ninguém que a história pode se repetir — e que geralmente o faz.

Mas não *deste* jeito.

E ninguém (ninguém com a cabeça no lugar, pelo menos) poderia acreditar nisso.

Exceto...

Exceto um integrante da Ordem do Urso, o grupo a respeito do qual eu li e que acredita que o rei Arthur está destinado a reencarnar algum dia, para tirar o mundo da Idade das Trevas...

Mas o Sr. Morton não pode fazer parte de uma coisa tão ridícula. Ele é *professor*. E um dos bons, de acordo com tudo que eu ouvi. Professores não acreditam em coisas bobas como um rei medieval que vai renascer para salvar o mundo.

Eu deixava a minha imaginação me levar enquanto o Sr. Morton, em sua mesa, continuava sofrendo. Obviamente, ele estava precisando... de alguma coisa.

— Sr. Morton — eu disse. — O senhor não quer... O senhor não quer que eu vá chamar a enfermeira? O senhor não parece bem. Acho... Acho que pode estar doente.

Então, o Sr. Morton fez uma coisa estranha. Ergueu a cabeça e olhou para mim. Deu um sorriso triste. Que também não foi um sorriso fácil.

Mas, mesmo assim, foi um sorriso.

— Não estou doente, Elaine — ele disse. — Só estou triste.

Fiquei mexendo na alça da mochila.

— O senhor não vai me dizer por quê? Pode ser que eu ajude, sabe como é. — Claro que eu não fazia a menor ideia de como poderia ajudar. Mas eu tinha que perguntar.

Parece que o Sr. Morton entendeu, porque falou com mais gentileza do que jamais tinha falado comigo antes.

— É tarde demais, Elaine — disse ele, com a mesma voz derrotada. — Obrigado, mesmo assim. Mas já é tarde demais. E é melhor que você, no fim, não saiba de nada. Afinal de contas, desta vez o seu papel terminou antes mesmo de poder começar.

— Como assim, desta vez? — Sacudi a cabeça. — Como assim, o meu papel?

Mas foi bem aí que o sinal tocou.

E o Sr. Morton deu um suspiro cansado e disse:

— É melhor ir para a sua aula, Elaine.

— Mas e Lance? O senhor não quer remarcar?

— Não. — O Sr. Morton pegou o jornal da mesa e jogou, sem ler, no cesto de lixo. O tom dele, quando voltou a falar, era definitivo. — Agora não importa mais, veja bem.

E, com isso, percebi que eu estava dispensada.

CAPÍTULO DEZOITO

And down the river's dim expanse—
Like some bold seer in a trance,
Seeing all his own mischance—
With a glassy countenance
Did she look to Camelot.

(E pela extensão obscura do rio...
Como um vidente ousado em transe,
Ao enxergar todo o seu desfortúnio...
Com semblante vidrado
Foi que ela olhou para Camelot.)

Eu disse a mim mesma que estava louca. Disse a mim mesma que era ridícula.

Eu disse a mim mesma muitas coisas.

Mas fiz, mesmo assim. Em vez de me juntar a Liz e Stacy para almoçar (elas tinham me informado que a minha "iniciação" estava marcada para o próximo fim de semana), fiz o que sempre fazia quando não sabia mais o que fazer: liguei para a minha mãe.

Eu não queria ligar. Mas, depois da minha reunião estranha com o Sr. Morton, eu passei pelas minhas aulas da manhã em uma espécie de transe, e fui me sentindo cada vez mais incomodada com cada minuto que passava.

Desta vez o seu papel terminou antes mesmo de poder começar. A voz do Sr. Morton ecoava na minha cabeça. *Meu* papel? *Desta* vez?

Se pelo menos eu o tivesse detido quando tive a oportunidade... Detido quem? Marco? Detido Marco de fazer o quê?

Nada daquilo fazia o menor sentido. Tudo parecia o delírio de um lunático.

Mas eu tinha olhado dentro dos olhos do Sr. Morton e não tinha visto nem um pingo de insanidade. A única coisa que vi ali dentro foi desespero.

E medo.

Era uma idiotice. Era impossível.

Mas, quando o sinal do almoço tocou, eu já estava no telefone público mais próximo, de qualquer modo.

— A Ordem do Urso? — minha mãe repetiu, cheia de surpresa. — Mas que diabos...

— Por favor, mãe — eu disse. — Eu sei que você sabe do que eu estou falando. Eu vi em um livro seu.

— Bom, é claro que eu sei. — Minha mãe parecia estar achando engraçado. — Só estou surpresa por saber que você de fato *leu* um dos meus livros. Você sempre se mostrou tão contrária a tudo que é medieval...

— Eu sei — respondi, esforçando-me para escutar o que ela dizia com o barulho do corredor. Quando todo mundo entrasse no refeitório, diminuiria. — Eu já disse. Preciso saber para um trabalho que estou escrevendo. Só algumas coisinhas...

— Bom, Ellie, querida — disse minha mãe. — Acho que não é justo você ter ajuda de uma catedrática arturiana no seu trabalhinho. E os outros alunos, que não têm uma catedrática arturiana em casa para consultar?

— Mãe — eu quase gritei. — Só responda a minha pergunta.

— Sobre a Ordem do Urso? Bom, trata-se de um grupo de pessoas que acredita que o rei Arthur vai se reerguer algum dia e...

— ... e nos tirar da Idade das Trevas — terminei para ela. — Eu sei. Mas, quer dizer... isso não é a mesma coisa que acreditar em alienígenas ou algo assim? Quer dizer, parece um bando de malucos...

— A Ordem do Urso não é formada por um bando de malucos, Ellie. É formada por um grupo de homens e mulheres altamente respeitados e muito cultos — disse ela. — Trata-se de uma organização muito elitista, na qual é dificílimo entrar. Além do mais, há provas de que o rei Arthur existiu de fato, e não há nenhuma prova convincente, para mim, pelo menos, de que algum dia já fomos visitados por criaturas de outro planeta. No entanto, podemos de fato retraçar a linhagem de Arthur. O pai dele foi Uther Pendragon, a mãe, Igraine, duquesa da Cornualha. O que, como você pode imaginar, era uma situação um pouco difícil, tendo em vista o fato de ela ser casada com um homem que não era o pai do filho dela com Uther. Mas Uther deu conta disso ao acabar com o duque em uma batalha, e pôde casar-se com Igraine e fazer de Arthur seu herdeiro legítimo...

Prendi o fôlego porque isso (matar um cara em batalha e depois se casar com a mulher dele) soava muito familiar. Só que, é claro, Jean era só madrasta de Will, não era mãe dele.

— Mas e as partes tipo... tipo Mordred? — perguntei. — E de Arthur ter se rodeado de seres mágicos como Merlin e a Dama do Lago? Quer dizer, essas coisas não podem ser verdade.

— Bom — disse minha mãe —, o mais provável é que uma parte tenha sido. Mordred de fato matou Arthur, no fim, em uma batalha pelo trono. E Merlin provavelmente foi algum místico ou sábio religioso, não um mago, é claro. E, no que diz respeito à Dama do Lago, bom, então, ela sempre foi uma personagem envolta em mistério...

— Mas Lancelot — eu interrompi. — E Guinevere? Eles também existiram?

— Claro que sim, querida, mas as referências a eles aparecem muito depois de, digamos, referências a outros personagens arturianos, como, por exemplo, ah, o cachorro dele, Cavall...

Quase derrubei o telefone.

— O... cachorro dele?

— É, o lendário cão de caça do rei Arthur, Cavall. — Minha mãe, já se animando com o assunto (que era, afinal de contas, o preferido dela), começou a dar uma aula, algo que professores universitários não conseguem evitar. — Cavall supostamente possuía uma capacidade quase humana de compreender situações e pessoas...

Cavall. Cavalier.

Não. Não era possível. Simplesmente não era.

A minha garganta tinha ficado seca. Mas eu consegui coaxar:

— Arthur tinha um barco?

— Bom, claro que sim. Todos os grandes heróis tinham um barco. O de Arthur era o *Prydwyn*. Ele viveu muitas aventuras no mar... — parece que ela se lembrou de que estava falando com a filha, e não com algum dos alunos de pós-graduação dela, já que de repente interrompeu a si mesma e perguntou: — Ellie, está tudo bem? Você nunca se interessou por esse tipo de coisa. Você está ficando doente? Quer que eu vá buscá-la na escola? Você sabe que hoje à noite eu e seu pai vamos até Washington para jantar com o Dr. Montrose e a mulher dele, certo? Espero que você fique bem sozinha. No canal de previsão do tempo estão dizendo que vai haver algum tipo de tempestade. Você sabe onde ficam as lanternas, certo? Para o caso de faltar eletricidade?

Prydwyn. Pride Winn.

Eu me lembrei de como Will tinha rido no dia anterior, quando me explicou como tinha inventado um nome tão estranho para o barco dele.

Simplesmente tinha pipocado na cabeça dele. E lá ficara.

Do mesmo jeito que aconteceu com o nome Cavalier para a cachorra dele.

E o fato de ele gostar de escutar música medieval.
E de achar que me conhecia.
De uma outra vida.
— Preciso ir, mãe — eu disse.
Desliguei, enquanto ela ainda perguntava:
— Aliás, que tipo de trabalho é este, Elaine? Parece detalhado demais para um trabalho de escola...
Porque eu reparei que, pendurada na cabine de telefone do condado Anne Arundel em que eu estava, havia uma lista telefônica já bem usada. Eu a ergui.
Não fiz isso por achar que poderia encontrar alguma coisa. Fiz para provar para mim mesma que as minhas ideias eram completamente insanas. Fiz porque *sabia* que não podia ser verdade. Eu só queria uma prova do fato. Fiz para tirar da minha memória o olhar no rosto do Sr. Morton, aquela expressão de terror que eu tinha visto escrita pelas feições marcadas dele quando falei de Lance e Jennifer.
Fiz para tentar secar o suor das minhas mãos.
Fui até a parte da letra W.
Porque o A. do nome A. William Wagner tinha que ser de alguma coisa. Nunca tinha me ocorrido perguntar, mas agora eu queria saber.
Geralmente, quando um cara usa o nome do meio, é porque o primeiro é igual ao do pai. O nome do pai de Will provavelmente era Anthony. Ou Andrew. Will provavelmente não gostava de ser chamado de Andrew porque ter dois Andrews ou sei lá o que na família podia ser confuso...
Encontrei quase que na mesma hora. *Wagner, Arthur, almirante*, morava no endereço de Will.
Fiquei olhando para a página sem acreditar.
Arthur. O verdadeiro nome de Will era Arthur.
E ele tinha uma cadela chamada Cavalier, e um barco chamado *Pride Winn*.
E o nome do melhor amigo dele era Lance.
E a namorada dele (agora ex) se chamava Jennifer, que é o correspondente em inglês para Guinevere.
E o pai dele tinha se casado com a mulher de outro homem depois de o primeiro marido dela morrer, pelas próprias mãos do almirante Wagner, segundo algumas pessoas dizem...
Larguei a lista telefônica. Eu precisava me recompor. Estava sendo ridícula. Tudo não passava de uma coincidência, as semelhanças entre a vida de Will e a do rei que a minha mãe acabara de descrever. Porque Jean (esse era o nome da madrasta de Will, como ele tinha dito), não era mãe de Will, como Igraine era mãe de Arthur. A mãe de Will morrera quando ele nasceu, anos atrás. Will e Marco eram irmãos postiços, não parentes de sangue. Não eram parentes de sangue de jeito nenhum.
Está vendo? O que o Sr. Morton estava pensando não era verdade. Não podia ser. E não era.
Peguei minha mochila e me dirigi para o banheiro. Quando cheguei lá, abri a torneira de água fria e lavei o rosto, então olhei para o meu reflexo molhado no espelho por cima da fileira de pias.
Onde diabos eu estava com a cabeça? Será que eu acreditava mesmo que Arthur (o antigo rei da Inglaterra, fundador da Távola Redonda) tinha finalmente renascido e morava em *Annapolis*?
E será que eu pensava mesmo que eu, Elaine Harrison, era a Senhora de Shalott, uma mulher que se matara por causa de um cara como *Lance*?
Essa ideia foi como um jato de água fria na minha cabeça. Para começo de conversa, certo, *não tem* como eu ser a reencarnação de uma retardada como Elaine.
E em segundo lugar, as pessoas não voltam (nem que sejam reis lendários da Inglaterra). Esse tipo de coisa simplesmente não acontece. Quer dizer, nós vivemos em um mundo ordenado, em uma era esclarecida e culta. Não precisamos inventar mitos e histórias para explicar coisas que não entendemos, como acontecia no passado, porque hoje sabemos que existe explicação científica para elas.
Will Wagner *não* era a reencarnação de Arthur nos tempos modernos.
E, portanto...

E se *fosse* verdade?

Agarrei-me à beirada da pia e fiquei olhando para o meu reflexo. O que estava acontecendo comigo? Será que eu estava mesmo começando a acreditar em uma coisa completamente inacreditável? Eu era uma pessoa prática. Nancy era romântica, não eu. Sou filha de educadores. Não posso me dar ao luxo de acreditar nesse tipo de coisa.

E, portanto...

E, portanto, segundos depois disso, peguei minha mochila e voltei correndo para a sala onde estivera algumas horas antes. Eu sabia que precisava falar com o Sr. Morton, descobrir se ele realmente acreditava no que eu desconfiava que ele acreditava, e se isso significava que ele era louco (ou que eu era, ou que nós dois éramos).

Eu não sabia o que iria dizer a ele. Que eu sabia? Mas *o que* é que eu sabia? Eu não sabia nada...

... só que eu não tinha como fazer a minha cabeça parar de rodopiar.

Mas, quando cheguei à sala dele, não era o Sr. Morton que estava à lousa. Era a Sra. Pavarti, a vice-diretora da escola.

— Pois não? — ela disse ao me ver.

Todas as cabeças da sala (das pessoas que almoçavam no quinto período, e não no quarto, como eu) tinham se voltado para mim, com os olhos me examinando de cima a baixo enquanto eu ficava lá parada no corredor, agarrada à minha mochila e parecendo, tenho certeza, a maior esquisitona gigante, com marcas de água por toda a parte da frente da camisa, meu rabo de cavalo meio desabado, os olhos esbugalhados.

— Posso ajudar? — a Sra. Pavarti perguntou com educação.

— E-eu preciso falar com o Sr. Morton — gaguejei.

— O Sr. Morton voltou para casa — disse a Sra. Pavarti. — Ele não estava passando bem. Você não deveria estar em aula? Ou no refeitório? Cadê o seu passe para circular?

Eu dei meia-volta, atordoada.

O Sr. Morton tinha voltado para casa. O Sr. Morton tinha voltado para casa e não estava mais na escola.

Bela tentativa, amigão. Mas você não vai escapar desta assim com tanta facilidade.

— Com licença — a Sra. Pavarti tinha me seguido pelo corredor. — Mocinha. Eu lhe fiz uma pergunta. Cadê o seu passe para circular pela escola? Em que aula você deveria estar neste momento?

Eu nem me virei para olhar para ela. Dirigi-me para o portão da escola.

— Pare! — a voz da Sra. Pavarti soava alta no corredor vazio. Vi pessoas da secretaria olhando para nós, curiosas para saber o que estava acontecendo. — Qual é o seu nome? Mocinha! Não saia andando deste jeito!

Só que, àquela altura, eu não estava mais andando. Estava correndo.

E não parei de correr até ter saído do terreno da escola. Não que a Sra. Pavarti pudesse ter alguma esperança de me alcançar. Eu simplesmente não tinha como desacelerar. Parecia que, se eu corresse bem rápido, nada daquilo seria verdade. A minha cabeça se desanuviaria, e eu perceberia como estava sendo imbecil, e tudo voltaria ao normal.

Só que, quando finalmente desacelerei, eu não me senti nem um pouco assim. Se é que alguma coisa mudou, é que ficou pior. Porque agora, pela primeira vez na minha vida, eu estava matando aula. Eu tinha saído do terreno da escola sem permissão.

Eu era uma matadora de aula.

Eu era uma delinquente.

E o pior de tudo?

Eu não estava nem aí.

CAPÍTULO DEZENOVE

Down she came and found a boat
Beneath a willow left afloat,
And round about the prow she wrote
The Lady of Shalott.

(Ela desceu e encontrou um bote
Flutuando largado sob um salgueiro,
E por toda a extensão da proa ela escreveu
A Senhora de Shalott.)

Meia hora depois, quando o táxi parou na frente do condomínio, eu entreguei ao motorista quase a metade do dinheiro que tinha (oito dólares, o que me deixou apenas com a mesma quantia para voltar para a escola depois), mas nem liguei.

Não liguei por estar em uma parte de Annapolis que eu nunca tinha visitado antes. Não liguei para o fato de não ter ideia de como voltar para casa, nem dinheiro suficiente para chegar até lá, aliás. A única coisa para que eu ligava era o fato de o ter encontrado (com a ajuda da Central de Informações e mais um telefone público) e de que agora eu ia conseguir obter algumas respostas.

Pelo menos era o que eu esperava.

Eu sabia que ele estava em casa. Dava para ouvir o som da TV por trás da porta em que eu batia. Talvez ele não estivesse me escutando, já que o volume estava tão alto. Talvez tenha sido por isso que ele demorou tanto para responder.

Mas, quando finalmente abriu a porta, vi que o problema não era ele não ter me escutado. Não tinha sido por isso que ele demorou tanto para abrir a porta. Não abriu logo porque ficou olhando pelo olho mágico para ver quem estava ali.

E estava com uma frigideira enorme na mão para me acertar, caso eu fosse alguém perigoso.

Pelo menos foi a conclusão que eu tirei, já que ele abaixou a frigideira ao ver que eu estava sozinha.

— Ah — disse o Sr. Morton. — É você.

Não pareceu surpreso. Ficou mais com cara de resignado.

— Vá embora — disse ele. — Estou ocupado. — E começou a fechar a porta.

Mas eu fui rápida demais para ele. Antes que ele fechasse a porta totalmente, eu coloquei o pé no batente da porta e a borracha grossa da sola do meu Nike impediu que ela batesse na minha cara.

Não sei o que deu em mim. Eu nunca tinha feito nada assim na vida (matar aula, sair da escola sem autorização, ir ao apartamento de um professor, colocar o pé na porta para que ele não a fechasse na minha cara), não tinha nada a ver comigo. *Nada* disso tinha alguma coisa a ver comigo. O meu coração batia forte, a palma das minhas mãos suavam de tanto nervoso. Achei que eu estivesse doente.

Mas eu não tinha ido tão longe simplesmente para ser mandada para casa. Isto era algo que eu precisava fazer. Apesar de não saber por quê.

Talvez fosse porque eu cresci em uma casa cheia de gente que sabia todas as respostas para as perguntas do programa *Jeopardy!*. E agora, finalmente, eu queria obter algumas respostas pessoalmente.

O Sr. Morton baixou os olhos para o meu pé. Então pareceu surpreso. Surpreso com a minha criatividade.

Mas não tentou lutar contra mim. Só deu de ombros e disse:

— Faça como quiser.
E virou-se para voltar a fazer o que estava fazendo quando eu bati na porta. Que era arrumar uma mala.
As roupas dele estavam espalhadas por todos os lados. Mas não era isso que ele estava colocando dentro das malas que cobriam o chão. Ele as enchia de livros. Livros grossos, do tipo que o meu pai sempre leva para casa da biblioteca da universidade. A maior parte deles parecia extremamente velha. Eu não fazia ideia de como o Sr. Morton podia achar que conseguiria levantar qualquer uma daquelas malas quando finalmente as fechasse.
Olhei para as malas. Então, olhei para o Sr. Morton, que estava separando uma pilha de livros que trazia nos braços. Alguns foram para dentro de uma mala. Os outros, ele só jogou no chão. Estava bem claro que ele não dava a mínima para as coisas que deixaria para trás.
— Bom, o que você quer aqui? — perguntou o Sr. Morton, sem parar de selecionar livros. — Não tenho o dia todo. Tenho que tomar um avião.
— Estou vendo — respondi. Peguei o livro mais próximo de mim. O título nem era em inglês, mas eu o reconheci, porque meu pai tinha o mesmo volume na estante dele da nossa casa em St. Paul. *Le Morte d'Arthur*. A Morte de Arthur. Maravilha. — É uma viagem meio repentina, não é mesmo?
— Não é uma viagem — respondeu o Sr. Morton, seco. — Estou indo embora daqui. Para sempre.
— Está? — dei uma olhada ao redor, para toda a mobília da sala, que era pouca e quase nova, mas não com jeito de ser muito cara. — Por quê?
O Sr. Morton lançou um único olhar de avaliação para mim. Então, continuou com sua seleção de livros.
— Se quiser falar a respeito da sua nota — disse ele, ignorando a minha pergunta — não precisa se preocupar. Qualquer pessoa que chamem para me substituir com certeza vai dar um A para você. Aquela apresentação que você entregou realmente estava muito bem escrita. Você com toda a certeza sabe ligar duas sentenças, o que já é bem mais do que aqueles cretinos daquela escola conseguem fazer. Você vai se dar bem. Agora, por favor, vá embora. Tenho muito a fazer e pouquíssimo tempo para tanto.
— Para onde o senhor vai? — perguntei.
— Para o Taiti — respondeu, avaliando a lombada de um livro antes de jogá-lo na mala a sua frente.
— Para o Taiti? — repeti. — Isso é meio longe.
Ele ignorou a pergunta e foi para trás de mim, para fechar a porta que eu tinha deixado aberta.
— Eu já disse — ele falou, quando a porta estava fechada em segurança. A voz dele tinha um tom tão inflexível e baixinho que eu mal conseguia escutar por cima do som da TV, que continuava vociferando do quarto. — O seu papel nisto já acabou. Não tem mais nada que você possa fazer... nada mais que você *precise* fazer. Agora, seja uma boa menina, Elaine, e volte para a escola.
— Não. — Afastei uma pilha de livros e me sentei no lugar que tinha aberto no sofá dele.
O Sr. Morton ficou olhando para mim atordoado, como se não estivesse acreditando direito no que tinha ouvido.
— Desculpe, o que disse?
— Não — repeti. Eu falei de um jeito tão firme que surpreendi até a mim mesma. Por dentro, é claro, eu tremia. Nunca tinha desobedecido a uma ordem direta de um professor (nem de qualquer adulto, aliás). Eu não fazia ideia de onde essas reservas de coragem escondida saíam, mas fiquei muito contente de deparar com elas desse modo inesperado. — Não, não vou embora. Não antes de o senhor me dizer o que está acontecendo. Por que fica repetindo "o seu papel nisto já acabou"? O meu papel em *quê*, exatamente? E por que o senhor quer sair daqui assim tão rápido? O que o senhor tem medo que aconteça, afinal de contas?
O Sr. Morton suspirou e respondeu com voz cansada:
— Por favor, Srta. Harrison. Elaine. Não tenho tempo para isto. Preciso tomar um avião. — Esticou a mão para pegar os livros que eu tinha tirado do sofá. Percebi pela primeira vez que as mãos dele

tremiam.

Fiquei olhando para ele, estupefata de verdade.

— Sr. Morton — perguntei —, o que foi? Do que é que o senhor tanto tem medo? Do que está fugindo?

— Srta. Harrison. — Ele deu um suspiro pesado. Então, como se tivesse refletido sobre o assunto, respondeu: — Os seus pais estão aqui para uma licença sabática, não estão? Eles podem parar um pouco a pesquisa deles. Por que você não pede a eles para que os três façam uma viagem? Para algum lugar bem longe do litoral leste. Seria melhor se partissem imediatamente. — O olhar dele voltou-se para a janela, através da qual dava para ver as nuvens que obstruíam o sol forte da tarde. — Quanto antes, melhor.

Então ele se virou e colocou mais livros dentro da mala que estava arrumando.

— Sr. Morton — eu disse, com cuidado. — Desculpe, mas acho que o senhor precisa de ajuda. De um profissional de saúde mental.

Ele olhou para mim por cima do aro dos óculos.

— É isso que você pensa? — foi a única coisa que ele disse, e ainda com um tom de indignação na voz.

Eu não o culpava por se sentir ofendido. Realmente não era minha função dizer isso. Mesmo assim, *alguém* tinha que dizer. O coitado estava completamente louco. Claro que ele tinha razão para se sentir meio fora do eixo. Mas, mesmo assim.

— Eu sei que essa coisa toda com Will e Lance e Jennifer parece meio... coincidência — prossegui. — Mas o senhor é professor... é um educador. Supõe-se que deve usar o raciocínio e a inteligência. Com certeza não pode acreditar em uma coisa tão ridícula quanto a reencarnação do rei Arthur.

— E foi por isso que você se deu ao trabalho de vir até aqui — o Sr. Morton falou. — Para me dizer que acha tudo em que eu acredito ridículo? Está preocupada comigo, imagino? Achando que eu possa estar louco?

— Bom — respondi, sentindo-me mal com a situação, mas sabendo que precisava falar a verdade. — É. Quer dizer, dá para ver como alguém, até mesmo uma pessoa que não pertence a essa seita que o senhor pertence...

Ele só pareceu um pouco surpreso ao ficar sabendo que eu conhecia o grupinho dele. Quando retrucou, falou em tom ameno:

— A Ordem do Urso, Srta. Harrison — disse —, é uma fraternidade, não uma seita.

— Tanto faz — respondi. — Eu sei como alguém como eu, por exemplo, poderia olhar para estas coincidências... os pais de Will; o nome dele; a coisa com Lance e Jennifer; o nome da cadela e do barco de Will. Essas coisas... e ficar pensando lá com seus botões: "Nossa, que coisa. Aquele é o rei Arthur reencarnado." Mas, sabe, também há diferenças importantes. A mãe verdadeira de Will não é Jean... a mãe de verdade dele morreu. Marco é irmão postiço dele, não meio-irmão. E eu com toda a certeza não sou a Donzela dos Lírios de Astolat. Eu não conseguiria me apaixonar por Lance nem se eu tentasse. O senhor é um *professor*, Sr. Morton. Supõe-se que deve raciocinar de maneira lógica. Como um homem como o senhor pode acreditar em algo tão ridículo como o rei Arthur se erguendo dos mortos... A menos, é claro, que o senhor seja louco de verdade.

Ele piscou, estupefato. Só uma vez.

Então, disse:

— Não é no que eu "acredito", Srta. Harrison. É o que eu *sei*. É um fato. Arthur *vai* voltar. *Já* voltou. Só que... — a expressão dele ficou anuviada.

Então, parece que voltou a se fechar.

— Não, não vai adiantar nada. É melhor você não saber — ele falou, sacudindo a cabeça. — O conhecimento... pode ser perigoso. Às vezes... bom, na maior parte do tempo, *eu* preferiria não saber.

— Experimente — respondi e cruzei os braços por cima do peito.

Ele ficou me olhando durante um minuto.
Então, disse:
— Muito bem. Você é uma menina inteligente... pelo menos pareceu ser, até agora. E se eu lhe dissesse que a minha ordem, a Ordem do Urso, é uma sociedade secreta cuja única função é tentar frustrar as forças do mal que impedem que o rei Arthur tome o poder mais uma vez?
— Hã — respondi. — Eu provavelmente diria que já sabia. E também que existem medicamentos que o senhor pode tomar para evitar esse tipo de delírio paranoico.
A expressão dele ficou azeda.
— Não achamos que o sujeito vai se erguer do túmulo, com a Excalibur na mão. Não somos simplórios, Srta. Harrison. Como os monges do Tibet que procuram no mundo todo pelo próximo Dalai Lama, os integrantes da Ordem do Urso procuram Arthurs em potencial em cada geração. — Ele tirou os óculos e começou a limpar as lentes com um lenço que tirara do bolso de trás. — Quando encontramos algum que acreditamos ter uma chance séria, mandamos um integrante da Ordem para a cidade do menino, para observá-lo, geralmente no papel de professor, como eu. Na maior parte do tempo, esses garotos nos decepcionam. Mas de vez em quando, como no caso de Will, a Ordem tem razão para ter esperança...
Colocou os óculos de volta ao rosto e me observou através das lentes, agora reluzentes.
— E então é só uma questão de impedir que as forças obscuras destruam a oportunidade que o garoto tem de atingir seu potencial.
— É aí que eu perco o fio da meada — eu disse. — Forças obscuras? Sr. Morton, fala sério. Do que está falando? Do Darth Vader? Do Voldemort? Dá um tempo.
— Você acha que o que aconteceu com Lancelot e a rainha, há tantos anos, foi só um caso? — Sr. Morton perguntou; parecia chocado com a minha ingenuidade. — Porque foi algo muito mais insidioso, e causado não apenas pela fraqueza de caráter da parte daqueles dois, mas pela força das correntes contrárias a Arthur, que buscavam destruí-lo... não apenas sua autoconfiança, mas também a confiança que seu povo tinha nele. Foi aí que Mordred, que é, e sempre será, um agente do mal, atacou para matar.
— Hã — eu disse, olhando fixamente para ele. Eu estava tendo um pouco de problema para digerir o que ele me dizia. Bom, tudo bem. *Tudo* que ele estava me dizendo. — Certo.
Eu devo ter parecido convincente no meu interesse, porque, com o incentivo, o Sr. Morton prosseguiu.
— Você sabe que, na primeira vez, ele chegou tarde demais. Estou falando de Mordred. A Idade das Trevas morreu apesar de todos os esforços dele e do mal, porque Arthur já ocupava o trono havia tempo suficiente para liderar seu povo para fora da escuridão. E, no fim, não foi Mordred que sobreviveu nos anais do tempo como rei bom e justo, mas sim seu irmão, Arthur. Mas Mordred aprendeu com aquele erro — o Sr. Morton prosseguiu. — E, desde aquela época, sempre que Arthur tentou se reerguer, Mordred esteve presente para impedi-lo, cada vez mais cedo no ciclo da vida, de modo que a Luz talvez nunca consiga obter sucesso. E assim a coisa vai prosseguir, veja bem, Elaine, até o fim dos tempos... ou até que o bem finalmente triunfe sobre a escuridão, de uma vez por todas, e Mordred receba o descanso eterno.
Limpei a garganta.
O negócio é que o Sr. Morton *parecia* bem lúcido. Ele parecia tão racional quanto... bom, o meu próprio pai.
Mas aquilo que ele dizia, aquela coisa em que ele e a “ordem” dele acreditavam... Era uma *loucura*. Nenhuma pessoa racional poderia pensar que Will Wagner era a reencarnação do rei Arthur. Tirando o negócio com os nossos nomes, e o da Cavall... Bom, simplesmente não fazia o menor sentido.
E não era só isso que não fazia sentido.
— Não estou entendendo — eu disse, com a voz inflexível. — Se o senhor acha mesmo que Will é Arthur... e isso é uma coisa bem grande, se me permite dizer... Por que está fugindo? Não deveria ficar e

ajudar? Corrija-me se eu estiver errada, mas não foi o senhor que a ordem mandou para cá para protegê-lo?

O Sr. Morton pareceu verdadeiramente magoado.

— Agora não adianta mais nada — ele explicou. — Quando Guinevere o deixar, Arthur estará vulnerável a qualquer coisa que Mordred preparar para ele. Já vimos acontecer vez após outra, independentemente do que tentamos fazer para impedir. Mordred, com a ajuda do lado negro, é claro, vai subir ao poder, como já fez em tantas encarnações diferentes no passado. Pense nos líderes políticos mais diabólicos da história, e vai ter uma boa ideia do que eu estou falando. Todos eles são Mordred. E Arthur vai... bom.

— Ele vai o quê? — perguntei, curiosa.

— Bom — o Sr. Morton respondeu, pouco à vontade. — Ele vai morrer.

CAPÍTULO VINTE

And at the closing of the day
She loosed the chain, and down she lay;
The broad stream bore her far away,
The Lady of Shalott.

(E ao encerrar-se o dia
Ela soltou a corrente e deitou-se;
O largo rio carregou-a para longe,
A Senhora de Shalott.)

— *Morrer?* — fiquei olhando para ele, descrente.

— Bom — disse ele, fazendo o favor de, pelo menos, parecer um pouco acanhado. — Vai, sim.

— Mas... — parecia que eu só conseguia repetir o que ele tinha dito como um papagaio. — *Morrer?*

— Sim, é claro. — O Sr. Morton parecia um pouco irritado. — O que você achou que aconteceria, Elaine? Por que acha que eu vou embora? Não está achando que vou ficar aqui para assistir.

— Mas... — só fiquei olhando para ele mais um pouco. Eu tinha ouvido mesmo um monte de loucura hoje. Mas isto, de longe, levava o prêmio. — O senhor está falando de *Will*? O senhor acha que *Will* vai morrer?

— Ele tem de morrer — disse o Sr. Morton, como se estivesse pedindo desculpa. — Para que Mordred, ou neste caso, Marco, possa atingir a supremacia...

— O senhor acha que Marco vai fazer alguma coisa com Will?

— Eu não *acho* Srta. Harrison — disse o Sr. Morton, calmamente. — Eu *sei*. Marco me disse isso pessoalmente na minha sala, no ano passado, quando eu fui tolo o suficiente para tentar, contrariamente às minhas ordens, devo acrescentar, fazer o garoto raciocinar com clareza. Da mesma maneira como você evidentemente o faz, eu também já tive muita dificuldade em acreditar que qualquer pessoa pudesse ser inteiramente má. Achei que, se eu conseguisse influenciar esse jovem, ele poderia mudar de ideia. Foi comprovado que eu estava errado... e de uma maneira bem complicada, posso dizer.

— Quando Marco atacou o senhor — eu disse, somando dois e dois e chegando ao resultado de... bom, mais loucura — e foi expulso da escola.

— Precisamente — disse o Sr. Morton. — Percebo agora que foi um erro fatal de minha parte. Permitir que Marco tomasse conhecimento da existência da Ordem; e seu papel predeterminado no próximo ciclo de vida de Arthur; não serviram, como eu pensei que serviriam, como aviso para que ele se protegesse do mal, mas sim como desculpa para que ele o abraçasse. Algo do tipo: “Bom, se este é mesmo o meu destino, por que lutar contra ele?”

Só consegui ficar olhando, estupefata, para ele.

— Então, o senhor disse a Marco que ele é a reencarnação de Mordred? — Só posso imaginar como Marco deve ter recebido essa notícia. Uma risada sarcástica deve ter feito parte da cena.

Mas também, aparentemente, violência. Contra o mensageiro. E talvez não desmerecida.

— Tenho vergonha de reconhecer que fiz isso — disse o Sr. Morton. — Mas não sei dizer se, na época, eu tinha certeza absoluta de que ele tinha acreditado em mim. O fato de ele ter reconhecido, no entanto, que você é Elaine de Astolat, parece indicar que ele incorporou a ideia.

— Eu *não* sou — disse bem devagar, bem brava — Elaine de Astolat.

O Sr. Morton deu um sorriso triste.

— Engraçado. Foi exatamente o que Marco disse. Só que, no caso dele, insistiu que não era Mordred.

— Ele *não* é Mordred — eu disse. Eu me sentia revoltada. Mesmo. Isto tudo tinha ido longe demais. — E o senhor deveria ter sua licença de professor revogada por andar por aí dizendo a alunos jovens e impressionáveis que são a reencarnação de personagens míticos!

O Sr. Morton sacudiu o indicador para mim.

— Ora, Elaine — disse. — Você sabe muito bem que não são míticos.

Eu tinha vontade de jogar alguma coisa. Não dava para acreditar que eu estava tendo aquela conversa.

— Certo — eu disse. — Então, eles eram reais. No passado. E, está bem, Arthur existiu de verdade. E digamos que, só para argumentar, que essa coisa toda de reencarnação pudesse mesmo ser possível. O senhor avisou Marco a esse respeito. O senhor mencionou alguma coisa para Will?

— Não vai adiantar nada, Elaine — disse o Sr. Morton, cheio de tristeza. — Como já disse antes, agora é tarde demais. E membros da Ordem tentaram no passado avisar ao Urso o que aconteceria com ele... da mesma maneira como eu tentei, sem sucesso, fazer com que Marco se voltasse para a Luz... e nunca adiantou nada, em todas as suas diversas reencarnações. Na maior parte das vezes, ele nem acreditou em nós. E, inevitavelmente, a Escuridão se ergueu e derrotou a nós... e a ele.

Fiquei só olhando para ele.

— Então, se tudo isso for verdade, o que o senhor e a sua ordem acham que está de fato acontecendo? Marco vai matar Will e o senhor acha que não adianta nada dar uma ligada para Will e avisar?

— É tarde demais, Elaine — disse o Sr. Morton, sacudindo a cabeça. — Ele já perdeu Guinevere. Não tem mais vontade de viver...

— Mas é exatamente o que eu estava tentando dizer para o senhor hoje de manhã — eu quase gritei, me controlando para ser paciente. Não que, nem por um minuto, eu acreditasse naquelas bobagens. Mas, só pelo bem da argumentação... — Will não liga para o fato de Jennifer ficar com Lance! Mesmo. Ele me disse que ficou *aliviado* quando descobriu.

O Sr. Morton deu um sorriso triste para mim.

— E se nós contássemos para ele, Elaine, você acha que ele iria acreditar em nós? E, ainda mais, que iria tomar as medidas necessárias para se proteger, e elas seriam, em último caso, inúteis? Você acha que faria a menor diferença? Você não faz ideia do que está contra nós. A batalha entre a Luz e as Trevas por Arthur se desenrola há séculos. O Mal não vai admitir nenhuma interferência da Luz. Vai criar obstáculos intransponíveis no nosso caminho... obstáculos mortais. Mordred, com a ajuda do lado negro, vai encontrar uma maneira de matar o irmão independentemente do que nós...

— Marco não quer matar Will — eu gritei, ainda sem acreditar que estava tendo aquela conversa. — Por que Marco iria querer matar Will?

— Além do fato de que, por meio de sua própria cobiça e desrespeito egoísta pelos outros, ele caiu nos braços das forças da escuridão? — O Sr. Morton franziu a testa. — Pense nisso, Elaine.

Pensei em Marco, em seus brincos e em sua atitude desprezível. Claro, ele era maldoso, e com aquela pele gelada dele, mais do que um pouco arrepiante.

Mas um assassino? Claro, ele tinha tentado matar o Sr. Morton... mas o sujeito tinha dito a ele que era a reencarnação de uma das figuras históricas mais detestáveis de todos os tempos. Por que ele iria querer matar *Will*? Quer dizer, ele próprio tinha reconhecido que, depois que foi morar com Will e o almirante Wagner, a vida dele tinha melhorado demais. Ele até tinha um barco. Ou, pelo menos, podia usar um barco. O que mesmo ele tinha dito naquele dia?

O sortudo não sou eu. É Will.

Será que era *isso*?

— O senhor acha que Marco vai tentar matar Will — eu disse ao Sr. Morton — porque ele tem inveja de Will? E está bravo por causa do que o pai do Will fez com o pai dele? É isso?

— Desta vez? — O Sr. Morton assentiu com a cabeça. — Tem muito mais do que você pode imaginar, mas eu pensaria que isso pode ser parte da coisa.

— Cada vez é diferente? — Esta era a parte que estava fazendo com que fosse tão difícil acreditar que de fato tratavam-se de delírios paranoicos, como eu tinha afirmado no começo. O fato é que, vista como um todo, a história era tão bem pensada que até chegava a fazer sentido.

— Variações — disse o Sr. Morton — de vários temas. Mordred detestava Arthur, veja bem, porque queria o trono. Deu as costas a seu próprio povo, sem dar a mínima para a preocupação popular, buscando apenas a autossatisfação. Foi quando a Escuridão o tomou completamente e transformou-o em um dos seus...

— Pare com isto! — Tapei as orelhas com as mãos; estava começando a me sentir tonta. — Não quero saber de mais nada sobre o lado negro, certo? O que eu quero saber é como o senhor pode fugir e permitir que Will seja assassinado... se é isso mesmo que tem tanta certeza de que vai acontecer. Eu compreendo que o senhor tenha medo da... da escuridão. — Agora eu parecia tão louca quanto ele, mas eu não ligava. — Mas, pelo amor de Deus, por que o senhor não procura a *polícia*?

— E o que eu vou dizer, Elaine? — O sorriso do Sr. Morton estava arrasado. — Que de acordo com uma antiga profecia que se realizou vez após outra, este jovem vai matar o irmão postiço algum dia, e então transformar o mundo em um caos? Não posso fazer isso. Você sabe que ninguém escutaria.

Não, não escutaria mesmo. Nem *eu* queria escutar. Porque era tudo a maior loucura.

— E mesmo que escutasse — prosseguiu o Sr. Morton —, a polícia não pode fazer nada a esse respeito. Revólveres e cassetetes são inúteis contra a ira do lado negro. E eu seria culpado de colocar em risco almas inocentes em uma guerra que não podem ter esperança de vencer. A crença comumente aceita, mas que ainda não foi comprovada, é que apenas os integrantes do círculo mais próximo de Arthur podem colocar fim ao reino do lado negro, de todo modo.

— Então... — eu tirei um pouco do cabelo da frente dos olhos. — Quem, então? Lance? Jennifer?

— Certamente — disse ele. — Qualquer um dos dois. Só não... bom. Você.

Eu lancei um olhar enviesado para ele.

— Porque Elaine de Astolat nem chegou a conhecer o rei Arthur historicamente, é por isso?

— Eu disse que você ficaria melhor se não soubesse — o Sr. Morton me relembrou, com voz triste.

— Eu ficaria mal — garanti a ele — se acreditasse de verdade nessas coisas.

O Sr. Morton olhou para mim, tão preocupado que estava até com menos rugas.

— Elaine — disse ele com delicadeza. — Vá para casa. Peça aos seus pais que a levem para bem longe daqui. De volta a Minnesota, talvez. Acho que vai ser melhor se você... bom, se você simplesmente voltar para o seu lugar.

Alguma coisa na maneira como ele disse *o seu lugar* me fez explodir.

Eu simplesmente perdi as estribeiras. Tinha tolerado todo o resto. A conversa a respeito das forças da escuridão e dos perigos de tentar enganá-las. Jennifer como razão da existência de Will. Até o Taiti.

Mas isso eu simplesmente não podia suportar.

— Para *o meu lugar*? — repeti. — O que o senhor sabe sobre o que é o *meu lugar*? O lugar de alguém não é só uma cidade, sabe? São as *pessoas* que fazem alguém se sentir em casa... as pessoas com quem você se preocupa, e que se preocupam com você... ou que se preocupariam, se a gente simplesmente não virar as costas e for para o Taiti porque acredita em alguma profecia idiota. Não sei se essa coisa de Luz e Escuridão é de verdade, Sr. Morton, mas sei uma coisa: se o senhor e essa tal Ordem estivessem mesmo do lado de Will, não iriam simplesmente abandoná-lo sem nem tentar ajudar. Ele nunca faria isso com o senhor. Ele nunca diria: “Ah, que coisa, é assim que sempre aconteceu, então acho que é melhor nem tentar mudar as coisas, porque já tentei uma vez e não deu certo. E o lado negro sempre vence.”

Minha voz ficou toda desafinada, mas eu nem liguei. Só continuei gritando.

— Porque não foi exatamente isso que fez o seu querido Arthur ser tão popular, para começo de

conversa? Ele ser um grande pensador, com ideias novas, que não fazia as coisas do jeito que as pessoas diziam para fazer, porque é assim que tudo sempre foi feito. Se Will for mesmo Arthur, e não estou dizendo que é, porque acho tudo isso uma maluquice, será que ele só ia ficar de braços cruzados e dizer: "Ah, muito bem, não posso mudar isso, porque nunca ninguém fez isto antes", e ia deixar o senhor para morrer? Não, não iria. E sabe o que, Sr. Morton? Eu também não vou.

E, sem dizer mais nenhuma palavra, dei meia-volta e saí do apartamento do Sr. Morton com a cabeça erguida e os ombros jogados para trás como se eu, e não Jennifer Gold, tivesse sido rainha em uma vida passada.

CAPÍTULO VINTE E UM

Lying, robed in snowy white
That loosely flew to left and right—
The leaves upon her falling light—
Thro' the noises of the night,
She floated down to Camelot:

(Lá deitada, vestida de branco neve
Esvoaçando solta para lá e para cá...
As folhas sobre ela caindo com leveza...
Através dos ruídos da noite,
Ela foi flutuando até Camelot:)

Por causa do meu irmão Geoff, que era um matador de aula com muita prática, eu sabia que a diretoria geralmente demorava um dia útil inteiro para fazer o levantamento dos delinquentes. Então eu sabia que estava a salvo de qualquer convocação para a sala da vice-diretora Pavarti para explicar a minha ausência no quinto e no sexto períodos durante pelo menos um dia.

Mesmo assim, achei mais seguro me esconder no banheiro até o sinal da próxima aula tocar e não me arriscar a ser descoberta circulando pelos corredores.

Então, entrei no banheiro mais próximo.

A primeira coisa que eu precisava fazer, percebi, era encontrar Will. Eu não fazia a menor ideia de quais eram a sétima e a oitava aulas dele, mas ia ter que descobrir de algum jeito, então chegar nele e contar que pelo menos um integrante do corpo docente da Avalon High suspeitava que ele era a reencarnação de um rei medieval antigo, e que estava em perigo grave e mortal, representado pelo irmão postiço.

Mas o Sr. Morton estava certo a respeito de uma coisa: claro que Will não acreditaria. Que pessoa com a cabeça no lugar acreditaria?

Mas isso não significa que ele não tinha direito de saber.

Eu estava ocupada refazendo o meu rabo de cavalo no espelho em cima das pias quando percebi que não estava sozinha no banheiro. Ouvi fungadas vindas do último reservado, que estava fechado. Eu me abaixei para olhar pelo buraco entre a porta do reservado e o chão e vi um par de tênis brancos de aeróbica, em cima do qual estava amarrado um par de pompons da Avalon High, um azul e outro dourado.

Tinha uma líder de torcida chorando no banheiro comigo.

E, tendo em vista o que estava acontecendo no meu dia até aquela hora, eu tinha uma boa ideia de quem era aquela líder de torcida.

— Jennifer? — eu perguntei e bati na porta do reservado. — Sou eu, Ellie. Tudo bem com você?

Ouvi um fungo bem cheio de catarro. Então, a voz rouca de Jennifer disse:

— Vá embora.

— Vamos lá, Jennifer — eu disse. — Abra a porta e fale comigo. Não pode ser assim tão ruim.

Fez-se um silêncio. Então ouvi a tranca se abrir, e Jennifer (ainda linda de arrasar, mesmo com os olhos vermelhos) saiu do reservado enxugando os olhos com a manga comprida do blusão de líder de torcida.

— N-não conte para ninguém — ela me disse, olhando para mim com olhos azuis arregalados e

preocupados — que você me viu aqui chorando. Tipo para aquelas fofoqueiras da equipe de corrida com quem você anda, certo? Porque elas já me odeiam demais, e isso só vai piorar as coisas.

— Não vou dizer nada — respondi e peguei um punhado de toalhas de papel, molhei um pouco na pia e entreguei para ela. — Mas elas não odeiam você.

— Está de brincadeira? — Jennifer limpou os olhos com as toalhas de papel. — Todo mundo me odeia. Por causa do que eu fiz com Will.

— Nem todo mundo odeia você — eu disse. — *Eu* não odeio você. E Will também não.

Para o meu desespero, isso só fez com que Jennifer começasse a chorar de novo, bem quando eu achava que ela tinha parado.

— Eu *sei*! — ela se desmanchou em lágrimas. — Esta é a pior parte! Will veio falar comigo hoje de manhã e foi um amor! Ele disse que sabia que Lance e eu não tínhamos intenção de magoá-lo, e que ele achava ótimo n-nós dois estarmos juntos. Até disse que achava que nós dois formávamos um belo casal. Lance e eu! Ai, meu Deus. Eu quero morrer!

— Por quê? — eu perguntei, dando uns tapinhas no braço dela, para reconfortá-la, acho. — Você não acredita nele?

— Claro que eu acredito nele! — Jennifer respondeu, com uma risada incrédula. — Quer dizer, essa é uma característica de Will: ele nunca mente. Nem para fazer alguém se sentir melhor. Bom, talvez, sabe como é, se você estivesse doente ele diria que você parecia ótima ou algo assim. Mas não sobre... não sobre coisas importantes. Por isso eu sei que ele estava falando a verdade. Esse é o problema. Ele realmente não se importa comigo e Lance. Ele é tão... legal.

Alguma coisa fria agarrou o meu coração, mas eu disse a mim mesma que estava sendo boba. E egoísta.

— Então, você quer voltar com ele? — perguntei, de um jeito muito mais desencanado do que eu me sentia. Porque de repente eu percebi como estava torcendo para que, agora que Will estava livre, ele pudesse parar de pensar em nós dois como *apenas amigos* e mais como... bom, sei lá.

Mas, se ele e Jennifer voltassem, isso nunca aconteceria.

— Não sei — ela disse, toda triste. — Uma parte de mim sempre vai amá-lo. Mas o resto de mim... Você acha que é possível amar dois meninos ao mesmo tempo?

Dei de ombros, sem saber o que fazer.

— Não sei — respondi. — Quer dizer, eu só me apaixonei por um na vida...

— É Will, não é? — Jennifer perguntou, enxugando os olhos.

Fiquei olhando para ela, completamente chocada.

— O-o quê? Não! Claro que não! Estava falando de um outro cara. Um cara chamado Tommy...

— Não faz mal — disse Jennifer. Ela tinha parado de chorar, tirou a bolsinha de maquiagem da bolsa e estava tentando ajeitar a pintura do rosto. — Quer dizer, a culpa não é sua. E vocês dois ficariam fofos juntos. Vocês dois são tão morenos. E tão altos.

Eu me senti sufocar.

— Eu não... eu não sinto isso por ele.

— Não? — Ela apertou os lábios e passou brilho neles. — Bom, ele gosta de você. Quer dizer, desde aquela primeira vez que ele colocou os olhos em você, aquele dia no parque, lembra? Parece que ele conhecia você de uma outra vida ou algo assim.

Dei um sorriso cheio de pesar. Porque, é claro, se o que o Sr. Morton acreditava sobre mim fosse verdade (o que não era), não seria *eu* que Will conhecera em uma vida passada. Essa honra era inteiramente de Jennifer.

— Ele só gosta de mim como amiga — eu disse, pelo que parecia ser a milionésima vez naquele dia.

— Eu não teria assim tanta certeza disso — Jennifer respondeu, um tanto sombria. — Quer dizer, ele convidou você para passear de barco conosco. Ele não convida qualquer pessoa para andar naquele

barco. E ele disse que aquela cadela idiota dele gosta de você. Além do mais, diz que consegue *conversar* com você. Will ultimamente está querendo muito conversar. Ele... mudou, sabe como é. — Ela deu uma olhada cheia de significados ocultos para mim.

Mas eu não fazia a menor ideia do que ela queria dizer.

— Mudou como?

— Desde que nós começamos a namorar — disse ela, com um dar de ombros. — Antes, ele só ligava para velejar e jogar futebol. Daí ele entrou no conselho estudantil. Às vezes — ela me lançou um olhar horrorizado — ele até quer falar sobre política. Política! Durante o verão, ficou falando que ia parar de jogar futebol para ter mais tempo para a equipe de debate, ou qualquer coisa assim. Dá para acreditar? Lance convenceu-o a desistir disso, graças a Deus. Mas a verdade é que parecia que ele estava se transformando em uma pessoa que eu nem conhecia... E isso é o que eu mais gosto em Lance — ela prosseguiu, fechando a bolsinha de maquiagem. — Ele não gosta de *conversar* o tempo todo, como Will anda gostando ultimamente. Juro, às vezes parece que ele prefere conversar a... bom, você sabe.

Eu sabia *sim*. E a ideia fez as minhas bochechas ficarem vermelhas.

— Seria demais se você e Will começassem a sair — disse Jennifer, com os olhos se iluminando. — Porque daí as pessoas iam largar do meu pé a respeito dessa coisa toda com Lance. Porque, sabe como é, apesar de Will estar ficando meio esquisito, com essa coisa de parar de jogar futebol e de se enfiar no meio do mato, ele continua tão popular como sempre. Pense no assunto, certo?

Ela deu uma arrumada nos cachos loiros e então se virou para mim em vez do espelho.

— O que você acha? Dá para ver que eu estava me matando de chorar há um minuto?

Olhei para ela. E meu coração se apertou. Porque ela estava linda. Mesmo depois de, como ela mesma colocou, ter se matado de chorar. Nem em um milhão de anos eu poderia competir com ela, independentemente do que ela pudesse dizer.

E o negócio não era só que ela era linda. Se fosse só isso, eu poderia odiá-la, e ainda mais, sem culpa.

Mas era impossível odiá-la, porque ela não era nem um pouco falsa. Ela me disse de boa vontade que o menino de quem ela gostava um pouco estava na verdade mais interessado em mim... e depois (mais uma vez sem fazer nenhum tipo de joguinho) pediu que eu começasse a sair com ele, porque assim a vida social dela ficaria mais fácil. Como é que dava para não gostar de alguém assim?

— Você está ótima — eu disse, e estava falando sério.

— Obrigada — Jennifer ergueu a cabeça para olhar para mim. — Você não vai mesmo contar para ninguém, não é? — ela perguntou.

— Não — respondi. — Não vou mesmo.

— É tão esquisito — disse ela, indo na direção da porta do banheiro. — Mas eu acredito completamente em você. E eu mal conheço você. Deve ser uma daquelas pessoas. Sabe como é, que a gente acha que já conhece, apesar de não conhecer. É mais ou menos — ela terminou a frase com animação, já entrando no corredor — como Will.

— Bom — eu ia dizer. — Não exatamente.

Mas a minha voz morreu na garganta. Porque eu podia jurar, naquele momento, que escutei o Sr. Morton, ninguém menos, atrás de nós.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Heard a carol, mournful, holy,
Chanted loudly, chanted lowly,
Till her blood was frozen slowly,
And her eyes were darkened wholly,
Turn'd to tower'd Camelot.

(Ouvido um hino, pesaroso, sagrado,
Cantado alto, cantado baixo,
Até que seu sangue foi se congelando lentamente,
E seus olhos se escureceram por completo,
Voltados para Camelot que se avultava.)

Eu me virei bem a tempo de ver o Sr. Morton dobrando uma esquina na direção do escritório do conselho educacional, com a mão encostada de maneira protetora no meio das costas de uma mulher magra. Era difícil ter certeza, vista de trás, mas parecia a madrasta de Will.

Daí, ouvi o sotaque britânico e entrecortado do Sr. Morton, dizendo:

— Por aqui, Sra. Wagner — eu *soube* que era a madrasta de Will.

Que diabos o Sr. Morton estava fazendo de volta à escola? Ele não devia estar em um avião para o Taiti?

E por que ele estava justamente com a Sra. Wagner?

Eu sabia que isto só podia significar problemas.

— A gente se vê mais tarde — eu disse para Jennifer, que prosseguiu pelo corredor, alheia ao que acontecia atrás de nós.

— Ah — disse ela, olhando para mim por cima do ombro. — Hã, claro.

Eu dei meia-volta e corri atrás do Sr. Morton, que segurava aberta a porta de vidro transparente que conduzia ao escritório de aconselhamento educacional para a Sra. Wagner.

— Por aqui — ele dizia. — Só vou ver se a sala de reunião está livre...

— Sr. Morton — eu disse, alcançando os dois.

A Sra. Wagner se virou e ficou me olhando.

— Ah — disse ela. Foi surpreendente, mas, apesar das dezenas de pessoas que ela deve ter conhecido na noite da festa de Will, pareceu que ela me reconheceu. — Olá mais uma vez. Sinto muito, mas esqueci o seu nome.

— Ellie Harrison — respondi rápido. — Sr. Morton, será que posso falar com o senhor um instantinho ali no corredor?

— Não, Srta. Harrison — disse o Sr. Morton com firmeza. — Creio que não pode. Como pode ver, estou bastante ocupado. Sra. Wagner, se puder fazer o favor de entrar e se sentar, tenho certeza de que a Sra. Klopper — a recepcionista do escritório do conselho educacional ergueu-se de trás de sua mesa, toda obediente — vai trazer um café enquanto esperamos o seu enteado chegar.

— Espere — eu fiquei olhando para o Sr. Morton, que fazia gestos nada sutis de *vá embora* por trás das costas da Sra. Wagner. — O senhor vai fazer uma reunião com Will *e* a Sra. Wagner?

— Sim, vou, Srta. Harrison, se você não achar ruim. Temos algumas coisas importantes a esclarecer a Will. Você não tem uma aula a que precisa ir agora?

Coisas importantes a esclarecer a Will? Eu não ia perder isso de jeito nenhum. Afundei-me em um

dos sofás azuis da recepção, peguei um exemplar de *National Geographic* e disse:

— Para falar a verdade, tenho uma reunião com a minha conselheira educacional agora mesmo.

A Sra. Klopper voltou da cafeteira com duas xícaras e olhou para mim toda curiosa.

— Você não está na agenda — disse ela. — E a Sra. Enright deu uma saída.

— Preciso de conselho — eu disse, tentando parecer aborrecida. — É um assunto pessoal. É uma emergência.

A expressão da Sra. Klopper ficou preocupada.

— Bom, vou ver se encontro alguém para falar com você, querida.

Ela entregou as xícaras de café para o Sr. Morton e correu para a mesa dela, para ver se havia algum conselheiro de plantão que pudesse me ajudar.

Enquanto ela estava ao telefone, o Sr. Morton sussurrou para mim:

— Eu nem estaria fazendo isto se você não tivesse me enchido de culpa. Você poderia pelo menos não dificultar as coisas para todo mundo.

— Como é que eu estou dificultando as coisas para todo mundo? — Comecei a sussurrar de volta.

Mas, naquele momento, o próprio Will apareceu à porta, segurando um passe de circulação e com cara de quem não estava entendendo nada.

— Alguém queria me ver? — ele perguntou e a voz foi ficando baixinha quando viu a madrasta através das paredes de vidro da sala de reunião. — Jean? Sr. Morton? O que é isto?

— Nada com que se preocupar em excesso, meu jovem — disse o Sr. Morton, fazendo provavelmente a afirmação mais atenuada do ano todo. — Entre aqui, pode ser? Eu só quero esclarecer algumas coisas entre você e a sua, hã, Sra. Wagner.

Will passou devagar pelo sofá, em direção à porta aberta da sala de reunião. A sobrancelha que ele ergueu quando passou por mim dizia tudo: *O que está acontecendo?*

Fiz o movimento de *não sei* para ele com os lábios por trás da revista que eu ergui para esconder meu rosto da visão do Sr. Morton. Porque eu realmente não sabia. Pelo menos, não o que a madrasta de Will podia ter a ver com tudo aquilo.

Will sorriu meio de lado para mim e então entrou na sala de reunião. O Sr. Morton, com um último olhar de aviso na minha direção, fechou a porta. Ele nem se deu ao trabalho de fechar as persianas da sala, então eu vi quando ele puxou uma cadeira para Will se sentar e depois quando ele mesmo se acomodou. Então, com as mãos dobradas por cima da mesa, o Sr. Morton começou a falar.

Não consegui escutar nenhuma palavra. Só dava para ver a expressão do rosto da Sra. Wagner (não dava para ver a de Will, porque ele estava de costas para mim). Ela passou de uma cara educadamente preocupada para verdadeiramente confusa e para defensiva no período de dois minutos.

Que diabos ele podia estar dizendo para ela?

— Hã — disse a Sra. Klopper, tirando a minha atenção da cena que se desenrolava atrás do vidro. — Ellie, é isto mesmo? Creio que ninguém pode recebê-la no momento, mas a Sra. Enright está voltando e deve chegar em quinze minutos. Você pode esperar até lá, não pode?

— Claro — respondi, segurando a revista e fingindo me entreter muito com ela. Mas, na verdade, eu estava tentando ler os lábios do Sr. Morton. Por que eu tinha feito tantas matérias inúteis como biologia e alemão, quando deveria estar aprendendo a fazer leitura labial?

Não precisei saber fazer leitura labial para interpretar o que vi na sequência. E foi a Sra. Wagner de repente colocar a mão na boca, chocada com alguma coisa que o Sr. Morton tinha dito. Então ela logo se desmanchou em lágrimas. A próxima coisa que eu vi foi ela fazendo sinais de positivo com a cabeça e esticando a mão na direção de Will.

Will, por sua vez, tinha pulado para longe da mão da madrasta, levantara da cadeira e recuava, afastando-se da mesa. Eu continuava sem ver o rosto dele, mas dava para ver que sacudia a cabeça.

O que estava acontecendo? Será que o Sr. Morton tinha acabado de dizer a Will que ele era a

reencarnação do rei Arthur? Mas isso não teria feito com que Will se levantasse de um salto, sacudindo a cabeça. Deveria ter feito com que ele risse, porque era ridículo demais. O que será que o Sr. Morton tinha dito para deixar Will tão aborrecido e fazer a madrasta dele chorar?

— Você não devia estar aqui!

O tom cheio de pânico da Sra. Klopper foi a única coisa que fez com que eu afastasse o olhar da cena que se desenrolava por trás das paredes de vidro. E só porque eu pensei que ela estava falando comigo.

Não estava. Estava falando com o cara que, sem que eu tivesse escutado, tinha entrado no escritório do conselho educacional e estava lá parado, olhando para o trio na sala da reunião, como se ninguém mais no prédio existisse.

— Marco — eu disse e pulei do sofá.

Mas ele não me escutou. Respirava forte, com as chaves do carro pendendo da mão, olhando para a mãe e o irmão postiço, os olhos escuros cheios de alguma coisa de que eu não gostei. Eu não sabia o que era exatamente. Mas sabia que não era nada bom.

— Você sabe muito bem que não pode colocar os pés na área da escola, Marco — a Sra. Klopper ia dizendo, com a voz trêmula de medo ao tirar o telefone do gancho e começar a apertar botões. — Não depois do que aconteceu da última vez. Estou ligando para a polícia. É melhor sair agora mesmo.

Mas Marco não saiu. Em vez disso, ele tomou a direção da porta da sala de reunião.

Não sei por que eu fiz aquilo. Normalmente eu não sou do tipo muito corajoso... tirando talvez quando tenho que lidar com cobras. Não havia nada remotamente assemelhado a uma cobra em Marco naquele momento em especial. Ou melhor, ele era sim parecido com uma cobra, mas não do tipo que se encontra meio afogada, enrolada no filtro da piscina; era mais do tipo bem vivo que se vê pronta para dar o bote aos seus pés, com as presas venenosas em riste.

Mas isso não me impediu de me colocar entre Marco e a porta da sala de reunião... bem quando o Sr. Morton ergueu os olhos e reparou pela primeira vez na presença dele ali.

— Marco — eu disse e descobri, surpresa, que estava respirando tão pesado quanto ele. — Oi. Como você está?

Ele nem olhou para mim.

— Ellie. Saia da minha frente.

— Acho que você não deveria estar aqui — eu disse e lancei um olhar ansioso por cima do ombro. A Sra. Wagner, ao reparar em Marco em meio às lágrimas, tentou secá-las. Will só parecia estupefato. — A Sra. Klopper chamou a polícia. É melhor você ir embora.

— Não — disse ele, o olhar ainda sobre a mãe — até eu saber do que eles estão falando.

— Acho que o papo deles, seja qual for, é particular — eu disse. — Entre a sua mãe e Will.

— E Morton? — Agora Marco finalmente olhou para mim. E quando o fez, o canto da boca dele se contorceu em um sorriso sarcástico. — O que *ele* tem a dizer para a minha mãe?

— Seja o que for — eu disse, torcendo ardentemente para que não fosse o que eu tinha bastante certeza que nós dois pensávamos ser: a crença do Sr. Morton de que Will era a reencarnação do rei Arthur — com toda a certeza não é da nossa conta, então...

— Errado — disse Marco. — Saia da frente. Agora. Ou eu tiro você daí.

— Se você encostar a mão nesta menina, Marco Campbell — disse a Sra. Klopper, com a voz estridente —, vai se arrepender. Você sabe muito bem que nem deveria estar aqui...

E foi quando Marco, obviamente cansado de ouvir tudo isso, esticou o braço e me jogou para o lado, como se eu fosse uma cortina de chuveiro na frente dele.

Caí no sofá. Não me machuquei.

Mas isso não impediu que a Sra. Klopper começasse a gritar e corresse para o meu lado. Nem impediu que Will, que aparentemente tinha visto a coisa toda, abrisse a porta da sala de reunião e gritasse:

— Marco! O que você acha que está fazendo?

— Engraçado — Marco respondeu com frieza. — Eu ia fazer a mesma pergunta a você.

Então ele entrou na sala de reunião e bateu a porta atrás de si com tanta força que fez o lugar todo tremer.

— Ai meu Deus — a Sra. Klopper gritou enquanto tentava me erguer do sofá. — Ele machucou você?

— Está tudo bem — respondi rápido. Eu não conseguia ouvir (muito menos ver) o que estava acontecendo na sala de reunião com ela pairando por cima de mim. Eu me inclinei para olhar além dos ombros largos da Sra. Klopper e vi o Sr. Morton tentando falar calmamente com Marco, que estava muito agitado. A Sra. Wagner tinha parado de chorar e ela também dizia alguma coisa a Marco: alguma coisa que Marco parecia não estar muito feliz de escutar. Ele ficava olhando para Will, que parecia estar vivenciando diversas emoções conflitantes, se é que a expressão dele servia de indicação: raiva; descrença; e, finalmente, impaciência, aparentemente por causa de alguma coisa que Marco tinha dito.

Alguma coisa que a Sra. Klopper e eu escutamos de maneira claríssima, porque Marco gritou tão alto que dava para ouvir até mesmo através das paredes de vidro grosso:

— Eu não acredito!

Foi bem aí que a polícia entrou no escritório de aconselhamento educacional e a Sra. Klopper, que continuava pairando por cima de mim para me proteger, gritou, apontando o dedo trêmulo para Marco:

— Ele está ali! Ele atacou esta pobre menina! Ele está desrespeitando os termos da condicional dele por estar na área da escola!

Um dos policiais, para o meu horror, pegou o cassetete dele. Disse para o companheiro:

— Eu conheço esse garoto. Peça reforços.

O parceiro pegou o *walkie-talkie* enquanto o primeiro policial colocou a mão na maçaneta da porta da sala e a abriu.

E quando ele fez isso, a voz de Marco (de costas para nós, nem se deu conta de que tinha gente entrando) gritou bem alto e claro, para todo mundo ouvir:

— Você não é mãe dele! Diga a ele! É mentira!

Ao que a Sra. Wagner, com as mãos apertadas no peito, murmurou:

— Não posso, querido, porque é verdade. Sinto muitíssimo, mas é verdade.

E foi quando o policial disse:

— Detesto interromper, pessoal, mas recebemos uma queixa...

Ele nem conseguiu terminar. Porque Marco, que deu meia-volta e finalmente percebeu que estava encrencado, deu um salto que deixaria Stacy, que faz salto em altura, com inveja. Passou por cima da mesa da sala de reunião e foi parar na frente da única janela da sala...

...através da qual ele lançou uma das cadeiras que estava em volta da mesa e despedaçou o vidro em um milhão de fragmentos.

Então, pulou para fora.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

For ere she reach'd upon the tide
The first house by the water-side,
Singing in her song she died,
The Lady of Shalott.

(Porque antes de alcançar com a maré
A primeira casa à margem do rio,
Cantando sua canção ela morreu,
A Senhora de Shalott.)

— Vire aqui — eu disse para o policial que estava me levando para casa.

Ele fez a curva na longa entrada da casa que estávamos alugando e os faróis da viatura assustaram um cervo que estava comendo grama ao lado da pista. Apesar de ainda ser fim de tarde, enormes nuvens cinzentas tinham chegado da baía e bloqueavam o sol, movimentando-se com a mesma rapidez de fumaça ao vento. O que eu tinha achado que era o som de tiros de espingarda na verdade era de trovões, e não do treinamento na academia.

Uma tempestade estava se formando.

— As luzes estão apagadas — o policial Jenkins observou quando a casa entrou no nosso campo de visão. — Os seus pais não estão em casa?

— Não — respondi. O vento estava começando a soprar forte e jogava os galhos das árvores de um lado para o outro. — Eles foram jantar em Washington.

— Quer que eu entre com você? — perguntou o policial Jenkins.

— Não — respondi. — Tudo bem, mesmo. Eu vou ficar bem.

Parecia que eu tinha passado a tarde toda tentando convencer todo mundo disso: desde a hora que os policiais chegaram até quando finalmente terminaram de tomar o meu depoimento e concordaram em me deixar ir embora... mas foi aí que eu percebi que não tinha como chegar em casa, e fui obrigada a pedir uma carona. Como a Sra. Wagner estava completamente arrasada, o Sr. Morton foi um cavalheiro e deu uma carona para ela, e como Will tinha saído atrás de Marco pela mesma janela pela qual ele tinha escapado, a Sra. Klopper e eu fomos as únicas que sobraram para contar o que tinha acontecido.

E nós mesmas mal conseguíamos acreditar.

— Bom, eu não gosto de fazer fofoca sobre os alunos — disse a Sra. Klopper para o policial Jenkins, depois que a Sra. Wagner tinha sido levada embora com todo o cuidado pelo Sr. Morton e pediram que nós duas prestássemos depoimento a respeito do acontecido. — Mas como o senhor está perguntando, parece, a menos que eu esteja enganada, que a madrasta do Will Wagner na verdade é a mãe de verdade dele... e nem ele nem o... bom, acho que é o meio-irmão dele, Marco... sabiam disso, até hoje.

Quando o policial olhou cheio de dúvidas para mim, eu só dei de ombros e disse:

— É. Quer dizer... também foi isso que eu entendi.

O que eu não conseguia entender, é claro, era por que o Sr. Morton tinha feito aquilo. Por que tinha voltado? Será que tinha sido mesmo por causa do que eu dissera, por eu o ter deixado cheio de "culpa" com o meu discurso a respeito de como Will jamais o abandonaria se *ele* estivesse passando por necessidade?

Mas como diabos o Sr. Morton achava que o fato de fazer a Sra. Wagner reconhecer que era, na

verdade, a mãe verdadeira de Will, e não apenas a madrasta, como ele tinha sido levado a acreditar, poderia ajudar em alguma coisa?

— Bom, pegue uma lanterna assim que você entrar — disse o policial Jenkins. — Para não precisar ficar procurando uma se faltar energia elétrica. A luz cai muito aqui deste lado do Severn quando há tempestades.

— Obrigada — eu disse ao policial.

— E não se preocupe com Campbell — disse ele com aquela voz enorme e cheia de segurança. — Duvido que ele apareça por aqui.

Agradeci mais uma vez, sem comentar que o fato de Marco Campbell aparecer ou não na minha casa era a *última* coisa com que eu estava preocupada.

Então eu saí da viatura e corri até a varanda da frente, remexendo na mochila em busca da chave. O policial Jenkins esperou até eu achar e abrir a porta, só então foi embora e me deixou sozinha com a minha enorme casa escura e a tempestade que se aproximava e as forças do bem e do mal lutando sobre o destino de um rei há muito morto.

Sei.

Entrei em casa e fui acendendo as luzes a caminho da lavanderia, onde o professor que era dono da casa tinha deixado um caixote de plástico onde se lia EMERGÊNCIA. Tirei a tampa e peguei a lanterna e a meia dúzia de velas que encontrei lá dentro. Então levei tudo para a cozinha e liguei a televisão.

O noticiário local estava dando um aviso de tempestade para todo o condado de Anne Arundel. Já tinham notícias de relâmpagos perigosos e ventos fortes, combinados a chuva torrencial e um pouco de granizo.

Maravilha.

Tinha um bilhete na geladeira que dizia: *Oi, querida. Tem resto de costeleta na geladeira. É só esquentar no micro-ondas. Vamos chegar às onze. Ligue se precisar de algo. Mamãe.*

Abri a geladeira e olhei para as costeletas. Mas não estava realmente enxergando a comida. Em vez disso, eu estava vendo a raiva no rosto de Marco quando a mãe dele fez aquela confissão arrasadora. Eu estava vendo Will indo atrás de Marco pela janela, e isso fez meu coração subir à garganta.

E, tudo bem, estávamos no térreo. E quando todos nós corremos até a janela, vimos os dois garotos disparando pelo estacionamento da escola, Marco na frente, com Will em seu encalço, claramente à altura da tarefa.

Mas eu por acaso dei uma olhada no Sr. Morton naquele momento, e vi medo no rosto dele. Loucura ou não, o Sr. Morton temia por Will.

E o medo dele era contagiante.

Fechei a porta da geladeira. Aquilo era uma estupidez. Não dava para eu simplesmente ficar ali sem fazer nada enquanto sabia que Will estava em algum lugar tentando dar conta de um cara que com toda a certeza tinha perdido a cabeça de tanta raiva ao saber que a mãe tinha sido infiel ao pai.

Respirei fundo e peguei o telefone.

— Seja o que Deus quiser — eu disse a Tig, que estava sentada no meio do chão da cozinha, limpando-se toda.

E disquei o número do celular de Will.

Uma voz gravada informou que todos os circuitos estavam ocupados.

Fiz uma careta e desliguei. Bom, que coisa mais inútil.

Abri a geladeira e peguei as costeletas. Eu não estava com fome, mas precisava fazer alguma coisa, ou então perderia a cabeça com toda a certeza. Coloquei o prato no micro-ondas e então me sobressaltei, porque do lado de fora da janela, por cima da pia da cozinha, um raio brilhante atingiu o quintal.

A luz falhou, mas voltou logo. Tig, assustada, parou de se limpar.

Contei, como o menino de *Poltergeist*. Um segundo. Dois segundos. Três segundos.

O trovão explodiu, e agora já não soava nem um pouco como um tiro... parecia mais a explosão sônica de um caça rompendo a barreira do som. Tig saiu em disparada da cozinha, como uma pedra lançada por um estilingue, e dirigiu-se para partes desconhecidas da casa.

A tempestade estava ali, a quatro quilômetros de distância.

Tentei ligar para o celular de Will de novo. Todos os circuitos continuavam ocupados.

Coloquei o telefone no gancho, pensando que talvez as linhas estivessem cruzadas. Ele poderia, aliás, estar tentando ligar para mim naquele exato momento. Depois do que tinha acontecido hoje, é de se pensar que ele iria querer falar com alguém... e com alguém que não fosse parente dele. Aliás, eu até estava meio surpresa por ele ainda não ter ligado.

Mas não havia nenhum recado na secretária eletrônica.

Bom, talvez ele tivesse procurado Lance ou Jennifer em vez de mim. Afinal, eles o conheciam há muito mais tempo do que eu. Fazia sentido ele ligar para um dos dois antes de mim...

Uma parte de mim sempre vai amá-lo, Jennifer tinha dito no banheiro. Talvez Will estivesse com ela ao telefone neste exato momento, e eles tinham tido tempo de discutir as coisas, e tinham reatado. Talvez eles...

Sacudi a cabeça, perguntando a mim mesma qual era o meu problema. Eu estava enlouquecendo. Estava mesmo.

Acomodei-me na frente da TV com os restos de costeleta e um potinho de salada de batata e comi (sem sentir o gosto de nada) enquanto os apresentadores liam todos os eventos que seriam cancelados ou fechados por causa da tempestade que se aproximava: jogos de futebol americano das escolas; diversos torneios de lacrosse; os mercados ao ar livre do condado; uma regata.

Um repórter em Baltimore, onde a tempestade já tinha caído (aparentemente, vinda de lugar nenhum), estava parado ao lado de um carro achatado por uma árvore derrubada por um raio e fazia alertas a respeito de dirigir com o clima inclemente.

Outro entrou no ar para dizer que o anel viário (por onde os meus pais passariam para voltar para casa mais tarde) estava fechado por causa de um fio de alta tensão que tinha se rompido e eletrificado o contratrilho.

Outro repórter começou a falar a respeito de como esta tempestade inesperada era a maior da década, então mostrou imagens de enxurradas fortíssimas que carregaram um jipão da estrada para uma vala e deixou uma família de quatro pessoas presa dentro do carro...

De repente, eu já não culpava tanto assim o Sr. Morton por querer ir para o Taiti.

O que era uma bobagem, é claro, porque não eram as forças do mal que estavam causando aquela tempestade. O meteorologista apareceu e falou de vento noroeste e de frentes frias encontrando frentes quentes e do surgimento de tempestades e de deslocamentos de ar.

Então, bem quando ele estava prestes a dar conselhos a respeito do que fazer no caso de falta de luz, um relâmpago mais forte do que qualquer outro brilhou no céu lá fora.

Mas o céu não ficou branco, como geralmente acontece. Em vez disso, por um instante (tão breve que, depois, eu achei que tinha sonhado) o céu ficou cor de vermelho-sangue antes de voltar para o cinza-escuro.

Então, todas as luzes se apagaram.

A TV apagou. O ar-condicionado fez um barulho e parou. O relógio digital do fogão e do micro-ondas ficaram escuros. A geladeira parou de zumbir. Instalou-se um silêncio total e completo...

Até que um trovão magnífico rasgou o céu e fez com que o vidro da cristaleira tremesse.

Então, o telefone tocou.

E eu gritei.

Claro que eu estava sendo ridícula. Era só o telefone. Claro que o telefone continuava funcionando quando faltava eletricidade (bom, pelo menos os aparelhos que não eram sem fio).

Mesmo assim, o meu coração parecia tremer tanto quanto as vidraças, e os meus dedos tremiam quando eu estiquei a mão para pegar o fone.

— A-alô? — eu disse.

— Ellie? — Era a voz da minha mãe, tão reconfortante quanto um cobertor preferido. Só de ouvi-la meu batimento cardíaco já diminuiu. — Acabamos de saber que o condado de Anne Arundel vai ser o mais atingido pela tempestade. Está tudo bem com você, querida?

— Acabou a luz — eu disse, tentando não parecer tão amedrontada quanto eu me sentia.

— É — disse a minha mãe. — Acho que isso acontece muito. Olhe na lista telefônica e ligue para a companhia de eletricidade, só para ter certeza de que é o bairro todo, e não só a nossa casa. Depois, fique aí quietinha. O papai e eu cancelamos o jantar, e estamos indo para casa.

— Não, não estão — eu disse, com a voz pequena. — Fecharam o anel viário. Um cabo de força caiu e eletrificou os contratrilhos.

Ouvi minha mãe passar a informação para o meu pai. Ouvi meu pai dizer um palavrão. Então minha mãe falou:

— Bom, ouça, querida... você está com uma lanterna?

Peguei a que tinha deixado em cima do balcão. Ainda não estava precisando dela, ainda vinha luz suficiente de fora para enxergar. Mas eu respondi:

— Estou.

— Ótimo. Encontre um bom livro para ler e nós vamos chegar assim que der.

— Tudo bem — respondi. — Tchau, mãe.

Lá fora, relâmpagos brilharam mais uma vez. Desliguei o telefone, corri até a janela e estiquei o pescoço para ver se o céu ia ou não ficar daquela cor vermelho-sangue de novo.

Não ficou. Mas ficou bem roxo mesmo.

Peguei o telefone. Dessa vez, disquei o número da casa de Will. Ocupado.

Então me lembrei de que devia ligar para a companhia de eletricidade, de modo que peguei a lista telefônica e encontrei o número.

Então me ocupei bastante nos cinco minutos seguintes ouvindo as minhas opções (aperte um para informar sobre luzes intermitentes; dois se sente cheiro de algo queimando; três se está passando por perda parcial de energia elétrica; e finalmente quatro, que eu apertei, para informar perda total de energia elétrica).

A voz gravada informou que estavam cientes do problema e que equipes de manutenção já tinham sido enviadas. Fiquei feliz por não trabalhar para a companhia de eletricidade. Eu detestaria ser "enviada" neste tempo.

Então, bem quando eu estava pensando em acender a lanterna e fazer o meu dever de trigonometria, o telefone tocou de novo. Dessa vez, quando eu atendi, não reconheci a voz na outra ponta da linha.

— Alô? — Era uma mulher falando. — Ah, hã, Ellie Harrison está?

— Sou eu — respondi, usando a educação telefônica que a minha mãe tinha ensinado.

— Ah, Ellie, oi — disse a mulher, parecendo aliviada. — Aqui é Jean Wagner. A, hã, madrasta do Will.

De repente, eu me vi agarrando o telefone com toda a força.

Mesmo assim, tentei permanecer calma.

— Olá, Sra. Wagner. Eu... sinto muito. Sobre o que aconteceu hoje na escola.

— Eu também — disse a Sra. Wagner. — Você nem imagina quanto. Na verdade, é por isso que eu estou ligando. Estava aqui pensando se, por acaso, Will não está aí com você?

A essa altura eu já segurava o telefone com tanta força que achei que ia quebrar o aparelho no meio.

— Não — respondi, sentindo que meu coração poderia saltar do peito de repente, de tão forte que batia. — Eu achava que a senhora teria notícias dele.

— Não tenho desde que... — a Sra. Wagner tossiu — ... desde que aquilo aconteceu na escola. Eu esperava que... Não sei para onde nenhum daqueles dois foi, e eu não incomodaria você, mas sei que Will anda passando bastante tempo na sua casa ultimamente e achei que ele poderia estar aí...

Enquanto a Sra. Wagner falava, atravessei a sala até a porta de vidro de correr que levava ao deque. Eu não tinha olhado para a piscina desde que chegara em casa, de tão preocupada que estava com a tempestade que se aproximava.

Então puxei a cortina e fiquei dizendo para mim mesma que estaria tudo bem. Eu veria Will ali, sentado na Pedra da Aranha. Abriria a porta de correr e gritaria: *"Ei, seu bobão. Não fique aí sentado. Não está vendo que vai chover? Entre aqui."*

Só que, obviamente, ele não estava lá. Vi que o meu colchão de ar preferido tinha sido lançado pelo vento da piscina para cima de um arbusto. A água se agitava apesar de o filtro não estar funcionando, por causa da falta de eletricidade. Parecia um enorme caldeirão de bruxa fervendo.

Fechei a cortina rapidinho.

— ... ou que talvez você soubesse onde ele pode estar — a Sra. Wagner ia dizendo. — Já checamos na marina, e ele não está lá... não que ele fosse sair de barco com este tempo. Já falei com aquele amigo dele, Lance, e com a pequena Jennie Gold, e nenhum deles teve notícias. — Ouvi latidos pela linha do telefone, e logo a voz da Sra. Wagner dizendo: "Cavalier! Cavalier! Fiquei quieta!"

Um segundo depois, ela voltou a falar comigo:

— Desculpe. A cadela de Will... não sei o que deu nela. Sempre é tão bem-comportada. Parece que está agitada por causa da tempestade. O negócio é que Marco... Bom, estou com medo de que Will esteja em... bom, que esteja em perigo.

— Perigo? — A mão que segurava o telefone tinha começado a suar. Eu mal conseguia usar o fone, de tão molhado que estava. — Que tipo de perigo, Sra. Wagner?

Rezei para que ela não respondesse as forças das trevas. Por favor, não diga as forças das trevas. Será que o Sr. Morton tinha falado com ela também?

A voz dela falhou.

— Ah — disse ela. — Ah, querida. Sinto muito. Não é minha intenção... Eu jurei que não ia chorar. É Marco, sabe. — Agora ela chorava abertamente, enquanto Cavalier não parava de latir ao fundo. — Arthur, o meu marido, diz que é para eu não me preocupar, mas não vejo como... O estojo de armas dele foi arrombado, sabe? O estojo de armas do Arthur. E está faltando uma das pistolas dele. Acho que Marco pode ter pegado. Acho que Marco pode estar planejando fazer alguma coisa...

Mas eu nem cheguei a ouvir o que a Sra. Wagner achava que Marco podia estar planejando. Isso porque houve mais um relâmpago bem forte e o fone deu um estalo tão alto que pareceu atingir o meu ouvido. Larguei o aparelho com um grito e, quando o peguei de novo, a linha estava muda.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

In the stormy east-wind straining,
The pale yellow woods were waning,
The broad stream in his banks complaining,
Heavily the low sky raining
Over tower'd Camelot

(Lutando em meio ao tempestuoso vento leste,
O bosque amarelo-pálido ia minguando,
O largo rio em suas margens reclamava.
As nuvens baixas no céu choviam pesado
Sobre Camelot que se avultava)

Não que fizesse alguma diferença. Estou falando de a ligação ter caído no meio da frase da Sra. Wagner. Eu nem precisava ouvir o resto. Eu sabia o que ela iria dizer.

Assim como eu sabia exatamente o que precisava fazer.

Porque eu sabia para onde Will tinha ido. Se ele não estava em casa nem no barco, e não estava nem com Lance, nem com Jennifer, nem comigo...

Bom, só tinha um lugar onde ele podia estar.

O problema é que eu não tinha um carro para chegar até lá. A chuva ainda não tinha começado, mas o céu estava ficando mais escuro a cada minuto que passava. Em segundos, não minutos, as nuvens explodiriam.

E os relâmpagos não tinham parado. Se é que dá para dizer alguma coisa, os raios estavam cada vez mais frequentes. Trovões não paravam de ressoar.

Flash. Um segundo. *Bum*.

A tempestade estava a apenas uma milha de distância.

Mas e daí? Pensei comigo mesma, enquanto calçava meus tênis de corrida. Você não é de açúcar, Harrison. Não vai derreter.

O estojo de armas do almirante Wagner tinha sido arrombado.

O parque ficava a três quilômetros de distância. Eu corro três quilômetros todo dia; até mais, na maior parte das vezes. Certo, não faço isso em uma estrada aberta, depois de comer, durante uma tempestade recorde.

Mas que outra coisa eu podia fazer?

Peguei o primeiro casaco que estava ao lado da porta, era uma capa impermeável do meu pai. Tinha até capuz. Perfeito.

Uma arma. Ele tem uma arma.

Já estava a meio caminho da porta quando aconteceu de novo. Dessa vez eu vi o relâmpago cruzando o céu como uma rachadura em um gigantesco prato celestial. Estava tão perto que eu achei que tinha atingido a casa do vizinho.

E daí, da mesma maneira que tinha acontecido antes, o céu ficou de um tom profundamente vermelho-sangue. Só durante o intervalo que eu levei para piscar por causa da mudança repentina de luz.

Daí o céu ficou cinza-chumbo de novo.

— É só um relâmpago — eu disse a mim mesma. — Não são as forças do mal conspirando contra você.

Mesmo assim, minha voz tremeu quando eu falei. Quais eram as probabilidades de Marco ir atrás de Will com um tempo desses? Com certeza ele também pensaria duas vezes antes de sair no meio de toda aquela ventania.

Então eu me lembrei da arma. Se Marco era louco o bastante para roubar uma arma do padrasto, não ia deixar que uma coisinha como a tempestade da década o incomodasse.

Maravilha.

Bom, eu não podia fazer nada a respeito do clima. Mas a arma. A arma de Marco...

Revólveres e cassetetes são inúteis contra a ira do lado negro, era o que o Sr. Morton dissera.

E, de repente, eu me afastei da porta de entrada e subi correndo a escada para o andar de cima.

— Tomara que ele não tenha levado — falei ofegante e corri pelo corredor até o escritório do meu pai. — Tomara que ele não tenha levado...

Não tinha levado. Estava lá jogada, onde ele tinha deixado, no meio da escrivaninha, como se fosse uma caneta. Coloquei minha mão na empunhadura e a ergui. Era muito mais pesada do que eu me lembrava.

Mas eu não podia fazer nada a esse respeito agora.

Enrolei-a na capa do meu pai. Lembrava-me vagamente de ter lido em algum lugar que não se deve molhar espadas. Mas também pode ter sido a corda de um arco (daquele tipo que se usa para atirar flechas). E, de todo modo, eu não podia sair correndo pela rua com uma espada na mão. O que os vizinhos diriam? Nossa Imagem ficaria arruinada para sempre.

Segurando a espada enrolada na capa com todo o cuidado nos braços, desci as escadas correndo. Não dava nem para dizer qual era o meu plano para a espada do meu pai. Quer dizer, será que eu iria mesmo usá-la para ameaçar Marco? Uma espada (ainda mais uma toda enferrujada e inútil da Idade Média) contra uma pistola? Ah, sim, vai dar certo. Com certeza ele vai se render no minuto em que a vir.

Fala sério.

Mas eu precisava fazer alguma coisa.

E acho que (se você quiser acreditar que a ventania que se abatia sobre Annapolis naquele momento era obra do lado negro, e não da colisão entre duas frentes de ar, como o meteorologista tinha dito), o fato de eu levar a espada estava incomodando alguém lá em cima, já que logo que eu coloquei o pé na rua, o céu foi rasgado pelo relâmpago mais próximo até então...

Estava tão próximo, aliás, que por um segundo eu achei que tinha me atingido, porque os pelinhos da minha nuca ficaram arrepiados. Dei um berro e nem tive coragem de ver de que cor o céu tinha ficado por cima de mim. Não consegui olhar. Estava ocupada demais correndo. Corri direto pela entrada de casa, depois pela rua, parecia que minhas pernas me impulsionavam para a frente sem que eu conscientemente ordenasse que o fizessem.

Agarrando a espada contra o peito, eu ia pisando forte pela rua pavimentada, já respirando com dificuldade. Eu pensava que correr através da umidade de agosto em Maryland já era bem ruim. Mas acontece que não era nada comparado com correr através do ar carregado de eletricidade com a maior ventania e uma espada medieval nas mãos.

Quando cheguei à rua principal, fiquei chocada com o que vi. Galhos de árvore já tinham sido derrubados pelo vento, e salpicavam o caminho como barreiras de corrida... ou cobras. As folhas que ainda estavam presas a eles estavam viradas para baixo e brilhavam cinzentas com a pouca luz que as nuvens escuras lá em cima deixavam passar.

Respirei fundo e, sem jamais diminuir o ritmo, comecei a dar a volta nos obstáculos, totalmente ciente de que estava em uma via que não era adequada para o trânsito de pedestres. Não havia calçada nem ciclovia. Eu estava correndo no meio de uma estrada, desviando de galhos de árvore caídos, segurando uma espada enorme, e rezando para que, se um carro aparecesse, o motorista me enxergasse e tivesse tempo de desviar.

Não tive tanta sorte. Um carro de fato apareceu.

Mas estava indo tão rápido que não tinha como a motorista (uma mãe apressada, ansiosa para pegar os filhos antes que a chuva caísse e os deixasse ensopados) virar a tempo de não me acertar. Ela veio a toda bem na minha direção e só me viu no último minuto, quando apertou a buzina e pisou no freio ao mesmo tempo...

O Mal não vai admitir nenhuma interferência da Luz. Vai criar obstáculos intransponíveis no nosso caminho... obstáculos mortais.

... e eu pulei para fora da estrada, com a mesma agilidade daquele cervo que eu tinha visto na beirada da entrada de casa e comecei a atravessar o gramado das casas em vez de permanecer na estrada.

Isso se revelou muito mais conveniente do que ficar desviando de carrões e de galhos caídos. Além do mais, a grama era mais gostosa de pisar do que o asfalto...

As forças da escuridão (se é que existiam) pareceram não gostar nada disso, assim como não tinham gostado do fato de eu pegar a espada. Ou isso ou simplesmente estava na hora de os céus se abrirem. Porque foi exatamente o que aconteceu naquela hora, o que liberou uma cortina repentina de chuva pesada, que ardia na pele e que ensopou a minha camiseta e o meu short e deixou o meu cabelo todo colado na nuca.

Eu continuava correndo, agarrada à espada contra o meu peito, com mais força ainda, tentando ignorar o fato de que a chuva caía com tanta rapidez que eu mal conseguia enxergar meio metro à frente e que a grama sob os meus pés estava se transformando em um rio de lama. Eu disse a mim mesma que já devia estar perto do posto Wawa. E o Wawa fica a meio caminho do parque. Só faltava mais um quilômetro e meio. Só um quilômetro e meio para chegar.

E agora não tinham mais nada para jogar na minha cabeça. Relâmpagos não tinham me detido. Carros vindo na minha direção não tinham me detido. A chuva não tinha me detido.

O medo não tinha me detido.

Nada podia me deter. Eu ia chegar lá. Eu ia...

Foi quando o granizo começou a cair.

No começo, achei que tinha chutado uma pedrinha para cima. Mas outra me acertou. E mais uma. Logo, os pedacinhos de gelo ricocheteavam na minha cabeça e nos meus ombros, nas minhas coxas e nas minhas panturrilhas.

Mas eu continuava seguindo em frente. Ergui a espada por cima da cabeça (ela estava protegida do granizo por causa da capa do meu pai) e a usei como uma espécie de escudo contra o grosso do granizo. E comecei a me abaixar por entre árvores enquanto corria, apesar de o meteorologista da TV ter dito que esse era o pior lugar para se estar durante uma tempestade.

E provavelmente era ainda pior estar embaixo de uma árvore carregando um objeto comprido de metal...

Mas eu não ligava. Não era à toa que eu era campeã (pelo menos na minha cidade) dos duzentos metros feminino. Eu era rápida demais para eles... rápida demais para os relâmpagos que rasgavam o céu, que desta vez ficou de um tom verde-azulado enjoativo em vez de vermelho-sangue. Rápida demais para o estrondo ensurdecedor do trovão que o seguiu um segundo depois. Rápida demais para a chuva. Rápida demais para os carros. Rápida demais para o granizo...

A tempestade estava bem em cima da minha cabeça.

E estava furiosa.

O granizo voltou a se transformar em chuva, mas continuava caindo torrencialmente. A essa altura eu já estava toda molhada, mas nem ligava. Principalmente quando vi, através daquela cortina cinzenta, a placa de boas-vindas ao Parque Anne Arundel — POR FAVOR, NÃO JOGUE LIXO — apareceu.

Eu tinha chegado. Consegui. Cambaleei em direção à placa, sem nem perceber, até o último instante, que eu estava chorando, provavelmente desde que o granizo tinha começado. Eu, a menina que nunca

chora.

E então, a chuva parou.

Assim, sem mais nem menos. Como se alguém tivesse fechado uma torneira.

Fiz uma pausa longa o suficiente para tirar a água dos meus olhos. Então comecei a correr de novo (em disparada, na verdade), em direção ao bosque. Lá em cima, o céu rugia para reclamar, como se houvesse gigantes ali, conversando entre si.

Quando passei pelas quadras de tênis e o campo de lacrosse encharcado, vi uma coisa mais bem-vinda até do que uma toalha seca teria sido naquele momento:

O carro de Will, parado sozinho no estacionamento.

Ele estava lá. Ele estava a salvo...

Só que ele não estava dentro do carro. Eu fui conferir. O carro estava bem trancado.

E vazio.

Ele não podia ter passado toda a tempestade de granizo dentro do bosque. Não se tivesse um carro seguro onde se abrigar.

Eu tinha chegado tarde demais. Tinha que ser isso. Marco já tinha chegado e partido. Eu ia encontrar Will estirado e morto naquela pedra dele. Eu sabia disso.

Mas, com certeza, se ele já estivesse morto, o lado negro não teria tido tanto trabalho para impedir que eu chegasse até lá...

Só que tinha parado. A chuva tinha parado.

Então eu me dei conta do que estava pensando. Onde eu estava com a cabeça? *Lado negro?*

Uma tempestade simplesmente tinha surgido do nada. Uma tempestade que revirara árvores e eletrificara uma estrada e mandara a minha gata buscar abrigo nos recôncavos mais isolados da casa. Uma tempestade que fizera uma cadela latir histérica ao telefone. Latindo para mim.

Acelerei o passo e passei a correr a toda velocidade, agarrando a espada pela empunhadura.

Dentro do bosque, que eu achei que estaria a maior confusão (com galhos e até algumas árvores caídas), estava tudo exatamente como eu tinha visto da última vez. O cheiro da chuva era forte no ar, mas era óbvio que ali não tinha chovido. A trilha estava tão seca que nuvens de poeira se erguiam dos lugares em que os meus pés pisavam.

Eu não fazia a menor ideia de como isso era possível. Mas eu também não tinha tempo para pensar no assunto. Porque finalmente cheguei ao barranco e fiquei me xingando por não ter levado uma lanterna, porque estava escuro naquele bosque, com as nuvens de tempestade lá em cima. Entrei pelo mato fechado, na esperança de enxergar o leito do riacho. Achei que tinha visto alguém lá embaixo, mas não dava para ter certeza...

E então eu o vi. Will.

Mas ele não estava sentado em sua pedra preferida. Também não estava em pé em cima dela. Em vez disso, estava estirado ali como...

Bom, como se estivesse morto.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Under tower and balcony,
By garden-wall and gallery,
A gleaming shape she floated by,
Dead-pale between the houses high,
Silent into Camelot.

(Sob torres e sacadas,
Passando pelos muros dos jardins e pelas galerias,
Como um vulto cintilante ela foi flutuando,
Com palidez mortal entre as casas altas,
Silenciosa, penetrando em Camelot.)

Eu não gritei.

Acho que não teria conseguido emitir nenhum som, nem que tentasse. Para começo de conversa, eu estava respirando pesado demais por causa da corrida.

E, depois, o medo frio e duro que tinha tomado conta do meu coração desde que eu ouvira Cavalier latir (mas que eu tinha me recusado a reconhecer) parecia ter tomado conta do órgão e cortado todo o fornecimento de sangue para o resto do meu corpo.

Nem sei como cheguei até o fundo do barranco. Acho que, de algum modo, encontrei meu caminho aos tropeções. Só sei que, quando alcancei a pedra de Will, as minhas pernas estavam cobertas de arranhões latejantes de todos os galhos por que eu tinha passado, mas que não tinha sentido.

Ergui o olhar para o lugar onde ele estava estirado com os olhos fechados e não consegui ver nenhum indício de que Will estava respirando. Mas também não enxerguei nenhuma mancha de sangue óbvia. Mas ele tinha que ter ouvido eu me aproximar. E, mesmo assim, não tinha se mexido...

Minhas pernas tremiam incontrolavelmente (tanto de emoção quanto devido ao teste de resistência a que eu as tinha submetido), mas eu dei a volta na pedra e acomodei a espada no chão, sem tirá-la de dentro da capa do meu pai. Então coloquei o pé no apoio que tinha usado da última vez para subir na pedra de Will...

E o rosto dele de repente apareceu acima do meu.

— Elle — disse ele. Ergueu a mão e tirou das orelhas o fone que estava usando. — Você veio. Eu sabia que viria.

Então, pegou a minha mão e me puxou para cima da pedra...

... onde eu perdi a compostura completamente. Minhas pernas se transformaram em gelatina. Todo o sangue do meu corpo, que segundos antes estivera congelado, pareceu ter se liquefeito com o toque dele e me deixou com a sensação de não ter mais forças nem para ficar em pé.

Will deve ter percebido, porque bem quando senti meus joelhos começarem a ceder, ele disse:

— Ei... — e largou a minha mão para me segurar pela cintura. Como as minhas pernas líquidas continuavam bambas, ele me segurou contra ele com uma risada que terminou de maneira abrupta quando nossos corpos se encostaram e as minhas mãos se espalmaram no peito dele.

Daí, ele disse:

— Ei — de novo, mas com voz bem diferente, bem mais suave.

Olhando dentro dos olhos azul-piscina dele, a meros centímetros dos meus, castanhos e muito mais sem graça, finalmente encontrei minha voz.

— Achei que você estava morto — sussurrei com a voz rouca.
— Longe disso — ele sussurrou em resposta.
E, então, ele começou a me beijar.
E, de repente, meus braços e pernas não pareciam mais gelatina. Em vez disso, parecia que eu estava eletrificada, como se tivesse mesmo sido atingida por um raio... só que era melhor. Muito, muito melhor. Porque não dá para abraçar um raio. Nem sentir o coração do raio bater junto com o seu. Nem o gosto do café que ele tinha bebido antes, nem o cheiro limpo da camisa dele. Com Will eu podia fazer todas essas coisas, e fiz...
... inclusive me apertar o mais próximo possível dele, e não só porque eu estava com frio. Depois de tanta chuva. Também para provar a mim mesma que ele estava vivo. *Vivo*.
E ele estava me beijando.
E parecia que estava gostando de me beijar. Muito, mas muito mesmo.
— Mas por que a gente nunca fez isso antes? — Will quis saber quando finalmente paramos de nos beijar e a testa dele estava encostada na minha.
— Porque você já tinha namorada — eu lembrei. Fiquei surpresa de ver que ainda tinha a capacidade de falar. Era de se pensar que, depois de um beijo daqueles, eu ficaria sem palavras. Meus lábios ainda estavam formigando por causa daquilo.
— Ah, é — disse ele, sem me soltar. Então, ergueu a cabeça. — Ei. Você está tremendo. — Esfregou meus braços com as mãos; as mãos grandes e quentes dele. — Também, não é para menos. Você está toda molhada. Como foi que ficou tão molhada?
— Porque estava chovendo — respondi. E, como que para confirmar, um trovão ressoou forte lá em cima.
— Aqui não choveu — disse Will.
— Obviamente — respondi.
— Como pode? — ele me soltou, mas só por um segundo, enquanto se abaixava para pegar uma jaqueta jeans que tinha deixado ao lado do iPod dele. Colocou a jaqueta nos meus ombros e então me puxou para perto dele de novo. — Olhe, sinto muito pelo que aconteceu lá. Na escola. Com Marco. Foi péssimo.
— É — eu respondi, adorando a maneira como os braços dele se encaixavam em volta de mim. — Foi sim. Eu... também sinto muito.
— Você não tem nada de que se desculpar — disse ele. — Você não fez nada. Eu poderia ter matado Marco quando ele empurrou você.
— É — eu disse. — Quero falar de Marco, Will. — Engoli em seco, coloquei as mãos nos ombros dele e o empurrei um pouquinho, para poder olhar no rosto dele. Estava lindo como sempre, com aqueles olhos azuis reluzentes emoldurados pelos cílios espessos e pretos.
— O que foi? — ele perguntou, olhando para mim. — Ele não... você não teve notícias dele, teve? Eu o perdi de vista ao sair da escola. Dei uma volta de carro à procura dele, mas não achei. Eu... não quis ir para casa. — Então desviou o olhar de mim. — Tentei ligar para a sua casa algumas vezes, mas a operadora ficava dizendo que os circuitos estavam ocupados. Pensei em dar uma passada, mas depois do que aconteceu, não tinha certeza se...
Segurei o rosto dele entre as mãos e o virei para que pudesse me olhar nos olhos.
— Você não pode estar falando sério — eu disse. — Você acha que eu não ia querer falar com você? Só por causa do que aconteceu na escola?
Aquela sombra que eu conhecia tão bem tomou conta da expressão dele e o deixou sombrio, apesar de ele não ter me largado.
— A essa altura todo mundo já deve estar sabendo — foi a única coisa que ele disse.
— Will, a sua mãe me ligou. Ela está mesmo muito preocupada...

Então ele me soltou. Ele me soltou, virou de costas e passou a mão no cabelo escuro.

— Olhe — disse ele para as árvores. — Só preciso ficar um tempo longe dela. E do meu pai. Para refletir sobre as coisas. — Olhou de novo para mim, com o rosto contorcido. — Não é todo dia que uma pessoa descobre que a mãe na verdade não morreu, sabe como é.

— Eu sei — disse, de novo. — Mas não foi por isso que ela ligou.

Ele fez uma careta.

— Eu sei por que ela ligou. É Marco, não é?

Assenti com a cabeça, porque não confiava na minha voz. Lá em cima, trovões ressoaram mais uma vez.

Will suspirou.

— O que Marco fez agora? — Ele estava sorrindo, mas não como se achasse o assunto especialmente interessante. — Destruiu o Land Cruiser? Esvaziou o bar do papai? Não, ele já fez tudo isso. Além do mais, nada disso me afetaria, e sou eu que ele culpa por tudo isso. Ah, espere, já sei. Ele pegou o *Pride Winn* e afundou no mar.

— Não — respondi e engoli em seco. — Ele roubou uma pistola do seu pai. E acho que vai tentar matar você.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

And as the boat-head wound along
The willowy hills and fields among,
They heard her singing her last song,
The Lady of Shalott.

(E enquanto a proa do bote ia avançando
Entre as colinas de salgueiros e os campos,
Ouviram-na cantar sua última canção,
A Senhora de Shalott.)

— Isso é impossível — Will respondeu, categórico.

— Will.

Eu me senti péssima. Caí direto das alturas a que ele tinha me enviado com os beijos. Era quase como se aquilo nem tivesse acontecido. Será que eu tinha sonhado? Tudo que tinha acontecido na última hora parecia um sonho, desde a tempestade até... bom, isto aqui.

— Não é impossível — eu disse. — O estojo de armas do seu pai foi arrombado e ninguém sabe onde Marco está. Eu sei que não foi você quem pegou. Quem mais pode ter sido?

— Ah, eu acredito que Marco pegou a pistola — disse Will. — Mas me matar? Jean... quer dizer, a minha mãe... está exagerando um pouco. Marco não é assassino.

Isso era exatamente o que eu tinha dito ao Sr. Morton. Antes de ficar sabendo de todo o resto.

— Hã — eu disse. — Will, o assunto pode ser um pouco mais complicado do que você pensa.

— Mais complicado do que a minha mãe de verdade me dar à luz quando o marido dela estava em uma missão fora do país e me entregar para o homem que era o meu verdadeiro pai para que me criasse, para o marido dela não descobrir que tinha sido infiel? Mais complicado do que ter ouvido a vida inteira que a minha mãe estava morta, até hoje, quando me informaram que ela é, na verdade, a mulher com quem o meu pai se casou depois de conseguir um cargo importante o suficiente para enviar o melhor amigo dele, o marido dela, para a morte? — A risada de Will não tinha o mínimo humor. — Pode acreditar, Elle. Acho que eu entendi o recado.

— É — eu disse. — Sobre tudo isso. Tenho algo a dizer, e vai parecer um pouco estranho, mas sabe antes, quando você estava dizendo como às vezes você fica achando que já esteve aqui? Bom, existe um grupo de pessoas que acredita que você na verdade...

— Por que ele quer me matar? — Will me interrompeu, andando de um lado para o outro em cima da pedra. Por cima das nossas cabeças, a pergunta dele foi respondida por mais um estrondo de trovão. — Foi meu pai que fez isso. Não eu. Eu não tive nada a ver.

— É — eu disse. — Bom, sabe, lembra quando Marco atacou o Sr. Morton no ano passado? Acontece que...

— E também, o meu pai não fez de propósito — Will prosseguiu. — Quer dizer, é verdade, ele mandou o sujeito para um lugar perigoso. Mas ele não atirou pessoalmente no helicóptero. O aparelho foi atacado por fogo inimigo. Poderia ter acontecido com qualquer um.

— Will — eu disse e estiquei o braço para pegá-lo pelos ombros, para que parasse de andar de um lado para o outro por pelo menos um minuto. — Não importa por quê. O fato é que Marco quer matar você. Então, você não acha que a gente devia sair daqui, para o caso de ele aparecer?

— Aqui? — As sobrancelhas escuras de Will projetaram-se para baixo. — Mas ele nem conhece este lugar. Eu nunca o trouxe até aqui, nem comentei que sempre vinha aqui.

— E sobre a reunião de hoje com o Sr. Morton e a sua mãe? — eu disse. — Por acaso alguém falou dela para Marco? Ou será que ele simplesmente apareceu por lá?

— Não, ninguém falou nada para ele. Ele... — a expressão de Will se transformou de fúria em confusão enquanto ele olhava para mim. — Como é que ele ficou sabendo da reunião? A menos que... ele devia estar escutando na extensão quando o Sr. Morton ligou.

— Certo — eu disse. — Ou... Bom, existe uma outra explicação.

Um dos lados da boca de Will se contorceu para cima.

— O que é? Ele sabe ler mentes?

— Ou isso ou ele é um agente das forças das trevas.

Eu falei bem rápido, para colocar para fora antes que eu pensasse melhor sobre o assunto. Eu continuava sem acreditar naquilo. Pelo menos, não completamente. Mas achei que precisava dar um aviso a ele, já que o Sr. Morton obviamente não tinha dado.

— As forças das... — A voz de Will foi sumindo enquanto ele olhava para mim.

Mas, em vez de dar uma risada ou fazer qualquer outra coisa para dissipar a ideia, como eu estava esperando que ele reagisse, o olhar de Will ficou ainda mais intenso.

— O que foi mesmo que você disse sobre aquela coisa de eu achar que já estive aqui antes? — ele perguntou. — E que história foi aquela sobre um grupo de pessoas que acredita em... alguma coisa?

— Sabe o quê? — agarrei os ombros dele com mais força do que nunca. — A história é meio comprida, e há uma boa chance de que nem seja verdade. Mas, verdadeira ou não, continuo achando que é melhor a gente sair daqui... pelo menos para fugir da chuva, se não for para fugir de Marco.

Will olhou para a massa de nuvens que ia ficando cada vez mais escura lá em cima... para o pedaço que podia enxergar delas, através das copas das árvores. É engraçado como tinha chovido em todo lugar, menos ali.

Mas não engraçado de dar risada.

— Certo — disse ele e começou a me seguir quando eu desci da pedra dele. — Mas para onde você quer ir?

A voz profunda parecia ter saído do nada.

— Posso recomendar o Taiti?

Eu fiquei paralisada. O sangue que Will tinha feito degelar com o beijo dele congelou de novo.

Porque eu reconheci aquela voz. Eu sabia de quem era mesmo antes de me virar e vê-lo ali parado no leito do riacho, com o cano de uma pistola preta e feia apontado bem para o meio do peito de Will.

— Ouvi dizer que as ilhas da Polinésia são adoráveis nesta época do ano — disse Marco, como quem não quer nada.

Os irmãos ficaram se olhando: Marco embaixo, no leito do riacho, e Will em cima de sua pedra. Tudo estava tão parado que dava para ouvir a respiração dos dois. Pelo menos até que um relâmpago serpenteou pelo céu lá em cima, fazendo com que eu desse um salto mesmo antes de que todo o horizonte assumisse aquele tom de vermelho-escuro.

Então ouviu-se o estrondo do trovão e o vermelho desapareceu com a mesma rapidez com que tinha surgido.

— Elle — disse Will, no silêncio repentino que se seguiu ao show pirotécnico celestial. Ele não tirou os olhos de Marco. — Vá para casa.

— Isso, *Elaine* — disse Marco, com uma voz que exsudava maldade. — Corra para casa para *flutuar* mais um pouco. Você não tem nada a fazer aqui.

Fiquei toda arrepiada. Eu sabia do que Marco estava falando. Que *Elaine de Astolat* não tinha nada a fazer ali.

Mas tudo bem, porque eu não era Elaine de Astolat, independentemente do que ele pudesse pensar. E tinha muita coisa que Elaine Harrison podia fazer.

— Não vou a lugar nenhum — eu disse.

Marco fingiu emocionar-se.

— Ah, mas que adorável — disse ele. — Ela vai ficar para defender seu homem.

Mas parece que Will não achou aquilo assim tão adorável.

— Elle — disse ele, com aquela mesma voz que tinha usado com Rick na frente da sala do Sr. Morton: uma voz que realmente parecia pertencer a um rei, de tão cheia de ultraje ao ver que seus desejos não estavam sendo atendidos. — Vá para casa. Encontro com você lá, mais tarde.

— Hã, não, não encontra, não, Will — disse Marco. — É por isso que ela não quer se mexer. Ela sabe tão bem quanto eu que você não vai encontrar *ninguém* mais tarde.

Mais um relâmpago. Mais uma vez, o céu ficou vermelho. Então, da mesma maneira repentina, o trovão fez com que voltasse a ser cinzento.

— Marco — disse Will. — Isto é uma estupidez. Você não quer fazer isto.

— Sabe, é aí que você se engana — disse Marco. — Já faz muito, muito tempo que eu quero fazer isto. Você acha que eu não me irritava com a situação lá em casa? *Por que você não é como Will? Olhe só para Will, ele não repetiu em marcenaria. Olhe só para Will, ele não destruiu o carro. Olhe só para Will, ele não está matando aula para ficar chapadão atrás do Dairy Queen. Olhe só para Will, ele é o Garoto de Ouro. O zagueiro. No boletim dele só tem A. Ele é o rei da formatura*. Eu nunca entendi, sabe. Nunca entendi por que minha mãe vivia me falando tanto de você. Até agora.

Ele soltou a trava da pistola.

— E então — ele prosseguiu, em tom despreocupado, como se nós simplesmente tivéssemos nos encontrado sem querer em um restaurante ou qualquer coisa assim — ela pega e se casa com o seu pai. Que sorte! Eu vou poder morar com você! É, vou poder ver de perto, em primeira mão, o que eu poderia ter sido se fosse mais dedicado. E como se já não fosse o bastante, adivinhe só? Acontece que somos irmãos! É isso aí, *irmãos*! Como se eu já não me sentisse completamente inadequado antes disso. Agora tenho que digerir o fato de que você e eu compartilhamos uma quantidade significativa de DNA. Ah, e o fato de o seu pai estar comendo a minha mãe pelas costas do meu pai? É, essa é boa.

— Marco — disse Will, com voz grave e inflexível. — Nossos pais são um horror, certo? Mas nós não precisamos descontar isso um no outro.

— Não precisamos? — Marco riu sem humor nenhum. — Caramba, quanta grandeza da sua parte, Will. Levando em conta que o meu pai não matou o seu pai, da maneira como o seu matou o meu, pode até ser. Do meu ponto de vista, só existe um jeito de empatar o placar. Olho por olho.

— Se é olho por olho que você quer, Marco — eu disse, com a voz trêmula —, mate o pai de Will, não Will.

Will lançou para mim um olhar de *Fique fora disto*. Mas eu nem liguei.

— Pensei sobre isso — Marco respondeu. — Mas o negócio é que eu quero que o velho sofra. E o que poderia deixá-lo mais magoado do que saber que o menino de ouro precioso dele morreu por causa de uma coisa que ele mesmo fez? Ele vai ter que conviver com isto para o resto da vida, da mesma maneira que eu vou ter que viver sem o meu pai. É isso que eu chamo de olho por olho.

— Mas de que adianta, Marco? — Will quis saber. — Isto não vai trazer o seu pai de volta.

— Não — Marco respondeu, com uma voz que soava totalmente racional. — Não vai. Mas vai fazer com que eu me sinta muito, mas muito melhor.

— E quando você estiver na prisão? — Will perguntou no mesmo tom. Se ele estava com medo, não dava para perceber ao olhar para ele. Estava em pé, ereto e altivo, e a voz dele não tremia nem um pouco. Parecia quase... bom, era quase um rei.

E parece que eu não era a única pessoa a pensar assim. Aparentemente, Marco não conseguia desviar o

olhar dele.

O que era bom. Porque assim eu tive a oportunidade de ir para trás da pedra e pegar a espada que eu tinha deixado ali, na base.

— Só vou para a cadeia se me pegarem — Marco ia dizendo. — E não está nos meus planos que isto aconteça.

— Ah, certo — disse Will, com uma risada. — O que você vai fazer, vai desaparecer? Você nem tem dinheiro. Gastou tudo naquele seu Corvette idiota. E, aliás, espero que você não esteja planejando usá-lo para a sua fuga. Você não vai chegar nem à ponte da baía antes que a polícia o alcance. Já estão a sua procura, depois daquela cena que você fez na escola.

Eu não estava enxergando a expressão de Marco, já que estava ocupada tirando a espada do meu pai de dentro da capa. Mas ele soou mais frio e desinteressado do que nunca.

— Então eu simplesmente vou usar o seu carro — ele respondeu. — E todo o dinheiro que eu encontrar na sua carteira depois que você morrer. Agora, desça daí. Você está me deixando com torcicolo.

— Você tem problemas, Marco — disse Will, com uma voz sobrenatural de tão calma. — Está precisando de ajuda. Abaixe a arma e vamos conversar sobre isto.

— Já é tarde demais para conversar — Marco estava começando a perder a paciência. A voz dele tinha se elevado, e não só porque os trovões lá em cima estavam ficando cada vez mais barulhentos e mais ameaçadores. — Desça desta pedra, Will, ou eu dou um tiro na cabeça da sua namorada. Aliás, o que ela está fazendo ali? Ei! Donzela dos Lírios! Saia daí de trás. Não estou brincando. Juro que abro um rombo no meio dele.

Subi de novo na pedra com dificuldade, arrastando a espada do meu pai atrás de mim. Parece que ninguém reparou.

— Marco — Will tinha aberto as mãos, apelando para o bom senso de Marco... se é que ele algum dia já teve algum. — Vamos lá. Somos irmãos.

— Ah, mas veja só que coisa. — A voz de Marco demonstrava verdadeira decepção. — Por que você tinha que me lembrar disso? Agora eu vou ter mesmo que atirar em você. Eu ia esperar para atirar primeiro na sua namorada e obrigar você a assistir tudo. — E ele ergueu a pistola e fechou um olho para fazer a mira. — Muito bem.

— Will! — Eu gritei. — Aqui!

E, quando Will olhou para mim, eu joguei a espada para ele, com a empunhadura virada na direção dele.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Out upon the wharfs they came,
Knight and burgher, lord and dame,
And round the prow they read her name,
The Lady of Shalott.

(Para o cais todos foram,
Cavaleiro e burguês, lorde e dama,
E por toda a extensão da proa eles leram seu nome,
A Senhora de Shalott.)

A pistola disparou, um estalo abafado no barranco cheio de mata que Will parece nem ter notado. A bala passou assobiando sem perigo ao lado da cabeça dele, porque ele tinha se abaixado para pegar a espada. Quando ele olhou para o que eu tinha entregado a ele, ficou com o rosto anuviado pela confusão.

— Uma *espada*? — ele segurou a lâmina em riste, sem deixar de olhar para ela todo confuso, como se estivesse perguntando: *Como é que isto vai me ajudar?*

Ele tinha razão. Quer dizer, de que adiantava uma espada contra uma pistola?

Só que...

Só que, quando os dedos de Will se fecharam ao redor da empunhadura, parece que alguma coisa... mudou. Eu não sabia dizer exatamente o quê.

Talvez tenha sido porque, naquele momento, *tudo* mudou. Era como se alguém tivesse apertado o botão de foco automático do mundo.

Porque, de repente, parecia que tudo tinha ficado mais nítido, mais definido, mais colorido. As sombras escuras por baixo das raízes das árvores e na base das pedras pareceram ficar... bom, mais escuras.

E o verde das folhas acima de nós parecia... mais verde.

A espada na mão de Will parecia reluzir de verdade; os pontos de ferrugem que estavam lá um segundo antes mal se faziam notar.

Foi quando eu vi que o céu lá em cima tinha começado a limpar. As enormes nuvens negras estavam se afastando, revelando os tons rosados e de lavanda de um pôr do sol de verão indiano...

Então era por isso. Quer dizer, era por isso que no minuto em que os dedos de Will se fecharam na empunhadura da espada, tudo de repente pareceu tão mais... nítido.

Apesar de isso não explicar por que o próprio Will parecia mais alto, com o cabelo mais brilhante e mais escuro do que nunca. Os ombros dele pareciam mais largos, os olhos azuis mais reluzentes. Era como se ele estivesse irradiando algum tipo de...

Bom, de luz. Não tinha outro jeito de colocar.

Sacudi a cabeça. Não. Aquilo não era possível. Era só a tempestade indo embora. Ou o meu amor por ele que estava fazendo com que eu o visse com outros olhos...

Só que isso não explicava a reação de Marco quando Will se virou de frente para ele mais uma vez, segurando a espada em frente do corpo com a mesma naturalidade como se ele brandisse espadas todos os dias da semana.

— Abaixe a arma, Marco — disse Will, com uma voz que, assim como tudo ao nosso redor, estava um pouquinho diferente do que era antes: mais grave e mais segura do que nunca. Mais digna de um rei do

que nunca (apesar de eu não estar disposta a admitir isso).
Foi quando Marco, com o rosto tão branco quanto a camiseta regata que usava, caiu de joelhos, como se as pernas simplesmente tivessem cedido com seu peso.
Ou como se ele de repente tivesse reconhecido quem exatamente estava a sua frente; para quem ele estivera apontando uma arma.
— N-não — disse do lugar onde se ajoelhara.
Eu tinha me colocado logo atrás de Will. Quando Marco finalmente ergueu a cabeça, foi para olhar para mim com olhos cheios de maldade, como antes, mas também com algo que eu nunca tinha visto neles antes...
Medo.
— Você *não* é a Senhora de Shalott — ele falou ofegante.
Sacudi a cabeça. Nada daquilo fazia o menor sentido. Só que, de um jeito bem esquisito, meio que fazia, sim.
— Eu nunca disse que era — lembrei a ele.
— Vou abaixar a espada quando você abaixar a arma, Marco — disse Will com aquela mesma voz superautoritária. — Então poderemos conversar sobre o assunto. Como irmãos.
— Irmãos! — Marco repetiu, com amargor. Então sacudiu a arma (e o olhar) de novo na minha direção. — Por que você tinha que dar uma espada a ele? — gritou. — Só uma pessoa deve entregar uma espada para ele. E não é você. Não *pode* ser você. É *impossível*!
Apenas os integrantes do círculo mais próximo de Arthur podem colocar fim ao reino do lado negro.
— Largue a arma, Marco — disse Will. — Agora... antes que alguém se machuque.
Vi os dedos de Marco relaxarem em volta da pistola. Era quase como se ele *não* pudesse deixar de fazer o que Will mandava.
Estava dando certo. Ele estava desistindo.
E foi quando um vulto de jeans saiu do meio do mato ao lado dele. Um segundo depois, Marco estava estatelado de costas no leito do riacho, com Lance Reynolds por cima. Os dedos de Lance se fechavam na mão que segurava a pistola... mas Marco a tinha largado antes mesmo de Lance o acertar.
— Ele disse para largar a... — Lance foi tirar a pistola da mão de Marco e, ao ver que ela estava largada sobre um arbusto, inofensiva, pareceu confuso. — Ah. Tá. Tudo bem.
Um segundo depois, Jennifer apareceu toda delicada no meio do mato. Olhou para Lance e para Marco, depois ergueu os olhos para Will e eu.
— Ai, que bom — disse ela, com a voz que mais parecia um sininho, cheia de satisfação. — Chegamos a tempo. Viu, Lance? Eu disse que eles estariam aqui.
Ao meu lado, Will abaixou a espada devagar e ficou olhando para ela como se tivesse acabado de notar sua presença.
Então ergueu os olhos confuso, para olhar para mim, e percebi que o peito dele se movia para cima e para baixo, como se ele tivesse acabado de correr...
... Bom, três quilômetros no meio de uma ventania infernal.
Então, antes que eu me desse conta, ele já tinha colocado o braço em volta do meu pescoço e me puxava em sua direção.
— Obrigado — ele sussurrou no meu cabelo úmido.
— Eu não fiz nada — cochichei de volta.
— Fez, sim — disse ele e me puxou para mais perto ainda.
Então a voz de Jennifer gritou:
— Ah, olhe, Lance! Eu não falei que eles iam ficar fofos juntos?
Então o tom dela mudou.
— Espere aí. O que *ele* está fazendo aqui?

E ergui os olhos para ver o Sr. Morton vindo na nossa direção, com dificuldade, pela lateral do barranco, seguido por diversos policiais da delegacia de Annapolis.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Who is this? and what is here?
And in the lighted palace near
Died the sound of royal cheer;
And they cross'd themselves for fear,
All the Knights at Camelot:

(Quem é esta? e o que está aqui?
E no palácio iluminado próximo
Morreu o som da alegria real;
E fizeram o sinal da cruz por medo,
Todos os Cavaleiros de Camelot:)

— Achei que o senhor estivesse de partida para o Taiti — eu disse, em tom de acusação.

— Ellie — disse minha mãe com tom de censura.

— Bom, foi o que ele me disse.

Fiquei olhando para o Sr. Morton do lugar em que eu estava sentada no sofá, enrolada em um cobertor, apesar de ter tirado a roupa molhada e colocado meu pijama mais velho de flanela e ter tomado um litro de chocolate quente. Simplesmente parecia que eu não conseguia me esquentar, apesar de a tempestade já ter terminado e o ar da noite estar relativamente agradável, com quinze graus.

O Sr. Morton lançou um olhar pesaroso para o meu pai.

— Eu disse mesmo a ela que ia para o Taiti — ele explicou. Era muito estranho vê-lo ali, sentado na nossa sala. Acho que nunca vou me acostumar a ver professores fora da escola. — Foi algo incrivelmente arrogante da minha parte, sabem, em meus sonhos mais loucos, nunca imaginei...

— E como é que fazer a mãe de Will contar a verdade para ele a respeito da relação entre os dois poderia ajudar em alguma coisa? — eu quis saber.

— Ellie — disse minha mãe mais uma vez.

Mas eu a ignorei.

— Só fez tudo piorar — eu disse. — Quer dizer, o senhor tinha que saber que Marco ia descobrir.

— Claro, claro — disse o Sr. Morton. Havia uma xícara intacta na frente dele. Ele tinha aceitado de bom grado o convite dos meus pais para tomar um chá quando entrou na nossa casa, minutos depois de os meus pais e eu termos chegado da delegacia. Depois de finalmente ter conseguido atravessar todo o trânsito horrível no anel viário, minha mãe e meu pai chegaram em casa e encontraram um recado na secretária eletrônica (o telefone e a energia elétrica tinham voltado minutos antes de eles chegarem) pedindo que fossem me buscar na delegacia.

O que não fez com que eles ficassem totalmente histéricos... de jeito nenhum.

Ele me encontraram, tremendo com a minha roupa molhada, na frente da sala onde tinham tomado o meu depoimento. Will continuava lá dentro, dando o dele. Eu não estava totalmente convencida de que tremia tanto por estar há tanto tempo com roupas molhadas, achava que era também por ter que ficar ali sob o olhar rígido e imperdoável do almirante Wagner, que tinha chegado com a mulher depois que Marco usou seu direito a um telefonema para chamar... bom, eles.

O que eu achei meio irônico, levando em conta que ele estava determinado a destruir a vida dos dois meia hora antes.

De todo modo, parece que chá Lipton, que era o que a minha mãe tinha preparado para o Sr. Morton,

aparentemente não estava à altura dos padrões dele, porque a xícara esfriara na frente dele.

— Mas, depois que você saiu da minha casa hoje à tarde — disse o Sr. Morton —, eu não consegui parar de pensar sobre o que tinha dito, Elaine. Sobre como Arthur nunca me abandonaria para morrer, da maneira como eu o estava abandonando. Não pode imaginar o efeito que essas palavras surtiram em mim. Passei a vida toda, sabe como é, tentando defender os valores que o Urso nos ensinou, e lá estava eu, agindo de maneira tão covarde quanto.... bom, quanto Mordred. Achei que talvez eu pudesse esclarecer as coisas no círculo familiar de Arthur. — O Sr. Morton prosseguiu. — Havia uma possibilidade de eles entrarem em acordo com a situação e alcançarem entendimento entre si...

— E assim romper o ciclo — minha mãe interrompeu, ansiosa.

Eu não pude deixar de revirar os olhos. O fato de o Sr. Morton, um verdadeiro membro da mítica Ordem do Urso, aparecer na porta da nossa casa era como a realização de um sonho da minha mãe. Ela se interessara por cada palavra que o sujeito proferiu desde que tinha aparecido ali e se apresentado para os meus pais.

— Mas eu deveria saber que o lado negro jamais permitiria — o Sr. Morton prosseguiu. — Deve ter assinalado para Marco, de algum modo, que alguma coisa estava acontecendo na escola... o último lugar que eu jamais esperava vê-lo, levando em conta a antipatia que ele tem pelo lugar... isso sem contar o mandado judicial que o proíbe de entrar ali.

— Mas como o senhor sabia que nós estávamos no bosque? — perguntei a ele.

— Na verdade, é muito simples — o Sr. Morton respondeu. — Os relâmpagos.

— Os relâmpagos? — fiquei olhando para ele sem entender nada. — Do que o senhor está falando?

— Você provavelmente não reparou, mas os relâmpagos se concentravam por cima de uma área extremamente pequena... a distância entre a sua casa, esta casa, e o parque, para ser exato. Só precisei seguir os relâmpagos para saber que logo encontraria o Urso. Relâmpagos são, é claro, uma arma do lado negro.

Eu quase engasguei com a minha quarta xícara de chocolate quente. Dei uma olhada para os meus pais para ver se eles estavam ou não engolindo aquela bobajada. Mas minha mãe parecia absorta (dava para ver que ela estava louca para entrar no escritório e começar a escrever sobre isso no livro dela). E meu pai também não estava exatamente com cara de descrente.

E eram eles que tinham Ph.D. Vai entender.

— O que eu não compreendo — disse meu pai — é por que a espada surtiu efeito tão acentuado sobre Marco... e Will também, se o que o senhor descreveu for verdade. A espada nem é do século correto para ser Excalibur. O mais próximo que posso traçar é que a espada tenha pertencido a Ricardo Coração de Leão, mas...

— Ah, não era a espada em si que fazia diferença — disse o Sr. Morton, todo animado. — Foi a pessoa que a entregou a ele que fez toda a diferença.

Os três adultos voltaram o olhar para mim. Fiquei olhando de volta para eles, sem entender nada.

— O quê? — eu perguntei, de um jeito nada inteligente.

— Não fale assim, Ellie — disse minha mãe. — Peça desculpas.

— Não estou preocupada com a Imagem neste momento, mãe — eu disse. — Por que vocês estão olhando para mim assim?

— Eu fui injusto com você, Ellie — disse o Sr. Morton, com sua voz profunda e ressonante. — Não a culpo nem um pouco por estar aborrecida comigo. De maneira incorreta, parti do princípio de que você era Elaine de Astolat quando soube o seu nome e descobri sua ligação com o Urso. Mas é claro que você nunca foi a Senhora de Shalott.

— Eu sei — disse, um tanto impaciente. — Eu disse isso desde o início.

— Eu devia ter percebido que você era alguém muito, mas muito mais importante — o Sr. Morton prosseguiu. — E poderosa. Mas, em minha própria defesa, sinto que preciso afirmar que, na história da

Ordem, nunca houve registro da aparição da Senhora do Lago...

Olhei para ele um tanto assustada.

— Espere um pouco — interrompi. — Senhora do quê?

— A Senhora do Lago — disse o Sr. Morton. — Realmente acredito que posso ser perdoado pelo meu erro, no entanto, já que a Senhora é uma personagem tão ambígua na lenda arturiana, se me permite dizê-lo, Elaine.

— Sem dúvida — minha mãe concordou. — Alguns estudiosos acreditam que ela nem tenha existido; outros afirmam que ela foi uma divindade celta. A maior parte concorda que ela foi, no mínimo, uma alta sacerdotisa poderosa...

— O meu único conforto — disse o Sr. Morton, assentindo com a cabeça — é que a Escuridão também confundiu a sua filha com a Donzela dos Lírios. Se soubessem que estavam lidando com uma pessoa tão poderosa quanto a Senhora do Lago, teriam tentado eliminá-la mais cedo. Até mesmo Marco, como compreendo, ouviu o nome e combinou com o gosto que ela tem por...

— Flutuar — engoli em seco. — Mãe. Pai. Escutem. Vocês não podem sinceramente acreditar em todo este... lixo.

Mas meus pais só olharam para mim com uma cara de *Você tem que estar de brincadeira*. Eles tinham caído direitinho. Mas, levando em conta o fato de que eles mal saíam de casa, nem era algo tão surpreendente assim.

— Ah, não há dúvida a esse respeito, Ellie — disse o Sr. Morton, com um sorriso. — Compreendo que vai demorar um pouco até que você se acostume com a ideia. Mas não há como contornar o fato de que você é, de fato, a reencarnação da Senhora do Lago. Foi ela que entregou a Arthur a arma que ele usou para defender a si mesmo e a seu reino. E apenas ela poderia ter impedido que a amizade dele com Lancelot e Guinevere terminasse, deixando-o vulnerável ao ataque de seu inimigo mortal.

— Eu não fiz nada disso — reclamei. — Só disse a Will que era melhor ele dizer a Jennifer que ele não se incomodava, sabe como é, para as pessoas não andarem por aí achando que ele estava perturbado com aquela coisa toda, quando ele não estava...

— Como eu ia dizendo — o Sr. Morton sorriu para os meus pais. — Os senhores têm uma filha impressionante, professora e professor Harrison.

Minha mãe ficou toda radiante, ainda que com modéstia.

— Eu sempre achei que ela estava destinada à grandeza.

Parecia boa ideia mudar de assunto, porque eu estava ficando horrorizada, então perguntei para todo mundo, de modo geral:

— Mas, aliás, o que vai acontecer com Marco?

— Vai para a cadeia — disse minha mãe, com voz inflexível. A coisa arturiana a deixava emocionadíssima, mas a coisa da pistola... nem tanto. — Espero que para o resto da vida.

— Creio que não será assim por tanto tempo — disse o Sr. Morton. — No final, ele não chegou a ferir ninguém. Mas, quando sair, o que deve acontecer muito em breve, será bastante inofensivo. O poder da escuridão o abandonou quando Will triunfou sobre ele.

Ai, *caramba*. Revirei os olhos mais um pouco.

— Coitado — disse meu pai, com um suspiro. — A vida dele não foi nada fácil.

— Ele ia atirar na nossa filha — minha mãe o lembrou. — Perdoe-me se eu não chorar.

— Com terapia e reabilitação adequadas — disse o Sr. Morton, irredutível —, ele deve se transformar em um cidadão normal em pouco tempo.

— E ... — eu detestava ter que perguntar, porque isso provavelmente faria com que recomeçassem a falar sobre o negócio da Senhora do Lago. Mas eu tinha que saber. Eu não o via desde que a polícia tinha nos separado para os interrogatórios. Eu não fazia ideia do que tinha acontecido desde então. — ...Will?

— O Urso? — O Sr. Morton pareceu pensativo. — Sim, bem, Arthur está em uma encruzilhada neste

momento. Foi traído pelo irmão, é verdade. Mas também pelos pais. Será interessante ver...

— Will já não se dava bem com o pai antes disso — interrompi. — Quer dizer, o almirante Wagner queria que ele fosse para a Academia Naval, e Will não queria ir. E agora que ele sabe que o pai dele sempre mentiu a respeito da mãe dele, acho que não vai estar nem um pouco a fim de fazer o que aquele sujeito diz. E o senhor por favor pode parar de chamá-lo de Arthur? Porque é arrepiante de verdade.

— Ah — disse o Sr. Morton. — Claro, sinto muito. E ele comentou o fato comigo... a respeito do pai, quer dizer... quando conversamos na delegacia...

— O senhor *conversou* com ele? — eu praticamente gritei. — O senhor *contou* para ele? Sobre o negócio do rei Arthur?

— Bom, é claro que contei, Elaine — o Sr. Morton respondeu, de maneira um tanto irritada, ainda mais levando em conta que há apenas um minuto ele estava me dizendo que eu sou supostamente uma alta sacerdotisa de algum tipo qualquer. — O rapaz precisa conhecer seus direitos.

— Ai meu Deus — eu disse, e enfiei o rosto nas mãos. — O que ele disse?

— Na verdade, não falou muita coisa — disse o Sr. Morton. — Mas suponho que não seja surpresa. Não é todo dia que um jovem fica sabendo que é a reencarnação de um dos maiores líderes de todos os tempos.

Abafei meu lamento nas mãos.

— Vou permanecer aqui em Annapolis, é claro — prosseguiu o Sr. Morton —, para ajudar a guiar seus próximos passos. E outros membros da Ordem devem se deslocar para cá também, para que possamos atender a suas necessidades de maneira mais abrangente.

Minha mãe mal se segurou, dava para ver: a vontade dela era começar a bater palmas só de pensar em dúzias de integrantes da Ordem do Urso chegando a Annapolis, bem a tempo de entrevistá-los para o livro dela.

— O próximo movimento mais óbvio é ir para a faculdade, mas precisa ser a faculdade *certa*. Com as notas de Arthur... desculpe, Elaine, de Will, ele é capaz de entrar em qualquer lugar, é claro, mas a questão é qual universidade realmente é a melhor para moldar a mente de um homem que pode muito bem se transformar em um dos líderes mais influentes da história moderna?

Felizmente, foi bem aí que a campainha tocou.

Larguei meu cobertor e disse:

— Eu atendo — e então corri para ver quem era, falando comigo mesma: — Tomara que não seja nenhuma força do mal...

Ao que o Sr. Morton respondeu, todo serelepe:

— Ah, não se preocupe. Eles todos foram anulados, graças a você.

— Maravilha — respondi, cheia de sarcasmo. E abri a porta.

Para encontrar Will lá parado com uma bolsa de ginástica em uma mão e Cavalier, em uma coleira, na outra.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

But Lancelot mused a little space;
He said, “She has a lovely face;
God in His mercy lend her grace,
The Lady of Shalott.”

(Mas Lancelot refletiu por um instante,
Ele disse: “Ela tem um rosto adorável;
Deus em sua misericórdia cedeu-lhe graça,
A Senhora de Shalott”.)

— Oi — disse ele baixinho, com os olhos mais azuis do que nunca sob a luz da varanda... tão azuis, aliás, que eu já estava nadando dentro deles antes mesmo de conseguir proferir qualquer saudação.

— Oi — eu disse, com voz rouca.

Mariposas batiam na porta que eu segurava, tentando entrar. Atrás de Will, o pátio escuro pela noite, encharcado de chuva, era uma orquestra de grilos e cigarras.

— Desculpe por aparecer aqui tão tarde — disse Will. — Mas a Cav e eu... nós meio que precisamos de um lugar para ficar. Você acha que os seus pais se importam se a gente ficar aqui alguns dias? Só até eu achar algum lugar para morar. As coisas em casa não estão... — Ele apertou a alça da bolsa de ginástica com um pouco mais de força. — Nada bem.

Eu daria a ele a minha própria cama para dormir, e ficaria bem feliz no chão. Mas não confessei isso em voz alta. Nem deixei transparecer meu enorme alívio por saber que ele continuava em Annapolis. Se eu estivesse no lugar dele, acho que teria preferido fazer as malas e sair da cidade, por não querer nunca, nunca mais olhar para a cara das pessoas envolvidas no que só pode ter sido o momento mais difícil da vida dele.

Em vez disso, eu disse da maneira mais despreocupada que consegui:

— Entre e eu vou ver com eles.

Will entrou, e Cavalier o seguiu de perto.

— Quem é, Ellie? — minha mãe perguntou da sala.

Parada na escuridão do vestíbulo, olhei para Will.

— O Sr. Morton está aqui — sussurrei.

Um lado da boca de Will se virou para cima. Eu não sabia se isso significava que ele achava bom ou o contrário.

— Não estou exatamente surpreso — disse ele.

— Posso tentar fazer você subir sem ninguém perceber — ofereci.

— Não — ele respondeu. E, dessa vez, os dois lados da boca dele se curvaram para cima. — Reis não trapaceiam.

O meu queixo caiu.

— Você não está dizendo que *acredita*...

— Ande logo, Harrison — disse ele, pegou o meu braço e me conduziu de volta à sala.

— Hã, mãe, pai — eu disse. — Will está aqui.

Durante um segundo, meus pais e o Sr. Morton ficaram olhando para Will como se ele fosse algum tipo de fantasma. Então o Sr. Morton finalmente abriu a boca para sussurrar:

— Mas é claro, é claro que ele viria para cá — como se estivesse falando consigo mesmo.

Ignorei-o e disse para os meus pais:

— Will precisa de um lugar para ficar durante alguns dias. Será que ele pode dormir no quarto de Geoff?

Minha mãe olhou toda preocupada para Will.

— Ah, querido — disse ela.

Foi meu pai quem perguntou:

— As coisas na sua casa estão bem ruins, hein?

Will, sem largar a bolsa, assentiu com a cabeça. Cavalier, ao lado dele, estava de olho em Tig, que tinha se levantado e estava em cima da lareira com o rabo inflado a cinco vezes o tamanho normal. Mas nenhum dos dois animais emitiu um único ruído. Só ficaram se olhando.

— Eu nem pediria, senhor — disse Will para o meu pai —, se não estivessem... Bom, a Jea... quer dizer, a minha mãe está bem. É o meu pai. Eu... — Will olhou para o Sr. Morton. — O negócio é que eu disse para ele que não iria me inscrever na Academia no ano que vem, e ele explodiu. Eu provavelmente não escolhi o melhor momento para dar a notícia, com Marco... bem, com Marco onde está agora. Mas eu achei que estava na hora... que já tinha *passado* da hora de começarmos a ser sinceros uns com os outros. E... bom, para encurtar a história, meu pai me expulsou de casa. Eu queria ver se dá para eu ficar aqui até encontrar algum lugar para morar. Mas se for um problema...

— Claro que você pode ficar aqui — disse o meu pai, para meu profundo alívio. — Por quanto tempo precisar.

— Você deve estar exausto — disse minha mãe e logo se levantou. — Eu sei que estou, e não passei nem pela metade do que aconteceu com você hoje. Ellie, leve-o até o quarto de Geoff. Você jantou, Will? Quer que eu esquente umas costeletas? Está com fome, imagino?

O sorriso que Will deu poderia ter eletrificado todo o anel viário de novo.

— Estou sim, senhora — ele respondeu. — Sempre estou.

— Vou preparar um prato de alguma coisa para você — disse minha mãe e saiu correndo para a cozinha, com meu pai atrás dela.

Ele murmurava, em voz perfeitamente audível:

— Este rapaz vai comer a nossa casa inteira.

— *Pai* — eu disse, horrorizada. — A gente está *ouvindo* o que você diz!

— Eu sei — meu pai disse em resposta.

Ao Sr. Morton, que tinha se levantado e estava parado a alguns metros de nós, com uma cara esquisita e cheia de cerimônia, Will disse:

— Olá mais uma vez, senhor.

— Meu senhor — disse o Sr. Morton... e realmente fez uma mesura.

Achei que eu ia ter um ataque de riso bem ali na frente dele, mas Will pegou o meu braço e me puxou para fora dali, para o corredor, antes que eu caísse na gargalhada.

— Ai, meu Deus — sussurrei, tentando abafar as risadas. — Será que agora ele vai chamar você disso cada vez que vocês se encontrarem? Tipo, na escola e tudo mais?

— Espero que não — Will respondeu. — Vamos, mostre onde é que eu posso deixar este negócio.

Então eu o levei (junto com Cavalier, que examinava o ambiente, cheia de educação) até o quarto de Geoff, que agora era só um quarto de hóspedes, para falar a verdade, porque ele estava na faculdade.

Enquanto eu subia a escada, a única coisa em que conseguia pensar era: *Ele vai passar a noite aqui. Talvez fique mais do que só uma noite. Talvez algumas noites. Eu vou poder vê-lo todo dia antes de dormir. E vai ser a primeira coisa que eu vou ver quando acordar. Igual à rosa que ele me deu.*

Nancy vai *morrer* quando souber disso.

Will jogou a bolsa na cama sem nem olhar em volta para ver se gostava ou não do quarto. Em vez

disso, só ficou olhando para mim.

E, de repente, tomei consciência de como estávamos só nós dois ali. Bom, tirando Cavalier e Tig, que pareciam ter nos seguido escada acima. As duas se cheiraram com muito cuidado e então recuaram cada uma para um canto, para se olhar mais um pouco.

— Tem um banheiro logo aqui do lado — eu disse. — Os meus pais usam o da suíte, e eu uso o do meu quarto, então este é todo seu. Há toalhas limpas para hóspedes lá dentro. — Eu estava falando qualquer coisa, mas parecia que não era capaz de parar. — Nós geralmente comemos cereal no café da manhã, mas a minha mãe faz panquecas em ocasiões especiais e, bom, isto aqui é meio especial, então talvez ela faça amanhã se nós...

— Elle — disse Will, todo gentil.

Fiquei olhando para ele. Bom, o que mais eu podia fazer? Cada vez que ele me chamava disso, meu coração parecia dobrar de tamanho.

— Sim?

— Não estou nem aí para as panquecas.

Continuei olhando para ele, sem entender nada.

— Não — respondi. — Imagino que não esteja mesmo. Desculpe. É só que eu...

Então ele me puxou para perto de si e começou a me beijar.

E, enquanto nos beijávamos, eu percebi uma coisa. Uma coisa estranha.

E foi que eu estava feliz. Feliz *de verdade*. Pela primeira vez em... bom, em muito tempo.

E também não achava que essa sensação iria embora logo.

— Ei — eu disse, um minuto mais tarde, quando ele finalmente me deixou respirar. — Esta não é maneira de um rei se comportar.

Will disse uma coisa realmente nada aristocrática a respeito dos reis e me beijou mais um pouco.

— Além do mais — disse ele, alguns minutos depois, quando os beijos dele finalmente tinham colocado fim aos meus calafrios —, você não acredita naquelas coisas todas que o Morton falou de você, acredita?

— Não exatamente — eu disse, com uma gargalhada de desdém. Porque era fácil não acreditar nas forças do mal quando Will me segurava nos braços com a minha bochecha apoiada no ombro dele.

— É — disse ele. Adorei como senti a voz dele reverberando pelo seu corpo quando falava. — Eu também não. Quer dizer, você acredita que existe uma organização inteira formada por pessoas que só ficam esperando o rei Arthur se reerguer?

— Não — respondi. — Mas existem coisas piores do que ser adorado como semideus por um bando de gente que está totalmente disposta a pagar a sua faculdade.

— É verdade — disse Will, pensativo. — O que eu não posso deixar de me perguntar é... quer dizer, você não acha...

Ergui a cabeça:

— O quê?

— Nada. É só que... Bom, que aquilo lá no parque, hoje, foi estranho. Quando você me entregou aquela espada....

— Não teve nada a ver com a espada — eu disse, reposicionando a minha bochecha no ombro dele. — E também não tem nada a ver com o que o Sr. Morton disse. Foram só... as circunstâncias. Sabe, de eu ter entregado para você bem quando o céu abriu, e o fato de que poderíamos ter levado um tiro a qualquer momento. Amanhã, quando a polícia devolver a espada para o meu pai, você vai ver. É só uma espada qualquer, velha e enferrujada.

— Eu sei. E é por isso que tudo parece ainda mais estranho. Quer dizer, não estou dizendo que acredito. No que o Morton disse. Não em tudo, pelo menos. Mas em uma parte eu acredito... como por exemplo que eu já conhecia você. Naquele primeiro dia, no barranco, quando você sorriu para mim. Eu

nunca tinha visto você antes, mas mesmo assim... eu *conhecia* você.

— Você só *queria* me conhecer — respondi e dei um apertão nele. — Porque eu sou bem fofa e tudo o mais.

Will sacudiu a cabeça. Os olhos azuis dele reluziam.

— Você acha que tem todas as respostas, não é mesmo? — ele perguntou. — Bom, resolva esta, Batgirl. E o que você acha de o nome de todo mundo ser assim tão parecido? Lance e Lancelot. Jennifer e Guinevere. Morton e Merlin...

Com isso, engoli em seco.

— Não! Você não acha que... não o *Merlin*.

— Ei — disse ele. — Será que isso é mais loucura do que eu ser Arthur, ou você ser a Senhora do Lago?

— Eu *não* sou a Senhora do Lago — afirmei, categórica.

— Ah, não é? — Agora ele estava sorrindo. — E todo o tempo que você passa na água?

— É uma piscina — eu observei. — Não um lago. E eu nem estou na equipe de natação. Além do mais, e *se* for verdade? Se você for mesmo Arthur, e eu for mesmo a Senhora do Lago... bom, então este não é o desfecho da história, não é mesmo? Estou falando de nós dois. Juntos. Assim.

— Agora é — disse ele com um sorriso. E me beijou de novo.

E eu me lembrei de uma coisa de que tinha me esquecido até aquele momento: uma coisa que eu sei que o Sr. Morton também tinha percebido, na sala. Uma coisa que eu resolvi não comentar com Will:

E era que, na lenda de Camelot, a Senhora do Lago fazia mais do que simplesmente entregar a espada a Arthur.

Não, ela também desempenhava mais um serviço para ele.

Quando tudo terminava, ela o levava para casa.

Para Avalon.

Avalon High

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/livro/631-avalon_high

Wikipedia do livro
http://pt.wikipedia.org/wiki/Avalon_High

Site da autora
http://www.megcabot.com/

Wikipedia da autora
http://pt.wikipedia.org/wiki/Meg_Cabot

Site da autora no Brasil
http://www.megcabotbr.com/livros.htm

Skoob da autora
https://www.skoob.com.br/autor/31-meg-cabot

Good Reads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/11654.Meg_Cabot

Twitter da autora
https://twitter.com/megcabot